

LILIANA SOARES

LILIANA SOARES

Dom Afonso

ROMANCE
por Tobias

Dom Afonso



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



Dom Afonso





Todos os direitos desta edição reservados ao autor.

Publicado por Giz Editorial e Livraria Ltda.

Rua 24 de Maio, 77 - 11º andar - Sala 1001 C

CEP 01041-001 - São Paulo - SP - Centro

Website: www.gizeditorial.com.br

E-mail: giz@gizeditorial.com.br

Tel/Fax: (11) 3333-3059





Liliana Morais

Dom Afonso



São Paulo, 2009.





© 2009 de Lílíana Morais

Título Original em Português: Dom Afonso

Coordenação editorial: Ednei Procópio

Revisão: Sandra Garcia Cortés

Editoração eletrônica e capa: Giz Editorial

Impressão: Gráfica Bandeirantes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)



É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzida, sem a permissão, por escrito do autor. Os infratores serão punidos pela Lei nº 9.610/98

Impresso no Brasil / Printed in Brazil





Dedicatória

*A luiza, minha família,
e todos aqueles que de alguma forma
fizeram parte deste caminhar.*







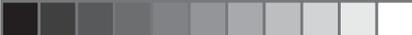
Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos muitos Soldados de Deus com quem tive a felicidade de entrar em contato, direta ou indiretamente, em todo decorrer desta obra . Também em especial a minha mãe Otilia, minha eterna educadora exemplo de caráter e vida, a Girleno meu pai, aos meus irmãos Gil Leonardo e Tatiana por toda ajuda e amizade, Sophia minha linda sobrinha e a Ant3nio pelo presente mais especial da minha vida, Luiza.

À Madalena, Esmeralda, Ewa, Jairo, Hercules, Frederico, Cristiano, Domingas, Maur3cio, Elaine, Lenilda e toda a equipe da Casa de Maria.







LAMENTOS



Pobre do infeliz. Pobre de mim, que também fui infeliz. Feliz de você que pode deixar de ser infeliz. Réprobo; fique aí a se lamentar a vida que escolheu. Fique parado a olhar os ventos da primavera passar, descortinando o seu olhar cansado. Infeliz lamento esse o do seu peito, que as dores pesavam. A juventude hoje é apenas uma lembrança longínqua...

Secas lágrimas escorrem de suas faces cansadas. Lágrimas secas de dor, a lamentar a oportunidade passada. Dores de lamentos conservam a lembrança das oportunidades iniquamente desperdiçadas. Levanta, casca de árvore apodrecida, a fecundar esse solo feito árvores velhas que não proporcionaram frutos nem sombra nos dias passados.

Fica desgraçado a se lamentar, e morre, assim, sem nem mesmo adubar o solo desta terra que tanto te deu.

Levanta pobre alma, seu amanhecer sofrido, junto a seu anel de doutor, que hoje pesa como rocha no seu dedo acusador, levanta deste caramanchão trazido da Europa nos navios carregados de dor.

Levanta, este seu peito cheio de paixões vis. Vai, levanta!

O amor que abandonaste, as almas que tão cruelmente flagelastes. Carrega na tua alma essa sua chaga sangrenta. Tenha pena de si mesmo! Tenho pena de mim mesmo...

Minhas pernas doem, e não se mexem como no tempo que propositadamente não deixei que andassem, a socorrer





Liliana Soares

quem de mim precisara, e essa negra abusada que não sai do meu lado. Sai, desgraçada.

— Sai de perto de mim!

Grito do fundo do meu ser, mas ninguém me ouve. Olá, alguém aí? Por favor, alguém aí me ouça!





CAPÍTULO I



Osom seco de três violentas pancadas veio interromper os pensamentos em que, absorto, D. Afonso se encontrava.

Francisca, também conhecida como Chica, ouviu baterem à porta, e rapidamente se levantou. Era o mensageiro.

— Dona Francisca? D. Francisca?

— Diga, seu moço.

— Tenho aqui mensagem para o seu Afonso.

— Da parte de quem?

— Não sei não, Senhora... parece que é do estrangeiro.

— Muito obrigada, seu moço, mas largue a encomenda aí, no batente da porta, que seu Afonso não admite que gente do povo adentre a soleira dele.

— Mas nem depois de tudo o que aconteceu, Francisca, ele melhorou? Mas o dele virá, quando o Capeta vier buscá-lo...

— Deixa disso, seu moço, não excomungue as pessoas.

— Não excomunguei.

— Como assim? — perguntou Francisca, perplexa.

— Se ele é o próprio Cão?! Até mais.



D. Francisca fechou a porta. Incomodada, sentiu tristeza em sua alma. Mesmo depois de tudo o que havia aconte-





tecido, achava que o castigo saldara todas as dívidas, como a sua mãe da terra de longe lhe ensinara: “Minha filha, se apegue à bondade do pai Oxalá, peça ajuda aos guerreiros da luz, e espere a justiça divina. Não é como a da terra, é justa, e não enxerga ouro nem cor”. Longo suspiro escapou-se-lhe do peito. Já eram seis da tarde, iria ver como seu Afonso estava. Enquanto se dirigia para os aposentos onde ele se encontrava, Francisca sentiu subitamente que as imagens de um passado que gostaria de poder esquecer regressavam de uma forma clara e involuntária à sua mente.

Voltando no tempo, viu uma moça brincando no jardim com uma mulatinha. Elas tinham aproximadamente a mesma idade e corriam a brincar de pega-pega pelos jardins.

Na varanda, Dona Persília olhava desgostosa para a sua filha, desarrumada pelo folguetos, misturada com aquele animalzinho africano, e rindo alheia à sua preocupação. O que faria? Já estava próximo do seu *début*, e, por mais que tentasse, essa menina parecia não apreciar seus esforços.

Sabia que as plantações daquele ano não iriam bem devido à falta de chuva e a uma praga desconhecida da região, que acabara com metade das mudas antes mesmo de nascerem as flores do café. E, dessa forma, como iria conseguir manter o nível social condizente com o seu nome de família, descendente que era da mais alta aristocracia portuguesa?

— Pare já, Juliana! Volte aqui menina, largue essa Preta. Passa, Juliana, agora! — gritou furiosa Dona Persília, que da varanda não tirava os olhos das duas meninas que brincavam no jardim.

A irritação crescia em seu peito. Será que a menina não via que aturara por ela um marido rico e perdulário jogador, para que no futuro Juliana pudesse ser mais rica e bem posta do que a mãe?

Não! Daria um basta naquela história. Encontraria um





DOM AFONSO

jeito de emendar Juliana. Ela precisava arranjar um bom casamento para garantir todo o luxo que sempre quis, e que, infelizmente, ao lado daquele casamento desastroso não pôde ter.

Sua cabeça latejava de tanta preocupação. Precisava achar a solução. Ouviu palmas na porta da frente, e logo depois o negrinho José entrou correndo varanda adentro:

- Sinhá, Sinhá! — gritou José, afobadamente.
- Diga logo, menino atrapalhado!
- Chegou carta da sua irmã da Capital.
- É de Otacília, minha irmã...

Persília refletiu silenciosamente por alguns momentos. Essa sim tivera sorte na vida. Vivia na Capital, no luxo, usufruindo a vida que sempre quisera. Com os dedos trêmulos, abriu ansiosamente a missiva que acabara de chegar:

“Querida irmã, como sinto sua falta. Gostaria de voltar a vê-la, assim como a minha querida sobrinha Juliana, que hoje deve ser uma moça. Gostaria de tê-las ao meu lado para matar a saudade, e, aproveitando o ensejo, apresentar Juliana à sociedade. Claro que tudo será por minha conta, visto que, sendo madrinha dela, quero muito dar-lhe esse presente.”

Dona Persília sentiu palpitações. Afinal Deus ouvira as suas preces. Tiraria Juliana do meio daqueles animais africanos, a apresentaria à sociedade, e tudo arcado por sua irmã. Melhor, seria impossível.

Quem sabe não arranjaria também outro marido, agora que já estava viúva há bastante tempo? Já estava cansada daquela maldita fazenda. Não suportava o cheiro da terra, nem o cheiro daqueles negros imundos...

Seus pensamentos foram subitamente interrompidos pela gritaria e pelas gargalhadas animadas de Juliana e Naná.

Naná tivera um tempo em seus afazeres, e pôde entrar





nos folguedos com Juliana. O sol estava lindo, e Juliana estava tão feliz que parecia irradiar alegria. Naná se aproximava agora correndo em sua direção, pronta para alcançá-la. Se isso acontecesse, seria pega e acabaria perdendo a brincadeira. Precisava se esforçar mais, e correr mais veloz do que sua amiga.

— Juliana! Juliana!... — de repente sentiu que a chamavam.

Ah, essa não! Sua mãe! O que queria ela, a gritar e a gesticular daquela maneira? O que teria feito desta vez? Droga! Teria de entrar em casa e esquecer a brincadeira. E como explicar isso à sua amiga que se esforçara tanto para terminar tudo a tempo, para poderem ir brincar, justamente para a sua mãe não reclamar?

Juliana, envergonhada, procurou se desculpar:

— Naná, desculpe, tenho que entrar, a minha mãe me chama.

— Ô sinhazinha, que coisa, logo agora?

Ao longe, a voz de sua mãe não parava de chamar, demonstrando irritação.

— Deixa eu ir logo, Naná, antes que ela nos castigue!

Juliana não pode deixar de perceber que pelos olhos da negrinha escorria uma lágrima de tristeza.

— Não fique triste, minha amiga, logo voltaremos a brincar. Me dói também parar de brincar, mas será melhor, antes que minha mãe se enfureça de verdade.

Dito isso, e com o seu jeito moleque, Juliana beijou a negrinha no rosto e saiu correndo.

O peito de Naná se encheu de calor com aquele gesto. Como gostava da sinhazinha. Faria qualquer coisa para deixá-la feliz.

Na varanda, Dona Persília observava a cena de longe, e naquele momento sentiu um imenso desgosto. Não gostara





DOM AFONSO

do pressentimento que teve. Onde já se viu, Juliana com intimidade com aquela Preta, como se ela fosse uma igual?

A raiva cresceu dentro de si de uma forma violenta e ensandecida. Tirou a chibata que estava dependurada na parede da saída da varanda e avançou para a sua filha que acabara de subir a escada.

Juliana sentiu uma dor imensa no rosto, outra no braço. Sua mãe lhe batia.

— Ai! Ai! Pelo amor de Deus, minha mãe!

— Passa, vadia! Toma, para você aprender. Onde já se viu beijar preto?

A raiva crescia em seu íntimo. Tinha vontade de arrancar o couro dessa menina! Suas pernas tremiam...

— Pára, pelo amor de Deus, Sinhá! Pára, vai matar a menina! — correu a cozinheira Francisca para acudir, e neste momento, como seu braço paralisasse, Dona Persília voltou a si. Meu Deus, o que dera nela? Juliana, com o rosto marcado pela violência da chibata, chorava de mansinho no canto da escada.

— Entra, vai. Toma um banho e me encontra na sala.

Com a ajuda de Francisca, Juliana, machucada e chorando muito, se levantou. Francisca encaminhou-a para o quarto e foi correndo buscar na cozinha um copo com água e açúcar mais algumas ervas para aplicar no rosto e no braço da sinhazinha.

Juliana estava arrasada. Por que esta reação? O que fizera para merecer isso? Nunca havia visto a mãe tomar uma atitude como esta antes. Muito sentida, deixou que Francisca cuidasse dos seus ferimentos.

— Sinhazinha, fica triste não. Tenho certeza de que ela não queria fazer aquilo. A Sinhá anda nervosa, vamos, engula esse choro, menina, se arruma, volta para a sala e não contrarie sua mãe, para não apanhar de novo. Acho que ela está com Egum.





Com o quê, Francisca?

— Nada não, Sinhá, essa véia aqui com a idade já ta variando.

— Vai logo, sua mãe ta te esperando na sala.

Entretanto, na sala, Dona Persília continuava se lamentando, perdida em pensamentos de culpa e arrependimento:

Meu Deus, o que dera nela, nunca tinha batido em Juliana dessa maneira. Que horror! Acho que a machuquei. Culpa daquela negrinha, culpa dela. Não quero Juliana com ela. Não gostara do olhar da negra...

— Chamou, minha mãe? — disse Juliana, interrompendo os pensamentos de Dona Persília.

— Sim, se arruma. Sua tia Otacília mandou-nos chamar para passar a temporada na casa dela, na Capital. Viajaremos daqui a uma semana.

— Mas, mãe, não quero ir. Não gosto de vestido me apertando, e de sapato desconfortável.

— Chega! Ou vai, ou vendo esse seu animalzinho africano a qualquer um na estrada.

— Sim, mamãe — respondeu Juliana, com medo de que sua mãe cumprisse a ameaça que acabara de fazer.

De volta ao quarto, Juliana, chorando de mansinho, pôs-se a pensar que nunca gostara desses ambientes de salão. Gostava de sua tia, de seu primo, que há muito não via, mas não conseguia deixar Naná. Ela era o seu sol, sua alegria, e a sua grande amiga. Quanto tempo será que ficaria lá, na Capital, em casa de sua tia? Meu Deus, como poderia suportar os salões, a etiqueta, e, sobretudo, a saudade da sua grande amiguinha?

Na sala, onde havia ficado, Dona Persília suspirou. Pronto, já se entendera com Juliana. Agora teria de começar a arrumação da casa. Precisava olhar o saldo que sobrara





DOM AFONSO

da plantação, reunir as jóias da família e vendê-las. Precisava pelo menos chegar à casa da irmã aparentando ainda estar em boas posses. Isso iria acabar praticamente com tudo, mas seria por uma boa causa, pensou, e pôs-se a fazer planos para a viagem.

Não muito longe dali, nas portas dos fundos das casinhas da senzala, a negrinha Naná chorava de mansinho. Que crueldade! Darem na sinhazinha aquelas chibatadas. Que bruxa malvada. Ninguém maltratava sua amiguinha, ninguém! Ela iria esperar para ver. Não perdia por esperar. Ela ainda era criança, mas iria crescer e se iniciar nos segredos da magia, e então, ninguém, nunca mais, encostaria as mãos na sua sinhazinha!

— Vem cá, Naná, me acompanha! — chamou Chica, negra velha e respeitada por toda a comunidade da fazenda. Profunda conhecedora dos mistérios dos vivos e mortos. Alma boa e muito evoluída.

“Que idade será que ela tem?”, pensou Naná consigo mesma. “Não sei, deve ser muita, ela nem nasceu aqui nesta terra, é lá de longe, do outro lado do mar.” Enxugou as lágrimas e pôs-se a acompanhar Chica para seu casebre. Ela era a única preta que tinha um barraco só para ela. Ninguém entrava lá, e até mesmo Chica não dormia em sua casa. Ela dormia na casa-grande.

— Ô Chica, que foi? Tá precisando de ajuda?

— Não, você é que está, menina. Vem.

Quando ultrapassou a soleira daquela porta, e Chica acendeu o candeeiro, pareceu-lhe entrar num novo e estranho mundo.

Francisca já começava a sentir seus ossos cansados. Já não tinha idéia de quantas primaveras passara, mas, em





alguns momentos, sentia parecerem muitas. Sabia que sua hora chegaria, e precisava deixar confiados a alguém os conhecimentos adquiridos por seus ancestrais, a chave para a bem-aventurança, os remédios para todas as chagas. Quando pensava assim, sentia dor de banzo da terra longínqua, sua amada pátria, onde pulsava o coração dos seus pais.

Fora iniciada nos segredos das ervas, dos vivos e dos mortos por sua mãe, que aprendera com a sua, sucessivamente. Tinha obrigação de respeitar essa energia vital, essa luz que é o começo de tudo.

Voltando à realidade em que estava, pois o leite acabara de derramar, suspirou, pensando que de nada adiantava pensar no que se passou, e sim no que viria. O que seria do seu povo, já que sentia que sua morte se aproximava? Quem cuidaria e passaria os ensinamentos ancestrais para esse povo sofrido? Tivera filhos sim, mas onde estavam não sabia... Tinham sido vendidos. Quando pensou que não suportaria mais a dor da separação, passou a usar ervas contraceptivas indicadas por aquele homem bonito que a acompanhava e lhe ensinara que o axé, ou a luz, como ele gostava de chamar, se carregava no coração, e não nos seus tão adorados ídolos de barro, pisoteados e quebrados pelos seus raptos.

Que boba ela era. Hoje estava distraída, pensando demais na vida. Terminou de preparar o leite quente para a sinhazinha, e foi levá-lo ao quarto para que ela dormisse mais calma e se preparasse para o que dentro de sua alma pressentia ruim. Aquele arrepio na espinha não lhe agradava. Sentiu que a vida de Juliana iria sofrer fortes mudanças. Sentiu o frio novamente voltando, se sentiu tonta, e pensou que fosse desfalecer. De repente, um suave perfume a envolveu. Em seguida, uma bruma surgiu no meio da cozinha, foi tomando forma, e gradualmente se transformou naquele tão querido amigo que a acompanhava desde há muito tempo.





DOM AFONSO

Seu semblante, normalmente descontraído, apresentava-se desta vez sério e grave. Ao aproximar-se, disse de forma mental:

— Francisca, está chegando o momento em que tu passarás os conhecimentos adquiridos por tua mãe e por mim em todo o teu caminhar, para que deixes a carruagem do destino seguir seu rumo, conforme quem a dirigir.

— O que tu está falando, Solano, meu amigo, não entendo — respondeu Francisca perplexamente.

— Tu, minha querida irmã, transmitirás tudo que sabes a uma filha de Deus nesta terra, para que ela te substitua e escolha o caminho que deseja seguir.

— Mas tu sabe mais do que eu quão perigosos esses conhecimentos podem se transformar nas mãos de um coração sombrio.

— Enganas-te. O conhecimento transforma, traz luz onde há sombras e não cabe a nós, minha irmã, julgar o teor da escuridão dos corações, e sim rezar, e de forma caridosa levar a luz para que os pobres infelizes tenham caminhos para sair da escuridão.

— Tenho medo, Solano. Sou negra e ignorante, nada sei sobre a vida.

— Por acaso a sua fé em Deus se esmoreceu com o passar dos anos?

— Não, nunca. Meu pai Oxalá me acompanha, rege a minha vida, e a de todos que buscam seu amparo.

— Então, confia nele, pois solicita a tua ajuda para ser instrumento de seus desígnios.

Neste momento, um brando calor envolveu o seu coração, juntamente com uma sensação de confiança sem igual.

— Sim, meu irmão, me diga o que fazer.

— Me siga, irmã.

Já esquecida do leite quente da sinhazinha, ela foi se-





guindo Solano para fora da cabana, onde este apontou para uma negrinha sentada atrás da senzala. Sorriu, e se foi.

Francisca olhou para aquela menina que já entrava na puberdade, e chamou-a, ao que foi prontamente atendida. Juntas se encaminharam para o seu santuário, onde guardava os seus conhecimentos, ervas e santos católicos adornados de adereços, só por ela compreendidos.

Naná ficou maravilhada com todos aqueles potes, pós e essências rigorosamente limpos e organizados. Aproximando-se do centro onde estavam os potes especiais e as pinturas de trovão, a preta velha disse:

— Naná, filha de Iansã, e acima de tudo filha de Deus, está pronta para a iniciação? Promete usar seus conhecimentos para o bem do próximo, salvando vidas, comungando com espíritos mensageiros de Deus?

— Sim.

Neste momento, Naná ficou insegura. Parecia-lhe que via uma luz irradiando de Francisca. Sabia, no fundo de si mesma, que este momento iria chegar, mas também sabia que tinha planos para aquela energia.

— Cuidado, menina besta! Cuida desse seu temperamento volúvel, e de seu orgulho desmesurado, porque quem tem o poder do fogo pode vir a se queimar.

Envergonhada por ter tido a sua alma lida e desnuda de forma surpreendente, Naná teve medo.

— Deus te dará mais uma chance, Naná, utiliza desta vez teus conhecimentos para o serviço ao próximo. Esquece essas paixões violentas. Pensa menina, e toma a escolha certa.

Falando isso, o corpo cansado da preta velha estremeceu e caiu cambaleando para a frente, sendo amparada por Naná.

— Chica, você está bem? Vou chamar ajuda.

— Não, vamos começar a sua iniciação. A partir de hoje tu vai ficar aqui, e só sairá para fazer os trabalhos da casa





DOM AFONSO

grande, e para cá retornar para começar a aprender, está me ouvindo?

Ainda amedrontada com aquelas palavras, e com a visão que teve, Naná acenou que sim com a cabeça, e foi iniciada nos segredos da magia.

O momento tão esperado finalmente se aproximava. Dona Persília já tinha conseguido reunir uma quantia razoável para aparecer na sociedade bem posta, juntamente com sua filha. Fora difícil se desfazer de suas queridas jóias, mas o propósito valeria a tristeza do desapego.

Que maravilha. Já se enxergava desfilar pelos salões dos bailes e galerias. Será que sua irmã ainda oferecia aqueles maravilhosos saraus? Como sentia falta disso! Olhando novamente para o saquinho de ouro, resolveu então ser realista: precisava desesperadamente de dinheiro, senão no próximo ano teria de vender a fazenda, e então o que seria dela, meu Deus? Ah, claro... e de Juliana, também.

Quando pensava nisso, não conseguia desfazer a ruga de desagrado que se desenhava em seu rosto bonito e ainda jovem. Achava que Juliana tinha alguma coisa estranha e diferente. Não sabia discernir verdadeiramente suas sensações, mas achava sua filha pouco feminina. Ah, deixa disso! Claro que estava enganada. Minha filha é uma moça linda! Talvez pouco prendada, mas seguramente linda, o que para ela nesse momento seria muito conveniente. Precisava arranjar um bom casamento para ambas, senão logo, logo descobririam que estavam na miséria, e daí as chances de recuperar os tempos áureos estavam perdidas.

Já não bastava ter sido obrigada a aturar aquele perdulário jogador, o miserável do seu ex-marido? Que a seduzira com promessas de um amor dedicado, e em alguns anos dilapidara todo seu patrimônio, herança deixada por seus pais.





Só que isso era passado. Afinal, agora conhecia a vida, e desse mal não pereceria mais. Arranjaria um senhor rico que a faria ter uma vida de luxo!

De repente, algumas batidas na porta soaram animadas...

— Quem é?

— Sou eu, mamãe!

— Entre, Juliana!

Ao entrar no quarto da mãe, encontrou esta de frente à penteadeira, a examinar o seu rosto ainda bonito.

— Mãe, como a senhora é bonita! Olhe a sua pele, quase não tem marcas.

Envergonhada com esse elogio tão incomum, Dona Persília olhou criticamente para a sua filha.

— Já você, Juliana, poderia estar em melhores condições. Já falei para arrumar esse cabelo e manter uma postura ereta. Venha cá.

Dizendo isso, pegou a sua filha pelas mãos e a colocou de frente para o espelho. A examinou friamente, como se examinasse um cavalo que estivesse a comprar. Levantou-lhe os cabelos, prendendo-os no alto da cabeça. Acentuou-lhe a pele já perfeita com pó de arroz, carmim nos lábios e a observou. Realmente, como era bonita essa menina desajeitada.

— Bom, parece que podemos dar um jeito em você, minha filha. Quem sabe nesta viagem você não consiga arrumar um rapaz rico para se casar?

Juliana estava admirada com a sua própria imagem refletida no espelho. Nunca tinha se imaginado assim, “mulher”. Estava tão admirada que nem sequer se importou com o comentário de sua mãe sobre vir a ter alguma coisa com um rapaz... Casamento?!... Sorrindo para a sua própria imagem no espelho, lembrou de sua querida amiga Naná, que nunca mais encontrara, desde a surra que sua mãe lhe dera.





DOM AFONSO

— Linda Juliana, vá dormir que amanhã será um longo dia! — disse-lhe sua mãe, enquanto a admirava uma vez mais.

Juliana não queria viajar, mas estava contente com o entusiasmo da mãe. Ela até colocara em seu pescoço o seu colar de pérolas preferido. O único que não vendera, para ficar com uma lembrança de sua família. Contente com todo esse entusiasmo, Juliana beijou a mãe no rosto, e foi para o seu quarto.

— Boa noite, minha mãe, se esta viagem lhe fizer bem, eu também me esforçarei para que ela seja perfeita para você.

Despediu-se e foi para o seu quarto. Como se sentia bela! Correu para a frente do espelho, deixando a porta entreaberta, com pressa de se voltar a ver. Sentiu uma coisa diferente, algo que nunca havia sentido. Parecia uma daquelas belas mulheres que apareciam nas ilustrações daqueles livros de etiqueta de sua mãe. A sua boca estava tão engraçada.

De repente, ouviu um ruído baixinho perto da sua janela! O que seria? Um gato?

— Sinhazinha, sinhazinha.

Não era possível, era Naná. Que saudade! Correu em direção à janela, abriu-a e disse:

— Venha, entre. Já estão todos dormindo...

Naná, então, pulou e entrou no quarto da sinhazinha. Não poderia deixar de vê-la antes da viagem, afinal, elas nunca haviam se separado. As duas se abraçaram rindo, e Juliana falou:

— Onde você estava? Procurei-a em toda parte!

— Ô sinhazinha, estive um pouco doente, por isso não pude sair por aí...

Quando Naná finalmente olhou direito para Juliana, viu que ela estava diferente. Parecia tão bonita a sinhazinha, tão diferente, nem parecia a sua amiguinha dos folguedos.





Liliana Soares

— Venha, Naná, olhe mais de perto. Estou arrumada como uma verdadeira mulher. Estou bonita?

Naná se aproximou e desatou a rir. A sinhazinha parecia uma das suas bonecas, e as duas, rindo muito, começaram a fazer cócegas uma na outra, e rolarem na cama de tanto rir.

Quando já estavam sem fôlego, extenuadas com tão boa brincadeira, muito próximas uma da outra, corpos colados e rostos próximos, Juliana pôde sentir a respiração de Naná... E, então, foi como se fosse tudo muito natural, os rostos foram se aproximando...



Dona Persília ficara satisfeita com a aparência da filha. Sentiu que seus planos saíam melhor do que imaginara, afinal, nunca tinha conseguido ver beleza em Juliana. Ela estava sempre desarrumada e brincando, mais parecia um garoto. Sentia-se realmente feliz, ela até resolveu cooperar! Mostrara-se cordata, e até gostara da sua nova aparência. Não reclamara em nenhum momento quando insinuou que gostaria que arranjasse um casamento.

Veja só como a vida era, ontem estava tão preocupada, e hoje... Neste momento, se lembrou do seu colar de pérolas, presente de seus pais. Única peça que não vendera para poder usar na sua visita à Capital. Aliás, seria melhor não o emprestar para Juliana, afinal, ficara tão bem nela... Achou melhor ir buscar o colar. Juliana era muito distraída, e poderia perdê-lo. Pensando assim, se levantou, vestiu o robe e se dirigiu ao quarto da filha. Já no corredor, percebeu que a porta estava entreaberta. Melhor assim — pensou — não a terei de acordar, entrarei, pegarei o colar e o guardarei.

Pé ante pé, Dona Persília foi se aproximando, empurrou a porta de mansinho. O que viu deixou-a paralisada! Sua





DOM AFONSO

filha, Juliana, deitada na cama, beijando uma negra. Uma emoção violenta se apoderou dela, parecia que perdera todos os sentidos naquele momento.

— Desgraçada, suja, imunda!!!

Partiu para cima da cama com tapas e pontapés, onde as duas, muito assustadas, apenas se defendiam.

Em poucos momentos, a casa toda se acendeu, e os empregados, incluindo Francisca, correram para acudir, sem entender o que estava acontecendo.

Jacinto, o capataz da fazenda, correu também para dentro da casa grande para acudir a Sinhá. Homem mau, desprovido de valor moral, mas altamente fiel ao falecido pai da Sinhá, e que agora devotava a sua lealdade a Dona Persília.

A negra Francisca, junto com Jacinto, a muito custo conseguiu controlar Dona Persília, que parecia possuída de tão descontrolada que estava.

— Calma, Sinhá, o que esta havendo aqui?

Ao ouvir isso, ainda arfante pelo esforço que fizera na surra, olhou bem para Juliana e aquela negrinha, e percebeu o erro que cometeria se alguém soubesse o que havia se passado. Foi quando olhou para o colar, agora quebrado, jazendo no chão.

— Foi essa menina negra, imunda! Entrei no quarto e a vi tentando roubar meu colar do pescoço de Juliana.

Todos pararam e olharam ao mesmo tempo para aquela menina que estava encolhida no fundo do quarto a gritar.

— Mentira, Sinhá! Mentira! Fala, Juliana. Fala que não foi verdade.

Naquele momento, Juliana, que se encontrava quase inconsciente, teve medo que, se desmentisse a mãe, esta poderia matar Naná.

— Jamais menti, fala — disse a pretinha assustada.

Dona Persília, ameaçadoramente, insistiu:





Liliana Soares

— Fala, Juliana.

Sem forças, Juliana desfaleceu.

O capataz, na mesma hora, pegou a negrinha pelo braço e saiu, arrastando-a porta afora, enquanto Francisca foi acudir a sinhazinha, que ainda estava desacordada.

— Trate de se arrumar, menina, que antes do varar do sol partiremos! — dizendo isso, Dona Persília virou as costas e saiu do quarto.

Só a preta velha viu um espectro saindo ao lado da Sinhá. Ele parecia estar gostando de toda aquela confusão. Respirando fundo, e fazendo sentida prece, pediu para que os anjos de luz tivessem piedade dessa família, e levasse esse egum para longe.

Ainda acompanhada por esse espectro, homem sedento por vingança que conseguira se ligar a ela através do seu baixo padrão vibratório, Dona Persília dirigiu-se até a sala onde se encontrava o capataz, a segurar a negrinha pelos cabelos:

— Então, Sinhá, faço o que com essa ratinha descarada?

Inspirada pelo ser que colava a ela, Dona Persília, disse:

— O que quiser! Mate-a. Mas antes, ensine-a a não se meter com brancos.

Dito isso, esgotada, voltou para o quarto, e encostou-se na cama tentando dormir.

Na sala, Tadeu, o egum que acompanhava Dona Persília, encontrava-se muito satisfeito. Espírito vagante e vingativo, Tadeu prometera acabar com Naná, por ter feito o que fez com ele, e com seu amor. Ria alucinadamente. Você me paga, miserável! Isso é só o começo. Tão inebriado estava esse espírito em seus propósitos nefastos, que não conseguiu enxergar o espírito de Solano, que emanava vibrações de calma e resignação para os personagens desta história, que começava agora a se desenvolver.





DOM AFONSO

Nesse instante, uma mulher tão iluminada quanto ele, com longos cabelos pretos e espada na mão, aproximou-se de Solano e disse:

— Vamos orar e pedir a Deus pai Todo-Poderoso força para conseguirmos fazer nosso trabalho junto com nossos irmãos, para que esta história se desenrole pelos caminhos pré-escolhidos por cada um deles. Infelizmente ficaremos à espera das escolhas de cada um, mas com a permissão de nosso Senhor Jesus Cristo, meu pai Oxalá, inspiraremos e sustentaremos.

— Obrigado, é bom contar com sua ajuda. Fique próxima a Naná, para não deixar que seu espírito, depois dessa provação, escolha o caminho errado — disse Solano.

— Eu sou Iansã, rainha dos raios, detentora do fogo. Não abandono a luta. Vou cuidar da minha filha.

Dizendo isso, desapareceu, levitando para próxima da cena, em que o capataz arrastava Naná pela entrada da casa grande, pelos cabelos.

— Você viu, negra imunda, o que a Sinhá disse? Que posso fazer o que quiser com você, Pretinha!

Dizendo isso, se encaminhou com ela para o celeiro onde ficavam as ferramentas do trabalho diário da fazenda.

— Pára, seu Capitão. Por favor, eu não fiz nada.

— E eu não sei, desgraçadinha? Acha que eu sou idiota? Conheço a Sinhá desde menina, sei que ela mentiu, mas você sim, deve ter feito com a sinhazinha algo errado, senão a Sinhá não ficaria como ficou.

Dizendo isso, jogou Naná em cima dos fenos, e a olhou com olhos de cobiça de cima a baixo. Pele firme! Gostava de pele firme de preta. Ficava louco de desejo pelas pretinhas. Fizera muitas meninas, e essa então, era tão bonita... Como há tempos não via igual. Sabia que essa pele era firme. Pensando nisso, começou a bater-lhe sem parar, para sentir nas mãos a firmeza daquela pele dura e gostosa.





Liliana Soares

— Pára! Pára! — gritou Naná.

— Isso, pede para eu parar, pretinha, que eu gosto! — dizendo isso, deu-lhe um forte soco no rosto, fazendo escorrer do seu nariz um filete de sangue.

Naná ficou tonta de dor, e, imóvel, ficou olhando para o lado enquanto sentia suas roupas serem arrancadas, e em seguida uma dor aguda a invadiu. Foi a última coisa que se lembrou.

No terreiro da fazenda, os negros ficaram em polvorosa, o batuque acelerava, e o som do choro e lamento invadiu a noite.

Francisca, a preta velha, em transe, dançava sem parar junto com as outras negras, pedindo misericórdia para aquela pobre criança que fora arrastada para o celeiro.

O som foi crescendo, a batida se acelerando, e o canto de lamento se tornou mais penoso. Dona Persília acordou com aquele barulho insuportável. Sentiu seu corpo em brasa, cabeça a latejar. Solano se aproximou, e disse-lhe em pensamento:

— Perdoa, é só uma criança. Volta atrás, chama o capataz de volta. Perdoa.

Dona Persília sentiu aquelas vibrações de forma superficial. Perdoar? Nunca poderia. Aquela negra merecia morrer. Pensando assim, conseguiu afastar Solano e trazer aquele infeliz para próximo a ela, causando imensa tristeza a esse espírito abnegado, que, conhecendo o valor do livre-arbítrio de cada um, se afastou do quarto.

Entretanto, no celeiro da fazenda, o capataz Jacinto continuava a maltratar Naná:

— Boa menina, do jeitinho que eu gosto... Virgem... Prontinha para ser deflorada! — falando isso, riu mostrando seus dentes amarelados e estragados, deleitado com o gosto da negrinha. E continuou:





DOM AFONSO

— Bora, levanta. Vamos. Você é minha!... A Sinhá me deu, e tudo o que é meu eu marco.

Sorrindo de forma lunática, vendo que a negrinha não se levantava, pois estava em estado de choque e muito machucada, a puxou, colocando de bruços sobre uma mesa tosca que lá se encontrava.

Envolvido por uma horda de espíritos inferiores, excitados e felizes pela cena desenrolada, e sedentos por mais barbaridades, Jacinto pegou um ferro de marcar animais que colocara na brasa que queimava no canto do celeiro.

— Com animal a gente marca é assim, ó...! — proferiu, inebriado com aquela energia tenebrosa.

E tirando o ferro do fogo, brandiu-o no ar, se preparando para marcar Naná.

Nesse momento, Iansã se aproximou de Naná, e encostou a mão na sua testa, fazendo com que ela desmaiasse. Com lágrimas nos olhos, essa entidade altamente iluminada observou o capataz se aproximar e com ferro quente marcar a garotinha. A partir desse infame momento, à semelhança de animal bovino, a desditosa Naná carregaria por toda a sua vida as iniciais de Jacinto sobre seu corpo.

Nesse instante, com o seu grito de guerra, Iansã rodou, espalhando no ambiente tanta luz que a horda de malfeitores ficou paralisada como pedras, fazendo com que o capataz, como que por encanto, sentisse sua pele queimar, parecendo cair dentro da fogueira. Gritando feito louco, saiu correndo pelo terreiro a rolar pelo chão, onde era observado pelos negros da fazenda que continuavam a tocar e dançar sem o socorrer, vendo que sua pele se cobria de bolhas e chagas, como se tivesse sendo consumido pelo fogo.

Solano se aproximou de Francisca e a inspirou a voltar ao celeiro, onde, com a ajuda de outras negras, pegaria a negrinha e a levaria para o seu santuário. Aí a banharam e em conjunto





oraram, pedindo misericórdia. Do lado de fora da cabana, os negros já aprontavam uma carroça com os sacos de café que seriam vendidos no outro dia. Com muito cuidado, colocaram a negrinha dentro de um dos sacos de café, rasgando algumas aberturas para que ela respirasse, e a colocaram junto com o café, para que ninguém descobrisse que ela estava fugindo.

Seu Bento, preto velho, enrugado pelos dramas da vida, acenou com a cabeça, e, com um sinal de entendimento com Francisca, pôs a carroça em movimento.

Antes que o sol nascesse, a carruagem já havia se posto a caminho. Onde antes se anteciparam festas e alegrias, agora só se sentia uma tensão infinita. Mãe e filha não se olhavam, cada uma absorvida em seus próprios pensamentos e conjecturas, tentando de alguma forma esquecer o acontecido na noite anterior.

Juliana se sentiu perdida. Sabia que não agira por mal. Tinha sido tudo muito natural. Mesmo sabendo que era pecado e que iria de encontro a tudo o que aprendera na catequese, não conseguia esquecer aquele beijo. Será que estava com o demônio no corpo? Mas como, se parecia que tudo tinha surgido de uma forma tão natural? Ninguém poderia saber o que ia em seu íntimo, para o bem de Naná. Sabia do que sua mãe era capaz, e sentiu que a qualquer momento, se voltasse a desagradá-la, seria o fim de sua amiguinha.

Dona Persília não conseguia olhar para a filha. Sentia tanto nojo! Que degradante! Agora tinha a certeza de que seus anseios eram reais. Sabia que ela era diferente, mas não imaginava que fosse tanto. Por que Deus a castigava dessa forma? Logo ela, sempre correta, seguidora dos ensinamentos da Igreja, fiel à missa todo domingo... Seus donativos todos os anos eram entregues. Era isso que ganhava em troca? Essa filha doente mental e degradada?





DOM AFONSO

Deus, que Deus? Começou a duvidar de tudo aquilo em que havia até agora acreditado. De que valera tudo o que já havia feito pela Igreja, pensou. Essa doídivanas não poderia estragar os seus planos. Onde já se viu, gostar de uma coisa assim. Um gesto de nojo se formou na sua face, que parecia ter adquirido alguns anos mais depois da noite passada. Da pretinha já tinha cuidado. Ah, de novo a dor na sua cabeça. Essa dor que parecia não a querer largar... Sem demora, precisarei escolher um marido que controle Juliana, para que ela não faça nenhuma besteira. Sentiu a têmpora latejar de tanto dor. Mal sabia ela quanto o seu perispírito enegrecia cada vez que formulava na mente essa intenção.

Junto a ela estava Tadeu, esperando a menor oportunidade para agir. Pensando no mesmo astral inferior que ele, ela alimentava essa troca de energia, o que lhe causava intenso mal-estar.

Tadeu começou estendendo a destra na testa de Dona Persília, fazendo com que adormecesse no assento da carruagem. Isto fez com que o espírito dela se desprendesse do seu corpo, ficando, assim, ligado apenas pelo cordão vital que o prendia ao corpo, facilitando assim a aproximação de Tadeu.

— Isso... pensou Tadeu, já se aproximando e sussurrando-lhe a solução que Dona Persília tanto desejava.

Juliana tomou um susto ao olhar para sua mãe, que, muito pálida, parecia estar tendo pesadelos, de tão agitada que estava. O que estaria acontecendo? Sabia do temperamento enérgico da mãe, mas não de toda essa violência. Estava assustadíssima com ela, desde aquele episódio da varanda. Parecia diferente, tinha medo de sua mãe.

Nesse momento, Dona Persília abriu os olhos, e, olhando firmemente para a sua filha, disse entre os dentes:

— Você, imunda, não vai me desgraçar com sua doença infame! Vai fazer o que eu lhe mandar. Estou dizendo.





Não me desafie, Juliana. Você irá se casar nessa temporada com quem eu escolher. Juliana ia retrucar.

— Cale a boca. Vai sim fazer o que eu quiser, sabe por que? Me olhe nos olhos, Juliana, porque qualquer passo em falso que você der, eu mato aquela fedorenta... Ela está sob meus cuidados em um lugar que tu não sabes onde fica. Pára de chorar, imunda! Você fará tudo o que eu disser.

Indignada em seu íntimo com a chantagem da mãe, por questão de segundos passou por seus olhos o mundo que sua mãe a obrigava a aceitar. Nesse momento, lembrou do olhar feliz de sua amiguinha, e viu que por ela seria capaz de agüentar qualquer coisa.

— Sim, minha mãe, farei tudo o que a senhora quiser.

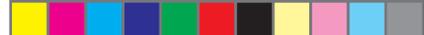
— Ótimo, esqueçamos essa noite infame e nos concentremos no que virá, você vai se educar e aprender a ser uma mulher de verdade. Mulher pura, limpa.

D. Persília sabia que teria que arrancar de Juliana essa doença, essa heresia, e o remédio, estava convicta, seria casá-la o mais rápido possível.

Dona Otacília terminara de dar os últimos retoques na casa, os empregados corriam para não atrasar e terminar antes que elas chegassem; devia estar quase na hora da chegada de sua irmã. Que maravilha, que saudades.

Dona Otacília, senhora distinta, rica zeladora da moral e dos bons costumes, muito apreciada na sociedade pelas suas idéias revolucionárias e seu temperamento gentil e alegre, caridosa por natureza, era presidente de muitos comitês beneficentes de caráter filantrópico. Quanto tempo havia que não via as duas? Seriam nove anos? Nem sabia quanto tempo, desde a morte do seu cunhado. Quanto tempo... Sua irmã deveria estar com a idade aparente da dela, que era três anos mais nova.





DOM AFONSO

O mordomo anunciou solenemente a chegada delas.

— Minha querida irmã!

Levantando-se, abraçaram-se com satisfação recíproca.

— Como você está bem! — e olhando-a de novo disse:

— Um tanto magrinha, mas bem.

— Você continua a mesma, está ótima, acho que os ares da capital lhe fazem muito bem.

Tornaram a se abraçar, e só nesse momento perceberam Juliana, que se aproximara. Olhando-a profundamente, sua tia percebeu uma nota de tristeza naquele semblante tão novo, que, atrás daqueles cabelos, deveria ser bonito.

— Minha linda, virou mulher. Vem cá e me abraça.

Depois disso, sentaram-se as três a conversar de forma entusiasmada, menos Juliana, que parecia alheia a tudo.

— Minha afilhada, acho que você está cansada. Suba e vá descansar, enquanto converso com sua mãe.

— Você tem alguma coisa para me contar sobre Juliana, minha irmã?

— Você é realmente danada, Otacília, percebe tudo.

— Vamos, abra o coração para mim.

Preparando-se para fazer o discurso que já previra, relatou à irmã que Juliana era convalescente de forte enfermidade, padecera de tristeza por ter se apaixonado por um rapaz não condizente com seu porte social, e que por isso precisava de ajuda, para o mais rápido possível achar um bom rapaz para curar o coração de Juliana.

A irmã ficou impressionada, e de pronto concordou em ajudá-la, afinal, elas já tiveram a idade de sua afilhada. A partir dali, uniram-se em colóquio para preparar à Juliana sua entrada triunfal na sociedade. Aulas de etiqueta, costureiras, cabeleireiros e toda sorte de profissionais foram chamados. A casa parecia festa de tanta atividade. A única que parecia não se dar conta era a própria Juliana, que, de forma mecânica,





fazia tudo que era obrigada a fazer, pois parecia viver em um estado de torpor pela obsessão que causava Tadeu, que dela sugava toda a energia, para que também pagasse aquilo que lhe era devido.

O que ela estava achando? Que só aquela desgraçada estava na sua vingança? Hahaha... Ela também, as duas, as duas... Hahaha... Ela não perdia por esperar: o inferno iria viver; conseguira também sugar-lhe a energia no momento em que resolveu se entregar à tristeza e à prostração. O dia estava se aproximando. Com risadas alucinadas, andava pela casa a remoer sua vingança.

Era um belo dia, após o primeiro mês que recebera sua irmã e sua sobrinha em casa, e qual não foi sua surpresa ao tomar conhecimento que seu filho tão querido retornaria da França, onde concluíra seus estudos em advocacia, e finalmente estaria de volta para casa. Sim, sua felicidade estava completa. Sua sobrinha já estava praticamente pronta, o que tinha sido mais fácil do que pensava na sua chegada, por esta demonstrar uma beleza fora do comum, e aceitar todos os ensinamentos que lhe eram transmitidos.

Seu filho Ricardo, lindo, que orgulho. Como será que estava? Contaria os dias para a sua chegada.

Isso logo aconteceu: Ricardo chegou em casa, dispensando o mordomo, e gritou da entrada da casa:

— Cheguei, minha mãezinha querida. Morto de cansaço e saudades.

Dona Otacília se levantou de onde estava, ensinando a Juliana o piano, e, já chorando, abriu os braços:

— Filho querido!

Do canto da sala, Tadeu olhou para o belo rapaz que adentrava na casa, radiante.

Que luz diferente era aquela que enxergava nele?





DOM AFONSO

— Ai que frio, vou sair de perto dele, não gostei. Espero que ele não venha atrapalhar meus planos.

Neste momento, Ricardo sentiu uma presença hostil na sala e percebeu que ali havia um ser de baixo poder vibracional.

— Venha, meu filho, veja, esta é a sua prima Juliana.

Aproximando-se, fez uma reverência à sua prima. Como ela crescera.

— Como cresceu! Está linda, Juliana. Gostei de vê-la assim, com todos os dentes na boca.

Os três puseram-se a rir, quando um barulho ao pé da escada se fez ouvir. Ricardo, olhando naquela direção, achou que estava sonhando, como era linda! Sentiu como se seu coração parasse por alguns segundos, enquanto olhou perdido para aqueles olhos profundos.

— Menino!

Saindo do torpor onde estava, ouviu sua mãe fazer as apresentações:

— Essa é sua tia Persília, cumprimente-a, meu filho.

— Tia? — sim, ela era sua tia.

Desde quando ficara tão bela e atraente? Uma verdadeira beldade. Aproximando-se, beijou-lhe a mão, e dando-lhe aquele sorriso charmoso que só ele sabia dar, fez-lhe uma reverência discreta:

— É bom tê-la em minha casa, tia.

Sentindo leve estremecer, devolveu-lhe o sorriso e disse, nervosa:

— Nossa, como está crescido esse meu sobrinho, não o reconheceria se a ocasião fosse outra.

— Vamos, todos precisamos de um chá, temos muito que conversar.

Saindo do transe que lhe causara a visão daquela linda mulher, linda essa sua tia, não foi com pouca surpresa que





viu um cordão extenso e negro que ligava a sua linda aparição com o vulto triste no canto da sala. Fazendo sentida prece, discretamente chamou aquele seu bom amigo que conhecera nas suas rodas de estudos da nova corrente que aprendera. Ao fazer isso, com mais clareza pôde observar a cena bizarra, onde via Juliana com o mesmo cordão de sua mãe ligada àquele infeliz, só que desta vez o cordão prendia-se ao seu chacra cardíaco.

De forma mais intensa, só que discreta, chamou com fé o seu amigo Solano, que, juntamente com uma mulher de longos cabelos, se aproximaram de Juliana e em volta dela fizeram uma corrente energética, onde se via claramente desfazer-se aquela ligação que lhe bloqueava o chacra cardíaco.

De repente, Juliana sentiu-se tonta, precisou amparar-se no piano para não cair. Sentira um baque no peito, e cambaleara.

— Juliana! Segura, meu filho.

Abanando a mão próxima a seu rosto, sua tia acudia-a aflita.

— Tudo bem, minha tia, já está passando.

Olhando aquela cena, Dona Persília pensou:

“Olha a sonsa colocando as manguinhas de fora. É claro que essa menina nada sentiu, está apenas fazendo tipo para chamar a atenção do primo.” Ela era mais esperta do que achara, só que era bom ela acabar com aquele teatro, afinal, Ricardo era um recém-formado e não tinha fortuna própria. Não poderia ficar esperando sua irmã morrer, ainda mais com essa saúde de ferro que a outra tinha.

— Juliana, vá para o seu quarto se refrescar, que logo estará bem.

Pois sim, a conhecia, sabia do que era capaz. Era bom ir parando por aí, porque tencionava casar-lhe com alguém de fortuna constituída.





DOM AFONSO

— Sim, mamãe.

Realmente se sentia estranha, aquela opressão em seu peito parecia melhorar após o mal-estar. Iria realmente descansar um pouco, assim se veria livre de sua mãe e da tia por pelo menos algumas horas.

Onde será que estava Naná? Sentiu sua falta como jamais imaginara que sentiria. Estava sendo escravizada pela mãe, sabia disso, só que faria qualquer coisa para proteger a pessoa que mais amava no mundo, a sua Naná.

A mãe prometera que, se se comportasse, nada de mal iria acontecer a ela. Onde será que ela estava? Devia estar na fazenda aos cuidados de Francisca. Entrando no seu quarto, atirara-se na cama e começou a chorar. Sim, a amava, tinha certeza disso, mas, como ela era uma mulher, isso não estava certo. E, em prantos sentidos, pôs-se a lamentar sua sorte infeliz.

De onde estavam, Solano e Joana ou Iansã a seguiram preocupados, conversando:

— Solano, irmão, se ela continuar a ter pensamentos tão deprimentes e cheios de dor, como poderemos protegê-la? Não podemos ir de encontro à escolha do sofrimento. Isto nos afasta. Por mais que quisermos, precisamos da aceitação individual, para que possamos agir e bloquear a influência daquele irmão infeliz. Dessa forma, ela mesma se ligará a ele e continuará a alimentá-lo com o seu ectoplasma, fortalecendo ainda mais essa dependência de vingança e ódio.

— Sim, minha irmã, em volta do corpo de todos nós tem energia, só que nos encarnados essa energia é mais densa e serve para sustentar o espírito em seu corpo físico. Espíritos infelizes precisam dessa energia, porque mortos e sem esclarecimento sentem todas as necessidades como se estivessem





vivos, e só se alimentando da energia dos corpos vivos eles sa-
ciam essa sede. Esse é o princípio fundamental da obsessão.

— Então, vamos, Solano, rezar, e pedir ao nosso pai
que nos inspire.

Dizendo isso, Iansã aproximou-se do peito de Juliana, e,
com as mãos sobre a sua cabeça e chakra coronário, enviou-
lhe uma corrente de luz azul e disse em pensamento:

— Querida filha, para que esse desespero? Confia em
Deus na perfeição Divina, e sai desse pranto sentido. Lembra
das escolhas que tu fizestes antes de encarnar nessa vida. Acei-
ta e se mantém firme.

Dizendo isso, com um gesto na mão, deixou no ar um
gostoso cheiro de rosas. Leve sonolência se apoderou de Ju-
liana.

— De onde será que vem esse cheiro tão bom?

Aspirando com vontade aquele aroma, sentiu-se mais
calma e assim se entregou a um sono reparador, que há muito
não tinha.

Atento, encostado na parede do quarto da menina, es-
tava Tadeu, indignado e surpreso. O que era aquilo? O que
significava aquilo?

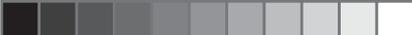
— Saiam! — berrou. — Saiam daqui, seus intrometi-
dos.

— Calma, irmão, estamos aqui a mando do Pai Cele-
stial, que me inspira dizer-lhe que pare agora com essa vin-
gança e venha conosco. Você está muito fraco e machucado,
se vier conosco ficará melhor. Na casa do Pai há lugar para
todos. Confie, Tadeu, volte os seus pensamentos aos ensina-
mentos de Jesus Cristo e venha conosco.

— O quê? E largar deles? Nunca! Não me olhem as-
sim, eu aqui sou a vítima. Eu! — dizendo isso, batia em seu
próprio peito freneticamente.

— Não adianta vocês tentarem me impedir, eu quero





DOM AFONSO

sangue e vingança. Da outra já comecei a cuidar, falta agora essa.

— Você nada fez, Tadeu. Nenhuma folha cai da árvore sem o consentimento de Deus. Venha conosco.

— Não! — dizendo isso teve a intenção de avançar para cima deles e logo se arrependeu, vendo que Joana tirava da sua cintura uma espada prateada e a apontava para o céu.

— Não ultrapasse os limites do pai Oxalá, senão meu Deus Todo-Poderoso lhe cerceará o livre-arbítrio — dizendo isso, soltou seu grito de guerra:

— KIUU!!

Apavorado, Tadeu saiu correndo desbaratado da casa, escondeu-se na esquina e pensou:

— Eles não perdem por esperar. Em algum momento eles precisarão sair de casa, e eu os estarei esperando.







CAPÍTULO II



O *debut* de Juliana havia sido um sucesso. Ela chamara muito a atenção pela sua singela beleza e por seus gestos recatados, que nada mais eram do que uma forma de encobrir sua verdadeira vontade, que era de dizer a todos que a deixassem em paz.

Dona Persília estava muito satisfeita, muitos pedidos pela mão de Juliana chegaram, alguns bem interessantes. Rapazes de boas posses, de boa aparência, e senhores riquíssimos a queriam em casamento.

Sentada no sofá, examinava as propostas, juntamente com sua irmã. Seu sobrinho não estava em casa, e Juliana se pusera no canto a fingir que lia.

Tadeu, que dominara o padrão emocional emanado de mãe e filha, conseguiu entrar novamente na casa. Aproximou-se de Dona Persília e a fez pegar determinada carta, que se pôs a ler. Era de um tal de Dom Afonso. Pela fineza da missiva, parecia ser alguém de bom gosto e posses.

— Querida Otacília, você sabe quem é Dom Afonso?

— E quem não sabe? Homem riquíssimo, herdeiro de uma das maiores fortunas paulistas. Eu, particularmente, não gosto muito dele, me dá arrepios.

— O que acha, Juliana, de o convidarmos para o próximo sarau?

Sentindo um embrulho no estômago, Juliana se lem-





Liliana Soares

brou claramente do momento em que o conhecera em um daqueles intermináveis bailes. Seu olhar era intenso e leve. Beijara sua mão de uma forma indecorosa e dissera:

— Você será minha!

E, sorrindo de forma estranha, se afastou, e passou a noite a observá-la de longe. Não o tinha visto mais.

— Menina, estou falando com você — disse sua tia, impaciente.

— O que acha da semana que vem? É, semana que vem será bom.

Dizendo isso, se pôs a fazer planos com a sua irmã.

“Pronto”, pensou Tadeu, “agora vai começar a sua parte. E saiu a rir, para encontrar um pobre bêbado, de onde tiraria o fluído da bebida para si. Afinal, tinha que comemorar.





CAPÍTULO III



Sentiu suas pernas doloridas, mas não podia se mexer. Podia perceber o movimento da carroça. Será que era noite ou dia? Será que tinham se passado dias? Tinha fome, sentiu um buraco no estômago. Voltava a adormecer e sentiu aquelas mãos calejadas apertando o seu corpo, aquele hálito quente em cima do seu pescoço.

A carroça parou. Sentiu que mãos a tiravam da carroça onde estava escondida dentro das sacas de café.

— Não, esse não — disse seu Bento — , essa saca é presente da Sinhá pra igreja.

— Tá bem, então — e começou a descarregar o resto.

Dito isso, Naná foi carregada e posta no ombro de alguém.

— Xi, filha, já tamo quase chegano.

Ficou quietinha, com muito medo. Suas pernas latejavam, mas sobreviveria. Precisava de forças.

Seu Bento se encaminhou para a paróquia, não tinha idéia de para onde levar a negrinha. Pensou em apelar para a caridade dos padres, afinal, não diziam que eles eram os representantes de Deus na Terra?

O padre Simões tirava sua sesta matinal quando seu coiroinha lhe avisou que tinha gente querendo falar-lhe.

— Manda voltar depois, não vê que estou descansando?





Eu sei, senhor, mas é que é presente por parte de Dona Persília.

O padre abriu um sorriso. Ouro para sua amada paróquia. Já estava na hora. Precisava fazer aquela reforma que vinha adiando. Levantou da cama e disse:

— Já vou, manda me encontrar na sacristia.

Ao entrar naquele recanto, viu o negro Bento em pé, e aos seus pés uma saca.

— Sim, Bento, recado para mim?

— Não, senhor — disse o preto velho com cabeça baixa e chapéu na mão.

Então, ficando confuso, disse:

— Vamos, então, diga.

— Vim aqui apelar por caridade ao senhor e a esse seu Deus pendurado na cruz.

Dito isso, olhou o padre nos olhos. Alguma coisa naquele olhar impressionou-o. Este, como que tocado, disse:

— O que deseja?

Seu Bento se aproximou, e com um pequeno punhal abriu a saca, de onde surgiu uma negrinha entrando na adolescência. Linda, lindíssima, mas muito machucada, que se amparava no velho para ficar de pé.

— Santo Cristo... o que significa isso?

— Essa, senhor, é Naná. Quem a enviou para o senhor foi negra Francisca. Pediu que desse guarida a essa menina judiada pelo destino. Ajuda, senhor, por caridade.

Sentindo uma emoção forte para aquele coração também já cansado, e inspirado por Solano, olhou com carinho paternal para aquela menina, dizendo:

— Sim — dizendo isso, chamou o coroinha e ordenou:

— Traga comida e água. Ajude-me aqui com essa filha de Deus.

Com lágrimas de gratidão, Bento disse:





DOM AFONSO

— Que pai Oxalá lhe abençoe e abra seus caminhos, meu amigo. Só peço mais uma coisa, não a mostre à Sinhá não.

Sem mais perguntas, este respondeu:

— Não se preocupe. Não me diga nada, não quero saber. Senão, vou me comprometer ainda mais.

— Negra Francisca mandou trazê procê esse saquinho de ervas para seu reumatismo.

— Agradeça a ela por mim.

Após isso, Bento virou as costas e voltou para a sua árdua rotina da fazenda.

O coroinha já chegara com a comida e a depositara na mesa onde Naná estava sentada na cadeira. Esta ficou a fitar o prato sem se mover.

— Vamos menina, coma, está fraca.

Foi quando o padre Simões conseguiu reparar que ela não tinha forças para levar a comida até a boca. Cuidadosamente, deu-lhe comida. Com ajuda do coroinha, banhou-lhe as chagas, logo percebendo o que acontecera. Depois de limpa e alimentada, Naná, com lágrimas de gratidão, adormeceu.

— Venha cá, menino, nenhuma palavra do que viste aqui. Está me entendendo?

Acenando que sim com a cabeça, o padre continuou:

— Isso será como segredo de confissão. Está entendido?

— Sim, senhor — saiu discretamente, deixando o padre Bento com a menina que agora dormia. Não tinha intenção de falar, afinal, era contra os maus-tratos infligidos a esses infelizes.

Puxou uma cadeira e sentou a olhar a bela menina dormindo. O que será que acontecera para ela ter sido tão duramente castigada? Sentia uma simpatia grande por aquela criança que lá estava. Sim, iria cuidar como podia, só não sabia como fazer para mantê-la escondida, afinal, era uma cidade pequena, e ela era muito bonita para passar desperce-





bida. Levantou-se e foi orar aos pés de Jesus Cristo, pedindo que lhe indicasse o melhor caminho.

Naná delirava de febre. Sentia-se humilhada, ultrajada, com muita raiva. Onde estava Juliana, que não a defendera, de tão machucada que estava?

— Bruxa! Bruxa! Você me paga — e, assim, ficou uma semana a delirar.

Um dia, quando estava nos jardins da paróquia sentada, já bem restabelecida, viu a figura querida do padre se aproximar e dizer-lhe:

— Bom dia, minha menina, fico feliz com o seu restabelecimento, precisamos pensar no seu futuro. A partir de hoje, tomará aula de catequese e aprenderá a ler e escrever. Preciso prepará-la para o mundo, visto que nesta cidade, para a sua segurança, não poderá ficar.

Feliz com esse novo horizonte que se descortinava aos seus olhos, Naná pensou que isso seria muito conveniente. Precisava de muito conhecimento, para que a vida lhe mostrasse a oportunidade de vingança. Candidamente disse ao padre:

— Fico muito contente, seu padre. Mucho agradecida.

— Não é mucho, Naná, é muito. Vamos começar, então. Venha, vamos à sacristia. Lá, à sua espera, tem caneta e papel.

Joana ou Iansã, próxima à cena, se entristecia. Estava vendo Naná desperdiçar a boa oportunidade que Deus lhe dera, e de novo se enveredar pelos caminhos contrários às leis do universo perfeito. Fazendo sentida prece, tentava irradiar naquela cabeça ondas rosas de amor e aceitação, o que muito pouco essa percebera, já tão envolvida com seu ódio.

Joana via se aproximando dela aquelas mulheres desprovidas de critério moral que a acompanharam em vidas e vidas, a serviço da negra Naná, prontas para começar a traba-





DOM AFONSO

lhar, sedentas de fome e sede, de carne e sangue, que sabiam que sua “patroa ” as daria. Com resignação, Joana se via de novo com as mãos atadas pelo livre-arbítrio.

Solano se aproximou e pôs a destra em seu ombro.

— Resignação, Joana. Vamos, ânimo. Um dia eles voltarão aos braços do Pai.

— Mas por que, Solano, tem que ser pela dor? Sempre pela dor, se não precisa? O caminho mais próximo da felicidade e do pai Oxalá é o amor. Até quando eles precisarão se envolver nesse emaranhado de dor para aprender, se as lições de amor são mais fáceis e reconfortantes, Solano? Até quando terei de usar minha espada e o fogo?

— Calma, Iansã guerreira, vai usar a serviço do senhor, sempre que for necessário. Vamos fazer uma prece para que o mais rápido possível possas também se libertar dessa roupagem — dizendo isso, proferiram sentida prece.

O padre Simões ficou impressionado com a rapidez do aprendizado da sua pupila, que não lhe dava trégua em busca de conhecimento. Agora, esta já sabia ler, escrever, e formosa mulher se tornara. Precisava arranjar-lhe ocupação. Lembrou-se de um convento próximo à Capital. Deviam estar precisando de auxílio por lá. Pensando nisso, breve missiva escrevera a este, para que acolhessem Naná.

— Entregue essa missiva ao mensageiro — disse ao coiroinha Samuel.

A resposta tinha que ser breve, pois um ano já se passara, Dona Persília já devia estar próxima do retorno, e não via como esconder Naná dela. Com os pensamentos em rebuliço, foi se preparar para a missa.

A pretinha Naná, pela manhã, era a cordata pupila do padre, e à noite, quando as luzes se apagavam, ela e seus apetrechos de magia iam para a frente do altar da igreja, preparar





seus pedidos e alimentar os espíritos, que, como aprendera, acorrentara para que trabalhassem para si. Esses espíritos, pela visão que aprendera de negra Francisca, se chamavam Exu. Espíritos prontos para, em troca de presentes e comida, fazer o que lhes ordenavam. Já que estavam acorrentados a seus pés, só comeriam se cumprissem as suas ordens e lhe contassem tudo o que acontecia.

Seguindo ao altar, depositou uma garrafa de cachaça que comprara na feira, e pegou suas pedras, com marcações feitas por ela, que substituíam seus búzios. Chegando lá, de frente ao altar com a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, derramou a cachaça no chão em círculo, e dentro dele jogou as pedras.

Inebriada por aquela energia que lá se encontrava, viu com sua premonição que o início da vingança se aproximava.

— Venham, minhas meninas, bebam e se deliciem, que logo, logo terão mais.

Dito isso, virou as costas, apagou o candeeiro e saiu pela lateral da igreja. Gostava muito de oferecer seus presentes ali, pelo poder que lá encontrava, de tantos pedidos, choros e alegrias que naquele ambiente ficavam. Rindo consigo mesma, pensou:

— Não dizem que a casa de Deus é para todos?

Nesse momento, lembrou-se de Francisca, no dia em que lhe ensinara sobre os Exus:

— Eles são os mensageiros dos Orixás. São como crianças em busca do conhecimento. Se bem orientados, podem se tornar excelentes parceiros, e têm a dádiva de trabalhar com os Orixás pelo bem da humanidade, caso contrário, se eles caírem nas mãos de um inconseqüente, serão capazes de fazer atrocidades, dado o seu ainda falho discernimento do certo e do errado. Então, Naná, tenha muito cuidado e respeito por eles, afinal, quando bem orientados, eles são os mensageiros do pai Oxalá por meio dos Orixás.

Já naquele momento Naná achou que eles não seriam





DOM AFONSO

ajudantes dos Orixás nada, e sim ajudantes dela. Retornando ao seu quarto, começou a se arrumar, afinal, amanhã seria um longo dia.

Após sorverem todo o álcool que se encontrava no altar, as Exus, de tão alcoolizadas e com tão baixo poder vibracional, de nada atinavam para aquele lugar santificado. Sentiam que precisavam começar a trabalhar. Foi quando a líder fez sinal para que todas a seguissem, e se encaminharam para o quarto do padre a dançar em sua volta e sussurrar-lhe no ouvido que providenciasse a viagem de Naná com todo o dinheiro disponível, para que esta não ficasse desamparada.

Na manhã do dia seguinte o padre estava nervoso, afinal, quase não dormira naquela noite, sentia-se mais cansado do que antes de se deitar. Não conseguira parar de pensar no problema de sua pupila. Já sabia o que ia fazer, sim, já sabia.

— Samuel, venha, se apronte. Leve Naná para o convento das irmãs da misericórdia, que fica próximo à Capital, e só pare quando chegar lá.

Dito isso, correu para o seu quarto e tirou todo o dinheiro que guardara para a reforma do sino da igreja. Colocando-o em um saquinho, se dirigiu à pretinha.

— Chamou, senhor?

— Sim, Naná. Está na hora de você ir. Samuel a levará até o convento. Leve esse bilhete que diz que você é recomendada por mim, e toma também esse dinheiro. Não admito recusas. Sim, minha filha, para você recomeçar a vida.

Agradecida e também envergonhada por precisar fazer isso com a única pessoa que lhe devotara carinhos de pai, disse-lhe:

— Vou sim, mas voltarei e devolverei um sino ainda melhor do que o que o senhor iria comprar.

Dito isso, beijou-lhe a mão e pôs-se a se preparar para a viagem.







CAPÍTULO IV



Juliana não queria descer. Esse sarau seria mais um martírio. Achava que não conseguiria suportar mais um. Exasperada, lembrou-se de seu verdadeiro amor. Há meses não tinha notícias dela. Sua mãe prometera que nada aconteceria a ela. Não agüentava mais as visitas e a corte de Dom Afonso. Esquivava-se como podia. Não sentia nada por ele. O que fazer, se não via saída? Pensou em vários momentos em acabar com a própria vida, mas nem esse direito teria. Sabia que isso seria o fim de sua amiga. Nesse momento, batidas na porta a tiraram do sossego de seu choro tranqüilo:

— Juliana, sou eu, Ricardo, deixe-me entrar, precisamos conversar.

Com um suspiro de alívio, permitiu que entrasse. Ele era o único com quem tinha prazer de conversar. Sentia-se bem, próxima a ele. Quando isso acontecia, sentia muito alívio no peito.

— Mas você está chorando, minha prima. Estou preocupado com você, não vejo alegria em seu semblante, e me sinto na obrigação de alertá-la sobre Dom Afonso. As notícias que soube dele não me deixaram sossegado. Dizem que é um homem impiedoso, de caráter duvidoso.

Antes que seu primo acabasse a fala, Juliana caiu em prantos, correndo para abraçá-lo. Não conseguiu mais se conter, e, como uma enxurrada, contou-lhe tudo, desde a sua vida tranqüila na fazenda até aquele momento.





Surpreso, Ricardo nada pôde fazer; somente a embalou nos braços, aquela pobre quase criança. Nesse momento, inspirado por Solano, que dele se aproximou para enviar mensagem a Juliana, disse-lhe:

— Pobre criança, o que sabemos nós, pobres ignorantes da vida? O que se passa no coração de cada pessoa? Não podemos viver na infelicidade e amargura por causa das atitudes alheias. O que seria de nós, menina, se por trás de toda a dor e todo o amor não existisse um Deus onipotente que tudo sabe? Somos pequenos e insignificantes diante de toda a grandeza da vida. Somos apenas peões desse tabuleiro de xadrez orquestrado por nós mesmos. Amparados por ele que tudo vê e tudo ouve, não adianta unir-se ao desespero pelas charadas da vida. O melhor que nos cabe nesse momento é, sim, viver conforme as leis ensinadas por nosso senhor Jesus Cristo, e esperar com fé que tudo se resolverá.

Juliana, surpreendida, olhou para o primo extasiada com aquelas palavras que tocaram fundo o seu coração.

— Onde aprendeu isso, meu primo? Que idéias diferentes. Muito me admira ver você, tão letrado, falando com a simplicidade dos humildes.

Estampando-lhe um sorriso, e percebendo o que tinha acontecido, este falou:

— Aprendi essa nova doutrina na França. Fui convidado por um professor da faculdade que ia para uma palestra com um renomado filósofo. Empolgado, fui, e desse dia em diante parece que minha vida passou a ser muito mais clara. Passei a fazer parte do grupo de estudos desse filósofo, e hoje estou aqui, para passar para frente todos os conhecimentos sobre o espiritismo que lá adquiri.

Juliana falou:

— Gostaria que me ensinasse essa doutrina. Sinto-me tão desesperada que qualquer alívio para a minha alma seria uma benção.





DOM AFONSO

Dizendo isso, se abraçaram, e de braços dados deixaram o quarto em direção a mais um tedioso sarau.

No canto da sala, Dom Afonso já estava impaciente, ainda não a vira no meio daquelas pessoas todas. Sorrindo com cobiça, lembrou daquela cabrocha: ela sim serviria para fazer o papel de sua mulher e mãe de seus filhos. Quando bateu os olhos nela, sabia que seria sua. Natureza calma e cordata, era ela mesmo. Faria o que tinha de fazer, e não se contentaria com suas negações.

Dom Afonso, riquíssimo, advogado de formação e político de coração, índole inflamada, autoritário, proprietário de casa de tolerância e sócio de escravocratas, justificava-se consigo mesmo:

“Pois sim, como acha que com a advocacia eu conseguiria juntar tudo o que tenho? Isso apenas encobre meus verdadeiros negócios.”

Já estava ficando nervoso; não era chegado a esta frescurada de gente folgada. E essa música insuportável? Quem disse para aquela moça que ela sabia tocar? Levantando-se do sofá colocado no canto da sala do sarau onde estava, de forma muito galantesca aproximou-se do piano e disse à anfitriã, que acabara de executar uma obra de Mozart:

— Querida Otacília, em agradecimento a essa tão boa acolhida, gostaria de presentear-lá com uma música de minha autoria.

Ruborizando, envaidecida, Dona Otacília prontamente cedeu o piano. Os convidados se aproximaram para ver aquele homem enigmático e misterioso, que de forma displicente bebeu conhaque a um só gole e se sentou ao piano.

Fechando os olhos, seus dedos ágeis começaram a deslizar pelas teclas de forma intensa, envolvente, fazendo as senhoras corarem e se sentirem desconfortáveis. Os homens, admirados, o observavam. O som enchia o ar de música sedutora. Que música era aquela, seria de sua autoria?





Entrando no salão, ainda de braços dados com o primo, Juliana se surpreendeu com a cena que via. Ele, ao piano, tocando uma música que a fazia sentir um frio na espinha. Olhou para o seu primo, viu que ele parecia ter gostado, e ao observar os presentes, pareceu que só ela sentia isso.

Dom Afonso, em determinado momento da execução, teve sua atenção desviada para a porta que dava acesso ao salão. Pontada forte de ciúme fincou-lhe o peito, e seus dedos de forma mais intensa continuaram a execução.

Que infâmia era essa? Sua futura mulher entrando de braços dados com esse almofadinha? Daria um basta nisso já. Acabaria com aquela porcaria de corte, iria se casar logo com ela ou não se chamava Dom Afonso.

Logo ouviu um som de palmas entusiasmadas, mas já não prestava atenção em nada. Agradeceu a pequena platéia e se dirigiu até onde estava Juliana.

Também sentada próxima ao piano, Dona Persília, como Dom Afonso, observara a cena, sentindo a mesma pontada de ciúmes. Essa menina de novo lhe causando aborrecimentos. Sentiu um ciúme incontrolável ao vê-la próxima ao seu sobrinho, que não saía dos seus pensamentos mais íntimos.

— Boa noite, querida Juliana, gostaria de falar-lhe um instante. Sem olhar para Ricardo, de forma possessiva, pegou Juliana pelo braço, e praticamente a arrastava para o ambiente conjugado.

— Dom Afonso, o que é isto? Está me machucando, vamos, me largue! Vou chamar minha mãe. Aproximando-se ainda mais dela, fazendo um movimento que exigia silêncio, aumentando ainda mais a pressão no seu braço, disse-lhe:

— Nunca mais, está ouvindo, ordinária?! Quero ninguém a tocar-lhe o corpo. Ele é só meu. Você vai se casar comigo.





DOM AFONSO

— Não, nunca, me largue. Eu não gosto de você.

— Eu não estou perguntando o que queres. Estou ordenando. Agora, suba, senão aplico-lhe um corretivo aqui na frente de todos.

Juliana, vendo esse homem monstruoso, que parecia pronto para fazer o que dizia, tentou se soltar, atingindo-lhe no rosto. Dom Afonso, ao sentir o rosto arder, soltou o braço de Juliana, e com mais determinação que antes disse-lhe:

— Você é minha.

Dona Persília, que surpresa acompanhara a cena sem que se apercebessem de sua presença, achou melhor interferir naquele momento.

— O que está acontecendo aqui? Não sabem que não é de bom tom mocinha solteira ficar sozinha na presença de um rapaz?

Aproveitando essa intervenção, Juliana saiu correndo para o quarto.

— Dom Afonso, precisamos observar a etiqueta.

Aproximando-se dela com o olhar duro feito pedra, pois sabia bem quem era sua futura sogra, e conhecedor da alma humana, já mandara investigar tudo o que dizia respeito a essa família, sabendo antecipadamente que estava falida, cheia de dívidas, e que essa Dona Persília era pura pose. Disse-lhe:

— Quero me casar com Juliana ainda esta semana.

Rindo da audácia daquele jovem impetuoso, Dona Persília falou:

— Acalme-se, meu filho, você vai se casar com Juliana, já lhe dei a palavra. Logo que vocês completarem o período estabelecido para o noivado, que ainda nem foi anunciado. Ainda preciso preparar Juliana, que nada sabe sobre isso.

— Não, vai ser daqui a uma semana. Faça o que estou lhe ordenando. Saldarei suas dívidas, organizarei sua vida e a dela também.





Como se tivesse tomado uma bofetada, Dona Persília se deixou cair no sofá, estupefata.

— Como sabes disso?

— Tenho contatos, minha querida sogrinha, sei de tudo o que diz respeito à sua família. Então você tem duas escolhas, ou me casa com Juliana esta semana, ou mancho a sua reputação para sempre.

Dito isto, com o rosto ainda vermelho foi saindo, quando, como se lembrando de algo, voltou-se e disse:

— Amanhã, em minha casa, assinaremos a papelada dos nossos negócios, e depois comemoraremos. Quero ver Juliana cordata e carinhosa amanhã, está me ouvindo?

Sem mais palavras, saiu para a noite fresca da cidade de São Paulo. Ainda parada no mesmo lugar, Dona Persília pensava: E agora? O que faria? E seus planos? Esse tal Dom Afonso não era bobo, não teria como manobrá-lo, e também não gostara da cena que vira da entrada da sala. O que seria de Juliana com este homem tão despropositado?

Nesse momento, Tadeu, que nada perdia do que se passava entre os personagens da história, não gostou da crise repentina de consciência de Dona Persília. Ia começar a ser mãe agora? Isso é que não. Agora que sua vingança ia começar a esquentar. Aproximando-se da senhora sentada, disse-lhe, próximo ao seu ouvido:

— Por que você está tão preocupada? Esqueceu quem é Juliana? Ela merece um homem enérgico, senão como vai se comportar sem queimar-lhe o nome da família com sua doença imunda? E ele também vem a calhar, vai pagar as dívidas e lhe deixará livre da incumbência de cuidar de Juliana. Peça a ele em troca polpuda mesada — vendo que ela começou a compartilhar de seu pensamento, exultou. Ela disse em voz alta:





DOM AFONSO

— Onde estou com a cabeça? Esta é a solução para todos os problemas.

Claro, precisava agora era falar com Juliana, sabia que ela tentaria causar problemas, mas sabia também como lidar com isso. Levantou-se e se encaminhou para o quarto da filha, já esquecida dos barulhos das vozes e da música que vinha do salão.

— Abra a porta, menina.

— Não, saia daqui. Estou cansada de você e das suas armações — Juliana se sentia mais fortalecida após a conversa com seu primo. Sem esperar resposta, Dona Persília empurrou a porta e entrou.

— Fale baixo ou te ouvirão. Vai casar-se esta semana, e com Dom Afonso.

— Não, nunca, sua interesseira. Estou cansada de você, desses vestidos, dessa vida. Acabou — dizendo isso, correu para a escrivaninha onde se encontrava o abridor de cartas, punhal afiado de prata, encostando-o no seu peito. Dona Persília, sem se abalar, com frieza na voz, disse-lhe:

— Vamos, faça isso que logo irá se encontrar no inferno com aquela negrinha infeliz, que eu mesma matarei com minhas mãos.

Tocada por essas palavras, Juliana abaixou o punhal e, exausta, desfaleceu. Dona Persília, sem se incomodar, saiu, fechando a porta atrás de si, deixando Juliana caída no assoalho.

Juliana, ao acordar, vindo a si, levantou-se do chão com uma náusea desagradável. Não suportava mais. Com desespero, ajoelhou-se no chão e pediu misericórdia por ela e por Naná.

— Meu Pai, desculpe, mas não consigo mais ficar esperando. Dê-me forças.

Falou isso em prantos contínuos.





— Força, meu Pai, e luz para que eu consiga suportar mais essa prova.

Nesse instante, viu o sol nascer, e, pegando a sua bolsa e uma capa, saiu da casa sem que ninguém percebesse. Se teria que se casar com aquele homem, então sairia das mãos verdugas de sua mãe. Indo atrás daquele que de alguma forma encontraria seu amor, a negrinha Naná.

Parou em frente a uma casa imponente, muito maior que a casa da sua tia. Ficou indecisa, voltou a conferir o bilhete que tinha na bolsa com o endereço de Dom Afonso, que vira junto com as flores que este lhe mandara alguns dias atrás. Criando coragem, bateu na porta insistentemente. Logo, um homem de cabelos descoloridos e roupas postas apressadamente abriu-lhe a porta, desconfiado, e indagou com olhos críticos:

— Pois não, senhorita?

— Gostaria de falar com seu patrão, Dom Afonso.

— Volte em hora mais apropriada que transmitirei seu recado — dizendo isso, foi fechando a porta.

Não, ela não viera até ali à toa. Precisava vê-lo naquele momento.

— Não, chame-o agora — disse, colocando a mão na porta. — Diga que quem se encontra aqui é Juliana.

Diante da insistência da moça, abriu a porta e a levou até o escritório, pedindo que esta o esperasse. Saindo em busca de seu patrão, pensava que já estava na hora de Dom Afonso tomar jeito. Abrindo a porta de seus aposentos íntimos, se deparou com a cena de sempre; bebidas pelo chão, mulheres e homens desnudos espalhados pelo aposento, e o seu patrão, a sono solto, enroscado com uma ruiva.

— Senhor... pigarreando, chamou-o.

— Senhor... — chamou novamente.

Abrindo os olhos, mal-humorado, respondeu:





DOM AFONSO

- Espero que seja algo urgente.
 - Tem aí uma senhorita que deseja falar-lhe com urgência. Disse se chamar Juliana.
- De um pulo, Dom Afonso afastou a mulher que ao seu lado estava e pôs-se a se vestir.







CAPÍTULO V



O padre Simões se despediu de sua linda pupila, que, emocionado, vira florescer e se tornar uma linda mulher.

— Vá, minha filha, ganhe o mundo, não deixe que a maldade deste corrompa o seu coração puro.

Beijando-lhe as mãos, Naná respondeu-lhe:

— Sim, meu bom pai, não se preocupe comigo, já sei como será meu caminho — dizendo isso, subiu na carroça que Samuel iria dirigir.

Olhando para trás, acenou em despedida. Como não deixar que seu coração se corrompesse com a maldade das pessoas, se estas mesmas tinham arrancado o coração do seu peito? Agora já não sentia mais nada, nem amor, nem piedade. No vazio do seu peito, só ficara o ódio, a dor, e essa marca maldita em sua pele.

Samuel, tirando-lhe do seu devaneio, disse:

— Então, Naná, estás feliz com seu emprego no convento?

Olhando-o de maneira sedutora, e aveludando a voz, começou a pôr em prática seus planos, e em prantos fingidos falou:

— Não, Samuel, menti para o padre Simões, porque ele ficara muito feliz com esse trabalho, mas eu não quero ir. Gostaria de trabalhar em outra coisa na Capital. Acho que, com os conhecimentos que adquiri, poderei tomar conta de algum bambino ou casa de família.





De forma proposital, encostou sua perna na dele e roçou de leve. As empregadas imateriais de Naná, então, loucas de desejo, começaram a acariciar o pobre rapaz, que não tinha idéia do que acontecia longe de seus olhos.

Aturdido, sentiu um desejo incontrolável por aquela negrinha.

— Por favor, Samuel, me deixe mais adiante, na Capital — passando assim a lhe acariciar a coxa. Gemendo baixinho, ele falou:

— Padre Simões vai me matar, não posso fazer isso.

Chegando perto, e rindo no seu ouvido, disse:

— Ele não precisa saber. Você diz que me deixou em frente ao convento, e, se lá não estou, não sabe o que aconteceu.

Tão inebriado estava, com aquelas criaturas sem moral se pondo a acariciá-lo de forma intensa, que disse:

— Sim.

Pronto, começaria sua vingança. Deixando-se possuir pelas suas escravas, começou a fazer com ele tudo o que elas queriam, afinal, mereciam sentir esse prazer como recompensa. Prazer esse que ela não sentia, em razão dos acontecimentos traumáticos ocorridos na fazenda, que lhe causaram profunda ojeriza à prática dos atos sexuais. Para ela, o sexo desvirtuou-se em moedas de barganha.

Depois, Samuel colocou a carroça em movimento, afinal, agora faria o que ela quisesse.

— Deixe-me em algum lugar onde eu possa alugar uma casa.

Fazendo isso, deixou-lhe em frente a uma casa comercial, especializada em aluguéis.

— Obrigada, meu bom amigo, esse segredinho é nosso.

— Mas preciso vê-la de novo, Naná. Como poderei agora ficar sem vê-la?

Sorrindo então ela disse:





DOM AFONSO

— Só que, da próxima vez, vai ter que me trazer presentes — dando-lhe as costas, saiu.

Já contara o dinheiro dado pelo padre. Daria para alugar uma boa casa e se manter com luxo por meio ano, e, até lá, sabia que já seria rica, uma mulher igual àquelas desgraçadas. Elas veriam só.

— Bom dia, gostaria de falar com um corretor.

— Bom dia, sou eu mesmo — olhava curioso para aquela mulher negra, com uma beleza extraordinária, olhos brilhantes, dona de um magnetismo sem igual.

— Quero uma casa em lugar nobre, mas reservado, com muitos quartos e um bom salão.

Sem poder se conter, caiu na risada o corretor.

— Sim, queridinha, e como pensa em pagar, lavando pratos? — dizendo isso, caiu na gargalhada.

Fúria fria se apoderou de Naná, que com um sorriso dissimulado disse:

— Quero a casa, pagarei à vista e a mais, contanto que você mantenha seus comentários insignificantes para si — sem alterar o sorriso, fitou-o firmemente.

Engolindo em seco, falou-lhe o corretor:

— Sim, senhora ou senhorita?

Com um sorriso se alargando, disse-lhe:

— Senhorita Mercedes.

Estendeu a mão e, apertando a sua, passou toda a carga de energia baixa e sensual a que tinha direito. Estremecendo pelo contato, o corretor tratou logo de pegar a papelada.

— Tenho algo que a senhorita irá gostar muito. Vamos no meu coche.

E assim, foram-se dirigindo a uma rua muito bonita, onde se encontravam muitas casas enormes, de tamanho que nunca tinha visto. Aos poucos, as casas foram se espaçando até chegar num local quase ermo.





— É aqui.

Olhando pela janela do coche, viu o portão sendo aberto pelo corretor, que já havia descido do veículo. O que viu deixou-a emocionada. Era a casa mais linda que já vira. Estilo vitoriano, adornada por lindos jardins que precisavam de cuidados, mas linda. Ao descer do veículo e entrar na casa, corria pelos corredores, emocionada. Tirando os lençóis que cobriam os móveis, ficou encantada. Estas eram suas coisas. Alegre, bateu palmas. Já se sentia em casa. Suas trabalhadoras já também se sentiam donas da casa e dançavam, rindo como que embriagadas a comemorar o que lá fariam. Uma delas já se colara ao corretor, acariciando-o, e esse, meio inebriado com o que achava que era a felicidade da negra, disse-lhe:

— Esta casa está fechada há muitos anos, pertenceu a uma mulher muito rica de história velada. Acho que aconteceu uma tragédia, bem, o valor dela é alto, mas como há anos não alugamos, farei um desconto especial para a senhorita.

— Fico muito agradecida, vou ficar com ela. Vamos acertar tudo, e daqui a seis luas a comprarei.

Achando que ela poderia ser amante de algum homem rico para poder bancar isso, concordou.

— Sim, vamos fazer negócio.

— Quero me mudar hoje.

— Vamos comigo ao meu escritório que faremos o negócio.

Com aquele sorriso estudado, que já sabia como aplicar, disse-lhe:

— Só se você depois vier comemorar o negócio na minha nova casa. Claro, trazendo-me um belo presente de casa nova.

Inebriado por aquele sorriso, fez que sim, já oferecendo o braço para que esta o acompanhasse de volta ao coche, esquecido já da sua cor de pele.





DOM AFONSO

Na volta do escritório, depois de fechar o negócio, pela janela a senhorita Mercedes viu uma mulher a olhar para uma vitrine da padaria. Com olhos rasos de lágrimas, disse:

— Pare esse carro.

— Como, senhorita? — disse o corretor.

— Vamos, pare.

Já inspirado pelas mulheres que a acompanhavam, a fez prestar atenção naquela moça bonita, de roupas finas, que faminta olhava os pães, e que devido a seu baixo padrão moral fora atrair a atenção deles.

Descendo do carro, aproximou-se dela e disse:

— Está com fome?

Envergonhada, disse:

— Sim, senhorita, muito.

— Venha trabalhar comigo que terá comida e dinheiro.

Olhando para aquela negra de sorriso sedutor, não teve dúvida de que tipo de trabalho seria, mas não conseguiu desviar o seu olhar do dela e disse-lhe:

— Sim, senhora — estendendo a mão.

— Senhorita Mercedes, e você será a senhorita Rosa.

— Rosa.

O corretor, que se aproximou da cena, ajudou as duas a subirem no coche. Agora, entendendo tudo, pensou que maravilha seriam essas cortesãs. Iria ser o primeiro a experimentar o trabalho delas. Rindo, adiantou o coche para a casa, lá chegando foi dispensado sumariamente na porta pela senhorita Mercedes.

— Vá, ainda não abrimos. Volte na próxima semana com seus amigos. A partir de hoje, você também trabalhará para mim. Se vir uma possível empregada, traga para que eu avalie e receberá sua comissão.

Com uma reverência, ele se afastou. Fechando a porta, Naná disse-lhe:





— Coma, minha querida, que depois conversaremos
— Rosa comeu educadamente, e começou a contar a sua história.

Fora órfã de um casal muito rico, e com sua morte teve sua tutela conduzida para uma tia que tinha um marido ganancioso, que recebeu sua herança e ainda a seduziu. Sua tia, descobrindo o envolvimento, a colocou para fora de casa, e por isso estava pelas ruas há pouco tempo.

Fingindo acreditar na inocência de sua primeira empregada, já que sabia que seus exus não atraíam ninguém que tivesse a alma ilibada para participar da sua vingança, disse-lhe:

— Vamos às compras, você vai me ensinar a ser uma dama, e também a todas as meninas que vierem trabalhar para mim. Vocês irão ganhar por comissões. Quanto mais trabalharem, mais ganham. E pagarão também por suas roupas e jóias. Terão direito à metade dos presentes que ganharem dos cavalheiros, está entendendo?

— Sim, senhorita, vamos às compras e depois às aulas.

— Quero tudo de alto nível, afinal, quero encontrar algumas pessoas da alta sociedade.

— Você também sofreu nas mãos de algumas delas?

— Sim, quem sabe algum dia lhe conte minha história. Chame um coche de aluguel e vamos comprar.

Em pouco tempo, algumas mulheres levadas pelo corretor, e outras atraídas pelos exus, bateram à porta, formando um time de lindas beldades, prendadas e obsediadas pelos espíritos que eram pagos, sedentos por sexo, bebida e sangue, tornando-se conhecidas de toda população da Capital.

Todas as noites em que terminava o ciclo de sete dias, lá ia Naná fazer suas oferendas, que a cada dia ficavam melhores. Às suas escravas, num desses dias, disse-lhes:





DOM AFONSO

— Agora, minhas amigas, que já estamos estabelecidas e ricas, quero a minha vingança. Vão, comecem a gira, e me tragam o que preciso.

Em volta dela estavam as sete exus que ela alimentava, prontas para começar a vingança, e a primeira seria a mãe de Juliana.







CAPÍTULO VI



A porta do escritório se abriu, e Dom Afonso, já refeito da Aorgia, veio a seu alcance e beijou-lhe a mão.

— Diga, Juliana, algo aconteceu, minha querida?

— Não, nada aconteceu, desculpe a hora. Já estou arrependida, me desculpe, vou embora.

— Não, calma, fique... abra o seu coração para mim.

— É verdade que quer se casar comigo o quanto antes?

— Sim, eu estou apaixonado, quero-a o quanto antes.

Resolveu mostrar um personagem mais romântico e cordato. Percebia que este era o momento que tanto esperara.

— Abra-se comigo, prometo que serei um bom marido, já sendo um amigo.

— Eu quero uma troca.

Cada vez mais surpreendido com aquela visita, respondeu-lhe:

— Diga, minha querida, seria capaz de dar-te o mundo para que sejas feliz.

— Eu quero tudo.

— Como?

— Tudo o que é da minha família, incluindo uma escrava de nome Naná, que na fazenda habita.

— Só isso?

— Não. Quero me ver livre da minha mãe. Quero ficar





com minha escrava e só. O resto, podes ficar, só não quero mais minha mãe perto de mim.

— Se é isso que queres, farei.

— Não vai se arrepender. prometo ser uma boa esposa, caso me traga essa negra — dizendo isso, levantou-se para ir.

Dom Afonso, deveras surpreso, pegou-a pela mão, e beijando-lhe com ardor disse:

— Por você, sou capaz de tudo.

Constrangida, abaixou os olhos e agradeceu, puxando a mão e saindo.

Já na rua, Juliana não acreditava no que fizera, como tivera coragem? Prometera se casar com aquele homem por quem nada sentia, caso ele achasse sua grande amiga, mas ficara surpreendida quando, quase sem querer, disse-lhe que queria ver sua mãe longe, sem mais possibilidade de chantagem. Surpreendeu-se quando uma carruagem muito luxuosa se aproximou e parou ao seu lado, logo se arrependeu por ter saído desacompanhada àquela hora tão imprópria. Sem levantar os olhos, apertou o passo.

A senhorita Mercedes voltava de uma festa de máscaras que acontecera na casa de um grande cliente. Não gostava de trabalhar fora de sua casa, mas naquele dia tivera vontade de circular um pouco, afinal, teria oportunidade de conhecer novos clientes e, quem sabe, veria entre as pessoas alguém que a levasse à Juliana. Ao longe, viu uma silhueta feminina desacompanhada. A essa hora? E, batendo na sineta, avisou ao cocheiro que gostaria de descer. Este se aproximou do local onde a moça estava e parou. Devia ser uma pobre criatura com fome. Desceu do veículo e foi atrás, afinal, poderia ser mais uma menina para a sua casa.

Sem se importar com o seu vestido indecoroso e a máscara que usava, chamou a mulher que aumentara o passo.





DOM AFONSO

— Calma, menina, não quero fazer-lhe mal. Quero falar-lhe.

Ao ouvir esta voz, como que paralisada, estancou. Não podia ser, seria quem imaginava? Nesse momento, a dona da voz puxou seu braço, ficando de frente para ela.

Naná ficou paralisada, sem reagir. Era Juliana.

Tomando um susto ao ver aquela mulher mascarada e com roupas indecorosas, soltando uma imprecação, largou seu braço e saiu correndo. Arfando pelo esforço, olhou para trás para ver se aquela aparição corria atrás dela. Vendo que estava sozinha, achou que a saudade que sentia a tinha deixado louca. Até achara que a dona da voz era Naná. Voltando a correr, chegou em casa, e escondida foi para o quarto.

Ainda parada no mesmo lugar, Naná parecia em choque. Era Juliana. Meu Deus, era ela mesma. Atordoada, ficou sem saber que direção tomar. Ir atrás dela, abraçá-la e convidá-la a fugir juntas, ou continuar a vingança.

De tão impregnada de todo o tipo de obsessores sexuais, não permitiu que sua mãe lansã se aproximasse para inspirá-la e dizer que aproveitasse a oportunidade que Deus lhe deixara, havia tempo. Voltando para a carruagem, pediu para ir para casa, onde encaminharia missiva ao seu amigo corretor, que a todos conhecia, que lhe passasse todas as informações sobre a família que recebera Juliana e detalhes deles, para só assim escolher o que fazer.

Exultando com o acontecimento tão inesperado, Dom Afonso pensava: “Quer dizer que não precisei ir até ela, pois a própria veio a mim, e ainda esse pedido, que a livre daquela sogra inconveniente, é melhor do que eu esperava”. Aos berros, voltou para a parte interna da casa, a expulsar todos que lá estavam:

— Saiam. Mulheres da vida, ordinárias! Vagabundas! Saiam, quero minha casa limpa.





Pequeno tumulto se deu, e em poucos minutos estava sozinho no quarto, a rir inebriado e falando em alto e bom som:

— Minha. Ela é minha.

E, jogando-se no sofá íntimo, fumou ópio, e lá ficou alucinado, a ter visões com Juliana.

Dona Persília tomava seu café tranqüilamente na mesa da casa da irmã. Achava que todos ainda estavam dormindo. Ela acordara cedo, pois passara a noite com dor de cabeça. Precisava parar com aquelas discussões com sua filha, achava que não tinha mais saúde para isso. Precisava que ela logo se casasse. O ouro que trouxera já chegara ao fim, e já estava afastada da fazenda há mais de um ano. E, neste intervalo, deixara a terra praticamente falida.

— Bom dia, minha linda tia Persília.

Estremecendo de leve ao ouvir a voz do sobrinho, respondeu:

— Bom dia, meu querido, como passou a noite?

— Com a senhora em meus pensamentos.

Como, será que ouvira bem? Não, isso não era possível. Era uma heresia, ele era seu sobrinho.

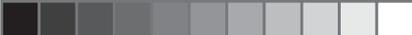
Levantando-se de supetão, disse:

— Pare já com essa blasfêmia! Me respeite, menino. Te vi nascer, e não admito que fales dessa forma comigo, como se eu fosse uma dodivanas de sua idade.

Surpreso com sua própria audácia, Ricardo, como que impelido por uma força maior, se levantou e aproximou-se dela.

— Como és linda. Você não sai dos meus pensamentos, do meu corpo. Não me olhe assim, eu sei que é contra as leis da sua hipócrita igreja, mas os sentimentos que tenho por ti são por demais sinceros.





DOM AFONSO

Dona Persília sentiu seu coração acelerando, um calor que nem com seu falecido marido sentira. Aproximando-se rápido, Ricardo segurou-lhe o rosto e a beijou. Dona Persília sentiu-se transportada para o paraíso, e, não agüentando mais segurar a postura dura com a qual foi obrigada a viver por toda uma vida, se entregou àquele momento.

Quando se deu conta, estava no quarto de seu sobrinho, a fazer amor com loucura. Não tinha idéia de que pecar pudesse ser tão bom. Depois, estendidos na cama, se deram conta do que acontecera.

— Meu Deus, Otacília vai me matar. Ela não pode saber disso — disse, já se vestindo, sentindo-se a pior das criaturas.

Aturdido com a intensidade do que acontecera, Ricardo também estava surpreso. Sentia profundo sentimento por sua tia, mas fazer isso com ela era imperdoável.

— Me desculpe, não devia tê-la exposto a essa situação, não sei onde estava com a cabeça, mas sei dizer que foi maravilhoso.

Sem se voltar para o seu sobrinho, saiu do quarto, e este se deixou cair na cama. Sentindo-se muito fraco, adormeceu.

Muito satisfeitas, as exus de Naná observavam a cena. Como fora fácil fazer essa ordinária por natureza deixar florescer sua sexualidade. A patroa iria ficar contente. Ela disse que a primeira de sua vingança seria essa prostituta desqualificada, com pose de dama. Trabalho como esse era fácil de fazer.

— Quem são vocês? — Tadeu perguntou. — Quem deu permissão para se meterem com meu pessoal?

Elas se voltaram para ele, e com cara de nojo pelo seu aspecto sujo, magro, com um punhal a atravessar-lhe o peito ainda sangrando, disseram:

— Calma aí, egum, não se aproxime de nós. Estamos fazendo o nosso trabalho.





— É, nosso trabalho! — disse a outra. — Fomos pagas para isso. Não quero saber quem é você, nem por que está aqui. A patroa manda fazer e a gente faz.

E começaram a rir.

— Então vocês não conhecem esses desgraçados?

— Nós não temos nada com isso. Saia de nossa frente, senão vamos prender você.

— Calma, vamos conversar, belas raparigas.

Lisonjeadas, elas se aproximaram dele.

— Então, vocês fazem o que lhes pagam para fazer, não importa quem?

— Diferente de você, somos livres, não temos ódio ou vinganças nos ligando ao nosso trabalho. Somos pagas e fazemos o serviço pelo patrão que pagar melhor.

— Quem está pagando vocês?

Gargalhando responderam em coro:

— Saia, egum desgraçado, de nossa frente. Somos agora da sociedade, não perdemos tempo com “pés-rapados”!

Dito isso, foram para a casa de Naná para contar-lhe a novidade.

Solano e Joana observavam a cena.

— Diga-me, minha irmã, você que é profunda conhecedora dessas entidades, qual a diferença entre espíritos vagantes e esses que se auto-intitulam exus?

— A diferença, Solano, se encontra no grau de desenvolvimento emocional e também na classificação espiritual aprendida por eles. Vou dar-lhe um exemplo: Quem em vida era um alcoólatra, quando morre perde o seu corpo de carne, mas o espírito continua o mesmo, com suas vicissitudes e qualidades. A diferença se encontra, como sempre, no livre-arbítrio, pois você pode escolher se livrar do vício e passar a trabalhar para Deus Pai Todo-Poderoso, se transformando em um mensageiro de suas vontades quando ordenado por espí-





DOM AFONSO

ritos de luz, que também necessitam de pessoas que tenham a energia vital mais densa para fazer determinados trabalhos que um espírito sutilizado demoraria e demandaria muito mais trabalho e tempo para conseguir. Esses infelizes que vê, por exemplo, não nos enxergam e não sentem as vibrações de amor que lhes emanamos, mas se eu chamar a irmã que trabalha comigo em troca de luz e evolução, que também é qualificada de exu, ela pode se aproximar e ser vista por elas, já que devido a cargas passadas ainda mantém o perispírito carregado, e por elas é percebida e bem recebida, como se igual fosse, e aí a minha trabalhadora, qualificada pelos homens de padilha, pode então negociar com eles e limpar o terreno para que possamos agir.

— Iansã, por que ela não as doutrina, e sim negocia?

— Porque, em casos de urgência, precisamos afastar o quanto antes essa energia perturbadora. É apenas uma questão de tempo e moral.

— Moral? Como assim?

— Essas infelizes não têm ligação emocional com quem prejudicam, então não adianta apelar para esse lado da questão. Precisamos ser práticos e negociar o pagamento, pois para elas essa é a única moeda de troca. Depois do acordo acertado, a padilha começa a tentar convencê-las de que, trabalhando para o bem, as recompensas serão muito melhores, afinal, não sentirão tanto sofrimento com o vício, o frio e a fome. Lidar com elas é mais fácil do que com o espírito infeliz, envolvido emocionalmente na história, porque este sim precisamos doutrinar para aliviar seu ódio, e também a pessoa obsediada, para que esta aumente seu padrão emocional, e não deixa ninguém mais obsediá-la.

— Sim, minha irmã, essa é a explicação que tantos incrédulos precisam ouvir, quando constantemente perguntam por que alguns caem na rede da obsessão e outros não. Como





sempre, esbarramos no livre-arbítrio, porque quem caminha reto nos ensinamentos de Jesus Cristo não abaixará sua energia com sentimentos negativos, dando guarida à colagem de espíritos adoentados.

— Por isso, Solano, meu amigo, a vida é perfeita.

Dito isso, Joana, que estava sem suas vestes de Iansã, transmutou-se, voltando a ter a roupa impressionante da orixá, e chamou Carolina, que era sua trabalhadora intitulada Padilha.

— Minha amiga, prepare-se para trabalhar.

— Sim, mãe Iansã, estou ao seu lado, pronta para as suas ordens e para aprender mais o caminho do bem.

Solano, vendo a cena, questionou:

— Por que, Joana, para chamar Carolina, você mudou suas vestes corpóreas?

— Porque Carolina foi doutrinada na religião africana, e tem respeito e admiração pelos orixás, a hierarquia em que me encontro, e sobretudo pela corrente que meu senhor Jesus Cristo me deu nessa doutrina: sou Iansã, rainha dos sete raios. Se Carolina fosse doutrinada na Igreja Católica, ela me veria vestida de Santa Bárbara. E, se ela acreditasse em anjos, eu poderia ter asas.

— Sim, irmã, somos únicos, e a roupa nada significa, contanto que não mudemos a roupa dos nossos corações.

Sorrindo, eles se afastaram do quarto onde Ricardo dormia.

Retornando à sala de refeições, Dona Persília viu que sua irmã já se levantara.

— Bom dia, querida irmã.

— Bom dia, vejo que descansou bem. Suas faces estão coradas.

— Sim, dormi muito bem.





DOM AFONSO

— Senhora... — falou a negra que a servia. — Chegou mensagem para a Sinhá.

— De quem será? — disse Dona Persília, pegando o bilhete da bandeja de prata que a negra lhe estendeu.

— É de Dom Afonso, marcando reunião em sua casa para logo.

— Vai mesmo, Persília, casar Juliana com esse homem?

— Sim, ele é riquíssimo, e parece estar apaixonado por ela.

— Não sei... ele me dá calafrios. Não sei dizer o que é.

— Pois a mim não, ele me parece muito decente.

— Você é quem sabe, pelo menos a vida da minha afilhada será abastada, e, se não me engano, agradável, afinal, ele é um homem bonito. Claro que não é mais bonito que meu filho. No próximo sarau, quero que ele conheça a filha dos Silva de Queiroz, menina linda e prendada. Gostaria que ele contraísse matrimônio com ela.

Surda revolta se apoderou de Dona Persília, que, irritada, pediu licença e se retirou. Saindo apressada, já com lágrimas nos olhos, se refugiou no interior de seu quarto, se dirigiu até a penteadeira, soltou os cabelos e passou a esticar a pele do rosto, exasperada. Comprimindo o rosto com as mãos, pôs-se a chorar; onde estava sua juventude? Seus sonhos? Tudo o que sempre lutara para conseguir?

Vislumbrando uma tenra oportunidade de intervir, Solano se aproximou.

— Ainda há tempo, Persília, a felicidade está ao alcance daqueles que resolvem voltar aos braços do Pai.

Tadeu, indignado com aquela interferência, passou a alisar seus cabelos e disse-lhe:

— Não vou deixar. Falta pouco, você me prometeu, disse que nos vingaria, você não está sozinha, eu estou aqui, va-





Liliana Soares

mos, enxuga essas lágrimas, isso, meu amor, lembre do ódio, isso, você está aqui de favor por causa dela, sua juventude está indo embora por causa de Juliana.

— Não, basta. Vou parar de me preocupar com isso. Vou me arrumar e ir para a casa de Dom Afonso, exigir dele tudo que tenho direito.

Tadeu, olhando para Solano e sorrindo, disse-lhe:

— Isso, amor, isso, vá e acabe com a vida de Juliana, ha...





CAPÍTULO VII



Dom Afonso já se encontrava no gabinete quando ela entrou. Essa ordinária iria ver o que era bom, sabia que ela lá estava para lhe extorquir dinheiro. Antes, daria de bom grado, mas agora?! Tiraria tudo dela, como pedira sua prometida. Claro que nada daria a Juliana, pois isso proporcionaria a ela uma liberdade que não lhe tencionava dar.

— Bom dia, minha querida Dona Persília.

— Bom dia, Dom Afonso, vim com a resposta positiva de minha menina. Então, vamos ao que interessa, cuidar dos negócios.

— Boas palavras as suas.

— Quero as dívidas pagas, e, claro, uma boa poupança para mim, que já estou velha e querendo descansar.

— Não me parece velha, então, pagar-lhe-ei as dívidas e você assinará as promissórias dos seus bens, para que me sinta seguro, e, quanto à pensão, deixarei a encargo de Juliana, que tanto a ama, resolver com a senhora suas necessidades.

Muito satisfeita, Dona Persília estendeu a mão e fechou o negócio. Dom Afonso, que já estava com tudo preparado, tirou as notas promissórias da gaveta, que continham a fazenda e a posse de todos os escravos que lá estavam. Inebriada de felicidade, Dona Persília assinou tudo, sem nem mesmo passar os olhos pelas “letras”.





— Já providenciei o juiz para amanhã. Nessa mesma hora, aqui em minha casa, casarei com a sua filha.

Logo, o mordomo apareceu com uma bela bandeja com pró-seco, para brindar o fechamento dos negócios.

Já de volta à casa, Dona Persília, convencida de que todos os problemas de sua vida tinham acabado, mandou chamar toda a família para comunicar o casamento, afinal, na frente de todos Juliana não faria uma cena.

— Que alegria é essa minha irmã? O que aconteceu?

Nesse momento, chegara Ricardo, seguido por Juliana.

— O que há, minha tia, há motivos para comemoração?

— Sim, amanhã Juliana se casará com Dom Afonso às onze horas da manhã. Acabei de voltar da casa deste já com tudo acertado.

Todos pararam mudos e olharam apreensivos para Juliana, que estava na sala com a fisionomia serena, esboçando leve sorriso. Com suspiro de alívio geral, começaram a falar de uma só vez.

— Chega. Vocês não perceberam que ninguém perguntou a Juliana se ela quer esse casamento? — falou Ricardo, já sabendo previamente do horror de Juliana por aquela figura.

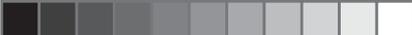
— Não se preocupe, querido primo, acho que a resolução foi acertada, ontem à noite percebi que poderia ser agradável casar com Dom Afonso.

Olhando desconfiado, disse:

— Então brindemos.

No outro dia, pela manhã, as bodas se concretizaram, com as assinaturas dos noivos na documentação trazida pelo juiz. Dona Persília estava felicíssima com o casamento, e até se permitiu beber um pouco a mais. Seus problemas agora estavam resolvidos: se sentia leve e livre. Depois da noite de núpcias, sentaria com Juliana para exigir boa quantia mensal, que lhe permitiria viver com mais luxo que sua irmã.





DOM AFONSO

— Vejo que está muito contente, seu rosto fica adorável quando ri.

— Não me tente, Ricardo, já disse para ficar longe de mim.

Com as criaturas que trabalhavam com Naná se colando nele e o acariciando, saíra da razão. Fora difícil para elas fazer essa aproximação, mas a antiga ligação que os unia facilitara as coisas. Desprendia-se dele uma luz que as incomodava, mas, de tanto insistir, conseguiram se colar a ele, e, na ignorância delas, não perceberam que Solano, seguindo orientação vinda do alto, permitira essa aproximação para que a carruagem do destino de Dona Persília tomasse o rumo de direção que esta escolhera.

— Vamos, depois de amanhã estarei voltando a Paris para continuar os estudos científicos que lá deixei, será a última vez, se encontre comigo daqui a meia hora no meu quarto, sairei agora para casa e depois venha, estarei à sua espera.

Dito isso, saiu. Sua irmã aproximou-se dela:

— Minha querida, Juliana já vai cortar o bolo, venha.

— Não consigo, minha irmã, estou com tanta dor de cabeça que já nem me agüento em pé, acho que já vou. Você poderia fazer companhia à sua afilhada e lhe dizer os motivos da minha ausência?

— Claro, claro, vá.

Dito isso, se encaminhou para a saída. Já a caminho da casa, Dona Persília ia pensando no futuro, que se mostrava brilhante, e cheia de desejo chegou à residência, rumando para o quarto do sobrinho.

Foram rápidos os cumprimentos, e, ao corte do bolo, parecia que Dom Afonso já estava ficando impaciente com a presença dos convidados. Este chamou a atenção de todos e lhes pediu desculpas, alegando que muito teriam que preparar para a viagem de lua-de-mel, fazendo assim todos se retirarem.





Liliana Soares

Dona Otacília achou de um mau gosto sem tamanho a atitude do marido de sua afilhada. Onde já se viu expulsar todos da casa, praticamente colocar para fora ela, que era tia e madrinha de Juliana? Ora, pois, entrando em casa foi direto para o quarto do filho despejar sua indignação, e, de tão nervosa que estava, nem bateu na porta, simplesmente abriu.





CAPÍTULO VIII



Depois que todos saíram, Juliana, grata a Dom Afonso, se fez cair na poltrona, exausta pelo esforço de fazer o papel da noiva feliz.

— Escolha, meu amor, onde quer passar a lua-de-mel: Paris? Espanha? Se preferir, pode ser aqui mesmo no Brasil, no Rio de Janeiro, onde você quiser iremos.

— Para a fazenda.

— Como?

— Sim, para lá. Quero ver como as coisas estão e buscar Naná e Francisca, como você me prometeu.

Achando inusitado o pedido, assentiu com a cabeça. Seria até bom mesmo, afinal, nos próximos dias chegaria um bom carregamento de ópio e negros. Gostaria de estar aqui para negociar com os compradores.

— Está certo, então.

Pegando-lhe pela mão, carregou-a para o quarto. Nesse início de casamento, fazia questão de se mostrar um romântico. Não deixaria transparecer suas obsessões sexuais, pois não queria assustá-la; afinal, amava com paixão Juliana. Esta o seguiu sem protestar, passaria pela provação sem reclamar, já que nada sentia por ele ou homem algum. Fecharia os olhos e quando terminasse abriria, então ficaria livre para pensar em Naná.





Os empregados correram em polvorosa: a cena era grotesca, Dona Otacília a esbravejar e puxar os cabelos de Dona Persília, que, nua em pêlo, gritava e tentava se defender no meio da casa.

— Rameira! Desgraçada! Nas minhas costas, com o meu menino? Sua vagabunda! Saia da minha casa agora. Assim mesmo. Para que todos na rua vejam que nada é, e que nada tem.

Encaminhando-se para a porta de saída, abriu-a, e com uma força que nem mesmo seu filho conseguiu impedir, jogou-a na rua e fechou a porta.

A negra, condoída com a situação, correu-lhe, entregou-lhe um lençol e disse:

— Corre, Sinhá, senão ela te mata.

Dito isso, chamou um coche de aluguel, e colocou-a dentro. O cocheiro perguntou-lhe onde iria. Quase sem fala, disse:

— Casa de Dom Afonso.

E o coche pôs-se a andar.

Enquanto isso, na casa de Dona Otacília:

— Calma, minha mãe. Pelo amor de Deus, tenha calma.

— Calma? Você está louco, Ricardo? Pego você aqui, com aquela sujeita traiçoeira, embaixo do meu teto.

— Não esqueças o coração, tenha calma.

— Não. Ela me paga. Traiçoeira! Logo com meu filhinho...

Com um gesto de dor, pegou no peito, e desfalecida foi ao chão. Correndo para ajudar, Ricardo e o mordomo se aproximaram do seu peito, e este último percebeu que sua amável patroa tinha ido ao encontro do Senhor Jesus Cristo.

Um coche parou na frente da casa de Dom Afonso. O cocheiro desceu e bateu-lhe à porta. Olhando pela fresta da janela, Dona Persília não viu, com surpresa, o seu próprio





DOM AFONSO

genro atender a porta. Olhando para os lados, desceu do veículo, e correndo entrou na casa de seu genro.

Mas o que significava aquilo? Era a sua sogra que estava agora no *hall* de entrada de sua casa, enrolada apenas em um lençol? Pagando-lhe o coche, imediatamente chamou o mordomo, pedindo-lhe que providenciasse tudo o que a senhora precisaria, e, depois, disse-lhe que a esperaria no gabinete.

Fumando o seu charuto especial, contrabandeado de terras distantes, sentando atrás de sua escrivanhinha, esperava já impaciente a entrada de sua sogra, que ainda não descera. Com um sorriso nos lábios, lembrou-se de sua noite de amor com Juliana. Não se enganara com ela, como previa era pura, e nada sabia das artes do amor. Faria questão que esta assim continuasse, porque tinha convicção machista de que mulher pura era assim, e que as de fora serviriam para aplacar toda aberração sexual que apreciava. Tinha que conhecer a casa da negra famosa, já lhe haviam dito que o serviço ali, para quem tinha ouro, era espetacular. Com um sobressalto, já que estava perdido em pensamentos, percebeu que sua sogra, já apropriadamente vestida, entrara no seu gabinete. De cabeça baixa, sentou-se de frente para ele.

— Então, Dona Persília, quero saber a verdade, o que aconteceu?

Pensara seriamente em mentir-lhe, mas sabia que era só uma questão de tempo para que a novidade ali chegasse. Então, da forma mais pudica que lhe fora possível, narrou-lhe o acontecimento, pulando, claro, algumas partes que ela própria não tivera coragem de revelar-lhe. Neste momento, sonora gargalhada se fez ouvir. Indignada, Dona Persília olhou-o pela primeira vez desde que entrara no gabinete.

— Sabia que você não prestava.

E, enxugando lágrimas em seus olhos de tanto rir, disse:





— Mas, com seu sobrinho... hahaha... você conseguiu até me superar.

— Pare, Dom Afonso. Você ainda me deve respeito.

De supetão, este levantou-se e, aproximando-se dela, agora sem um traço de risada no rosto, disse-lhe:

— Nada lhe devo, e tem mais, Juliana é muito pura para ficar próxima de uma mulher de conduta tão desonrada como a sua, afinal, agora consegui mostrar a todos a vagabunda que é. Não a quero aqui, e nem em qualquer lugar em que ela esteja.

Atirando-lhe quase à cara um pequeno saco de ouro, disse-lhe:

— Suma daqui. E nem pense em se aproximar de minha mulher.

— Mas, Dom Afonso, não tenho para onde ir. Você prometeu que me daria uma boa mesada e uma casa após o casamento, onde está a sua palavra de homem?

— Minha palavra nada vale para as mulheres da vida, apenas para boas senhoras da sociedade, e você, pelo visto, hoje não é mais nada disso.

Em prantos, ela se jogou no chão aos seus pés e disse:

— Misericórdia, meu genro, por Juliana... ela não conseguirá sobreviver sem mim.

Com um brilho maléfico no olhar, afastando de si aquela jovem senhora, já enojado daquela cena, respondeu-lhe:

— Juliana não a suporta, e por escolha própria nada lhe dará, e não quer a senhora perto de si.

— Mentira, seu canalha!

— Não, minha pobre senhora. Nós fizemos uma troca. Ela só se casaria comigo se eu a afastasse da você.

Levantando-se com dificuldade, tentando se apegar ao resto de orgulho que tinha, sem uma palavra lhe virou as costas, e, pegando o saquinho com o ouro insuficiente, saiu porta afora. Chamou um coche de aluguel e disse-lhe:





DOM AFONSO

— Me leve à cidade de Bela Vista, para a fazenda Santo Antônio.

— Vai custar caro, dama, é uma viagem de um dia.

Entregando-lhe o saco com ouro, afirmou:

— Vamos.

— A senhora é quem manda.

Como fagulha de um incêndio a se espalhar, a história já duramente ilustrada da irmã que dormira com o sobrinho na cama de sua mãe, e esta, pegando os dois no flagra, não resistira e morrera, tomou conta da sociedade. Naná estava tomando o seu desjejum quando porta adentro entrou seu cliente e amigo corretor.

— Finalmente tenho todas as informações que tanto desejava, com direito até a novidades.

Já emocionada, Naná, agora senhorita Mercedes, convidou-o a sentar e esperou a narrativa, que prontamente foi dita por seu amigo, que contara até da promissória assinada por Dona Persília a Dom Afonso, já que o rapaz do cartório do registro lhe disse após alguns copos, depois de contar-lhe a sórdida história da morte de Dona Otacília. Sentiu uma alegria imensa com a tragédia inesperada, e com o raciocínio frio e inteligente disse:

— Vá até a casa de Dom Afonso, e compre a fazenda para mim. Claro que você receberá sua comissão.

Já sorrindo de volta, levantou-se e começou a beijar o pescoço.

— Não, hoje não estou trabalhando.

Sentindo que decepcionara seu amigo, que, como muitos, já se apaixonara por ela, devido às vibrações sexuais muito fortes que dela se desprendiam, chamou uma de suas meninas.

— Toma, querido amigo, lhe dou agora de presente a Rosa, e uma taça de pró-seco, tudo por conta da casa.





Já satisfeito de novo, subiu com a mocinha bonita e faceira que a senhorita Mercedes lhe arranjara.

Correndo para o seu quartinho na casa, que reservara para as suas trabalhadoras, ofereceu-lhes duas galinhas pretas e muita bebida.

— Parabéns, meninas, trabalho excelente. Se deliciem com seus presentes, vocês estão merecendo. Hoje à noite atenderei o homem que quiserem. Podem se deliciar com o corpo de quem escolherem.

E, muito satisfeita, saiu do quartinho e foi para o seu quarto se preparar para a noite, afinal, logo mais, seu corpo seria possuído por elas, que, viciadas em sexo, se deliciariam com algum homem ou mulher, o que lhes apetecesse. Seria até bom, porque não seria obrigada a suportar o ato sexual consciente. Desde aquele episódio na fazenda, via o sexo como uma coisa necessária, mas beirando o insuportável. Só agüentava essa vida por causa da sua vingança.

De volta ao quarto nupcial, Juliana não queria abrir os olhos. Sentiu-se tão desorientada, previra que fosse pior, mas Dom Afonso se mostrara um homem rápido. Não queria abrir os olhos, queria se afundar nas cobertas e travesseiros para nunca mais sair. Solano e Joana estavam também no quarto.

— Agora, minha irmã, está nas mãos de Deus o destino que eles traçaram com as próprias mãos.

— Sim, Solano, que Oxalá tenha piedade. Dona Persília já traçou seu caminho, Naná também; só falta Juliana. Vamos nos aproximar e tentar, meu irmão, que pelo menos essa faça boas escolhas.

Solano e Joana se aproximaram da cama, passando Solano a aplicar-lhe preciso passe. De suas mãos saíam luzes de tonalidade rosa em direção à sua cabeça, cansada das maldições da vida.

Juliana sentiu de novo aquele aroma agradável de rosas,





DOM AFONSO

e reconfortante calor invadiu-lhe a alma. Com a alma mais leve, pensou: sim, sairia da cama, enfeitar-se-ia, e sairia daquele quarto. Muita gente precisava dela, e não podia se dar ao luxo de entregar-se ao desânimo. Precisava dar um basta no passado e olhar o presente com novas perspectivas. Pedia forças para que contornasse todos os problemas domésticos, para fazer dessa casa um lar e não mais voltar a olhar para trás. Levantou-se da cama e se arrumou; precisava fazer-se bonita para o novo dono que o destino lhe impusera. Parecia uma escrava branca. Antes, o senhor era a sua mãe, agora, o seu marido. Só que desta vez seria diferente: não ficaria se lamentando. Fizera uma troca de dono, então tiraria proveito disso, tentaria agradar-lhe de todas as maneiras.

Solano e Joana entreolharam-se felizes e satisfeitos. Tinham conseguido elevar seu padrão vibracional acentuadamente.

— Não pare, Joana, vamos acompanhá-la, para que através deste instrumento, nós, e o Senhor Todo-Poderoso, possamos ajudar muita gente que queira ser ajudada.

— Bom dia, Juliana, vejo que acordou bem disposta.

— Sim, meu marido, a noite me foi muito agradável.

— Folgo e me felicito em saber disso, minha flor.

— Gostaria de falar-lhe.

— Diga, minha querida.

— Posso, Dom Afonso, pedir-lhe meu presente de casamento agora?

— Sim, lhe darei tudo que quiseres.

— Pretendia tomar algumas decisões em relação à fazenda.

— Sim, disse-me que lá queria ir.

— Não, mudei de idéia. Lá não vou. Você vai e me traz Naná e Francisca, minha Bá, para que elas vivam comigo.

— Claro, isso posso fazer.





— Quero também que alforries todos os escravos que lá vivem.

— Mas, Juliana, isso é uma extravagância! Eles custam uma pequena fortuna. Por que não vendê-los?

— Venderei a liberdade deles para você. Alforrie meus escravos, um por um, e faça o que quiser com as terras.

— Bom, assim podemos pensar a respeito, mas não se esqueça que, se alforriar os escravos, causará grandes contrariedades nos fazendeiros de café da região e de toda São Paulo. Não esqueça a minha intenção política.

Inspirada por Solano, disse Juliana:

— Então, meu querido, será que não vê que a escravidão não é mais aceita e que o país está sofrendo grandes pressões no exterior para acabar com ela? A rejeição se estende a quase metade dos jovens instruídos ou recém-formados, com uma nova visão social oriunda dos pensamentos aprendidos no exterior. Se levantasse a bandeira da abolição da escravidão, seria conhecido como um político arrojado e abolicionista, sendo admirado e seu nome ficando escrito na história, onde aliás é seu lugar.

Extremamente envaidecido e surpreendido com a inteligência de sua mulher, disse-lhe:

— Bem, não posso dizer-lhe como estou surpreso com esta sua opinião tão radical e liberal, mas me fez pensar, quem sabe você não tem razão?

— Sim, Dom Afonso, você tem recursos próprios, que se originam de sua advocacia e herança, não precisará agradar aos fazendeiros, afinal, eles não o patrocinam e não o fariam, porque desconfiam de tudo o que é novo, e não se esqueça de que é isso que você é, já que não tem histórico familiar político.

Danada esta rapariga. Ela tinha toda a razão, menos em uma coisa: a sua fortuna não era da advocacia, muito menos de herança, e sim do tráfico de sedas, drogas e principalmente





DOM AFONSO

de negros. Que verniz melhor para esconder seus negócios do que ficar conhecido como abolicionista? Sorrindo no íntimo, disse-lhe, sem saber que a mãe de Juliana fugira para a fazenda:

— Você está certa, minha flor, qual o problema em libertar uns negrinhos, não é mesmo? Venderei a fazenda, e este dinheiro nos bastará para arcar com os prejuízos deste desatino, vamos comemorar.

Com um gesto, chamou seu mordomo, pedindo-lhe que trouxesse champanhe.

Sentido um aperto no peito de apego pela fazenda que tanto amava, tratou de afastar tal pensamento da mente, afinal, sua venda seria por uma boa causa.

— É muito cedo, Dom Afonso, disse-lhe, pegando a taça.

— Vamos, Juliana, agora é minha, não me chame mais de Dom Afonso, só Afonso, está bem? — E sorrindo, disse-lhe: — É por uma boa causa, vamos brindar.

— Sim, é por uma boa causa.

— Esta tarde, irei até a fazenda acertar os detalhes do seu presente.

Juliana ficou feliz. Sabia que tinha tomado a melhor decisão.

Iansã, com lágrimas nos olhos de agradecimento, orou ao pai e disse:

— Querido Pai iluminado, muito obrigado por esta graça, conseguiremos ajudar muitas almas infelizes que lá se encontram sob os meus cuidados, sou muito grata a ti, meu pai Oxalá, pelo milagre da vida e por me mostrar que o trabalho na luz não é em vão. É, sim, um plantio que nos traz grandes colheitas. — Abraçando Solano, disse-lhe: — Já vou, irei auxiliar os meus irmãos a receber esta notícia e se preparar para aprender a difícil missão que é viver em liberdade.





— Vá com Deus, irmã.

— Deixarei aqui Padilha, minha ajudante, para que ela entre na casa de Naná e comece a negociar a salvação daquelas almas também.

— Mais uma vez obrigado.

Voltando à sala da casa de Dom Afonso:

— Senhor, na porta tem um rapaz em luto, querendo falar com o jovem casal.

— De quem se trata?

Disse chamar-se Ricardo.

Droga, agora essa, tinha esquecido da morte da outra velha.

— Faça-o entrar.

Ricardo entrou transtornado na sala, a procurar com os olhos Dona Persília.

— Meu primo, o que foi que houve? Sente-se. Afonso, traga uma taça para ele.

Agradecendo a bebida oferecida por Afonso, e chorando muito, disse-lhes:

— Uma desgraça! Minha mãe está morta.

— O quê?

E, de um só fôlego, contou tudo o que tinha acontecido. Finalizando, perguntou onde estava a mãe de Juliana, que fora arrancada de casa, vestida apenas com um lençol.

— Não a vi desde a comemoração ontem. E você, Afonso?

— Também minha flor, só a vi ontem.

Onde já se viu, dizer aquelas atrocidades para a sua mulher? Ela não tinha ouvido para aquela sordidez.

— Já vi que está muito abalado, deixe que cuide de tudo, e fique a descansar um pouco. Juliana, chame um médico, acho que o rapaz está precisando.

O velório foi muito triste, e lá só estavam os da família, visto que a verdade se espalhara rápido com um riscado de





DOM AFONSO

pólvora, e, como já sabido por eles, nenhuma família de bem lá poderia estar. Foi tudo muito rápido, e, na despedida do cemitério, Ricardo disse a Juliana:

— Vou viajar de volta para a França, lá deixei estudos científicos incompletos e vou ver se desta forma esqueço o que aqui aconteceu, mas, antes, gostaria de apresentar-lhe Dona Elizete, senhora extremamente culta, rica, mas simples, em casa da qual uma vez por semana se estuda aquela doutrina que lhe falei, que tem o nome de espiritismo. Eles estudam o que existe além da vida terrena, estou voltando à França para concluir esses estudos.

— Tenho muito interesse em conhecer mais um pouco desse espiritismo. Desde aquela conversa que tivemos, sinto-me mais leve, menos revoltada.

Dom Afonso, de longe, se remoía de ciúmes em ver sua amada com aquele rapaz. Fizera questão de ajudar com as providências cabíveis no enterro da tia de Juliana, para que esse fedelho logo viajasse e parasse com essa intimidade com a sua mulher. Aproximando-se deles, disse-lhes:

— Vamos, minha esposa, já está na hora de partirmos. Ricardo, nós o deixaremos em sua casa para que se prepare para a viagem.

— Meu bom primo Dom Afonso, agradeço muitíssimo que neste momento tão difícil esteja ao meu lado, mas tenho ainda um pedido a fazer.

Dom Afonso, impaciente, pensou: “E essa agora, será que eles não cansam?” Falou:

— Sim, primo, às suas ordens.

— Procure Dona Persília, minha tia, e a ajude, deixarei com meu procurador ordem para que, quando a encontrar, este a ajude com o que se fizer necessário.

— Podes deixar, vá tranqüilo, aqui resolveremos tudo, não é mesmo Afonso?





— Claro, minha flor.

— Então, assim ficarei tranqüilo. Mandarei para você, Juliana, em sua nova casa, as suas coisas e de sua mãe, que comigo se encontram.

— Obrigada.

Afastaram-se, sem ver que ao longe estava uma linda mulher vestida de preto, com um véu a esconder-lhe o rosto, observando-os a certa distância com o olhar emocionado, acompanhava toda a cena. Lágrimas escorriam pelo seu rosto, sem que ela conseguisse contê-las. Enxugando-as com a própria luva, Naná revia o seu único e verdadeiro amor. Ela estava tão próxima, bastava apenas se aproximar, apenas isso. Só que o ódio em seu coração, agora também já inspirado pelas suas próprias ajudantes, que queriam cada vez mais presentes, também incentivavam a continuação da vindita.

Tadeu, observando o que elas estavam fazendo, se aproximou e falou:

— Isso, meninas. Assim é que se faz. Incentivem-na a fazer com que a minha própria vingança contra aquela desgraçada saia das mãos dessa aí. Essa miserável, quando fez o que fez comigo, era homem.

— Eu preferia minha senhora quando era meu senhor, nos divertíamos mais — disse uma das escravas. Logo a outra replicou:

— Para mim tanto faz, eu gosto é de sexo e sangue, e ela de saia ou de calça me dá isso.

— Bom, vejo que vocês são muito espertas mesmo. Vamos, juntem-se a mim para tomarmos um trago por aí, e depois retornaremos à nossa vingança. Tenho certeza de que quanto mais ódio esta daí tiver, mais presentes dará a vocês.

Tadeu pensou e, sem que suas novas companheiras percebessem agora, conseguiu uma brecha, já que aquela aparição de espada na mão não mais deixara ele se aproximar





DOM AFONSO

de Juliana. Assim, juntara-se à preta para continuar aprontando.

Padilha, neste momento, aproximando-se do grupo, disse:

— Boa tarde. Parece que esta turma está animada!

— Quem é você? — falou uma das escravas.

— Ora, eu sou Padilha, rainha das sete encruzas, estou a fim de me juntar a esta festa, pode ser?

— Não sei não, sirigaita, caia fora.

— Calma, menina, não vê que ela tem uma cachaça na mão?

— É, fique calma! Trouxe aqui para dividir com vocês.

— Por mim, tudo bem. Venha, se aconchegue aqui com a gente — disse Tadeu.

Todos satisfeitos da vida, rindo, saíram tarde adentro para sua festa.

Solano, junto com Joana, observando sem serem vistos por aquele grupo tão infeliz, parabenizou-a.

— Minha irmã, você tem razão. Carolina é uma ótima ajudante, já conseguiu se infiltrar, vamos orar para que ela consiga aproximar esses infelizes do amor de nosso Pai.

— Sim, agora que ela conseguiu entrar no grupo, Padilha, ou Carolina, começará a abalar a estrutura enraizada e descrente dessas pobres e lhes mostrará que, negociando com Deus, em vez de ir contra ele, encontrarão a verdadeira felicidade.

— E aí poderemos levá-las ao centro de tratamento. Mas quem me preocupa verdadeiramente é Tadeu. Este teremos mais trabalho para resgatar.

— Mas conseguiremos, irmão. Com a força de meu pai Oxalá, conseguiremos.

Sorrindo de volta, Solano foi acompanhar a comitiva de Dom Afonso, que já saía do cemitério, enquanto Joana se mantinha firme ao lado de Naná.





Já se sentindo mais recuperada, Naná, ou senhorita Mercedes, resolveu tomar decisões. Voltando à sua carruagem, foi para casa, e lá chegando encaminhou missiva para Dom Afonso, dizendo que precisava lhe ver, pedindo que este fosse à sua casa com urgência falar sobre negócios. Resolvera se antecipar ao seu amigo corretor, devido à urgência que sentia. Falaria logo então com esse tal de Dom Afonso.

Este tinha acabado de chegar em casa, e fora ao escritório tomar um gole de conhaque. Blasfemando, maldisse essa família infeliz que havia adiado a sua viagem à fazenda, fazendo assim com que seus negócios ficassem atrasados. Não tinha a intenção de libertar os escravos de lá sem uma ajuda financeira compensatória, afinal, sabia quanto custava cada cabeça daquelas. Estava procurando uma solução para que Juliana não descobrisse que libertaria sim os negros, mas com um ágio em cima disso, lógico.

Batendo de leve na porta, o mordomo entrou no gabinete, e, entregando o bilhete ao seu senhor, se retirou logo depois. Surpreso, Dom Afonso não sabia de quem se tratava, mas a palavra negócio logo lhe chamou a atenção, e com mais cuidado examinou o endereço, soltando uma exclamação de surpresa quando viu que era da casa de prostituição a que tanto queria ir; a nova casa, muito famosa, da tal negra. Que tipo de negócio seria este? Provavelmente meninas negras e novas para começar a trabalhar em seus negócios. Aproveitaria e lhe ofereceria ópio também, que na semana próxima chegaria.

Colocando seu chapéu, mandou o mordomo avisar sua esposa que tivera negócios urgentes a resolver, e, assim, dirigiu-se a tão famoso endereço.





CAPÍTULO IX



Ficara surpreso com o tamanho e a fineza da fachada da casa, apeando do seu cavalo. Logo um rapazinho bem vestido foi atender-lhe e levar seu cavalo para o local apropriado.

Satisfeito, Dom Afonso achou tudo diferente: parecia que estava em frente de uma casa de qualquer família fina de São Paulo. Sentiu um arrepio prazeroso em seu corpo, sem perceber que atraía para si as trabalhadoras de Naná, que lhe acariciavam o corpo e se esfregavam a ele de forma indecorosa. Bateu na porta, no que foi prontamente atendido por uma linda mocinha, que, já preparada para recebê-lo, o encaminhou ao escritório da dona da casa.

Dom Afonso não perdia nenhum detalhe daquela linda mansão. Como será que aquela cafetina tivera dinheiro para tudo aquilo? Com olhos brilhantes de cobiça, antecedendo bons negócios, foi introduzido naquele ambiente que era o escritório da senhorita Mercedes. Dom Afonso ficou deveras impactado. Que negra deslumbrante, nunca tinha visto igual, sentiu um desejo que era quase uma febre, e, encantado, fez-lhe charmosa reverência.

— Dom Afonso, seu criado.

Senhorita Mercedes, dedicando-lhe seu melhor sorriso, falou:

— Sei que agora é proprietário de uma terra que muito me interessa, logo aqui, no interior de São Paulo.





Desconfiado, ele olhou-a com mais atenção. Continuando, Naná disse-lhe:

— Tenho desejo de comprar-lhe esta terra.

— Como sabes se tenho interesse de vender esta fazenda de minha mulher?

Percebendo que ele era muito mais esperto do que supunha, aproximou-se dele, saindo detrás da escrivaninha, revelando-lhe sua silhueta perfeita.

— Por que? Não quer fazer negócio?

— Depende de que tipo de negócio quer fazer.

— Dê o seu preço. Quero tudo, fazenda, negros, empregados de lá, tudo.

As empregadas de Naná já começavam a beijar-lhe o pescoço, enquanto outra lhe acariciava de forma íntima. Começando a ficar inebrado com elas e também com o desejo intenso que estava sentindo por aquela negra, falou-lhe um valor que era maior do que valia a fazenda.

Surpreendendo-se com o valor, a senhorita Mercedes rapidamente fez os cálculos de cabeça e percebeu que poderia arcar com aquele custo, vendendo todas as jóias que ganhava sem parar de seus clientes.

— Fechado — falou ela.

— Só tem um pormenor.

— Diga — já ficando irritada com tanta dificuldade.

— É um capricho de minha esposa, que quer duas negras e a liberdade dos escravos.

— Como? Ela quer libertar todos?

— Sim, e levar duas com ela. Uma se chama Francisca, sua ama-de-leite, e uma tal de Naná.

Esta ficou tão emocionada que quase não conseguiu disfarçar, o que não passou despercebido a Dom Afonso, raposa velha.

— E outra coisa. Eu quero que todos os documentos de alforria estejam em meu nome.





DOM AFONSO

Ainda pasma, Naná parecia que tinha visto uma assombração, dizendo que sim com a cabeça.

— Então, negócio fechado.

— Só uma coisa, disse a negra, voltando a si. Tem um homem na fazenda, de nome Jacinto, que faço questão que seja meu empregado.

Estendendo a mão para aquela figura deslumbrante, Dom Afonso falou-lhe:

— Negócio fechado. Amanhã falaremos com meu procurador para acertar o pagamento e a documentação.

— Como achar melhor.

Sorrindo intimamente, Dom Afonso teve a confirmação que algo a mais havia naquela história. Como aquela preta mentirosa sabia o nome do empregado da fazenda? Isso não ficaria no escuro. Investigaria e descobriria tudo.

— Venha — disse senhorita Mercedes —, vamos comemorar no meu quarto.

Então subiram pelas escadas até a suíte da dona da casa, onde Dom Afonso se entregou ao melhor sexo que já fizera, deleitando-se com todo tipo de extravagância.

— Agora que a descobri, você será minha também.

Rindo, senhorita Mercedes falou:

— Sim, meu querido, eu sou de quem pagar mais.

Satisfeito por ter achado a mulher que saciaria seus instintos selvagens, ao invés de macular sua pura e imaculada Juliana, vestiu-se e disse:

— Então, amanhã, você já será a proprietária da fazenda. Colocando o chapéu, saiu do quarto.







CAPÍTULO X



Dona Persília estava sentada em sua cadeira de balanço, a bordar uma peça de roupa já velha. Para quê? Estava aparentando ainda ser uma peça atual... Devia estar ficando louca preocupada com isso, afinal, para onde iria? Estava desgraçada, maldita hora em que se deixara cair em tentação. Jogou tudo fora, se maldizia, e ainda por cima tinha que aturar a ingrati-dão, tudo o que fizera fora por Juliana, e onde estava ela agora? Ingrata, a culpada de toda a desgraça da vida dela era daquela imunda. Sentiu muito ódio no peito, sabia que sua filha havia feito a cabeça daquele seu genro insuportável. Fora tratada por ele como um cachorro, só que esse insulto não poderia durar mais, afinal, tinham fechado um negócio, este lhe prometera polpuda mesada. Se não podia mais circular pela sociedade, era um problema dela, nada tinha a ver com o acordo que fizera anteriormente. Já não havia praticamente nada na despensa da fazenda. Estava falida, e o dinheiro do pouco café que tinha conseguido vender mal daria para sustentar-se por alguns meses. E então esses malditos negros comilões teriam que continuar a se virar comendo o que tinha na fazenda.

— Sinhá, o sol já se pôs, vai cansar a vista com esse bordado, venha tomar café, acabei de passar.

Dando um tempo para seus pensamentos desequilibrados, seguiu a preta Francisca para a cozinha, mal sabendo o que estava por vir.





Iansã já estava em trabalho na fazenda, junto com os bons anjos abnegados do senhor que lá se encontravam. Os negros ali estavam passando por um sofrimento sem fim. As terras estavam bichadas, e as porteiras da fazenda passaram mais de um ano fechadas. Faltava tudo; comida, roupas e alegrias.

Desde aquela noite infeliz, parecia que o manto negro encobriera aquelas terras, e o feitor Jacinto ficara duas vezes pior agora que tinha o rosto e o corpo coberto por cicatrizes de queimaduras, descontando nos escravos toda sua frustração pelo rosto asqueroso que adquiriu e por terem ajudado na fuga daquela preta. Não foram poucas as vezes em que Iansã fora chamada por aqueles infelizes, e, junto com o bom Deus, lhes aliviara a dor. E lá ia ela abnegada e incansável proteger, e, na maneira dos negros, acalantar aqueles infelizes que sofriam pelo aprendizado que a vida lhes infligia devido às suas dívidas passadas, pois, sim, até esses infelizes escolhiam antes de encarnar as vestes negras e escravas, que passaram a envergar para que a negritude da pele limpasse o negro de suas almas, e eles na pele descobrissem que não há diferenças por cor, raça ou nascimento.

Todos que lá se encontravam, neste carma coletivo, foram verdugos, em outras vidas, das diferenças que lá se encontravam; romanos, egípcios, atenienses, judeus etc., que em outro momento de vida infligiram a outrem a dor, com a desculpa das diferenças tão aceitas pelo homem, e tão combatidas por Deus. “O coração de todos tem a mesma cor e as mesmas células; só as almas são diferentes”, dizia Iansã para os anjos que lá estavam com ela, prontos para iniciar a tarefa que logo viria.

— Meu bom Deus não admite a discriminação, nem com as almas mais maledicentes e grosseiras, porque ele rege o princípio do amor universal, que é o amor desprendido com





DOM AFONSO

o próximo, sem cobranças, discriminações ou trocas, e é com esse espírito do amor universal que quero, meus irmãos, que estejam imbuídos nesta tarefa redentora.

Todos, sem exceção, concordaram, e puseram-se a discutir sobre tema tão interessante.







CAPÍTULO XI



Voltando à cidade de São Paulo, vemos Dom Afonso entrando em casa e chamando Juliana.

— Ela não se encontra, senhor. Mandou avisar-lhe que levaria seu primo ao Porto, onde este embarcará para sua viagem.

Sentindo um ódio que lhe penetrava os ossos, disse-lhe:

— Mande selar meu cavalo.

Ela agora passara dos limites. Era sua mulher e não podia ficar de desfrute pela rua. Iria aprender isso por bem ou por mal.

Juliana já se despedia de Ricardo na plataforma de embarque do cais. Emocionada, sentia-se triste e sozinha, agora que o seu único amigo estava voltando para a Europa.

— Minha querida, não fique assim, nos correspondemos sempre, quero saber tudo o que acontecer aqui.

— E eu tudo o que aprenderás com esse seu amigo que atende pelo nome de Allan Kardec.

— Bom falar nisso. Tome esse papel, aqui se encontra o nome e o endereço daquela senhora Elizete de quem lhe falei, que faz reuniões em sua casa para estudar o espiritismo.

Pegando o papel e guardando na bolsa, Juliana voltou a abraçá-lo para se despedir. Ricardo beijou-lhe e subiu a rampa de acesso ao navio. Neste momento Juliana sentiu em seu





braço uma mão de aço que lhe apertava. Virando-se no susto, deparou com seu marido com um olhar tão diferente do que vira nos últimos dias que a fez lembrar daquela cena na casa de sua tia. Sem dar uma palavra, conduziu-a de volta para casa, e, lá chegando, a empurrou em direção ao quarto, detendo-se apenas para avisar ao mordomo que não queria ser incomodado. Atirada ao chão do quarto, Juliana viu Afonso fechar a porta e tirar o cinto que estava em sua cintura.

— O que é isso Afonso, está louco?

— Você agora vai aprender a se comportar como mulher honesta!

Dizendo isso, passou a surrar-lhe com o cinto furiosamente, sem se importar com seus gritos e pedidos de misericórdia. Só parou quando sentiu o seu braço doer de tanto esforço, e olhando para ela, que ao chão sangrava, falou:

— Da próxima vez será pior. A partir de agora, não sairá mais desta casa, a não ser comigo, está ouvindo, ordinária?

— Sim... — falou com um fio de voz.

Dom Afonso, ainda nervoso, se aproximou, pegando-lhe o rosto:

— O que disse, Juliana? Fale alto!

— Sim, meu marido.

Dando-lhe um beijo na boca, satisfeito, soltou-a e saiu, trancando a porta do quarto. Ao deparar no corredor com o mordomo e a cozinheira assustados, recompondo-se disse-lhes:

— A senhora de vocês está indisposta e não receberá ninguém, e vocês não a incomodem que ela irá descansar.

Pegando seu chapéu, saiu da casa em direção à alcova da preta, sentindo uma excitação enorme pela violência que empregara. Precisava descontar essa energia em algum lugar, e, lembrando daquela beldade de ébano, com um sorriso nos lábios, para lá se dirigiu.





DOM AFONSO

No meio da noite, já saciado nos braços da madame Mercedes, calmo, se arrependeu do tratamento dado à esposa, se bem que ela merecera o castigo. Contudo, precisava fazer algo para que ela não ficasse ressentida consigo.

— Mercedes, estou indo amanhã buscar as escravas de Juliana, e também avisar minha sogra de que a fazenda não lhe pertence mais. Já pensou o que vai fazer com suas novas terras?

— Não! Gostaria, Dom Afonso, de dar a notícia pessoalmente a sua sogra.

— Quer ir comigo, então?

— Sim, teria muito prazer. Tenho certeza de que essa viagem seria maravilhosa para nós dois.

— Vou para casa então me aprontar, daqui a duas horas passarei aqui para buscá-la.

— Sim, meu querido, daqui a duas horas estarei pronta, a lhe esperar.







CAPÍTULO XII



Dona Persília acordara aquela manhã mal-humorada. Não aceitava a situação deprimente em que estava, para ela era muito penoso acordar e se deparar com a realidade. Maldita vida, maldita!

Os negros correram esbaforidos para a entrada da casa, para ver aquele veículo tão elegante que pela alameda vinha se aproximando da casa-grande. Quem seria? Curiosos, reuniram-se diante da sede para saber de quem se tratava. Francisca correu até o quarto da sinhá, e de leve bateu-lhe à porta:

- Sinhá Persília?
- Diga logo, negra abusada.
- Sinhá, se levanta.
- Me deixa em paz, Francisca.
- Sinhá, sinhá!
- Vá embora. Me esqueça, negra ruim.
- Sinhá, está chegando gente na fazenda.
- Como?!

Dona Persília pulou da cama, já sorrindo. “Graças a Deus, é Juliana, só pode ser, veio me buscar, vai tirar-me aqui deste inferno.” Sabia que Dom Afonso era homem de palavra, pensava, enquanto procurava seu melhor vestido matinal, e se aprontou correndo, afinal, tinha que estar preparada para ir embora.

A carruagem já parava em frente à entrada da casa-grande, e dela apeou Dom Afonso, garboso, elegante, já a olhar





para todos os lados e para os negros, considerando o que valiam. Dona Persília, já de pé na entrada da casa-grande, de braços abertos, disse:

— Querido genro, é uma honra voltar a vê-lo. Vamos, entre, tome uma xícara de café comigo, deve estar exausto.

Olhando para Francisca com sorriso fingido, amável, falou:

— Francisca, querida, prepare para Dom Afonso aquele café que só você sabe fazer.

Voltando a olhar para o genro, percebeu que mais alguém descia pela carruagem. Era uma mulher extremamente elegante, mas não conseguia ver-lhe o rosto.

— Esta, minha querida sogra — disse Dom Afonso, pegando pela mão aquela jovem mulher —, é a nova proprietária da fazenda Santo Antônio.

Estarrecida, Dona Persília deparou com o rosto que sempre via nos seus pesadelos. Era ela? Não podia ser. Naná?

— Como? Desculpe, não ouvi bem, o que disse?

Naná se adiantou e, fitando-a de forma altiva, disse-lhe:

— Eu, Persília, sou a nova proprietária da fazenda Santo Antônio, e de tudo o que aqui estiver.

Com uma palidez cadavérica, Dona Persília abriu a boca sem conseguir articular qualquer som, e desmaiou inopinadamente, caindo no saguão de entrada da casa-grande.

A frase caiu como uma bomba na fazenda. Os negros estavam estarecidos! Aquela era a negrinha Naná? Como estava diferente, arrumada, elegante, lindíssima, e como poderia ser... dona da fazenda?

Alguns, já refeitos do susto, carregavam Dona Persília para dentro da casa, enquanto Naná dizia:

— Então não me reconhecem, meus queridos irmãos?

E assim fez-se festa na entrada da fazenda. Todos falavam ao mesmo tempo, alguns a abraçavam, outros a parabe-





DOM AFONSO

nizavam. Naná, da sacada da varanda que circulava a casa, levantou os braços pedindo silêncio.

— Irmãos e irmãs de sangue que tanto me ajudaram, em nenhum momento da minha vida esqueci vocês, porque a liberdade que hoje tenho usufruído devo a vocês. Então, nada mais justo que retribuir essa ajuda. Por isso, a pedido de Juliana e por vontade própria, proclamo que nesta fazenda não existem mais escravos, existem apenas homens e mulheres livres.

Salva de palmas se fez ouvir. Gritos de aleluia, choros de felicidade inundaram as terras da frente da casa-grande.

— Hoje vocês irão comemorar. Matem alguns bois e peguem toda a cachaça que tiver na vila. Cantem, dançam e agradeçam ao pai Oxalá.

Com um aceno, virou-se e entrou na casa, onde no mesmo instante abraçou Francisca. Emocionada, sorrindo e chorando simultaneamente, disse-lhe:

— Chica, providencie a mesma quantidade de bebidas e dois bois, que hoje à noite ofertarei.

— O quê, menina? Que cê anda fazendo, Naná?

Sem graça, Naná desconversou, mas sem conseguir se esquivar do olhar fixo, firme e triste da preta-velha.

— Foi isso mesmo que você fez com o que lhe dei?

Gesticulando a cabeça, em sinal de desaprovação, Francisca retirou-se da sua presença, silenciosamente.

O arrependimento de Naná durou muito pouco, pois logo estava a percorrer a casa, enquanto as lembranças enchiam sua alma. Podia ver Juliana ali, o seu sorriso, e então lembrou daquela noite pavorosa, e as feições do seu rosto se crisparam. Como se naquele momento lembrasse de algo, disse alto:

— Bento.

Este se encontrava próximo, ajudando a descarregar a carruagem. Largou tudo e se dirigiu até ela.





- Cadê Jacinto, Bento?
— Aquele desgraçado está na lida, Naná.
— Vá e junte todos os negros fortes que tem.

Os olhos de Bento brilharam.

— Vá e desconte cada chaga que vistes nos corpos das mo-
cinhas sofridas pelas mãos dele e toda surra que ele, há gerações,
inflige ao nosso povo, e no tronco, em frente a todos. Quando
ele já tiver sofrido o que você achar que deve, me chame.

— Eu passei todos os dias da minha vida, Naná, espe-
rando essa hora chegar. Farei o que me pede de bom grado,
mas tem certeza?

— Toda a certeza do mundo.

Abaixando a cabeça em sinal de respeito àquela deci-
são, Bento saiu para executar o prometido.

Forte risada Naná ouviu:

— Minha nossa, olha... olha... a querida amiga de Ju-
liana tão perto de mim, e eu sem saber de quem se tratava,
quem diria, hein? Naná... — disse, com sorriso de deboche,
Dom Afonso. — Você é das minhas, gostei das ordens que
deu, será bom para matar o tédio que já estou sentindo aqui
nessas paragens. Essa eu quero ver com meus próprios olhos.

— Não acabei por aqui ainda, falta Dona Persília. Vou
tirar o que lhe resta, tudo o que para ela é importante.

E, assim dizendo, encaminhou-se para o quarto dela.
Abrindo de supetão a porta, dando um susto em Francisca e
na outra negra que acomodava a Sinhá, que já acordada esta-
va sendo posta na cama, afirmou:

— Não, Chica, minha amiga, esse quarto é meu. Você,
sua insignificante — dirigindo-se à Dona Persília —, dormirá
na senzala, se quiser. Essa propriedade agora é minha, aqui
você não é bem-vinda, saia.

Atingindo as raias do desequilíbrio, Dona Persília, aos
berros, bradou:





DOM AFONSO

— Insolente! Rapariga mentirosa, bruxa, feiticeira, isso é mentira, vou chamar a milícia, preta desgraçada, vão escorraçar você daqui.

Ao ouvir aquilo, Naná, fria como o aço, tirou as promissórias por ela assinadas e dadas a Dom Afonso, quando este a obrigou a assinar na ocasião em que lhe pagou as dívidas e acertou o casamento com Juliana. Lendo em voz alta o documento, Naná observou, com muito prazer, todo efeito que aquelas palavras causavam em Dona Persília, que parecia a ponto de sofrer um ataque apoplético.

Após a leitura, atirou-lhe o documento ao rosto. Dona Persília pegou-o e leu ansiosa, já sentindo as facadas da traição que lhe eram cravadas no peito. Ao cair em si, levantou-se com toda altivez de que era capaz, e foi saindo do quarto, não sem antes ouvir a negra falar:

— Já que agora está na miséria, se quiser trabalhar para mim terá lugar, precisamos de uma velha ordinária para cobrar barato aos cocheiros que acompanham os meus clientes.

Como se nada tivesse ouvido, como uma cega se dirigiu para fora do quarto, em direção à saída da casa-grande. Sentia-se num pesadelo do qual precisava acordar. Vendo seu genro, que confortavelmente tomava um conhaque sentado no sofá da sala, muito custo conseguiu falar:

— Você me paga, seu tratante, minha vingança está dentro da sua casa, e logo, logo, minha filhinha irá mostrar as garras para você.

E, com toda a força que nem sabia ser capaz de ter, se retirou da casa, tomando a direção da senzala.

Naná sentiu uma satisfação tão intensa no peito que precisou se sentar, de tanto que tremia. Ao seu lado, Iansã se aproximou, e colocando a destra em seu ombro sussurrou-lhe:





— Filha querida, volte, venha para o caminho do bem que tinha esperança, e que tanto lhe expliquei que existe. Não repita o erro de seus algozes, aproveite essa oportunidade, se agarre à boa ação que aqui praticou. Na casa de Deus tem lugar e esperança para todos que se arrependem e querem consolo em Seus braços. Sei que está cansada. Veja, olhe à sua volta, essa emoção que sente agora pela vitória com intenção de vingança é passageira, não é forte o suficiente para aplacar a solidão do seu coração. Olhe as paredes, a cama que tem, pegue nessas coisas e sinta o frio que delas vem. Cadê o calor que esperava sentir? Cadê a recompensa esperada da vingança? Olhe para você: está sozinha, cansada e com a energia enegrecida de tanto que é sugada por suas próprias escravas. Seu corpo se ressentiu de todos os abusos que você oferece a ele. Vá para fora e sintas a alegria que deu aos seus irmãos, participe da festa com eles e sinta a diferença entre a vitória com Deus e a vitória fria e solitária da vingança.

Dos olhos de Naná escorriam lágrimas. Parecia que podia sentir aquela mão em seu ombro, e aquelas palavras tão claras ressoavam em seus ouvidos. Lembrou-se de Juliana, do padre Simões, que lhe devotou amor paternal, de Francisca, que tanto conhecimento havia compartilhado consigo, acreditando na bondade de seu coração, e de repente se sentiu cansada. Levantou-se e foi até a escrivaninha. Escreveu uma carta para o padre Simões, e, antes de fechá-la, beijou-a com carinho.

No mesmo quarto se encontravam Tadeu e as escravas de Naná, e entre elas Padilha, que lá se infiltrou.

— Desgraçada! Sai daí, assombração, não vai mais atrapalhar meus planos. Essa aí não vai ficar boazinha não, vai se ferrar como fez comigo, vou tirar-lhe tudo, como fez comigo e agora está fazendo novamente com meu amor. Você vai ver, negra abusada, o que vai lhe acontecer por tirar dessa terra minha mulher.





DOM AFONSO

As escravas olharam surpresas para ele.

— Ih... O que é, Tadeu? Tá doido? Não se vire contra nossa patroa, não... se afaste, que quem deu essa fazenda para ela fomos nós. Não se meta com a gente, seu farrapento! Ela nos pagou. Fizemos nossa parte. Não chegue perto dela, senão a caldeira cai em cima de você.

Percebeu que a situação ficara delicada, e precisava contornar o mais rápido possível essa briga, afinal, não podia se dar ao luxo de ficar contra elas, pois estava em desvantagem. Padilha percebeu a oportunidade e disse:

— Vocês estão vendo, meninas? Ele quer que vocês se virem contra a patroa, porque ele não tem quem lhe dê comida e bebida, está com inveja de vocês.

Sabia que aquela era uma boa oportunidade para acabar com aquela amizade perigosa.

— Cale-se, imbecil. Você acha que eu sou ralé? Não quero comida ou bebida, eu quero é vingança, se vocês deixarem essa aí bem, ela vai esquecer de vocês.

— Não é verdade, olhe o que ela fez para os negros desta fazenda... Ela é fiel e amiga, e aquela moça que está perto dela é rica, ela sim pode dar todo o alimento para a alma de vocês.

— Como assim, Padilha? Você por acaso é traidora?

— Não, eu sou esperta. Se sua patroa tiver mais, mais irá dar, e vocês, junto com aquela moça bonita com cabelos negros longos, podem beber e comer sem precisar trabalhar para conseguir. Lá na luz, todos têm direito a adquirir conhecimento, habitação e comida. Lá é quente.

Sorrindo, já sem muita convicção, as escravas falaram:

— Padilha, você bebeu demais, vamos embora, depois falamos sobre isso, já pegaram o tal de Jacinto, vamos nos deliciar com seu sangue. Naná deu ele para nós.

Olhando com raiva para aquela tal de Padilha, Tadeu, fingindo, disse:





— Vamos meninas, onde forem eu vou.

Joana ou Iansã, que observava a cena, orou ao Pai agradecendo a interferência de Padilha, que aos pouquinhos conseguia doutrinar aquelas moças. Solano, neste momento, aproximando-se falou:

— Vamos, porque o desencarne de Jacinto está próximo, e precisamos de toda força possível para reverter e tentar impor o bem, em vez da continuação dessa infame vingança.

Francisca estava na cozinha preparando o jantar para o marido de Juliana e Naná. Não sabia se estava feliz ou triste. Gostava de ainda estar viva para ver a liberdade de seus irmãos, se não podia ser de todos, ao menos de seus próximos. Sim, estava feliz, mas preocupada. Naná não tinha idéia de como o pai Oxalá ficava triste e como Iansã ficava brava quando um filho seu usava as forças da natureza de forma errada. Sua mãe dizia-lhe que não havia perdão para aqueles que tinham conhecimento do que era certo e errado e usavam os conhecimentos para o lado errado na magia. A vida traria o mal infligido em dobro para este. Nesse momento, Naná entrou na cozinha e a abraçou.

— Minha querida Chica, como fico feliz em revê-la. Gostou do presente que Juliana lhes deu? Antes de comprar a fazenda, este era o meu desejo também.

— Sim, Naná, também fico feliz com esse presente com o qual ainda não sei o que fazer... A liberdade tão sonhada, me sinto perdida, afinal, o que farei com ela? Sou velha, e a única coisa que sei fazer é cuidar dos outros. Por isso lhe digo, filha — Solano, também presente na cena, inspirou-lhe a dizer: —, a liberdade e o conhecimento são sempre ambíguos. O discernimento de quem os empregar é a chave da consequência que trarão. A liberdade bem empregada salva, traz dignidade e felicidade, mas quem não está preparado para ela cai em sua armadilha de sedução e transforma sua vida em um





DOM AFONSO

mar de tristeza, com conseqüências terríveis. O conhecimento, menina, é a mesma coisa, quando bem empregado salva, protege e ajuda, quando não, se transforma em um presente terrível, que fere, mata e traz tristeza. Então, Naná, que anda fazendo com o presente que lhe dei?

Chocada, Naná ficou sem saber o que responder.

— Quando adquirimos conhecimento — continuou Solano pela boca de Francisca —, nos sentimos poderosos e achamos que podemos tomar o lugar de Deus, sem saber que podemos virar o seu verdadeiro oposto, passando a ser carrascos, juízes implacáveis, frios e fazedores de normas e castigos. Por isso nosso pai Oxalá nos dá o conhecimento para que, conforme nossas escolhas, possamos decidir se queremos virar seus filhos saudáveis e disseminadores do bem ou nos transformar em seus filhos pródigos, para que Ele tenha que aplicar a lição da dor, e possamos, a duras penas, aprender a lição do amor, e assim escolher novos caminhos. Sabe, Naná, os ensinamentos de Deus são como os da mãe, que às vezes tem que colocar o filho de castigo para que este não se ponha em perigo, nem ao próximo. O castigo de Deus tem o intuito de ensinar seus filhos a trilhar com suas próprias pernas o caminho do amor incondicional. Preste atenção, porque você recebeu as dádivas perigosas em dobro; a liberdade e o conhecimento.

Tocadíssima, a pretinha caiu em prantos.

— O que farei, minha preta? Agora já não mais posso voltar. Usei, sim, todos os conhecimentos que tu me destes para me vingar, e vingar vocês. Roubei as trabalhadoras de minha mãe Iansã para serem minhas escravas e trabalhar para esse meu desejo...

— Sim, errou, mas para Deus sempre há o caminho de volta. Repense as suas atitudes, a começar por essas infelizes que tanto lhe deram.





— Francisca, hoje terminarei a minha vingança, e começarei a rever minhas posturas.

— Isso, Naná, fico feliz com essa decisão, podes contar comigo. As velhas pernas de Francisca ainda hão de agüentar muito caminhar.

Só neste momento Naná percebeu que Francisca estava incorporada.

— Irmão, como se chama? Você que tão nobre lição me deu.

— Me chamo Solano, seu eterno amigo e irmão, e sua mãe Iansã manda dizer-lhe que acolha e cuide do presente que Deus lhe dará, que esta será a sua salvação.

Sem entender, mas sentindo um calor agradável no peito, respondeu:

— Sim, minha mãe Iansã, agora voltarei a ser sua filha abnegada.

Joana, Solano e Carolina estavam com lágrimas nos olhos de emoção, percebendo que Naná conseguira se conectar a eles. Solano, então, com dificuldades pela força das emoções presentes, disse;

— Vá, minha filha, e espere.

Cambaleando, Francisca foi segurada por Naná, que a abraçou, e juntas choraram. Já controlada, Francisca disse:

— Vamos, menina, sente-se na mesa, que já vou servir vocês. Afinal, você agora é a dona da casa.

Dom Afonso, sentado à cabeceira da mesa, muito se divertia com toda essa história. Agora começava a entender um pouco mais de sua mulher, e exigiria de sua amante o verdadeiro passado. Estava muito satisfeito com o negócio, conseguira mais dinheiro do que valia a fazenda e os escravos. Os negros já cantavam, e alegres espalhavam que ele e sua esposa os haviam libertado; agora teria fama de abolicionista. Via-se livre da ordinária da sua sogra e ainda faria Juliana feliz levando Francisca,





DOM AFONSO

e que gostoso café ela sabia fazer. Só precisava pensar o que faria a respeito de Naná, foi pedido da sua esposa que a levasse para casa, só que agora estava claro que Juliana nada sabia a respeito da vida desta. Não poderia deixá-la se envolver com uma meretriz, que ainda por cima era a amante mais despuddorada que já tivera, e não tinha a menor vontade de dela se desfazer. Ah... Uma idéia brilhante acabara de lhe ocorrer; diria a Juliana que sua mãe havia vendido a pretinha, e assim faria com que esta esquecesse essa história infantil e tivesse raiva da mãe, não a querendo por perto. Quando levasse Francisca, sabia que Juliana esqueceria a pequena discussão que tinham tido.

Nesse momento, Naná e Francisca se aproximaram da mesa, trazendo o jantar.

— Sente-se, Naná, e você também, Francisca, precisamos conversar. Minha mulher pediu que levasse vocês para morarem em minha casa. Francisca, Juliana precisa de você, então vem comigo. E você, Naná, mais do que ninguém sabe que não pode se aproximar dela.

— Sim, Dom Afonso, não precisa se preocupar, meu querido, sei meu lugar. É que, Francisca, sou proprietária de um lugar onde jovens damas não entram, o que causaria imenso desgosto em minha querida amiga... — disse, sorrindo coquete para Dom Afonso, pois sabia o quanto ele era perigoso. Tinha conhecimento de seus negócios escusos, pois tinha ficado sabendo naquela investigação que mandara fazer, inclusive da sua natureza violenta.

— E também não tenho mais como me separar de você, meu querido.

Dom Afonso, envaidecido, beijou a mão de Naná, sorrindo. Francisca estava chocada, mas, ao olhar para Naná, compreendeu que tinha de aceitar.

— Sim, sinhozinho, pode contar comigo para cuidar de minha sinhazinha.





Francisca então se levantou, fez uma reverência ao casal, e se retirou para a cozinha, onde se pôs a rezar, antes de se juntar aos festejos. Agora entendia o que seu amigo já lhe falara, precisa se fortalecer e ter fé em Deus para ajudar essa família.

Enquanto Dom Afonso e Naná começavam a jantar, as escravas de Naná já estavam esbaforidas com toda comida e bebida que ganharam, indo e vindo da festa dos negros e da captura do feitor Jacinto, soltando pelo ar uma energia de luxúria e violência que absorviam dos corações rancorosos e sofridos dos escravos da fazenda, que felizes e exuberantes encontravam-se pela inebriante notícia da liberdade, juntamente com a possibilidade da vingança que seria infligida àquele que tanto os fizera sofrer.

Os escravos estavam excitadíssimos, envolvidos por aquela energia. Todos na fazenda estavam contagiados por aquela atmosfera asfixiante e entorpecente. No meio do pátio aberto, amarrado ao tronco, estava Jacinto, capataz e capitão-do-mato da fazenda Santo Antônio.

Bento, que liderou o grupo, entrou na casa-grande e, de cabeça baixa falou:

— Senhor, senhora. Jacinto já tá no ponto que pediu, minha filha.

Naná se levantou e disse a Dom Afonso:

— Venha comigo e veja quem me marcou a ferro.

Encaminhando-se para o pátio tão seu conhecido, onde em círculos os negros dançavam e os atabaques ressoavam altos, Naná pediu:

— Tragam-me o ferro com que esse canalha marcou-me, e a muitas filhas de vocês.

Um meninote correu até o celeiro e trouxe o instrumento, que fizera o horror de muitas negras. Olhando para aquele homem pavoroso, com marcas de queimaduras no





DOM AFONSO

corpo ensangüentado, e com o olhar carregado de ódio, ouviu da sua boca:

— Pode fazer o que quiser comigo, preta imunda, só que o encardido de sua pele e o prazer que senti nesse seu corpo fedorento você não vai tirar.

Sem piedade, Naná tirou o marcador de animais, que o menino já havia trazido incandescente, e disse:

— Tirem a roupa desse desgraçado.

Devagar e de forma controlada, Naná encostou o ferrete em brasa viva nas nádegas de Jacinto, como este, um dia, fizera com ela.

Grito pavoroso se fez ouvir, e ficou a ecoar dentro da cabeça de Naná, que não percebeu a proximidade de Dom Afonso, que ali chegou e, com um punhal que sempre carregava consigo, cravou as costas de Jacinto, na direção do coração, deleitando-se de prazer ao sentir o corpo deste estremecer diante da proximidade da morte.

Dom Afonso, a esta altura, encontrava-se inebriado com aquela horda de eguns, espíritos infelizes vagantes, que dele se aproximaram devido à sua índole terrível, e juntos, como uma única mão, mataram Jacinto, que, já morto, como espírito, se via ainda amarrado ao tronco, sendo torturado por aqueles que matara com suas mãos, e, nesse espetáculo de horror, ninguém prestou atenção em Dona Persília, que, completamente desequilibrada, a falar sozinha e gesticulando a esmo, pela fazenda perambulava, completamente louca e obsediada por sua irmã, que morta e ainda enraivecida pela traição desta, se aproximou e disse-lhe:

— Venha, Persília, vamos para nossa casa, sua casa, que não será de mais ninguém. Vamos lá, entre e destrua a casa... Vamos... Isso.. Subas as escadas agora...

E, respondendo a todos os comandos que no seu desequilíbrio ouvia, entrou em casa e encaminhou-se para





seu quarto. Lá chegando, acendeu o candeeiro e pôs-se a se maquiar. Dela estavam próximas sua irmã e as escravas que acompanhavam Naná, que, felizes com a oportunidade de concluir a vingança de sua dona, empurraram a mão de Dona Persília, sentada à penteadeira, derrubando o candeeiro no chão do quarto, onde logo pequena labareda tomava conta do aposento.

No terreiro, a festa estava no auge: o capitão estava morto ao centro e todos, inebriados de felicidade, cantavam e dançavam. Dom Afonso, como que possuído, bebia cachaça e dançava junto com os negros, de punhos sujos de sangue.

De repente, o batuque cessou. E ouviu-se um grito que dizia:

— Olha a casa-grande!

Todos ficaram em silêncio e viram a casa-grande em chamas.

Espantados, pararam para observar, como se as labaredas tivessem vida e consumissem a casa.

— Corre, gente, acode!

Já esquecidos do corpo de Jacinto, que jazia no meio do terreiro, com baldes e panos, os negros correram para a casa-grande, e lá chegando alguém se lembrou da Sinhá. O mesmo menino que correu para pegar o ferro quente de Jacinto disse a Naná:

— Ara, ela tava falano sozinha, e intrô pra dentro da casa.

Todos, aparvalhados, olharam para aquele espetáculo dantesco, sem coragem para lá entrar. Nesse momento, lembrando-se das palavras de Solano, Naná, sem olhar para trás, entrou na casa. Dentro desta ainda se viam bem as coisas; só respirar estava difícil. Uma labareda insinuou-se em sua direção, queimando-lhe a mão, e mesmo assim ela não recuou, indo em frente, sendo guardada pela rainha do fogo, sua mãe Iansã. Foi em direção ao quarto, onde, rolando no





DOM AFONSO

chão, encontrava-se em chamas Dona Persília, e, sem pensar duas vezes, a negra Naná puxou a cortina lateral, que ainda não estava em chamas, e em cima dela a jogou, para aplacar o fogo que consumia seu corpo. Ato contínuo, sem importar-se com as labaredas, que não lhe atingiam, arrastou Dona Persília para fora do ambiente com uma força descomunal até a porta de saída, onde os negros se encarregaram de tirá-la da casa até a multidão reunida para acudir a Sinhá. Atônitos, todos assistiam à destruição da casa.

Bento aproximou-se de Naná e disse-lhe:

— Nada há o que fazer. O fogo já tomou conta da casa.

Levantando-se do chão, onde se encontrava lavando as queimaduras da sua Sinhá, Francisca falou:

— Foi Dona Iansã que com seu poder queimou toda a tristeza que essa casa trouxe. Deu um basta nessa história.

Ao terminar de falar, o céu se fez claro com os raios e as trovoadas que já se anunciavam, e forte temporal desabou.

— É, Chica, você tem razão, a rainha do fogo e das trovoadas deu um basta.

— Vamos, irmão, me ajuda aqui com a Sinhá, que está queimada demais, Naná.

Dom Afonso parecia a ser o único a se divertir com aquele espetáculo, pois ria incontinentemente, e com muita naturalidade entrou na carruagem e foi-se dormir, avisando que antes do raiar do sol iria embora. Naná, que ajudara Francisca e Bento a carregar a Dona Persília até a senzala, e colocá-la em uma esteira de palha a delirar de dor, não sentiu satisfação com aquele sofrimento.

— Chica, será que ela agüenta a viagem até a capital?

— Não sei, Naná, mas se aqui ficar irá morrer de infecção. Já não temos mais médicos, e minhas ervas somente não darão jeito, ela está toda queimada.





Liliana Soares

— Apronte-a da melhor forma possível. Vamos levá-la para a Capital, eu cuidarei dela.

Surpreso, os dois se entreolharam e trataram de arrumar a Sinhá.

— Vou me juntar a Dom Afonso. Bento, só quero um último favor. Leve esta carta que mais cedo escrevi para o padre Simões, junto com esse saquinho de ouro. Depois, gostaria que você fosse o administrador daqui da fazenda, posso contar contigo?

— Sim, minha menina, sempre.

— Obrigada.





CAPÍTULO XIII



Logo cedo a carruagem, com Dom Afonso contrariado, Dona Persília, Naná e Francisca, se encaminhava para a Capital.

Já estava no final da missa quando padre Simões viu o negro Bento entrar e sentar no último banco da igreja. Logo se lembrou da sua pupila e sentiu saudades. Para onde será que tinha ido? Samuel dissera que a tinha deixado em frente ao convento, só que lá as irmãs disseram que Naná não chegara. Quantas noites em claro passou a cogitar sobre o que havia acontecido? Foram tantas... Será que algo acontecera a ela? Rezava todos os dias pela sua alma, onde quer que ela estivesse.

Ao acabar a missa, Bento se aproximou, com o velho chapéu nas mãos e os olhos baixos.

— Diga, meu irmão — falou o padre Simões.

— Trago notícias da negrinha Naná.

Com uma felicidade genuína, este disse:

— Vamos, Bento, venha à sacristia e me conte tudo.

Isso feito, entregou ao padre a carta e o saquinho de moedas de ouro, e contou-lhe o que havia acontecido. Boquiaberto, o padre agradeceu a Bento e passou a ler a carta.

“Querido padre Simões, como sinto tua falta. Não há um único dia que não me lembre da tua caridosa figura. Como havia





Liliana Soares

*prometido, nesse saquinho há ouro suficiente para que compres um sino novo, e também dentro dele está a escritura da fazenda Santo Antônio, que agora é tua. Este é o meu presente por todo carinho paternal que me destes. Apenas tenho um pedido a fazer-te: que lá trates meus irmãos com o mesmo carinho que dispensou a mim, e que de lá faças um abrigo e uma escola para negrinhas maltratadas, velhos doentes e crianças órfãs. Com todo amor,
Naná”*

Com lágrimas nos olhos, padre Simões ajoelhou e rezou agradecendo a Deus, e jurando continuar a cuidar do Seu rebanho.

— Conseguimos, Solano, meu bom amigo. Depois de vidas tentando, finalmente, minha filha me deu ouvidos.

— Compartilho a emoção que estás sentindo, minha irmã, mas em nenhum momento duvidei que isso iria acontecer, porque Deus acaba sendo o único caminho a tomar, quando a dor se torna pesada demais para carregar.

— Graças a Deus, que tem por seus filhos um amor infinito, pai Oxalá, misericordioso!

— Agora temos permissão para começar definitivamente a trabalhar com as seguidoras de Naná. Essas pobres coitadas, cheias de vícios, não será tão difícil trazê-las para o bem. Afinal, assim como Naná, elas também anseiam pela liberdade; já estão cansadas e muito debilitadas.

— Isso pode deixar comigo e minha ajudante. Elas, por não possuírem envolvimento emocional com o carma, podem ser levadas para a emergência de custódia, mesmo sem o consentimento das sete infelizes, para que vejam por si as maravilhas que a luz que tanto as assombra pode fazer por elas, e assim decidir se querem ficar para se doutrinar ou se desejam perseverar a sofrer, alimentando o vício do sexo.





DOM AFONSO

— Vou autorizar Carolina, com a permissão de Nosso Senhor, para começar a agir.

— Sim, minha irmã, faça isso.

— O problema todo será Tadeu e Dona Persília, que estão como que apaixonados pelo desejo de vingança. Estes, sim, nos darão mais trabalho.

— E Jacinto, Solano, é muito perigoso. O que faremos?

— Ainda nessa quimera, não nos preocupemos com ele, porque, devido às atrocidades por ele cometidas, Nosso Senhor designou a equipe emergencial para aguardar o seu desligamento do corpo, que só se dará quando o sofrimento da sua tumba domar aquele coração endurecido.

— Então ele foi direcionado para um dos piores martírios, o de ficar ligado ao corpo já morto, enquanto apodrece, sofrendo por longo tempo.

— Sim, Iansã, não esqueça do preceito que Jesus ensinou: nós colhemos aquilo que plantamos. Algumas crianças, que são como esses espíritos, precisam de castigo para aprender a parar de se machucar e machucar o próximo.

— Sim, meu irmão, quem sou eu para ir de encontro às escolhas de meu bom Pai?

— Vamos, que o trabalho ainda não acabou. Agora precisamos amparar, para que nossos tutelados que sabiamente usaram o livre-arbítrio não se percam novamente nos torvelinhos da Terra.

Assim falando, voltaram à próxima etapa do trabalho.







CAPÍTULO XIV



Juliana estava na sala a beber seu chá e a ler um romance sem a mínima vontade. Suas pernas ainda doíam, mas seu rosto já não aparentava os momentos de horror que passara. Após a saída de Dom Afonso, o mordomo e a cozinheira correram para socorrê-la, apenando-se daquela pobre coitada. Graças a Deus ele viajara logo depois. Já estava começando a se afeiçoar por ele, mas estava enganada em achar que ele dominaria aquele temperamento violento. Que o pai desse forças para que agüentasse aquela árdua tarefa.

Nesse momento, intensa melodia se fez ouvir de onde estava. Suas mãos em volta da xícara se paralisaram, e aquela música tocada no piano de cauda que ficava no salão voltou a arrepiar sua alma cansada. Ele chegara. Respirando fundo, esperou o inevitável.

— Senhora, Dom Afonso chegou, e se encontra no salão ao piano. Pede sua presença — disse o mordomo, olhando-a de forma carinhosa, como se assim lhe desse forças.

Aparentando uma calma que não sentia, encaminhou-se para o encontro com o marido. Ele estava de costas para ela, tocando de olhos fechados de forma perfeita. Tocava com a sua alma, intensa, apavorante e violenta.

Dom Afonso, sem se voltar para olhá-la, disse-lhe:

— Trouxe presentes. Em cima da mesa tem um envelope, abra-o.





Surpresa, Juliana se encaminhou para o móvel em questão, onde estava um grosso pacote pardo, que, sem pressa, abriu. Lá estava uma centena de documentos iguais, onde constava a assinatura de seu marido nas cartas de alforria, de forma individual, de todos os negros da sua querida fazenda. Extremamente emocionada, reparou que lá estava a segunda via dos documentos, presumindo então que já estava em mãos daqueles tão queridos amigos a sonhada liberdade. Já esquecida de tudo que passara, com lágrimas de gratidão a escorrerem do rosto, se aproximou do marido, e, abaixando-se, depositou leve beijo em sua face.

— Obrigada.

Aquele gesto fez com que seus dedos errassem as notas de tão emocionado que ficara, sorrindo-lhe de volta. O sentimento que nutria por ela era arrasador.

— Tem mais presentes, disse, sem parar a melodia. Na cozinha a espera o outro.

Correndo na direção indicada, viu sentada, tomando um chá, seu porto seguro, a sua Ba.

— Minha menina... — disse Francisca abrindo os braços, logo sendo correspondida por Juliana, emocionada.

— Calma, Sinhazinha, calma. Agora estou aqui, e continuarei a cuidar de você.

— Oh, minha querida mãezinha, me sinto tão desamparada, que saudade desse colo, vamos subir para o meu quarto, precisamos conversar.

E para lá se dirigiram. Francisca estava impressionada com o luxo daquela casa, e com a tristeza nos olhos de sua Sinhazinha.

— Vem, me conta tudo o que aconteceu na fazenda, e me diz onde está Naná.

Respirando fundo, Francisca pôs-se a contar tudo o que aconteceu com a menina naquela noite fatídica. Juliana esta-





DOM AFONSO

va estarecida, parecia que enquanto ouvia a narrativa envelhecia alguns anos. Sem se fazer ouvir, Dom Afonso se aproximou e, discretamente, pegou Francisca pela mão e disse-lhe:

— Podes ir, minha doce Francisca, a partir de agora eu continuo a narrativa para minha esposa.

Com uma discreta reverência, ela saiu.

Dom Afonso fitou Juliana, que, pálida, estava no sofá.

— Acho que você precisa de uma dose de conhaque, tenho mais coisas a contar-lhe, você precisará ser forte.

Achando que mais nada poderia fazer o seu coração parar de bater, aceitou o copo e disse:

— Vamos, Afonso, pode falar, estou bem.

— Bem... lá na fazenda chegando, encontrei sua mãe, que estava muito adoentada.

— Adoentada... como?

— Parecia fora da realidade.. eu sei, minha querida... é duro... mas, como disse, lá fui para buscar os negros e também achar comprador para a fazenda. Quando me encaminei para a senzala junto com Francisca, para distribuir as alforrias, forte clarão chamou nossa atenção, e, quando percebemos, sua mãe havia posto fogo na sede. Corremos para tentar salvá-la, mas já era tarde demais.

Juliana, como se o choque fosse demais, caiu desfalecida, já com uma febre muito forte a tomar conta do seu ser. Dom Afonso a pegou com cuidado, a pôs na cama e gritou pedindo ajuda. Juliana, com um fio de voz, falou:

— E Naná, morreu também?

— Não sei, meu amor, mas vou descobrir. Agora descanse.

Juliana ficou acamada por três dias, a delirar. Nestes momentos se via em um lugar escuro, onde um homem sangrando, com um punhal atravessando-lhe o peito, apontava para ela e jurava vingança. Depois se via com vestes antigas e





ao seu lado, uma mulher que, embora diferente, parecia sua mãe, e a cena começava a se desenrolar:

Era a Europa, se via sentada a bordar na sala de um castelo de pedras, muito adornado, demonstrando a riqueza dos donos. À sua frente, a mãe estava conversando com um cavaleiro que ainda se vestia com cotas e armadura. Parecia chegado de viagem, e a olhava de maneira intensa. Esse era o seu marido Dom Afonso. Na mesma cena, chegara o que parecia serem seu pai e seu irmão. O pai era o mesmo que a acusava momentos atrás, e parecia agora feliz, a cumprimentar o homem à sua frente e falar:

— Meu bom genro, hoje será seu casamento com minha querida filha, a junção de duas famílias riquíssimas que muito me deixa feliz.

Sua mãe, que estava sentada e adornada de jóias, o que parecia adorar, disse:

— Faça das suas palavras as minhas, meu esposo.

Neste momento, Juliana, levantando os olhos, deparou com seu irmão, que a olhava com um brilho sorridente. Ele era Naná.

— Minha irmãzinha querida hoje vai se casar. Vamos deixá-los a conversar sobre negócios e passear.

Com o coração disparado e as mãos suadas, logo tratou de se levantar e seguir o irmão, que, vendo-se longe dos olhares de todos, a beijou com ardor, e lá mesmo levantou seu vestido e se amaram, correndo o risco de serem flagrados por algum criado. Após o ato, este pegou o rosto de Juliana e disse:

— Não esqueça, vamos repassar os planos; depois desse infeliz casamento, mamãe e papai já estarão mortos por mim, e você dirá a todos que foi seu marido que cometeu o crime para ficar com o dinheiro da família. Ele será preso, e para





DOM AFONSO

nós dois ficará a fortuna de papai e também a fortuna desse troglodita que pensa que se casará com você, já que, por ter assassinado nossos pais, terá sua fortuna confiscada e dada a nós, as vítimas da tragédia, e assim poderemos, minha amada, viver em paz, e ricos, muito ricos — caiu na gargalhada.

Juliana acordara suada e com febre alta a queimar-lhe o corpo.







CAPÍTULO XV



Ao chegar em casa, Naná logo deu ordens para que senhorita Rosa acomodasse Dona Persília em um quarto e chamasse um médico. Após, dirigiu-se para o quarto onde mantinha seus apetrechos de magia. Sentou-se na mesa onde ficavam suas pedras, e num tabuleiro as jogou, pedindo esclarecimento para saber que atitude tomar. Nesse momento, sentiu que o tempo do lado de fora se fechara, e uma trovoadas se fez ouvir. Logo, suave névoa tomou conta do lugar onde estava, e em sua frente figura impressionante se materializou, vestida de vermelho com o rosto coberto por contas. Em uma das mãos estava a espada, e na outra um livro.

Fazendo emocionada reverência, Naná se ajoelhou, batendo a cabeça no chão, e se manteve assim, sem olhar diretamente para a entidade linda que a sua frente estava.

— Este livro que te trago é teu livro do destino. As suas páginas estão em branco, para que tu as escreva de forma diferente desta vez, com os preceitos da conduta de Jesus Cristo, para que o final deste seja honrado e digno de ti mesma. Eu te dou também esta espada, para lutares contra teu ódio, orgulho exacerbado e cobiça. Presenteio-te com este objeto, para que tu lembres que não estás sozinha. Tens mãe, que sou eu, e pai, que é Oxalá. Kííuu!

Dando seu grito de guerra, Iansã se desmaterializou, deixando uma Naná em prantos, bem diferente do que um dia fora.





As escravas de Naná, que lá estavam à espera de suas oferendas, tomaram um susto com aquela aparição maravilhosa. Tiveram vontade de correr, mas algo fez as sete ficarem exatamente onde estavam, o que as obrigou a ver e ouvir tudo o que Joana tinha a falar. Aquela vestimenta, a luminosidade daquele espírito grandioso as impressionou muitíssimo. Quando saíram desse torpor, temerosas, se entreolharam envergonhadas, pois na face de todas se figurava grande emoção. Foi quando Padilha se aproximou e disse-lhes:

— Esta que vocês viram é minha patroa, Dona Iansã, rainha do fogo e das trovoadas. É para ela e o Nosso Senhor pai Oxalá que eu trabalho. Vejam quanta luminosidade exala dela. Lá eu não passo fome, frio, nem sede, e o meu trabalho é o estudo nas leis de Deus.

— Sai dessa, Padilha, tá querendo me amolar? Você é igual a nós, não é digna de estar tão próxima de um ser assim. Essa luz corre de nós, ilumina em volta, mas não nos ilumina, pois não somos dignas de estarmos tão perto de gente assim.

— Está enganada, irmã, ela é filha de Deus, assim como você também o é, e os filhos de Deus são todos iguais.

Forte gargalhada se fez ouvir, pois elas achavam que Padilha estava ficando louca, bêbada, ou coisa que o valha.

— Eu não disse para vocês que não dessem corda para essa aí? Tá vendo? Ela é variada! Você por acaso esqueceu o que fazemos? Esse tal de Deus, se é que Ele existe, na minha vida nunca se fez presente, me renegou, e agora estou aqui desgraçada. Você acha que eu gosto de aqui estar? Amarrada como escrava aos pés dessa mulher aí? Dia e noite ficar a perambular à procura das pessoas? Estou cansada de tantos vícios: se não necessitasse do sexo e da comida que ela me dá, eu seria escrava? — disse, já exaltada, com lágrimas em seus olhos.

— Cadê Deus, Padilha, cadê esse desgraçado que não me ajuda?





DOM AFONSO

A energia de desespero desta foi tamanha, que logo as sete se uniram em prantos sentidos. Brando calor começou aos poucos a encher o ambiente, que como por encanto transmutou essas mulheres para uma atmosfera completamente diferente do que estavam habituadas. Em volta delas havia flores lindíssimas, em um jardim tão tranqüilo que as deixou admiradas, sentir aquele aroma inebriante de terra molhada e pólen que há uma eternidade não experimentavam.

— Olhem para mim — falou Padilha.

O que elas prontamente fizeram. Aquela figura esfarrapada, sem trabalho, e recendendo a bebida que elas conheceram transformou-se em linda jovem de cabelos de ouro e sorriso angelical, com um bonito e simples vestido branco.

— Cadê Padilha, menina, para onde ela foi?

O som de sua risada cristalina se fez ouvir.

— Essa risada é dela.

Mais aturdidas, elas, como que sem acreditar no que viam, se aproximaram e passaram a tocar-lhe o cabelo, as mãos, como se estivessem atestando se aquela visão era real.

— Sou eu mesma, minhas queridas amigas, em minhas próprias vestes. Olhem para mim. Um tempo atrás passei pelos mesmos sofrimentos que vocês hoje passam. Muito vaguei, e a muitos vícios me entreguei, até quando minha mãe Iansã, ou Joana, se preferirem, me deu a dádiva de adquirir conhecimento, e com isso aprendi a compreender Deus. O meu Pai, que também é o de vocês, está sempre pronto a socorrer um coração que sofre ou se arrepende. Aquele que escolhe não mais sofrer e fazer sofrer terá sempre o colo caridoso de Deus Pai Todo-Poderoso, e de seus anjos caridosos. Venham comigo, minhas queridas, aprendam, livrem-se do vício, abram mão do sofrimento. Aproveitem a oportunidade, e perguntem aos seus corações sofridos que caminhos gostariam de seguir, o de Deus ou o do sofrimento em que





já estão. Vamos. Olhem para mim, espelhem-se em mim e venham.

Elas estavam emocionadíssimas, a olhar para Padilha tão diferente, tão feliz e saudável. A primeira a se sentir tocada foi a exu que antes falara que tinha sido abandonada por Deus. Aquele trapinho de gente, feio e triste, se ajoelhou e em prantos sentidos disse, entre soluços entrecortados:

— Pai Todo-Poderoso, me perdoe porque pequei, já não agüento esse sofrimento. Venha, meu Pai, me ajude.

Todas, impressionadas, observaram a transformação daquela exu que se chamava Celeste, que, ajoelhada, fora envolvida por uma forte luz dourada e lilás. A transformação que se sucedeu foi incrível: na frente delas formosa oriental apareceu, linda e jovem. Em prantos de gratidão, Celeste levantou as mãos aos céus:

— Obrigada, meu bom Deus, agora sou a sua mais nova serva.

Aos poucos, a mesma luz que a envolvera foi passando por aquelas que tomaram a decisão de seguir aquele mesmo caminho. Apenas uma não obtivera a transformação. Todas se abraçavam emocionadas, quando repararam que uma companheira ainda se encontrava com as suas antigas vestes. Padilha estendeu a mão e disse:

— Vamos, irmã, não recue da oportunidade que Deus está lhe dando. Venha, estude, dê uma chance a você mesma.

— Não, eu não sou digna. E quem disse a você que eu soffro? Eu estou muito feliz.

— Não é o que o seu coração cansado me diz. Faça um teste, venha conosco para o hospital, se trate, aprenda e depois você faz a sua escolha, na casa de Deus não existem escravas, todos lá ficam por vontade própria. Se por acaso não gostar, pode voltar.

— Traidoras, cabeças fracas, eu não vou, eu não gosto





DOM AFONSO

de padre, de freira, sofri tudo o que tinha de sofrer com eles — disse com uma risada nervosa e histérica. — Eu não vou cair nesta armadilha, você vai me levar e os padres irão me torturar de novo, me chamando de bruxa.

— Não, este tempo já passou, não tenha medo — abaiçando a cabeça, triste, Padilha disse: — Essa é a sua última palavra?

— Não sou idiota, não, onde é a saída desse lugar traiçoeiro? E vocês, bobas, irão sofrer tudo o que eu sofri nas mãos dos inquisidores.

Por conta própria, em sua volta, luz negra a envolveu, desmaterializando-a e a levando de volta para a região mais densa da crosta terrestre.

Após esses acontecimentos, logo no jardim, enfermeiros abnegados apareceram, e com suaves passes carregaram as mulheres adormecidas para o hospital. Carolina ou Padilha, chateada, se encontrava no mesmo lugar daquele lindo jardim quando sua mãe Joana chegou próximo a ela, sorrindo agradecida.

— Meus parabéns, Carolina, mais uma vez cumpriu o seu papel, em nome de Deus e da caridade. Como estou orgulhosa de você.

— Não, Joana, eu é que estou orgulhosa de poder trabalhar com a senhora e resgatar essas pobres infelizes, pois já senti na pele o que elas sofrem, quando embaraçadas nos laços das ilusões das paixões.

— Tu já sabes que não é mais obrigada a usar as vestes de Padilha para cumprir sua missão.

— Sim, minha mãe, tu já me dissestes que cumpri a minha parte das dívidas pelos antigos salvamentos, mas digo, ainda continuarei a ser a tua Padilha, a salvar e a limpar almas que podem e querem ser salvas. Meu coração ainda se emociona quando lembro que há um século terreno tu, também usando





essa vestimenta, me salvaste. Foi o momento mais feliz e importante da minha existência. Se me permite, gostaria ainda de envergar a veste com que tu, com nosso Deus, me salvaram.

— Como queiras, Carolina. Não fiques tristes com essa irmã que ainda não está pronta para aceitar a caridade de Deus, pois, como todos, no momento certo ela estará pronta para receber ajuda.

— Tens razão, minha mãe.

Abraçadas, fizeram prece de agradecimento, encantadas com a grandeza de Deus Pai Todo-Poderoso.

Naná, conseguindo controlar aquela emoção forte que sentia, tomou uma decisão: não mais manteria suas escravas presas. Sim, sabia que isso traria conseqüências terríveis para si, só que realmente gostaria de mudar, e o que viu na fazenda e a advertência de sua mãe Iansã foram demais para ela. Pegando seus apetrechos de magia, colocou tudo em dois sacos grandes, e se encaminhou para um riacho que existia no fundo de sua propriedade. Fazendo sentida prece, jogou na água todos os símbolos de uma vida de energias desvirtuadas.

Sentada no leito do rio, observou a saia ir afundando devagar, com as águas que a limpavam e levavam para longe os objetos queridos, tão mal utilizados. Lá permaneceu, absorta em seus pensamentos, até que o sol se pôs totalmente. Após, levantou-se e voltou para casa, porque precisava saber o que a médica dissera sobre Dona Persília.

— Senhora, já estávamos preocupados com você, pois sumiu a tarde inteira.

— Estou bem, como pode ver.

— Já é quase hora de abirmos os salões.

— Faça isso por mim, senhorita Rosa, hoje estou me sentindo muito cansada. O que disse a médica sobre a minha amiga?





DOM AFONSO

— Não gostou nada do seu aspecto, disse que o seu corpo está 96% coberto de queimaduras de 3º e 2º graus, e que a infecção pode se fazer presente a qualquer momento, pois a área em chagas é muito grande. Passou láudano e banhos, e disse que o sofrimento será muito grande, e não há previsão para melhora.

Sentindo uma tristeza que não esperava, Naná disse:

— Tudo bem, Rosa. Vou vê-la.

— Olha, madame, não conte comigo para cuidar da doente, sou muito sensível e não sei lidar com isso. Quando me chamou para aqui trabalhar, deixou bem claras as minhas obrigações.

— Não se preocupe, eu cuidarei dela.

Dizendo isso, encaminhou-se para o quarto onde se encontrava Dona Persília, de quem, deitada, envolvida por gazes protetoras, somente se viam os olhos e o que restou da boca e do nariz. Aproximando-se, percebeu que esta já se encontrava acordada, a fixar em Naná os seus olhos duros.

— Boa noite, Dona Persília, não se preocupe, aqui você terá tudo que necessitar para a sua pronta melhora, eu mesma cuidarei de você. Dormirei aqui neste quarto. A partir de amanhã, começarei a aplicar unguentos para aliviar a dor e o desconforto.

Com um olhar que demonstrou pânico, ela a fitou, já agitada.

— Calma, calma, não lhe farei nenhum mal. Esqueçamos o passado. Vamos nos concentrar no presente, para mim será como se a conhecesse agora. Não perderei mais um segundo da minha vida a remoer o passado triste.

Dizendo isso, passou a lavar-lhe o corpo com o remédio que a médica lhe dera, de forma muito paciente, e a cantarolar uma cantiga aprendida com Francisca para dormir. Não percebeu a lágrima que escorreu dos olhos de Dona Persília.







CAPÍTULO XVI



Juliana já se sentia bem mais forte. Nessa manhã conseguiu levantar-se e tomar o desjejum junto ao marido, que, surpresa, deixou o jornal de lado ao vê-la entrar, e logo correu para puxar-lhe a cadeira.

— Bom dia, minha flor, vejo que estás bem melhor.

— Sim, Afonso, me sinto bem mais forte.

— Folgo em saber disso, tenho boas notícias, e a responsável é você.

— Diga-me qualquer coisa boa, nessa manhã me fará bem.

— Sinto que, depois do episódio da alforria, sou olhado com admiração nos locais onde vou, e até alguns jovens e senhores vieram me cumprimentar. O Partido Liberal me contactou, sondando se por acaso eu tenho intenção de concorrer a uma vaga na Câmara.

Fingindo interesse, disse-lhe:

— Que bom, meu marido, espero que tenha visto que boas ações nos trazem bons retornos.

— Sim, meu amor, quero sua presença num jantar em minha homenagem, a que irei hoje, com os abolicionistas. Seremos os destaques da festa; seja pelos meus atos abolicionistas, seja pela sua formosura.

— Claro, como queira.

— Agora, preciso ir, já está na hora, preciso trabalhar.





— Afonso, preciso sair um pouco de casa, me sinto sufocada.

— Claro, meu amor, fará isso sim, só que comigo.

Sem mais palavras, virou-se e saiu, deixando uma Juliana chorosa sentada à mesa

Ao centro estava Tadeu, a balançar a cabeça de um lado para o outro.

— Eu disse, vocês não me ouviram, essa aí não presta e faz parte da índole dela ser traidora. Não importa em que corpo ela esteja; tanto homem como mulher, ela é pura traição.

— Mas isso não vai ficar assim, Tadeu. Ela fez um pacto comigo, se as outras fugiram é problema delas, mas eu estou aqui para cobrar o que me é de direito. Eu dei, mas, se quiser, eu tiro.

— Não vês que esta aí não tem jeito? Ela o esqueceu, lavou as mãos para você, traiu-o como me traiu, enganou. E agora, está dando uma de santinha.

— Passei um tempo aguardando para dar uma lição em Juliana, no seu rabo de saia, e agora fica fingindo que é boa, me esquece, e passa a cuidar da madame.

— Não se iluda, ela é má e deve estar preparando algo para minha mulher. Ela deve querer alguma vantagem nessa atitude, só que eu estou protegendo Persília e ninguém se aproximará dela.

Nesse instante, quem apareceu foi Carolina, vestida com a roupagem de Padilha.

— Você, desgramada! Está fazendo o que aqui? Não tem vergonha nessa cara, não?

— Calma, irmã, vim ajudá-la e esclarecer algumas coisas.

— Saia daqui, traidora! — gritou Tadeu, e continuou, dizendo: — Eu disse. Desde muito que não confio em você. Não se aproxime de nós e dos meus, principalmente de Persília, eu a estou protegendo.





DOM AFONSO

— Não, Tadeu. A sua atitude está machucando-a, você está muito doente e desequilibrado. A sua proximidade dela, que é tão igual a você, está sendo extremamente prejudicial a Dona Persília, já que todas as suas dores e suas debilidades ela está sentindo. Você está há tanto tempo acoplado a ela, que em pouco esse fenômeno se configurará uma possessão, e o martírio de vocês será imenso. Você sentirá as queimaduras que ela sofreu, e ela o punhal que tens atravessado no peito, e você que tanto a ama causará a ela imenso sofrimento.

Impressionado com as palavras de Padilha, Tadeu chegou a vacilar, mas o desejo de vingança e o apego à sua mulher foram mais fortes.

— Saia daqui, sua mentirosa, desavergonhada, você quer é prejudicar a minha vingança. Você deve ser a mais nova escrava dessa Naná. Está querendo me enganar, não é? Mas a mim você não engana.

A exu, que tudo ouvia, disse:

— Isso, Tadeu, acho que você tem razão, essa aí deve ser paga por Naná. Ela enganou as outras bobas e as prendeu; agora quer fazer o mesmo com você.

— Não, irmã, está enganada, e rogo a Deus para que de alguma forma ele lhes esclareça as verdades divinas.

Tadeu e a exu partiram para cima de Padilha, com a finalidade de agredi-la, quando foram surpreendidos por uma força maior que os impediu, e ficaram como que paralisados quando, diante de seus olhos, figura impressionante, emanando tanta luz que os ofuscou, apareceu.

Carolina fez uma referência e disse:

— Seja bem-vinda, minha mãe Iansã.

— A partir de hoje, Padilha, seu trabalho se findou. E vocês, seus pobres infelizes, irão aprender com o caminho da dor que escolheram, pois usando o poder do livre-arbítrio fizeram suas escolhas.





Forte luz envolveu Iansã e Padilha, que se desvaneceram e de lá sumiram.

Dona Persília acordou: onde será que estivera? Sua pele queimava como se estivesse em cima de brasa. “Meu Pai, que houve? Acho que estive no inferno, porque o calor me corrói o corpo. Será que morri? Santo Cristo, ainda estou viva. Por quê? Por quê? Se eu queria tanto morrer!” Um desespero muito grande lhe atingiu a alma. “Ai! Que dor no peito! Tira, socorro! Tira essa faca do meu peito!”, e ensandecida gritava, e de novo a escuridão tomava conta de sua mente, e sempre sonhava a mesma coisa.

Sonhando, via-se deitada em uma cama ao lado de um homem com um punhal a atravessar-lhe o peito. Seu rosto tinha uma expressão de susto e horror, não conseguia se mexer da posição em que estava, de barriga para baixo, e sentia que não mexia as pernas, pois estavam quebradas. Simultaneamente, tinha sua atenção desviada por recordações da sua mente, e via novamente o rosto daquele homem. Por sua testa escorria pequeno filete de sangue, atingindo sua face.

Olhando de novo para aquele rosto sombrio e sem vida de Tadeu, que lhe fora tão querido, percebeu que, ao lado da cama, se aproximando do seu marido, seu filho William, ou Naná, com um olhar febril e sorriso diabólico na face, tirou o punhal do peito de seu amor, levou-o até seu pescoço e, com um gesto preciso, furou-lhe no local onde ficava sua artéria, e de lá, com destreza, conseguiu tirar um pouco de sangue vivo e pulsante, colocando-o depois em uma rústica vasilha.

Queria gritar, mas seu corpo não lhe obedecia. Foi quando ouviu uma segunda voz que no quarto também estava.

— O que é isso, William? Para que esse sangue?

— Para pagar meus ajudantes das trevas. Prometi-lhes esse sangue em troca do ouro, e agora pagarei minha promessa.





DOM AFONSO

— Que horror, William, não gosto dessas coisas, que arrepio tenebroso! — e, falando, deu a volta na cama, se aproximando do irmão. Foi com grande surpresa e horror que via uma linda menina que parecia ser sua filha, Juliana, próxima a William, com uma vara de madeira na mão. Seu olhar se encontrou com o dela. Nesse momento, grossa lágrima escorreu pelo seu rosto machucado.

— William, ela está viva. Ela me viu.

Tirando o porrete das mãos de Juliana, William, transtornado, disse:

— Você não faz nada direito. Afaste-se.

E, levantando a arma para o alto da cabeça, mortal golpe lhe dirigiu, e em seus olhos fez-se noite.

Naná correu para o quarto da doente quando ouviu os gemidos alucinados desta, e, pegando o láudano que precisava aplicar na paciente para aliviar suas dores, se aproximou de Dona Persília. Ao chegar com o remédio, mãos fortes como de aço lhe seguraram o pulso, e, com os olhos esbugalhados de ódio, e timbre de voz completamente diferente, ela falou:

— William, desgraçado ingrato! Você me pagará caro essa infâmia!

— Socorro, alguém me ajude!

Naná se debatia, tentando se livrar do império daquelas mãos poderosas.

— Eu estarei sempre com você, e lhe infringirei todas as dores que me impôs, a mim e à alma de seu pai.

A força das mãos de Dona Persília era impressionante, e a estava realmente machucando.

— Acudam-me, socorro.

A porta do quarto foi escancarada, e por ela passou um sem-fim de mulheres, que começaram a segurar a doente para que ela não quebrasse o braço da madame Mercedes.





E, como por encanto, após soltá-la, Dona Persília caiu em sono profundo e exausto.

— Você está bem, madame? — perguntou-lhe Rosa.

— Não sei, acho que sim.

Rosa se aproximou e disse:

— Isso não pode continuar, vê-se que esta mulher está desequilibrada. Por que você quer manter este molambo louco na casa? Ainda bem que já não tinha clientes na casa, para não os assustar com esta gritaria.

Naná, olhando-a firmemente, disse na frente das outras:

— Não gostou dos gritos? Então pegue suas coisas e dirija-se à porta da rua. O mesmo digo às outras. Esta casa é minha, e aqui fica quem eu quiser. As regras são minhas e vocês são minhas empregadas. Comem, dormem e se vestem por minha causa, e como vocês na rua tem muitas, caso queiram deixar a casa. Por caridade mantenho aqui uma pessoa doente, e aquelas que estiverem incomodadas me farão o favor de ir embora.

Envergonhadas, com exceção de Rosa, se desculparam e, em silêncio, saíram do quarto. Sentindo-se exausta, Naná se deixou cair na outra cama, que mandara lá colocar para lhe ajudar a lidar com a doente.

Estava preocupada: na próxima semana teria que arranjar o montante para pagar a segunda parcela da fazenda a Dom Afonso. Estivera tranqüila porque o ouro jorrava em suas mãos como água, mas agora estava surpresa com as contas que estivera examinando, o saldo positivo dos trabalhos da casa apenas daria para pagar as despesas e o serviço das meninas. Teria que vender suas jóias, e mesmo assim ainda faltaria um pouco para quitar a compra. Perdida em pensamento, tomou um susto ao deparar com uma das meninas que entrou no quarto. Era Flor, filha de um município do interior, que perdera o pai e a mãe, tragicamente acometidos





DOM AFONSO

por uma doença fulminante. Encontrando-se desamparada, fora levada até madame Mercedes.

Naná pensara duas vezes ao contratá-la, por ser ela a única que não tinha naquela casa desvio de conduta moral, só que, mesmo assim, ficara com pena e a contratara para fazer os serviços de limpeza, serviçal do salão, onde serviria as bebidas para os clientes. Assim, não permitiria que ninguém tocasse em seu corpo, que sabia ser puro.

— Sim, Flor?

— Dom Afonso já a espera no quarto, madame.

— Quem o mandou subir? E que ousadia é essa de ir direto para o meu quarto? — falou Naná, já indignada. — Você lhe disse que não estou trabalhando?

— Disse, mas não adiantou muita coisa.

Suspirando resignada, foi ver o que queria seu cliente. Abrindo a porta, disse:

— Bom dia, meu queridinho! Estava com saudades de mim?

— Claro, minha negrinha atrevida — disse, encaminhando-se para o sofá, onde calmamente pôs-se a fumar seu ópio com muito prazer.

Naná, aproximando-se manhosa, disse:

— Largue isso, meu gatinho, venha se enroscar em mim.

Sem se abalar, ele respondeu.

— Quero o pagamento da fazenda.

Muito surpresa, Naná se recompôs, e pensando rápido disse:

— Mas, meu querido, não acertamos o pagamento para hoje.

Dando um suspiro impaciente, Dom Afonso falou:

— Não acertamos datas, nem forma de pagamento, esqueceu? Na sua ânsia de vingança, Naná, não acertou os detalhes comigo.





Surpresa e já cautelosa por perceber que ele a chamara por seu verdadeiro nome, replicou:

— O que queres, Afonso? Até onde sabes da minha vida?

Sorrindo de forma diabólica e voltando a dar um trago no entorpecente, falou:

— Praticamente tudo, Naná, sobre a sua vida. Seu amigo, Jacinto, antes de morrer, prestou-me muitos serviços na qualidade de informante. Por que achas que o matei? Por quê? Por você? — e, soltando gargalhadas, continuou: — É por essas e outras que eu corro por aí, para saber bem direitinho onde piso. Matei para que ele não desse com a língua nos dentes na hora errada, e claro, o seu querido padre Simões, que conseguiste enganar tão bem, também ajudou-me muito achando que tinha a intenção de desposá-la, sem nem sonhar que eu sou marido de Juliana. Pediu-me que tomasse conta de você, pois tinha coração bom, puro, que muito tinha sofrido na vida, e como pai zeloso confiaria em mim para cuidar de você.

Dom Afonso soltou nova gargalhada e continuou:

— Você não vale nada, preta descarada, nem com quem lhe foi bom foste fiel.

— O que finalmente queres, Afonso?

— Duas coisas: não te aproximes de Juliana.

— Já disse que não farei isso. E o que mais?

— Você.

Surpresa, e já aliviada por achar que estava na frente de mais um apaixonado, falou:

— Mas, meu gatinho, você já tem a mim. Venha cá. — dizendo isso, abriu os braços.

Ainda sem se abalar, impaciente, Dom Afonso disse:

— Você e tudo que tem. Quero meu dinheiro agora ou enxoto-lhe e a deixo na rua.





DOM AFONSO

Já de novo em pânico, Naná falou:

— Calma, Afonso, eu vou lhe pagar, a primeira parcela te dou daqui a uma semana.

— Quem disse que quero pagamento parcelado? Quero todo ele à vista.

Já em desespero, Naná argumentou:

— Pelo amor de Deus, Afonso, seja razoável, de outra forma não tenho como pagar.

— Tem sim.

— Como?

— Quero ser o proprietário desta casa, e você trabalhará para mim.

— Nunca. Pode ficar com a casa, mas comigo, nunca.

Levantando-se, já meio cambaleante pelo fumo, disse:

— Você já é minha.

— Não senhor, sou livre.

— Não, Naná, não. Você, que se acha tão esperta, não percebeu que assinei a alforria de todos da fazenda menos a sua? Eu lhe dei, por acaso, seu documento de alforria?

Pálida, Naná percebeu que estava perdida.

— Você é minha escrava, e, como tal, não tem direito a ter bens. Tudo que possui é meu.

Já amedrontada e com as pernas trêmulas, Naná encostou-se em um móvel para manter-se em pé e disse:

— Piedade.

Voltando a sentar-se calmamente, Dom Afonso deu uma baforada do instrumento oriental onde ficava seu ópio.

— Piedade? Sabe, madame Mercedes — riu de leve —, até hoje eu me pergunto o significado dessa simples palavra — com um gesto na mão ilustrou. — Piedade, pela nossa querida gramática, podemos dizer seu significado de forma simples, com direito à sua origem e sua tradução literal: “*pi-dade: amor e respeito pelas coisas religiosas; devoção; passar*”





pelo sofrimento de outrem; dor; pena”; o que esqueceram de colocar é que ela é utilizada quase sempre por aqueles que na hora a ouviram e não se atinaram para seu significado, mas, para quem precisa, ela é forte e parece a última salvação. Naná, Nanazinha, querida, como não me encontro em sua situação, que precisa usá-la, não conheço seu significado.

Já sem forças, Naná escorregou até o chão, pois parecia que ele lhe faltava.

— Vou ser mais claro, pois eu sei que por uma questão genética, preta, você está tendo dificuldades para me entender. Esta casa já é minha, estas meninas são minhas e você também é — levantando-se com mais dificuldades por causa do efeito da droga, aproximou-se dela, que ao chão ajoelhada já estava, e com malícia pegou-lhe o rosto.

— É minha querida escrava! Recomponha-se, que quero me divertir. Chame uma cabrocha jeitosa dessas aí, rápido, chame.

Recompondo-se com dificuldade, foi até a porta, já sabendo o que ele queria. Não vendo outra possibilidade, no momento, quanto a qualquer providência a tomar, tudo que ele pedisse faria, para que, satisfeito, tornasse seu martírio mais leve.

— Rosa, vem até aqui, um excelente cliente nos chama.

Apressando-se, atrevida e coquete, ela entrou no quarto.

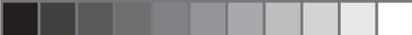
— Hum, fico feliz que nosso cliente mais especial tenha me chamado — dizendo isso, se aproximou de Dom Afonso, que a repeliu com violência.

— Não toque hoje em mim, sua vadia. Estou com o corpo limpo de uma mulher limpa e honrada.

— Mas... — balbuciou Rosa.

— Não tem mais nem menos, fará o que eu mandar, afinal, seu novo patrão sou eu, e você, Naná, não vá saindo de fininho, não, volte, eu quero ficar vendo vocês.





DOM AFONSO

Surpresa, Naná voltou para o centro do quarto, a olhá-lo de forma inquisitiva.

— É isso mesmo, quero ver vocês duas juntas, e não adianta me olhar desse jeito, pois já sei que é disso que você gosta.

Negra abusada e burra, será que achava que ele era retardado? Já desconfiava, e depois tivera certeza de sua ligação com Juliana. Jacinto, antes de ter sido capturado pelos negros da fazenda, lhe contara. Depois disso, bastou juntar as coisas. Sua mulher era pura, bondosa, e era dele. Ninguém macularia esta relação. Não queria saber dessa vagabunda voltando a enfeitiçar Juliana. E, com uma raiva fora do comum, aos berros e tapas, Dom Afonso mandou que elas começassem.







CAPÍTULO XVII



Juliana acordou pela primeira vez. Não fora tão ruim estar com o marido, achava que tinha sido até agradável. Satisfeita, fez sua toalette e se vestiu para tomar café. Lá chegando, percebeu que Afonso já não estava em casa. De repente, teve vontade de comer acompanhada, queria conversar. Sorrindo, tocou a sineta e chamou o mordomo Alfredo.

— Sim, senhora, deseja que lhe sirva?

Sorrindo, Juliana disse:

— Não, meu fiel amigo, quero que tome café comigo, e também nossa cozinheira que tanto se esmera em me agradar, e minha Ba. Pode fazer o favor de chamá-las?

Desconcertado, pois, em anos de profissão acompanhando a família de Dom Afonso, desde a infância do pai deste, nunca recebera convite dessa natureza, pigarreando falou:

— Mas, senhora, não é apropriado.

— Não? Por quê? Você não tem braços como eu, olhos como eu, e nossos corações não batem em nossos peitos para sobrevivermos? Então, chame-as logo, e venham que estou faminta.

Com leve reverência e ainda surpreso, tratou de obedecer à senhora. E, logo mais, estavam os quatro em total harmonia a conversar e sorrir. Chica estava contando-lhes uma história de sua terra distante, quando sentiu aquele arre-





pio conhecido na espinha, e, modulando ligeiramente a voz, disse-lhes, inspirada por Solano:

— Queridos irmãos, sim, Alfredo, somos todos irmãos, porque somos filhos de Deus. A ilusão da liderança de classe, raças e credos não faz parte dos ensinamentos de nosso Pai, e sim dos homens, e por isso volto aqui a pedir confiança e retidão para que vocês possam caminhar pelos ensinamentos de nosso irmão Jesus Cristo, para que possam passar por estas provas com vitória e dignidade. Peço caridade e aceitação para a imperfeição do próximo, e que tenham em mente que em seus corações só deve existir amor, pois o ódio, a revolta e o rancor apenas nos aproximam mais do objeto a quem se endereçam esses sentimentos. Nós temos um grande trabalho de caridade com o próximo para desenvolver, só não se esqueçam de que a caridade mais difícil e importante aos olhos de Deus, Pai Todo-Poderoso, se encontra ao nosso lado, nas nossas casas. Obrigado pela atenção, e parabéns por já terem conseguido chegar até aqui fazendo escolhas certas. Brevemente lhes mostrarei o caminho para a ajuda do próximo, e não se esqueçam de que o grão de arroz e o sorriso tímido dados ao próximo nos são devolvido três vezes mais. E que a mão fechada e o impropério dados ao próximo nos são retornados setenta vezes sete vezes. Obrigado.

Leve tremor sentiu Chica, que um pouco tonta foi amparada pela cozinheira, que como os outros se encontrava atônita.

— Desculpe, gente, acho que estou ficando velha, de vez em quando fico variando.

— Pois não acho que estejas variando — falou Juliana —, pois o que falaste nada tinha de loucura.

— Mas, Dona Juliana, são conceitos contrários a tudo que nos tem sido ensinado e se exige socialmente — disse Alfredo, impressionado e confuso.





DOM AFONSO

— Eu concordo com a patroinha — foi a vez da cozinheira falar —, até porque ficou claro que não foi a nossa querida Francisca quem disse tão belas palavras. Não que ela não as tenha no coração e na mente, mas eu, que já tive o privilégio de conhecer esses fenômenos, pude perceber que Chica estava sendo inspirada por outra pessoa.

Fazendo o sinal-da-cruz, Alfredo disse-lhe:

— Cruz-credo, Maria, não gosto desta conversa de assombração.

— Sim, Maria, você nos falou com tanta convicção que fiquei curiosa, pois estou interessada em uma nova doutrina que parece estudar esses fenômenos.

— Chama-se, minha senhora, espiritismo. Eu já a estudo faz algum tempo. E, pelo que pude perceber, nossa querida Chica é uma forte médium.

— O que é um médium? — perguntou Juliana.

— São pessoas dotadas de sensibilidade e que vêm a esta vida com esse dom, para com o seu trabalho ajudar a espiritualidade e a Deus, Pai Todo-Poderoso, a ajudarem a humanidade — respondeu Maria.

— Então isso é uma dádiva, um presente de Deus.

Sorrindo com o entusiasmo de Juliana, continuou Maria:

— Como todo presente que nos é dado, torna-se uma escolha de caminhos, a mediunidade nem sempre é algo agradável. Quando você é um médium reto e possui amor universal no coração, tem internalizados na alma os preceitos ensinados por Jesus, pode sim ser bom, já que muito se pode fazer com essa faculdade, mas quando o médium vacila em qualquer aspecto da vida, seja por tristeza, medo, ódio, pânico, vaidade, ambição ou preguiça, essa faculdade se volta contra ele, e aí se aproximam espíritos de nível mais baixo, porque seu corpo vira um canal aberto e desprotegido a toda sorte de infelizes, para sugar, desequilibrar, aproveitar e aprontar toda ordem de perversidade.





— Eu não disse que mexer com assombração não dava certo? — ainda se benzendo, falou Alfredo.

Nesse momento Chica interveio:

— Calma, Alfredo, esse prejuízo pode ser causado até em quem não tem sua sensibilidade aflorada, porque, segundo eu entendo, todos têm a possibilidade de desenvolver a mediunidade de modos e formas diferentes, porque nosso corpo de carne é envolvido por nossa energia da alma, que é chamada de perispírito, onde ficam depositados fluidos vitais e portais que nos ligam a esses mundos invisíveis.

— Já não estou entendendo mais nada. Vou voltar para minhas obrigações — falou Alfredo.

— Espere um pouco, não se vá, vamos escutar a continuação da explicação.

— Vou falar de forma mais fácil: nosso corpo contém chacras, portais energéticos que nos ligam ao perispírito e correspondem a partes vitais do corpo. Temos chacras que ficam no rosto e no corpo, temos chacras situados na testa, pescoço, coração, estômago e órgãos sexuais. São canais que agem conforme os nossos pensamentos, o nosso amor, a nossa fala, ou seja, o que sai e o que não sai da nossa boca, da nossa mente, do nosso coração, nossos amores, nossas paixões. Podemos nos equilibrar ou desequilibrar dependendo do que pensamos e escolhemos na vida, nossas alegrias e infelicidades. O chacra que fica em nossa testa representa os nossos pensamentos, o da garganta o que falamos ou que deixamos de falar, o chacra do coração diz respeito a nossas carências, nossos amores, o chacra do estômago o que ingerimos em forma de alimento ou em forma de ações, e depois o chacra conhecido como básico, onde fica nossa sexualidade. Esse chacra tem que ser visto com muito critério e delicadeza, porque a ele corresponde o início da vida, a energia impulsionadora, a procriação, mas, como tudo na vida, os chacras também têm sua





DOM AFONSO

dualidade, e também se encontram no chacra básico nossas vicissitudes, nossas paixões, o nosso eu mais animal e próximo à Terra. Ele, junto com o chacra da cabeça, é o responsável pelo equilíbrio de toda a corrente dos chacras. Não adianta ter os outros portais limpos, ou seja, ter em equilíbrio as outras prioridades na vida representada pelos outros chacras, se essas duas polaridades não estiverem de acordo.

— Chica — falou a cozinheira —, que conceito extraordinário! Isso eu ainda não tinha aprendido, me dê um exemplo para que este conceito se clareie em minha mente.

— Quem se mantém ainda muito primitivo, com pensamentos negativos ou paixões desenfreadas, desequilibra a cabeça, que é interligada diretamente aos órgãos genitais, onde fica toda a energia sexual, que é fortíssima, já que ela impulsiona a procriação e é o local do corpo de onde se tira energia quando a pessoa está em desequilíbrio. Acontece a mesma coisa na cabeça quando o órgão genital também se desequilibra, ou seja, funciona como vício dela. Imagine um homem que se mantém aparentemente com a postura de retidão, mas que tem em sua alma todo tipo de aberrações e moral equivocada. A energia mais densa que surge se concentra nos genitais, que ele usa de forma vil e descuidada, fazendo com que esse chacra se mantenha aberto, e é por aí, meus amigos, que as assombrações, como diz você, Alfredo, começam a se ligar.

— Por que é por aí, já que temos vários portais, ou chacras, como você diz? — perguntou Juliana.

— Porque aí se encontra a energia mais básica, chão do nosso corpo; é um ímã. Infeliz a alma que é obsediada por escolha própria ou por se achar de alguma forma ligada à pessoa que se mantém em desequilíbrio, com a energia básica de seu próprio chacra aberta igual ao do obsessor, que apenas procura uma brecha para se ligar a ela e começar a sua vindita. Essa brecha se encontra no chacra básico em desequi-





líbrio, e isso acontece por eles se tornarem energeticamente iguais, acoplando-se passando a ter uma vida simbiótica. Isso só acontece quando, por decisão própria, o homem por suas escolhas e decisões fragiliza o próprio corpo. A partir daí vem toda uma série de doenças mentais e físicas.

— Então quer dizer que toda origem das doenças vem da obsessão?

— Não todas — continuou Francisca. — Algumas vêm da obsessão ao longo do tempo, quando, por ficarem tão iguais ao obsessor, passam a compartilhar as doenças do desencarne, ou, por ficar o perispírito tanto tempo em desequilíbrio, ele acaba causando danos irreversíveis ao corpo. Mas na maioria dos casos quem adoece o corpo é o próprio dono, com suas raivas, tristezas, paixões, que aos poucos envenenam a si próprio, sem precisar de obsessões.

— E onde se encontra Deus nesses casos? — disse indignado Alfredo.

— Todo princípio de Deus Pai Todo-Poderoso parte das escolhas do livre-arbítrio. Não é Deus quem adoece o corpo, e sim o dono deste. Claro que, antes de irmos para esta missão, escolhemos nossa vida e a forma como desencarnaremos antes do nosso nascimento. Escolhemos a forma da nossa morte, e essa é a forma natural ao terminarmos nossa missão, mas não são poucos os que, com suas atitudes, paixões exacerbadas, fraquezas, machucam tanto o corpo que Deus com tanto carinho nos deu que antes do período correto de desencarne morrem da doença que escolheram para si através do livre-arbítrio. São considerados suicidas.

— Não, querida Chica, com isso não concordo, aprendi que suicida é aquele que tira a própria vida com as mãos — falou Juliana.

— Também, minha menina, só que para usar as mãos o espírito tem que estar pronto para isso, não?





DOM AFONSO

— Pensando — Juliana concordou com um gesto de cabeça.

Continuou Chica:

— Pois é, nós podemos nos matar de várias formas, não só com a mão. O suicídio é uma escolha da alma, e não do corpo, que luta até não mais agüentar para permanecer vivo, já que foi feito para durar todo o período previamente escolhido.

— Ó, Chica, me dá um exemplo aí, para que eu consiga mais claramente entender — falou Maria.

— Vamos ver, por exemplo, o ébrio. Ele tem vontade de beber porque sua alma entorpecida de alguma forma o tira da realidade, só que, por mais sem intenção que ele esteja, sabe que seu corpo não foi feito para tolerar aquela substância em excesso; aí vem a escolha. Fingir que não sabe disso e continuar bebendo faz seu corpo padecer antes do tempo, sem cumprir assim sua missão. Isso é suicídio. Todo aquele que morre por escolha implícita ou explícita é um suicida.

Surpresos e aturdidos, todos na mesa ficaram a pensar na lógica daqueles ensinamentos.

— Eu sei que Dom Afonso não permitiria — falou Maria —, mas gostaria que vocês expusessem esses pensamentos no grupo de estudo espírita que acontece toda terça-feira à noite na casa de uma alma caridosa.

— Não me diga que falas da senhora Elizete.

— Sim, é ela mesma — falou Maria, surpresa.

— Ela mesma me convidou para ir lá, vamos pensar em um modo de Afonso nos permitir.

E em comum acordo todos voltaram para suas atividades, deixando Juliana a refletir sobre todos esses ensinamentos.

Tadeu e a exu estavam impressionados; eles não conseguiam se colar em Dom Afonso, este a cada dia que passava parecia adquirir uma couraça negra que até para eles era di-





Liliana Soares

fácil de se aproximar. Eram os miasmas de vidas e vidas que foram ceifadas por suas ordens ou suas próprias mãos.

— Esse aí é muito pior que a gente, isso é um diabo, ele tem idéias e atitudes piores que as nossas — e, sorrindo com malícia, continuou: — Esse sim, que é homem de verdade, eta! Macho retado, vendo um homem desse e olhando para ti, molambo desgraçado, me dá até pena.

E pôs-se a exu a rir da cara de Tadeu, que, pensativo após assistir a cena no quarto de Naná, ficara a pensar. Sempre gostara de Dom Afonso, e este também padecera nas mãos daqueles miseráveis, ele também merecia aquela vingança; Tadeu por ter sido morto por seus filhos e ele por ter padecido e sido roubado, acusado de um crime que não cometeu.

— Vamos, mulher, deixem eles aí, vamos nos divertir um pouquinho, já dá para ver que com essa aí não precisaremos nos preocupar, porque, como você diz, ele é pior do que nós, e, depois do que ele fez, merecemos até comemorar.

— Bora molambo, se só tem tu, vai tu mesmo — falou a exu.





CAPÍTULO XVIII



Dom Afonso, já completamente drogado, ficou caído no sofá a cochilar. Naná, desorientada com as novidades, após terminar o serviço junto a Rosa para o seu novo senhor, vestiu-se e correu para os fundos da casa, onde entrou no seu santuário. Aproximando-se da sua mesa de jogo, pegou suas pedras e, dizendo palavras mágicas, jogou-as em cima da mesa. Todas as pedras caíram com o fundo virado para baixo, o que significava péssimos presságios. Tornou a catar as pedras e as jogou de novo, e da mesma forma caíram no centro da mesa. Cobrindo o rosto com as mãos, percebeu por uns instantes que chegara a hora da cobrança da vida, e, em prantos angustiados, doloridos, caiu. Pensara em fugir, mas sabia que não estava lidando com um tolo, teria que tomar muito cuidado, maldizendo a hora em que se entregou àquela vingança com o coração à frente e não com a razão. Como fora esquecer da sua própria alforria? E, em prantos, não percebeu o dia passar até que, chamando do lado de fora, abrindo a porta, Flor disse:

— Dom Afonso acordou e mandou chamar todos para o salão, disse que tem um comunicado a fazer. Vamos, coragem, venha comigo, não esqueça que estarei ao seu lado em qualquer situação, pois não esqueci a mão que me estendeste no momento mais difícil da minha vida.

Deveras surpresa com essa demonstração de lealdade, que há muito não via, sorriu-lhe, comovida e agradecida, e





juntas se encaminharam para casa, onde no salão já estavam todos que lá trabalhavam.

Dom Afonso estava ao centro do salão, já completamente feito a esperar a chegada delas. Quando as viu, disse:

— A partir de hoje, mulheres e empregados, o patrão aqui sou eu. É a mim que vocês devem obediência. Não existirá mulher ou homem nessa casa que não trabalhará no salão. E as comissões aqui vão variar conforme a quantidade de clientes que atenderem: se trabalharem muito, ganham muito, se trabalharem pouco, não vão ganhar nada, as jóias e os outros presentes dos clientes serão dados a mim e não a vocês, de onde tirarei a minha parte primeiro e o resto lhes darei, estão entendendo?

Nem um som se ouviu no salão; todos, chocados, apenas ouviam. Sabiam que a prostituição era uma profissão difícil. Madame Mercedes era correta e mantinha uma postura muito mais flexível.

Atônita, mas já conformada, Naná escutava tudo, e ficou surpreendida por ele não ter contado que ela era a sua escrava.

Continuou Dom Afonso:

— Até madame Mercedes trabalhará para mim, sem ganhar nada, afinal, tem que pagar sua dívida — e, sorrindo de forma sarcástica, continuou: — Tu, Mercedes, não vais atender cliente nenhum, serás só minha, e essa rapariga que está ao seu lado, quem é?

— Sou Flor, senhor.

— Você faz o que aqui, que nunca a vi no salão?

— Não trabalho no salão, senhor, faço a limpeza e sirvo as mesas.

— Isso era antes, a partir de hoje vais para o salão.

Frases indignadas fizeram se ouvir no salão, mas a voz de Naná se fez ouvir mais clara:





DOM AFONSO

— Não, ela não é como nós, ela é quase uma criança, é pura, não nasceu para a profissão.

— Ora, ora. O que temos aqui? Uma virgem em um bordel! — sonora gargalhada saiu-lhe do peito.

— Prepare-se, porque vagabunda comigo é tudo igual e não tem vez, amanhã vou dar-lhe para quem pagar mais — fazendo leve reverência para a pequena platéia atônita, com um gesto da mão se despediu. Dom Afonso saiu da casa em direção à sua residência, pois estava com saudades de sua mulher.

Com a saída de Dom Afonso, a confusão se fez presente no salão. Naná se viu bombardeada de perguntas e mãos curiosas, que a tocavam querendo atenção. Tadeu a tudo assistia, sentindo alegria imensa, gargalhando a pregas soltas.

— Toma, menina esperta! Não é isso o que tu acha que és? Agora você viu o que é ser atraíçoada, humilhada e feita de boba.

— Agora chega, Tadeu. Você parece que está ficando doido a falar um bocado de coisa sem ter por quê. Quero ver se agora essa traíçoeira me dá de comer e vem de joelhos pedir minha ajuda, você disse que ela me daria o dobro de presentes, caso estivesse com problemas, você disse.

— Cale essa boca, vagabunda esculhambada! Eu quero lá saber de ti? Não está vendo o que está acontecendo? Mente pequena e medíocre! — falou Tadeu, que alegremente pôs-se a cantar.

— Você, Tadeu, não ria de mim. Você está aqui perto de Naná porque eu quero, eu quero comida e estou com raiva por causa disso, mas não ouse você, maltrapilho, fedorento, a me tratar de qualquer forma, senão, egum, acabo com a sua festa.

— Você não fez nada disso aqui atrevida, quem tudo fez foi Afonso, não vêes que nem você nem eu conseguimos





Liliana Soares

e nem precisamos inflamá-lo para o que quer que seja? Sua cega, ele fez tudo sozinho, com seu próprio ódio.

— Nisso você tem razão, a energia dele é mais negra do que a nossa. Com esse aí morto, nem o gostoso do tranca-rua é pesado igual. Pare, desgraçado, de rir, que você está me irritando, agora vai ver, vou amarrá-lo e só lhe soltarei quando me tratar como uma dama.





CAPÍTULO XIX



Naná estava tão atordoada que saiu da sala apenas respondendo que agora o novo dono da casa era Dom Afonso, e se desculpendo correu para o quarto onde estava Dona Persília deitada. Não percebera que procurara refúgio ali, próxima à sua antiga algóz. Lá entrando, foi com surpresa que a viu com a voz diferente, a blasfemar com as mãos juntas como se estivesse amarrada.

— Me larga, desgraçada! Desamarra, vai, você não pode fazer isso comigo, sou seu único amigo, não vês que aquela negra abusada não lhe dará mais nada? Ela agora mudou de lado, o abandonou.

Impressionada, Naná observou aquela cena. Estava claro para ela o que acontecia, afinal, ela mais do que ninguém sentia a vibração tão conhecida da sua antiga exu. Percebia o que ela estava fazendo e, como se tudo clareasse em sua mente, notou que no corpo de Dona Persília habitava um egum bem desequilibrado, e em seu olhar podia reconhecer aquela centelha de ódio que nestes últimos dias presenciara em alguns momentos enquanto cuidava da sua antiga senhora, principalmente quando esta estava mais delirante.

— Minha eterna companheira de batalha, estás aí? Vamos, fala comigo, que sou sua senhora — disse Naná emocionada para a exu, que não conseguia ver, mas que claramente sentia.





O exu, ouvindo aquele chamado imperioso e tão conhecido, logo parou o que estava fazendo, ainda deixando Tadeu amarrado, e se voltou para aquela mulher que com ela esteve por tantas vidas.

— Minha menina, eu sei que estás aí. O que queres? Vem comigo, vamos para o nosso quarto, vou fazer o jogo e lá tu me dirás o que há — falou Naná.

Dizendo isso, Naná saiu do quarto de Dona Persília, que a plenos pulmões gritava:

— Não vás, ela vai te enganar, não acredite nela, desgraçada, me solta, me solta.

O exu, não dando ouvidos a Tadeu porque estava faminta, seguiu Naná até os fundos da casa, para o quarto tão querido dos exus, que hoje estava vazio. Não tinha mais a sua imagem, nem seu fumo ou sua bebida; ela se sentiu triste. Iansã estava próxima a toda cena, armada por ela e por Carolina. Observava tudo de longe, e sem despregar os olhos do que ocorria disse:

— Vai, Padilha, essa é a sua chance.

— Sim, senhora, vou já buscar o instrumento para falar-lhes.

— Sim, menina, pega Flor, que a colocamos aqui para nos ajudar no tempo certo, e esse tempo é agora.

Mentalmente elas atraíram Flor para o fundo da casa. Esta de repente sentiu necessidade de respirar um pouco de ar puro, e foi para o fundo da casa, onde tinha um riacho, para lá aliviar suas preocupações.

Estava assustada com as palavras ditas pelo novo patrão. Não queria fazer vida, nada tinha contra quem fazia, era extremamente grata a madame Mercedes pela acolhida quando pensou que morreria de fome nas ruas, mas ela mesma tinha dito que não a colocaria na vida. Afinal, de onde estava, não pôde deixar de perceber seu ar desesperado após a decisão de Dom Afonso.





DOM AFONSO

Carolina, que já a esperava, pois sem que ela percebesse a chamara para perto do quarto da suíte de Naná, levou-a para lá, onde já estava Iansã, Naná e a exu. Naná, ao vê-la chegar, puxou uma cadeira que lá existia próxima à mesa, que, agora vazia, antes servia para jogar suas pedras adivinhatórias. Sem saber o que fazer, pois tinha jogado tudo fora, fez o que seu coração mandou, e em silêncio fez sentida prece, como o padre Simões a tinha ensinado na catequese.

Ao ouvir a oração de Naná, a exu que a acompanhava há vidas ficou surpresa. Esperava qualquer coisa, menos isso.

Devagar, Flor entrou no quarto, e já em trabalho com Carolina disse:

— Bom dia, irmã, venho aqui em nome da minha mãe Iansã e do Pai Todo-Poderoso, para, com todo amor e caridade, ajudar mais duas almas sofridas. Assustada e comovida, Naná logo compreendeu que ela estava incorporada por algum ser de luz.

— Venha cá, moça — falou a médium para o exu que estava ao lado de Naná. — Diga tudo o que está sentindo.

— Saia daqui, sua intrometida, nem te conheço — e parou ao perceber que tudo que falara aquela mulher que se chamava Flor repetia como se ela fosse.

— Ave Maria, o que está acontecendo aqui, sua bruxa, desgraçada, isso é alguma brincadeira?

— Não, minha escrava — disse Naná —, que não via a exu, mas a sentia a seu lado. — Essa moça é uma sensitiva, um instrumento do pai Oxalá, e através dela poderemos conversar. O que você quer, não viu que já a desamarrei, que não é mais minha escrava?

— Eu estou com fome e com sede, você está achando o quê, sua traidora? Que pode usar e depois simplesmente me largar feito trapo velho? Não, senhora, você tem que me pagar tudo isso. Isso aqui fomos nós que lhe demos, não pode me abandonar assim.





— Não vê que sou muito grata a tudo que fizeram, e que por isso mesmo lhe dei a liberdade, que é o presente mais precioso que há?

— Eu estou com fome, eu quero comida, agora.

— Eu lhe darei mais do que isso, fique calma e vamos conversar direito.

— Não quero saber de conversa.

— Forte arrepio na coluna sentiu Nana, e na mesma hora, pulando da cadeira, com sua espada na mão, já incorporada Iansã deu seu grito de guerra.

— Ave Maria, perdoe, mãe, perdoe, mãe.

— Você sabe que trabalha para mim, e que eu trabalho para o pai Oxalá. Venha, ovelha desgarrada, volte para os meus braços, que toda fome e toda sede que sentir será aplacada, e tudo terá em dobro. Quando souber obedecer minhas ordens, depois de tratada, trabalhará.

Emocionada, já não mais via Naná, e sim a figura impressionante de Iansã, a quem sabia dever obediência. Em prantos sentidos e cansados caiu. Iansã, que em sua direção impusera a mão, lançou-lhe raios dourados e violetas para proteger-lhe e modificar-lhe, fazendo com que essa irmã caísse em sono profundo, e, com a ajuda de Carolina, a enrolaram em um manto energético.

— Vai, Padilha, encaminhe-a para o pronto-socorro, e agradeça ao Deus Pai por essa graça conseguida, resgatando mais uma alma desorientada.

Com os olhos banhados em lágrimas, Carolina falou:

— Sim, minha mãe, mais uma pobre infeliz, meu coração salta de alegria, pois a cada resgate lembro-me do meu — e, aconchegando a exu nos braços como se fosse uma criança, disse:

— Venha, minha querida irmã, durma o sono dos anjos, e quando acordar terá um mundo novo para descobrir. E assim se desvaneceu, saindo daquele quarto.





DOM AFONSO

Iansã se aproximou de Flor, que, exausta, se encontrava próxima da parede, e por ela falou:

— Vamos, Naná, saia dessa apatia, estou muito feliz pela sua mudança e boas escolhas que vem há pouco tempo fazendo, fique em alerta para a solução que difícil para você será, mas que cortará definitivamente as suas raízes nessa história.

Dando seu grito, Iansã se desacoplou da médium, que, exausta, deixou-se encostar na parede e olhou para Naná assustada, já que, mesmo tendo o corpo utilizado por essa entidade, tudo ouviu e entendeu. Naná em prantos se atirou aos seus braços, e juntas choraram, com misto de alívio e medo do porvir.







CAPÍTULO XX



Juliana estava genuinamente feliz, não esperava que pudessem se ser bom estar com o seu marido, e como eram reconfortantes esses novos conhecimentos que estava adquirindo. Sentia-se mais leve e menos revoltada. Hoje à noite era dia de reunião na casa de Dona Elizete, a médium, e gostaria muito de ir. Precisaria falar com Afonso, e quem sabe convencê-lo a ir. Este se encontrava no gabinete à sua espera, onde gostaria de conversar sobre a rotina da casa, antes de almoçar.

- Boa tarde, meu marido.
- Boa tarde, minha flor!
- Tem compromisso hoje à noite?

Disfarçando, pois sabia exatamente onde gostaria de ir à noite, disse:

- Por que, Juliana, tem em mente alguma coisa?
- Você se lembra daquela senhora, que encontramos no jantar oferecido a você? Dona Elizete?
- Sim, sim, a esposa de Orlando Ventura, o médico?
- É ela mesma. Convidou-me para ir à reunião de estudos que promove em sua casa toda semana. Estou toda empolgada, gostaria muito de ir. Posso, Afonso? Por favor, você pode inclusive ir comigo?

Dom Afonso pensou... E essa agora... Deixar de fumar e dormir com a sua bela negra para tomar chá e jogar conversa fora com essas mulheres que nada têm para fazer?





— Infelizmente, minha flor, hoje à noite tenho clientes para encontrar e examinar determinada causa, muito difícil.

Juliana, já mostrando decepção, falou:

— Mas, Afonso, ela é uma dama muito respeitável, ela e lá outras tantas estarão, a conversar sobre suas casas e sobre tudo, inclusive seus maridos. Não acha que seria muito proveitoso para você que eu lá estivesse e freqüentasse?

Danada! Essa Juliana era muito esperta, boa escolha fizera.

— Está bem, mas infelizmente não poderei acompanhá-la pois o trabalho me chama. Então você não terá com quem ir.

— Peça para Alfredo ir comigo, meu amor, a me escoltar e também à minha Bá.

Desconfiado, Afonso a olhou, observando:

— Levar quem, Juliana? Você não disse que tem uma reunião com senhoras da sociedade? Por que cargas d'água quer levar uma negra contigo?

— Ora, meu marido, logo se vê que não está por dentro da moda. É comum e chique andar acompanhada por uma dama de companhia.

— Ela é uma preta, Juliana.

— Então tu não és um abolicionista?

Sorrindo com a inteligência e sutileza de Juliana, disse:

— Você não tem jeito, leve também Alfredo, que já está velho para lutar contra malfeitores, mas impõe respeito pelo seu nome e tempo de serviço com minha família. Mas, se não deixarem Francisca entrar, não venha chorar.

Batendo palmas e dando pulos de alegria, beijou o rosto do marido agradecida, e juntos foram compartilhar a refeição. Depois, Juliana subiu para tirar uma sesta, e Dom Afonso chamou Alfredo para passar-lhe recomendações.

— Chamou, senhor Dom Afonso?





DOM AFONSO

— Sim, Alfredo, você irá hoje, e sempre que for preciso, acompanhar Juliana a essa reunião. Fique atento, pois não quero ninguém do sexo oposto a encostar nela, e quero que me relate com detalhes tudo o que lá disserem e acontecer. Posso contar com você?

— Claro, senhor, tenho por você toda consideração e respeito, como por seu pai tinha. A senhora Juliana estará segura comigo.

— Assim é que se fala, já estou mais tranqüilo, pegue meu chapéu e minha bengala, terei que agüentar mais uma intolerável reunião com aqueles jovens bobos a falar da igualdade e da absurda abolição da escravatura. Resmungando, voltou a examinar seus papéis.

— Com licença, senhor.

Apreensivo o mordomo ficou, sentiu um aperto no peito sem explicação, pois sabia o conteúdo dessa reunião na qual iria com a senhora. Ele mesmo estava muito interessado em ir, mas, quando pensava nisso, sentia seu coração pesado. Estava claro que Dom Afonso não sabia do que se tratava; teria que pensar se diria o que era ou não. E, absorto em seus pensamentos, foi cuidar de suas obrigações.

Francisca estava ajudando na cozinha, quando sentiu a proximidade de Solano, que com um gesto a chamou, pedindo-lhe que fosse a um lugar mais reservado, pois precisava falar-lhe. Enxugando as mãos, Francisca pediu licença e foi para o seu dormitório. Lá chegando, já emocionada pela graça de mais uma vez poder ter contato com seu grande amigo, falou:

— Amigo Solano, tenho muito a agradecer, todas estas mudanças na história me foram preparadas e previstas por você, meu irmão, e eu aqui sou sua serva e do meu pai Oxalá, para ser sempre instrumento de suas vontades.





Liliana Soares

— Também me sinto feliz, Francisca, por estar aqui a falar-lhe mais uma vez, apenas dentro de mim não existe a saudade, já que perto de vocês não saio — disse-lhe, sorrindo.

— Preciso de sua ajuda.

— Às suas ordens, irmão.

— Hoje vais a um lugar santificado onde muito ajudará a todos os envolvidos nas amarras dessa história, só que existe uma alma que precisará de sua ajuda, e essa alma é sua filha de santo.

— Naná.

— Isso mesmo, ela também está pronta para ser resgatada. Irá sofrer as conseqüências dos seus atos, e também receber as bênçãos de Deus por sua caridade para com muitas almas, que sem noção disso ela ajudou.

— Farei o que for preciso, Solano, me diga como.

— No momento oportuno você terá a resposta. Fique atenta e alerta, pois precisaremos muito de você — falou Solano, osculando-lhe a testa. Após isso, desvaneceu-se, deixando Francisca em volta de suave tranqüilidade e serenidade.





CAPÍTULO XXI



Batendo-lhe na porta, Juliana entrou de mansinho em seu quarto e ficou surpresa em encontrar Francisca ainda sem se trocar, sentada na cama com uma expressão de encantamento no rosto.

— Minha querida mãezinha, você ainda não está pronta? Vamos, está na hora, deixe que a ajude.

— Ora! Ora! Cada uma! A sinhazinha me ajudando a vestir. Não, senhora, ainda não estou mal das pernas, nem dos braços — resmungou esta, fazendo Juliana cair na gargalhada.

— Eu realmente senti sua falta.

Juntas, foram terminar de se aprontar para a reunião.







CAPÍTULO XXII



“O que está acontecendo? Será que fiquei cega de um olho”, pensou Dona Persília. Agora já sentia poucas dores, mas era difícil levantar. Não sentia as pernas, que se atrofiaram com as profundas queimaduras, mas o que mais a incomodava era essa dor no peito e nas costas, que parecia um punhal atravessando-lhe o peito. Coberta de véus, não imaginava em que estado se encontrava. Nunca! Assim roubada, traída, deformada e ainda por cima necessitando da caridade daquela negra imunda, que por pior que fosse era a única a estar ao seu lado. Fortes soluços deixou escapar de sua boca sem lábios; sentia tanto ódio que parecia que ia estourar, isso estava deixando-a exausta, precisava dormir e aliviar esse sentimento tão estranho, percebia que em alguns momentos conseguia não sentir ódio tão grande e assim conseguia descansar, e até sentia um pouco de remorso pela atitude que tivera em relação àquela negrinha desgraçada. Quando pensava assim, de repente penetrava em seus pensamentos um ódio tão intenso que a fazia sentir sufocar, e as malditas dores recomeçavam. Misericórdia! Por que não tinha morrido? Não, não queria morrer, que desespero! Não podia nem rogar a Deus, pois não acreditava mais nele de tanta injustiça de que fora vítima.

Tadeu, que colado a ela estava, sentia seus pulsos e pernas livres das amarras. Onde será que estava aquela desqualificada que fizera isso com ele? Por mais que não gostasse, sabia





que precisava dela, ou de alguém para se juntar a ele, pois aquelas intronetidas cheias de luz queriam se meter onde não eram chamadas. Desejou isso com tanta força que tomou um susto, quando viu surgir próximo a ele uma figura digna de pena, uma senhora muito pálida e sofrida, com profundas olheiras e com chakra cardíaco em brasa. Aproximou-se como se louca estivesse em direção à sua mulher, Dona Persília, que estava agora sob o domínio dele.

O vulto de Dona Otacília, com lágrimas nos olhos, disse:
— Por que, Persília, tu fizeste isso? Por quê?

A energia desprendida por Dona Otacília causou em sua irmã um terror imenso, aumentando-lhe o sofrimento, que imediatamente fez Tadeu também sentir, já que tão unidos estavam na possessão que a simbiose entre ambos era imensa, e suas dores eram sentidas conjuntamente.

— Saia daqui! — gritou Tadeu para Dona Otacília. — Não foi você que chamei, não se aproxime dela ou vai se arrepender.

Não percebeu ele que Dona Otacília encontrava-se alheia a tudo, como um fantasma andando pelo quarto a repetir sem parar esta frase:

— Por que, Persília, fizeste isso, por quê?





CAPÍTULO XXIII



Juliana olhou pela janela do coche e viu a entrada da casa da família Ventura, onde seria realizada a sessão mediúnica. Dava para ver que realmente eram abastados, e já se encontravam alguns coches estacionados à frente.

— Ainda dá tempo de voltarmos, senhora. Confesso que muito interesse despertou em mim toda aquela conversa, mas ainda morro de medo de assombração — disse Alfredo.

Sorrindo, a preta Chica disse:

— Deixe de frouxidão, não vê que este medo é infundado, são apenas medos e traumas da infância, que os maldosos fantasiam para pôr medo em criancinhas.

Juliana nada disse, mas compartilhava dos mesmos medos do seu empregado e amigo.

A porta do coche foi aberta por um funcionário da casa de Dona Elizete, que formalmente os encaminhou para dentro da casa. Surpresos com o bom gosto da decoração, eles foram entrando, e a anfitriã se dirigiu com um belo sorriso em direção a eles.

— Sejam bem-vindos todos, chegaram bem na hora. Vou apresentar-lhes aos companheiros que aqui estão, e depois se sentarão e observarão a rotina e as regras da casa.

Assim dizendo, foi se dirigindo para a sala, onde já se encontrava uma dúzia de pessoas, e os novatos, surpresos, observaram serem estes de diferentes níveis sociais. Os presentes





se sentavam nas cadeiras em volta de uma grande mesa, coberta com toalha branca, e sobre ela se encontravam uma de jarra de água, copos e dois exemplares de um livro.

Foram recebidos com alegria por todos, e Juliana, muito satisfeita, percebeu que o tratamento dirigido a seus empregados era sincero e igual ao dedicado a ela. Lá já estava Maria, a cozinheira de sua casa, ao lado de um jurista famoso da época, que, se levantando, puxou as cadeiras para eles também sentarem.

Dona Elizete também se sentou e tomou a palavra:

— É com muita satisfação e agradecimento a todos que estão aqui presentes que declaro aberta mais uma seção de estudos e ajuda. Com a permissão de Deus, continuemos retos a amparados nos nossos caminhos. Hoje nós temos mais quatro integrantes, vindos aqui como nós, sedentos para adquirir conhecimento e amparo para os corações sofridos e cansados.

Juliana estranhou o fato de ela dizer quatro pessoas, porque sua comitiva era composta por três. Deixando de lado essa observação, voltou a prestar atenção no desenrolar da palestra, pegando o livro à sua frente. O marido de Dona Elizete começou a ler o capítulo XII e disse:

— Amai vossos inimigos.

“Ouviste o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás teus inimigos. Mas eu vos digo: Amai vossos inimigos, fazeis o bem aos que vos odeiam, e orai por aqueles que vos perseguem e vos caluniam. Desse modo vos tornarei filhos de vosso Pai, que está no céus, porque ele faz o sol se levantar para bons e maus, e faz chover sobre justos e injustos. Pois se amardes somente aqueles que vos amam, que recompensa tereis disso? [...] se o amor ao próximo é o princípio da caridade, amar a seus inimigos é sua aplicação sublime, pois essa virtude é uma das maiores vitórias sobre o egoísmo e o orgulho” (Kardec, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 124-125).





DOM AFONSO

Fechando o livro, abriu a discussão sobre o precioso e incomum tema. Um senhor que próximo à Francisca estava, com a aparência distinta e com ar indignado, replicou:

— Isso é uma utopia; como podemos nós amar aquele que tão cruelmente fere-nos de forma tão profunda? Parece-me impossível voltar a respirar, de tanta dor que tenho no peito. Diga, vamos, me explique! Como posso perdoar o homem que desonrou minha filha e a abandonou, causando seu suicídio? — falou o senhor, já com voz carregada e alterada.

Uma senhora simples, mas distinta, se aproximou dele e com eficiência aplicou-lhe passe rápido, com movimentos de dentro para fora. Parecia, para Juliana, que daquele gesto saiu muita luz dourada, que depois passou a lilás, indo para a tonalidade do azul. Mais tarde viria a saber o que significavam: proteção, transmutação de sentimentos e calma, nessa ordem.

Tomando a palavra, o doutor Orlando Ventura, marido da médium, replicou:

— Eu sei, meu irmão, quão dura é para ti essa fatalidade, mas vamos observar essa problemática com os olhos frios. Estás mais calmo?

Acenando que sim com a cabeça, já mais recomposto, disse:

— Tentarei, meu amigo, tentarei.

Sorrindo já de volta, Dr. Orlando continuou:

— Quem somos nós, meu irmão, para sabermos o que realmente aconteceu? Esqueceu que a direção de nossas vidas está em nossas mãos e não na do próximo? E que nós escolhemos com quem nos envolvemos e o que faremos depois com as conseqüências de nossos atos? Marina tinha muitos caminhos para escolher após a desonra, que para nós e para Deus nada significa, já que essa palavra, extremamente mal empregada, não é no corpo, e sim no coração. Deus foi muito





bom para ela, pois, já prevendo a situação, colocou-a em um lar que a ampararia no momento da dor, com genitores que a amavam e por ela tudo faziam, incentivando esta a continuar seguindo sua vida. Poderia ter lutado por ele, ou simplesmente tentado se curar dessa ferida na alma, mas não, ela se matou.

— Sim, porque estava triste e desesperada.

— Não, porque estava raivosa e queria vingança chamando a atenção. Já nos foi dito que é premissa essencial para o psicológico suicida a personalidade raivosa e vingativa, e seu gesto nunca é direcionado para ele, e sim para um objeto ou causa que se quer atingir. Eu sei, meu amigo, que é duro ouvir isso, mas peço que elabore essa frase e aos poucos pense nela.

Em prantos sentidos, o senhor pai de Marina estava, mas já sem aquela centelha de ódio que o estava acompanhando há pouco.

— Alguém mais quer fazer alguma observação sobre o tema?

Olhando ao redor e observando os rostos pensativos, disse:

— Bem, é um assunto um tanto complexo. Peço então que levem o tema para casa e na próxima semana continuaremos com o tópico.

Todos concordaram.

— Quem assim deseja, levantem as mãos.

Todos os presentes assim fizeram.

— Bom — sorrindo, Dr. Orlando continuou — vamos iniciar os socorros.

Levantando-se, apagou os candeeiros, deixando apenas um no centro da mesa, e, feito assim, todos se deram as mãos e suave prece fizeram. De repente, Dona Elizete caiu em prantos desesperados, e com voz levemente modificada falou:





DOM AFONSO

— Por que, Persília, tu fizeste isso, por quê?

Juliana deu um salto, e, assustada, percebeu que seus companheiros, com exceção de Chica, se assustaram também, afinal, esse era o nome de sua mãe.

— Como se chama? — falou Dr. Orlando.

— Eu me chamo Otacília, onde ela está? Aquela... — continuou com soluços sentidos: — Ela estava aqui agora, Deus a castigou, ela estava aqui.

A mesma senhora que aplicara o passe no pai de Marina há pouco se aproximou da médium, e o mesmo fez.

— Você, agora, Otacília, está entre amigos, vejo que está muito cansada. Já está na hora de descansar e se cuidar, vamos, vá com nossos amigos médicos que estão a seu lado.

— Ir para onde? Tenho medo, eu a coloquei para fora da minha casa, acabei com sua reputação, não quero ir para o inferno.

— Não, irmã, tu não vais para o inferno, vais para um hospital de Deus se cuidar. Confia, não tenhas medo.

Ainda em prantos cansados, respondeu:

— Vou. Não agüento mais tanto sofrimento — respondeu Otacília, com a voz embargada.

— Graças a Deus. Vamos fazer uma prece pela alma dessa irmã infeliz.

E assim todos fizeram. O jurista respeitado que ao lado de Juliana estava sentado se levantou e acendeu as luzes, e só nesse momento percebeu que esta, com o rosto coberto de lágrimas, pedia a palavra.

— Quero agradecer a todos por essa caridade. A senhora que aqui estava é a minha tia, estou realmente impressionada e já não me restam dúvidas da seriedade do trabalho que realizam aqui. Obrigada mais uma vez.

Dito isso, a senhora Elizete, já restabelecida, sorriu e começou a proferir a prece de encerramento de mais um dia





de trabalhos. Muito emocionada ao se despedir, Juliana abraçou a anfitriã e disse-lhe:

— Muito obrigada por essa caridade e lição de vida, eu me senti ainda mais impressionada com essa doutrina, uma vez que a vi com meus próprios olhos na prática.

— É isso mesmo, minha filha, alguns anos atrás eu também passei por experiência parecida.

— Fico realmente grata pela experiência, mas gostaria de ser mais útil para o próximo. A senhora se lembra daquela conversa que tivemos no jantar? Pois não mais saiu da minha cabeça, eu sinto que devo preencher minha vida com a caridade, não quero mais ter uma vida vazia.

— Bons ventos trazem essas palavras, estou precisando de ajuda. Falei-te que estou começando um projeto muito querido e desejado, que iniciarei nesse próximo domingo.

— Que projeto? — falou Juliana, já interessada.

— O Lar de Maria, uma casa com que meu bom marido presenteou-me, que fica nas proximidades das docas. Lá será uma casa de acolhimento e ajuda às mulheres desamparadas, vítimas dos infortúnios da vida.

— Que maravilha! Mas como funcionará, Dona Elizete? — falou interessado e surpreso o mordomo Alfredo.

— As mulheres que lá chegarem à procura de ajuda serão entrevistadas, passarão por nós e serão encaminhadas a médicos, assistentes sociais e a um emprego, e em casos muito periclitantes às autoridades competentes.

— Mas, assim, sem exigir nada em troca? Não vai transformar esse lar em casa de pedintes?

— Boa pergunta, amigo de alma pura, não será gratuito. As mulheres que lá tiverem ajuda terão que prestar serviços na mesma casa ajudando na caridade de outras mulheres infelizes, e também só serão encaminhadas para o trabalho aquelas que tiverem o coração pronto para a mudança. Bem,





DOM AFONSO

como vocês podem ver, é muito trabalho para uma alma só, e toda ajuda será bem-vinda.

— Eu tenho muito interesse, Dona Elizete, em participar desse projeto, posso? — falou Juliana.

— Mas claro, todo domingo à tarde nos encontraremos no endereço que te darei. Lá está a casa escolhida, e com a ajuda de outros voluntários da própria localidade já começaremos a trabalhar. Estamos no início, mas já começamos a organizar as tarefas.

— Tenho um pouco de conhecimento de vida e das ervas passadas por meus antepassados — falou Chica —, e eu tinha como obrigação passar para meus filhos, mas, como não me foi possível, caso as sinhás concordem, poderia ensinar remédios para as filhas que Deus me trará através da dor — após falar, envergonhada, abaixou os olhos.

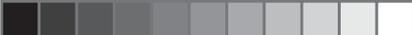
Dona Elizete, emocionada, a abraçou e disse:

— Minha irmã de alma, sua ajuda e caridade nos será um precioso presente.

Entusiasmadas, Juliana, Elizete, a cozinheira e Chica passaram a falar e a fazer planos, quando o sempre sensato Alfredo, o mordomo, chamou-lhes a atenção para o passar das horas, e assim, com alegres despedidas, puseram-se todos a caminho de casa.

Neste mesmo momento, em ambiente bem diverso do que estavam, o cheiro de charuto e bebida inundava o recinto. Era o salão de festa da casa de Naná, a famosa madame Mercedes, que agora pertencia a Dom Afonso, que lá estava a beber em um canto, observando o movimento e a degradação dos ditos honrados da sociedade paulista a se empanturrar de vícios. Friamente, e com um sorriso cínico, Dom Afonso observava um canto um senador a dar palmadinhas nas nádegas de uma garota recém-saída da puberdade, e ao lado deste o





seu filho, que lá estava sem parecer se importar com a mulher que lhe roçava o corpo, e sim com o rapaz atrás do balcão que servia bebidas, chegando até mesmo discretamente a fazer sinal para que este se encontrasse no quarto com ele, sem que seu genitor nada percebesse, ao invés daquela mulher irritante que, a mando do seu pai, o tentava seduzir.

Dom Afonso olhava a cena com nojo. Não podia esquecer de cobrar depois daquele rapaz do bar a comissão da casa. Do outro lado do salão ficavam as mesas de jogos. Havia um contraste interessante do vermelho das cortinas e do chão com o verde das mesas ceifadoras de vidas, onde se encontravam jogadores profissionais e jovens tolos a gastar as fortunas deixadas por seus pais, sem se importar com a miséria em que deixariam suas mães, irmãs e esposas por esse ato tresloucado. Entre os vícios do jogo, o pior deles era o do poder que ali se encontrava escondido. Sim, pensou Dom Afonso, esse era o pior vício, o do poder, porque ele era traiçoeiro, vestia outras máscaras e se escondia na honra social, na comprovação da masculinidade e na desculpa de todo o tipo, assim agindo. Os viciados jogadores, achando prazer nesses míseros segundos de poder em que os dados rolavam no ar ou antes de a próxima carta ser descartada, suas baixas e podres auto-estimas, arrasadas e vazias.

Dom Afonso observava com interesse esses reles personagens que lá se encontravam. Reparou no olhar triste da moça que no palco se encontrava no centro do salão, a cantar com voz bonita e cansada, a dançar mostrando suas pernas, que eram a única coisa realmente percebida pelas bestas viciadas que lá se encontravam. Com um suspiro resignado, levantou-se de onde estava, pensando: fazer o quê? A vida era assim, aprendera isso, e esta era dura com os fracos, coisa que ele não seria nunca. A teoria era simples: “Entre os ruins, seja inteligente e pior!” Porque a qualquer esquina apareceria al-





DOM AFONSO

guém tentando impor seu poder e sua traição para com quem fraquejasse.

Uma bela mulher, que já reparara antes, como era mesmo o nome dela... Ah, Rosa, aproximou-se, levando-lhe mais um copo de conhaque, e sorrindo com malícia falou-lhe:

— Meu querido patrão, trouxe-lhe seu conhaque preferido para de alguma forma aquecê-lo. Se tu não achares suficiente, estou a seu dispor para aquecê-lo de forma conveniente.

Na mesma hora, Dom Afonso percebeu que aquele personagem ambicioso podia ser-lhe bastante útil.

— Sim, minha boa menina, vai aquecer-me sim, mas será com outra dose de conhaque e mandando madame Mercedes largar aquele cliente e ficar à minha disposição no quarto — dando-lhe um leve tapa na cara, continuou: — Vamos, desamarre essa cara e faz o que estou mandando, e outra coisa, ordinária, não fale por aí que sou seu patrão, está me ouvindo? Para todos aqui, essa casa é de madame Mercedes — dando um sorrisinho sarcástico, Dom Afonso continuou: — Isso, melhora essa cara, assim está melhor, vai, faz o que lhe digo e depois vai trabalhar.

Dizendo isso, piscou-lhe e depositou uma moeda em sua mão, sem perder mais tempo com aquela figura insignificante. Foi para a saleta privada, onde se encontrava um antigo cliente que lá se encontrava discretamente à sua espera para um encontro. Ao entrar na saleta íntima, foi ao encontro do baixo e gordo personagem que alisava constantemente seu bigode bem aparado, e que lhe estendo a mão logo falou:

— Boa noite, velho amigo!

Dom Afonso, sorrindo de volta, respondeu:

— Muito boa noite. Então, gostou do carregamento de negros que mandei para sua fazenda no inverno passado?

— Como sempre, seus serviços foram impecáveis.

— Vamos, sente-se, fique à vontade. Vejo que já está





tomando sua bebida, antes de sair lhe ofereço um fumo de ótima qualidade que mandei trazer do novo carregamento.

— Ah! Muito obrigado, bom amigo — falou satisfeito o cliente de Dom Afonso.

— E, por falar nisso, está interessado na minha nova mercadoria?

— Estou sim, só que desta vez tenho encomenda especial a fazer.

Atento, Dom Afonso se recostou na bela cadeira e o observou melhor.

— Sim, de que se trata?

O cliente, olhando para os lados, disse:

— Uma virgem.

— Como?

— Psiu, fale baixo! Uma virgem.

— Mas já lhe enviei tanta negrinha virgem! Não entendendo o seu nervosismo nesse pedido — falou Dom Afonso surpreso.

— Arranje uma virgem branca para me servir com exclusividade.

Segurando um sorriso de escárnio e observando com desdém aquela figura degradante à sua frente, falou:

— Só tráfico negro, negro, meu bom amigo, o tráfico de brancos é proibido!

— Não se faça de desentendido, sabe do que estou falando.

— Não, não sei, seja claro que meu tempo é precioso, e espero que não o tenha perdido com você.

— Está claro para mim que você é o proprietário desta casa. Aquela negra deslumbrante não seria capaz de montar esse negócio. Quero uma mocinha para me servir com exclusividade, e em troca, além do pagamento por ela, claro, compro toda sua carga de negros e revendo.





DOM AFONSO

Já satisfeito, Dom Afonso mudou o tom de voz.

— Agora sim estás falando a minha língua. Tenho aqui o que tu queres, uma virgem pura e bonita trabalha para mim, só que não foi iniciada ainda na vida.

— Quero-a agora!

— Não, senhor, passe amanhã no meu procurador, feche e pague o negócio, que amanhã mesmo terá sua menina.

Dito isso, Dom Afonso e seu cliente apertaram as mãos, como símbolo do fechamento do negócio. Batendo palmas, o novo proprietário da casa de tolerância logo foi atendido pela mesma moça, Rosa, que antes havia ganhado a moeda.

— Sim, senhor?

— Divirta meu amigo aqui e ofereça a ele aquele nosso ópio especial, tudo por conta da casa.

— Sabe o que mais admiro em você, meu velho amigo?

— O quê?

— Você sabe agradar o cliente — e sorrindo, já segurando as nádegas de Rosa, foi-se com esta porta afora, deixando Dom Afonso perdido em pensamentos na sala íntima.

“A humanidade é podre, velho asqueroso”. Tinha vontade de matar essa escória podre da face da terra. Dando de ombros, pensou, se fosse para realizar minha vontade, dizimaria todo o Estado de São Paulo. Ah! O problema era deles, não entendia por que hoje estava assim divagando tanto. “Vou ver minha bela escrava preta, saciar minha volúpia, toda essa história me deixou excitado, darei conta da preta e depois, já mais saciado, farei amor com minha bela e pura esposa”. Sorrindo diante dessa possibilidade, subiu as escadas e lá ouviu gritos horrorosos vindos de um quarto. Abriu a porta e com desagrado viu a sua escrava acudindo o farrapo humano em que se transformara sua sogra, tresloucada, a proferir todo tipo de impropério.

— Cale a boca, velha desgraçada! — vociferou Dom Afonso.





— Traidor, você e ela, seu estúpido! — e, mudando o tom de voz, falou. — Estúpida é essa negra desgraçada, cuidado, Afonso, ela vai voltar a traí-lo.

Vendo que ela estava desequilibrada, falou para Naná:

— Dê um jeito nessa louca para não afastar os clientes. Se não fosse por minha pura Juliana, lhe mataria — disse Dom Afonso para Dona Persília. Esta, com um sorriso maligno, falou:

— Pura? Tua mulher? — histérica gargalhada saiu de sua boca sem lábios. — Essa pureza ela perdeu há muito tempo, e não foi com você.

Já nervoso, Dom Afonso se aproximou e com voz baixa e contida falou.

— Cuidado com seu veneno, sua cobra mentirosa, minha esposa se casou virgem.

Com um sorriso débil, esta retrucou, para horror de Naná, que nada podia fazer para acabar com aquele diálogo:

— Virgem, sim, mas pura não. Pergunte para essa preta imunda, amante de Juliana.

Forte soco Dom Afonso desferiu naquela face desfigurada, fazendo-a desmaiar, e com olhos de ódio se virou para a pretinha, que falou:

— Não vê, Afonso, que ela está louca, e que isso não é verdade? Juliana era minha amiga, e Dona Persília nunca admitiu por causa da minha cor. Isso é fantasia de uma louca em pânico.

Observando-a bem, Dom Afonso ficou com uma sensação estranha. Lembrou-se da insinuação de Jacinto a respeito de Naná ser homossexual, mas não conseguia enxergar Juliana dessa forma. De qualquer maneira, queria-as longe uma da outra. Não admitiria ninguém no coração e tocando o corpo de sua mulher, não importava se homem ou mulher. Vamos, Naná, tire a roupa e vire-se — com a voz alterada. Bradou Dom Afonso.





DOM AFONSO

— Aqui? Não, vamos para o quarto.

— Faça o que estou mandado, você é minha escrava!
Propriedade minha, vire-se!

Com lágrimas nos olhos, Naná fez o que ele ordenara, fechou os olhos e pensou: “Por Juliana qualquer coisa, para proteger meu amor qualquer coisa”.







CAPÍTULO XXIV



Ao chegarem em casa, logo Juliana percebeu que seu marido ainda não chegara. Estava com saudades dele, sentia agora mais do que nunca que precisava ter paciência e caridade principalmente com o espírito ainda embrutecido do seu marido. Iria se preparar, ficar bonita para recebê-lo quando chegasse, precisava agradá-lo para poder obter autorização para sair no domingo e ir ao Lar de Maria. Ao passar pelo corredor, percebeu em cima do aparador carta endereçada a ela no meio das outras fechadas que seu marido ainda não examinara. Pegando e olhando o envelope, com um grito de alegria viu que era de Ricardo, seu primo. Na mesma hora abriu o envelope, deixando-o junto com o resto da correspondência, correu para o quarto e passou a ler, entusiasmada, a missiva:

“Querida prima,

Aqui cheguei bem. A viagem foi tranqüila, o mar estava calmo, bem diferente da minha alma, que parece ter uma tormenta no peito.

Sinto muito sua falta, doce prima, amiga e confidente de todas as horas, tu sabes que meu peito ainda sangra com as perdas, mas, confiante em Deus que tudo sabe e tudo vê, caminho





Liliana Soares

confiante para o futuro próximo ou longínquo onde a chaga do meu peito cicatrizará.

**Com amor,
Ricardo.**

Ps. Logo mando notícias do plano que acordamos na despedida lá no cais.”

Feliz, Juliana viu que seu primo não esquecera da promessa de enviar-lhe as conclusões dos seus estudos espiritualistas. Colocando a carta junto a seus pertences mais queridos na escrivaninha, foi se preparar para dormir, enquanto esperava seu marido, que ainda não chegara.





CAPÍTULO XXV



Dom Afonso, já vestido, esperando que Naná se recompu-
sesse, lhe disse:

— Amanhã quero aquela menina da limpeza arruma-
da, já acertei um cliente para ela, que será sua fixa.

— Chega, Afonso, de tanta crueldade! Ela é uma moça
pura e inocente, não foi feita para essa vida!

— Mas come e dorme à minha custa aqui na minha
casa, esqueceu disso? Aqui todos vão trabalhar. Amanhã tam-
bém virá para esta casa um homem meu, de confiança, para
tomar conta aqui das coisas quando eu não estiver presente.

— Mas, Afonso, essa é minha obrigação, sempre coordenei
essa casa com muita eficiência, não farei diferente agora.

— Sabe, Naná, até que eu tento, mas não consigo con-
fiar em você. Você ficará quietinha me servindo — e, assim,
saiu do quarto, em direção à sua casa e à sua doce esposa.

Estava cansado. Era bom poder chegar em casa, no seu
silêncio e sua limpeza. Sabia de seus vícios, todos eles, mas
às vezes sentia-se meio sujo. Perdido em pensamentos, abriu
a porta de casa e percorreu o lavabo pensando no corpo lim-
po da esposa. Precisava dela, parecia que só ali seu coração
se acalmava. Ao entrar no quarto de sua esposa, que dormia
tranqüilamente, a olhou enternecido, e devagar se aproximou
para enroscar-se naqueles lindos e limpos braços.







CAPÍTULO XXVI



Naná se sentia arrasada, humilhada. Lutara tanto para agora estar presa e discriminada. Novamente sentiu em seu íntimo voltar aquela energia palpitante que a fizera sobreviver e lá estar, a mesma que a fez cumprir sua vingança. Olhava para Dona Persília, que agora já acordara da agressão que sofrera. Seus olhos estavam em lágrimas, parecendo estar em um dos seus poucos momentos de lucidez. Ao ver aquele retrato dantesco dos seus esforços, não sentiu a alegria e satisfação que procurou durante esses anos em que se preparou e se agrediu para cumprir aquela vingança. Nada disso. Sentiu apenas vazio. Continuava a sentir um vazio imenso que dominava seu ser a ponto de sufocá-la. Controlando um soluço de dor, correu para seu quarto para esconder-se no seu colchão, como se ele tivesse o poder de tirar da sua alma a imundície e a podridão do vazio que lhe cobria. Ao abrir a porta do dormitório, deparou-se com Flor, a moça que se tornara tão sua amiga e cuidava tão bem da limpeza da casa, que desolada lá a esperava.

— Senhora, está bem? Parece-me desesperada, o que posso fazer para ajudá-la?

Com um sorriso débil no rosto lindo e desfeito por cansaço e lágrimas, Naná respondeu:

— Por mim nada, menina, mas por você sim. Fuja, vá embora enquanto é tempo, você não é feita para essa vida, sua alma é como a de Juliana, pura!





— Quem é Juliana?
— Uma grande e boa amiga, de quem guardo boas recordações.

— E por que não a vê, ela é morta?
— Não, criança, a Naná que ela conheceu é que está morta. Não quero falar mais sobre isso, vai, anda, vai embora. Dom Afonso vendeu-a para um cliente, e ele estará aqui amanhã para tirar-lhe a virgindade e fazer de você sua escrava particular.

Um grito de horror saiu da boca de Flor:

— Não, senhora, não pode ser, e agora, meu Deus?
— Pára de história. Vai, anda, fuja!
— Sem a madame, não, devo-lhe minha vida, não a abandonarei nesse momento tão difícil.

Madame Mercedes, segurando-a com força pelos braços, falou:

— Esqueça-me, não seja grata a mim. Você não me conhece, eu sou má!

— Não é nada má, faz o que tem que fazer, olhe para aquela moribunda no outro quarto! E nós? Veja, não obrigou ninguém a fazer vida, elas escolheram e você deu a elas casa, comida e respeito, coisa que muitas de nós nunca tivemos.

Madame Mercedes fez um gesto para que ela calasse a boca, mas Flor a ignorou.

— É sim, madame, não me interessa o que já fez na vida, pois esta também foi dura contigo, pensa que nunca vi as marcas no corpo que tens? Vou fugir, sim, mas, com você.

Exausta, sentando-se na beirada da cama, desanimada falou:

— Eu não tenho vontade, Flor, eu sou bicho, sou coisa, eu tenho dono. Eu sou escrava, e sabes o que fiz da minha vida, comprei e também amarrei escravas, e por isso Deus está me castigando, ele está fazendo questão de me lembrar





DOM AFONSO

como isso é ruim, ele me abriu os caminhos e eu escolhi o pior e mais fácil de todos, e cometi os mesmos erros dos meus algozes.

Impressionada com aquela declaração, Flor disse:

— Venha então só, minha amiga, vamos acabar com esse ciclo de horrores, vamos começar nova vida.

— Não, Flor, muitas almas aqui dependem de mim, não fugirei mais das minhas responsabilidades, aqui ficarei e cumprirei meu destino.

Com lágrimas nos olhos, abraçaram-se e começaram a combinar qual seria o plano.







CAPÍTULO XXVII



Juliana estava feliz. Tivera uma noite maravilhosa com o marido, este já não se encontrava mais em casa, havia se posto a trabalhar. Ela também precisava sair, tinha que ir à casa de Dona Elizete acertar os detalhes da sexta-feira, tinha ainda dúvidas que gostaria de esclarecer para contar de forma coerente para o marido seus novos planos. Levantando-se, sentiu leve tontura e voltou a se sentar na cama, quando tudo começou a rodar, e forte náusea a dominou. A custo conseguiu chegar até o quarto de banho para aliviar o estômago. Que desagradável, logo hoje esse mal-estar, tinha tanta coisa para fazer. Já recomposta e arrumada, desceu para a sala de desjejum.

— Bom dia, senhora, posso mandar servir seu café agora? — falou Alfredo, cordato.

— Não, muito obrigada, Alfredo, hoje estou sem fome — disse Juliana, já pegando a bolsa alegremente. Pediu para o mordomo que chamasse um veículo para ela.

— A senhora vai sair? — disse, surpreso.

— Sim, vou, irei até a casa de Dona Elizete acertar os detalhes para a próxima sexta.

— Desculpe me intrometer — contrito, falou Alfredo —, mas não seria mais adequado que junto com a senhora fosse eu ou Francisca? Dom Afonso pode não gostar.

— Não precisa, Alfredo, agradeço a sua preocupação,





Liliana Soares

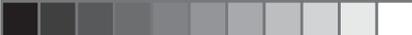
mas você tem muito a fazer hoje e eu vou para a casa que meu marido permitiu que eu freqüentasse — e com um belo sorriso completou: — Logo estarei de volta.

O mordomo Alfredo ia dizer alguma coisa, mas Juliana já colocara a capa e dissera:

— Não precisa chamar o carro, está uma linda manhã, vou aproveitar para caminhar um pouco.

Sem nada poder fazer, mas sentindo uma pontada no peito, Alfredo a viu se afastar pela rua.





CAPÍTULO XXVIII



N uma sala bem iluminada de um prédio muito agradável, que se situava em colônia de emergência próxima à crosta da terra, em uma mesa longa lá se encontrava Solano, Joana, Carolina e mais três seres iluminados, irmãos abnegados, responsáveis pela sessão de carma, reencarnação e equipe emergencial.

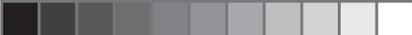
Após cumprimentar a todos, Solano, que estava na cabeceira da mesa, disse:

— Caros irmãos abnegados, convoquei-os aqui por ordem superior oriunda de nosso grande Pai, para juntos colocarmos em prática a resolução deste em relação à vindita que acompanhamos há vidas sucessivas. Neste momento, encarnados e já traçados seus caminhos segundo seus livres-arbítrios, poderemos, com a permissão de Nosso Senhor e seu filho Jesus Cristo, começar a colocar em prática as conseqüências merecedoras ou punitivas, em nome do amor por seus filhos, a cada personagem desta história. O curso da vida e das penalidades dos destinos se fechou. Agora será preciso arcar com as conseqüências dessas escolhas. Nessa vindita temos de observar um caso especial: Tadeu.

— Este não nos permite aproximação, o ódio e a vingança estão entranhados em seu ser — disse Joana, a título de esclarecimento.

— Sim, minha irmã, segundo decreto de nossos supe-





riores, fica a partir de hoje cerceado o livre-arbítrio do irmão Tadeu, que será sedado e encaminhado para nova encarnação, onde, por misericórdia de Deus, nascerá no seio de seus algozes, para que a mistura do sangue, nos anos vindouros, e o esquecimento bem precioso do encarnado façam com que de alguma forma esse ódio e esse desejo de vingança sejam aplacados.

— Mestre Solano, só um minuto, eu não entendi. Como será possível pegar um ser que tanto mal causou aos personagens desta história e, sem antes cuidar dele, fazê-lo entrar em processo de reencarne? — perguntou Carolina.

— É possível, sim, minha filha, não se esqueça de olhar essa história com olhar abrangente de vidas. Vou contar-lhe a verdadeira história desses personagens para que entenda melhor — esclareceu Iansã.

— Várias luas atrás, no período em que a Igreja Católica dominava tudo com interpretações errôneas das palavras do filho do Senhor, fazendo os homens empenharem verdadeiras carnificinas em seu nome, denominadas Cruzadas, existia um nobre cujo nome agora não vem ao caso, mas muito conhecido nosso: Tadeu. Tadeu foi proprietário de vasto feudo, senhor riquíssimo e também de índole correta e reta, chegando a ser conhecido por seus vassalos como um bom senhor. Era casado com linda mulher, a quem se dedicava com reciprocidade e grande afeto, sendo ela, porém, muito ligada aos bens materiais. É conhecida hoje como Dona Persília. Tinham dois filhos que eram seus verdadeiros tesouros, um rapaz que hoje veste o traje feminino, justamente para aprender a respeitar o sexo feminino, já que muito abusou deste, e para também não voltar a essa nova vida a se juntar com sua irmã, hoje conhecida como Juliana, a quem também com reciprocidade era ligada por forte paixão e atração física. Este rapaz, a nossa conhecida Naná nos dias atuais, era conhecedor da





DOM AFONSO

magia negra e praticante desta, chegando até a fazer pacto de riqueza, por cobiça, com seres de baixo astral, para ficar cada vez mais rico, e em troca lhes ofereceu o sangue dos próprios pais. Mantinha escondido de todos caso tórrido e ilícito com sua irmã Juliana, mulher fraca e sequiosa dos rápidos prazeres, e desdenhosa dos sentimentos nobres com o próximo.

Impressionada, Carolina perguntou:

— E onde está Dom Afonso nesta história?

— Dom Afonso? Sim, ele lá estava. Guerreiro forte, destemido e sagaz, inteligente e extremamente cruel. Era um dos generais mais radicais da malsinada cruzada. Preconceituoso, como ainda é, fazedor de escravos e acusador de hereges.

— Mas ele é tão cruel quanto os outros, senão ainda mais — interrompeu Carolina.

— Aí está um fácil engano — continuou Iansã. — Dom Afonso não é fútil, e a crueldade dele não é vingativa. Toda atitude, cruel ou não, deste personagem vem de uma crença, uma teoria enraizada como se fosse um fanático. Para ele não há crueldade na diferença, porque ela é real. Isso aos olhos de Deus não o torna absolvido das crueldades cometidas, mas, quando estas são aplicadas para propósitos vis, o que não é o caso de Dom Afonso, constituir-se-iam na crueldade real e verdadeira.

“Dom Afonso, nesta época também, era próspero senhor feudal e vizinho de Tadeu. Só que as terras de Tadeu faziam divisa com um outro país, e se encontravam sempre em perigo constante de invasões. Então, segundo orientação de Dona Persília, sua esposa, que já pensava em duplicar a fortuna familiar, além de proteger suas terras, prometera a mão de sua filha a Dom Afonso, que no mesmo instante que a viu se apaixonou perdidamente. O irmão e amante de Juliana, vendo a situação perfeita para suas ambições, planejou com





a sua ajuda assassinar os pais na véspera do seu casamento, aproveitando as festividades e a presença de todos no castelo. Entrou nos aposentos dos genitores de madrugada, e os matou a pauladas, para que ele pudesse aproveitar o sangue que ainda pulsava das chagas abertas dos seus pais moribundos para presentear os seres de seus deuses malignos. Logo após o crime, Juliana gritou, chamando a atenção de todos, e disse que quem cometera a brutalidade tinha sido Dom Afonso, antevendo a herança dos sogros. Em consequência, ele foi acusado e condenado pela justiça dos homens, que, além de torturá-lo nas mesmas câmaras de tortura com que ele afligira a muitos hereges, tomou-lhe toda a riqueza e passou-a para Juliana e seu irmão, como indenização de vítimas pelo crime que havia efetivado contra seus pais.

— Nossa Senhora, minha mãe! Agora estou entendendo os amores e os ódios desta história.

— Sim, Carolina, Deus é perfeito, e como vês, deu a todos a chance de aprender e não mais cometer os mesmos erros, mas não se pode obrigar que cresçam de forma igual, pois são como crianças que crescem diferentes, com suas limitações individuais, e assim vemos mais uma vez que o livre-arbítrio é elemento essencial para o crescimento, ou não, do indivíduo, e este amadurecimento se dá pelo amor, ou, infelizmente, pela dor — falou Solano, que continuou: — Voltando para o tópico em questão, os senhores presentes já podem começar a preparar o irmão Tadeu para sua próxima jornada.

Assim, todos se despediram e foram para seus afazeres, que agora seriam enormes.





CAPÍTULO XXIX



Logo que amanheceu o dia, Flor correu para o quarto de Naná, que acordada estava, pois não conseguira pregar os olhos em nenhum momento.

— Madame, vejo que não dormiu. Não pode ficar assim neste estado.

— Você está fazendo o que aqui? Não tínhamos combinado que fugiria?

— Sim, realmente, só que pensei melhor, e daqui não saio sem você.

— Você tem noção da decisão que está tomando? Essa vida é dura, e não acho que uma alma pura como a sua irá se adaptar a tanta violência.

— A madame não conseguiu? Então, vou conseguir sobreviver, pelo menos até acharmos uma solução para nossas vidas.

Nesse momento, Naná inspirada pelo destino e pelo anjo de guarda da boa moça, disse:

— Já sei. Não adiantará por muito tempo, mas nos dará tempo para enganá-los, até acharmos ajuda.

Já aliviada, Flor falou:

— Farei o que mandar.

— Sei onde Afonso guarda seu ópio, essa droga, em grande quantidade, causa imensa sonolência e distorção da realidade. Essa noite você fará o que eu disser. Confia em mim?





Liliana Soares

— Sim — anuiu mais do que depressa Flor.

— Então venha aqui, abrace-me e chega de choro, vamos conseguir. Hoje você será a mulher mais bonita do salão e o palco será seu, já que vamos enganar aquele porco imundo, e ganhar com isso.

Sorrindo, as duas se puseram a trabalhar.





CAPÍTULO XXX



N um escritório feio e escondido em uma rua perto do cais estava Dom Afonso, atrás de uma mesa tosca, onde havia um grande montante de dinheiro. Na porta a tomar conta de tudo estava o seu leão-de-chácara, o mesmo que também trabalhava na casa de madame Mercedes, e, sentado na cadeira à frente de Dom Afonso, alisando sem parar o bigode bem aparado, o seu melhor cliente: Dom Manuel de Azevedo Esteves, senhor da nobreza, intermediário e traficante de almas escravizadas, mas escondido sobre as vestes de influente fidalgo.

— Gosto de fazer negócio com você, Afonso, sua mercadoria é sempre a melhor! Fico feliz que tenha resolvido entrar para a política, tem todo meu apoio. Só não entendi a escolha do seu partido; “abolicionista”, você?

Sorrindo de forma enigmática, D. Afonso respondeu:

— Pois é, Dom Manuel, na vida as pessoas mudam.

Sonora gargalhada soltou o cliente.

— Você é mesmo uma raposa velha e esperta. Tive trabalho para acalmar os fazendeiros com aquele bando de pretos que você libertou, me deve essa.

— A vida é assim, meu amigo, uma mão lava a outra. Por falar nisso, seu presente estará à disposição esta noite.

Lambendo os lábios grossos e estreitando o olhar de linco, com cobiça respondeu:





Liliana Soares

- Nos veremos então à noite, lá?
- Sim, claro, faço questão de supervisionar tudo.
- Então até mais tarde.
- Até.

Depois que ele saiu, Dom Afonso pegou o seu chapéu e foi-se em direção à sua casa. Hoje iria jantar lá, iria ver seu amor, ver se assim de alguma forma se limpava de tanta sujeira. Lá chegando, ainda no vestibulo, perguntou a um assustado mordomo onde estava sua mulher.

— A senhora saiu e ainda não chegou — cauteloso, disse Alfredo.

Já em alerta, Dom Afonso disse:

- Como?
- Ela pediu que o avisasse que iria ter com Dona Elizete e que não demoraria. Deve ter perdido a hora.

— Com quem ela foi? Pela sua cara apalermada já sei a resposta. Não dei ordem expressa para que não saísse de casa desacompanhada?

- Sim, senhor.
- E você está fazendo o que aqui me olhando, imbecil, que não foi com ela?

— Desculpe, senhor, a senhora insistiu muito para que eu a acompanhasse, mas me recusei visto que me encontro mal disposto — mentiu ele, para proteger sua boa patroa.

— Já que está mal disposto não pode trabalhar, não é mesmo? Então descontarei do seu salário duas semanas, para ver se não mais adocece e aprende a mentir.

Dizendo isso, foi para o escritório ver a correspondência. Antes, porém, mandou servir o jantar.

- Não vai esperar a senhora? — disse o mordomo.
- Isso aqui não é hotel, tem hora para comer, e se ela não respeita isso, é sinal de que não tem fome.





DOM AFONSO

— Sim, senhor.

Saiu um preocupado mordomo em direção à cozinha, mandando servir o jantar.

Sentando-se na sua escrivaninha bem talhada, Dom Afonso pôs-se a pensar:

“Ela está pensando o quê? Que pode andar solta pela rua como uma rameira?”, e assim ficou, perdido em pensamentos, sem examinar a correspondência à sua frente.

Leve toque na porta se fez ouvir, e o jantar foi anunciado. Dom Afonso se encaminhou para a ricamente decorada sala de refeições, e, ainda perdido em pensamentos, começou a jantar.

A porta abriu-se de supetão e uma sorridente Juliana entrou. A visita tinha sido tão produtiva que perdera a hora. Estava louca para contar a Afonso todos os seus planos.

— Boa noite, meu amor, perdoe-me a demora. Perdi a hora, disse, encaminhando-se para beijar-lhe. Viu que ele parara de comer, mas estava com aquele olhar, que já conhecia e não gostava.

— O que foi que lhe ordenei, minha esposa?

— Como, Afonso?

— Não a proibi de sair sozinha?

Engolindo em seco, ela ficou sem ter o que dizer.

— Meu marido, me desculpe, fui à casa de Dona Elizete, lugar que você, inclusive, me incentivou a ir. Por isso fui despreocupada.

— Nunca mais, está me ouvindo, ache ou deixe de achar nada. Aqui nesta casa quem manda sou eu, está me ouvindo?! — disse, encolerizado. — Vá para o quarto antes que eu perca a cabeça.

— Desculpe, meu querido, não queria causar-lhe mais aborrecimentos — disse em pânico. — Vou jantar e já subirei.

— Não, não jantará porque não merece, e nem comerá até eu mandar, ouviu?





Liliana Soares

Assustada, Juliana correu para o seu quarto e fechou a porta chorando, antevendo o castigo, quando ouviu aquela macabra melodia, que Afonso tocava ao piano com fúria. Parecia que cada acorde daquele instrumento eram agulhas que enfiava em seu coração. Juliana se pôs de joelhos a rezar com todo o fervor para que Deus aplacasse a raiva de seu marido, quando este, como que intuído, começou a tocar com mais suavidade as teclas do piano, até que, no momento em que parou a melodia, já estava realmente mais tranqüilo. Já esquecido de Juliana, saiu de casa em direção ao seu outro negócio.

No quarto, enquanto rezava, Juliana sentiu pela música que seu marido estava se acalmando, e, no fim, já de tão absorpta em sua oração, não percebeu a entrada de Francisca em seu quarto, que com cuidado abraçou-a, como fazia quando era criança, pondo-se a embalá-la. Juliana chorou de leve.





CAPÍTULO XXXI



O salão da casa de madame Mercedes estava mais animado que normalmente, e esta estava sorridente, recebendo todos na porta, lindíssima e envolvente como sempre.

Ao chegar, Dom Afonso admirou sua escrava com cobiça e a parabenizou pelo capricho da noite. Naná, pegando-o pelo braço, o levou até a mesa onde estava Dom Manuel, seu melhor comprador, que já se encontrava suado feito um porco, com uma garrafa do melhor uísque em cima da mesa.

— Veja, meu docinho, seu amigo chegou — disse Naná para Dom Manuel. — Sentem-se aqui juntos e se preparem para o grande espetáculo.

Surpreso, Dom Afonso fez o que ela disse. Na mesma hora, uma linda mulher trouxe-lhe seu conhaque sem que ele pedisse. Ele ficou a olhar de forma inquisitiva para Naná. Ela respondeu:

— Mandei trazer previamente seu conhaque, meu querido, porque o meu docinho aqui pediu exclusividade em sua garrafa.

— Não, madame, de forma alguma, divido o uísque com meu amigo — falou D. Manuel.

Percebendo que a preta queria faturar em cima daquele idiota, sorriu de volta para ele e disse:

— Não, meu amigo, à noite prefiro o meu conhaque. Nesse momento, as luzes foram se apagando e todas as





atenções se dirigiram para o palco, que agora abria as cortinas, mostrando um lindo piano de cauda, onde uma jovem sedutora, vestida com uma espécie de penhoar vermelho, sentada sobre o instrumento, cantou uma bela canção, com voz firme e envolvente, fazendo todos os homens do salão olharem embasbacados e excitados, sem saber que Naná, ainda usando um pouco da magia dos pós, que espalhou antes pelo salão, era a grande responsável pela sensação de excitação que sentiam. Falando alto após a apresentação, madame Mercedes anunciou:

— Eis aqui a sua bela virgem. Pode subir as escadas.

Com um sorriso de satisfação nos lábios, Dom Manuel, dando uma tapinha nas costas de Dom Afonso, disse:

— Desta vez, meu bom amigo, você se superou.

Dom Manuel já estava completamente bêbado e drogado pelo ópio que Naná colocara na garrafa. Com dificuldade, chegou ao quarto, e lá viu a bela menina, que sorrindo, nervosa, o esperava já recostada na cama.

— Vamos, minha potranca, tire a roupa.

E tudo se embaçou, e fez-se noite para Dom Manuel, que caiu desmaiado no chão.

Dom Afonso estava satisfeitíssimo. Queria dizer isso à autora do espetáculo, só que com o olhar a procurou pelo salão e não a viu. Será que subira com algum cliente? Não, ela não faria isso, sabia que era exclusividade sua. Já desconfiado, percebeu que tinha alguma coisa errada. Só esperava que ela soubesse o que estava fazendo.

Nesse momento, pulando da cama, Flor correu para a porta, e com um gesto chamou Naná, que já a esperava por perto. Sorrindo baixinho, as duas a custo levantaram o homem, que agora roncava feito um porco, e o colocaram na cama. Passaram então a tirar sua roupa e espalhá-la pelo quarto. Depois, tirando o punhal que sempre carregava consigo,





DOM AFONSO

Naná cortou a palma da mão e deixou o sangue respingar no lençol. Depois de preparada a cena, Flor tirou a roupa e se juntou àquele ser asqueroso na cama.

— Agora, é só rezar para que tenhamos colocado a quantidade certa de ópio no uísque, e que ele nada se lembre amanhã — disse Naná, que apagou o candeeiro e saiu, fechando a porta do quarto.

Ao sair do quarto, deparou com Dom Afonso encostado na parede, a olhá-la fixamente. Seu rosto era indecifrável, e seu olhar não admitia senão. Antevendo a pergunta, madame Mercedes falou:

— Não é o que você esta pensando, Afonso, apenas os auxíliei, fazendo com que o ambiente ficasse mais descontraído.

Sem proferir nenhum som, Dom Afonso lhe dirigiu um olhar implacável, que não admitia réplicas, e se encaminhou para o topo da escada que levava até o salão, não sem antes falar:

— Você pagará pela mercadoria que pegou sem minha autorização, assim como sua dívida, que já está vencida. Quero o pagamento amanhã, e nunca mais pegue o meu ópio sem me pedir. Esteja preparada para que seu plano funcione direito, esse cliente é muito importante para mim, e você me pagará caro caso alguma coisa aconteça — e, sem lhe lançar um olhar sequer, desceu as escadas em direção à saída, sem prestar atenção na música e risadas do ambiente.

Com um suspiro de alívio, Naná se dirigiu ao quarto, agradecendo ao Pai por não ter sido agredida e desmascarada por Dom Afonso. Lá chegando, se dirigiu para uma bela pintura, que pendurada à parede escondia seu cofre particular. Retirou o quadro com cuidado, abriu o cofre: lá estavam suas jóias e um pouco de dinheiro. Retirou as jóias e as colocou em um saquinho de veludo azul marinho que escondeu embaixo do travesseiro, pois sabia que seu amante a procuraria





Liliana Soares

no outro dia para exigir seu corpo, e nesse momento aproveitaria para pagar a compra da fazenda, que já doara ao padre Simões, pois tinha medo que Dom Afonso, sem o pagamento, exigisse de volta a fazenda. Sabia que a partir do pagamento voltaria a ser pobre, mas não podia parar para pensar nisso. Muitas vidas dependiam dela, e assim então faria. Pôs-se a se trocar para dormir, afinal, teria que acordar em algumas horas para fazer a segunda parte do plano com Dom Manuel.





CAPÍTULO XXXII



A custo Juliana conseguiu dormir; sentia fome. A preta velha se propôs a pegar algo para ela comer, o que foi logo rejeitado, pois tinha medo que seu marido descobrisse e resolvesse punir quem a ajudara. Houve um momento em que achou que Francisca ia contar-lhe algo, depois desistindo. Achou a atitude estranha; em outra oportunidade perguntar-lhe-ia do que se tratava.

Ao chegar em casa, Dom Afonso se dirigiu ao quarto de Juliana, e sentou-se à beira da cama para observá-la. Era bela a sua esposa, como a amava. Não gostava de sentir isso, mas a amava com loucura. Será que ela amara também dessa forma a negra? Não, nunca, jamais. Olhando-a assim, tão cândida a dormir, ficou nervoso, imaginou-a com Naná aos beijos. Depois essa imagem se transformou em Juliana com Ricardo, fazendo amor e rindo dele. Segurando os dois lados da própria cabeça, sentiu-se febril. Levantou-se de supetão e foi em direção ao seu quarto, onde ao lado do sofá se encontrava seu narguilé, ricamente bordado em ouro, onde colocava o seu ópio para fumar. Dom Afonso fumou, então, até perder os sentidos no sofá.

Juliana sentiu-se fraca. De novo vestira-se, com imenso esforço, pois nada tinha em seu corpo. Com a ajuda de sua Ba, Chica, a custo se levantou e se preparou para descer.





A preta velha estava deveras incomodada com o estado de sua sinhazinha. Sabia que não estava certo esconder a notícia de que sua mãe estava viva, e que Naná estava tão perto, cuidando dela. Após deixar Juliana na mesa do desjejum, esperando o marido que ainda não descera, correu para o seu quarto e rogou a Deus resposta para essa questão. Leve sorriso esboçou sua face já cansada, ao sentir aquela sensação tão conhecida sua, a chegada de seu mestre e amigo Solano.

— Irmão, me ajude, sinto que algo muito ruim está para acontecer, tenho o peito pesado pela mentira, como posso continuar a ver, amigo, minha menina sofrer na ignorância.

Abraçando-a, Solano falou:

— Minha boa Chica, irmã caridosa e bondosa, respeitadora da Natureza, o carro da vida já se pôs em curso, precisa fortalecer seus braços, que muito hão de embalar.

— O que farei, meu pai Oxalá? Ajude-me, o que farei?

— Alivia teu coração para Juliana, conte-lhe tudo, é importante que ela saiba, mas não se precipite, tu falarás antes com a filha de Iansã, Naná, que em pouco tempo precisará de ajuda também. Aguardes apenas o aviso desta, e aí sim tu abrirás teu coração, porque a vida agora trará as punições escolhidas pelos seus próprios filhos — disse Solano.

— Desculpe, irmão, mas, em minha insignificância e ignorância, não entendi.

Sorrindo, respondeu-lhe Solano:

— Se todo sábio, Francisca, tivesse o saber do seu coração, teríamos pouco trabalho a fazer. Confie, minha amiga, apenas confie.

Leve beijo depositou em sua frente, e aos poucos foi saindo do campo de visão da preta velha, que agora se sentia fortificada novamente. Encaminhando-se para a sala do café da manhã, observou que lá já se encontrava Juliana em companhia de Dom Afonso, que acordara mal-humorado e não queria conversar.





DOM AFONSO

— Meu marido, me desculpe, não fiz por mal.

— Da próxima vez, Juliana....

Interrompendo-o, ela disse:

— Meu marido, tenho planos políticos para você.

Já interessado, este, sem responder, se pôs a ouvir.

— Dona Elizete está com um belo projeto de caridade que acolhe infelizes e as ajuda. Uma casa apenas para mulheres. Ela me convidou para ajudá-la. Imagine que maravilha essa obra para o seu prestígio?

— Não quero você misturada com as pessoas, já disse. Não a quero em casa de ajuda nenhuma. Quero-a em sua casa.

— Mas meu...

— Sem mais nem menos, você já me causou muito aborrecimento. Já disse que não.

E jogando o guardanapo na mesa, já se levantando, disse:

— Você não me saia desta casa. Está de castigo, ouviu?

Francisca, que calada ouvia, interferiu de cabeça baixa.

— Senhor, me desculpe, eu posso acompanhar a sinhazinha. Lá, ajudando nesta obra, estão muito boas senhoras da sociedade. E minha sinhazinha faria boa figura lá estando — disse, inspirada por Solano.

Que ousadia era esta dessa preta velha e rabugenta? Ia replicar, mas, quando olhou para aquela negra, encontrou tanta força em seu olhar que sua voz morreu na garganta.

— Está bem, mas não saia do lado de sua senhora, e as quero sempre antes de mim aqui, senão depois não digam que não avisei.

— Sim, senhor.

E, sem mais palavras, encaminhou-se para fora da casa, aborrecido. Teria mais uma tediosa reunião com o Partido Liberal. Hoje seria a escolha do representante deles na Câmara





Liliana Soares

dos Gentis. Estava nervoso, afinal, bancar o abolicionista era-lhe muito custoso. Já estava na hora de ter alguma compensação com isso.





CAPÍTULO XXXIII



Longe das elucubrações de Dom Afonso, na casa de tolerância que agora era dele, desenrolava-se cena espetacular, processo dos mais delicados e impressionantes, oriundo das mais altas esferas celestes. Era o processo de salvamento e, principalmente, reencarnação de Tadeu. Lá se encontravam muitas pessoas, pois para este processo eram necessários muitos irmãos abnegados. Entre eles estava Solano, e, chefiando a equipe, os três que antes participaram da reunião onde foi comunicada a missão de depuração de Tadeu.

Primeiro, fez-se necessária uma limpeza pesada naquela casa viciada, fazendo com que o quarto onde se encontrava Dona Persília ficasse protegido de quaisquer tipos de energia contrária aos altos padrões vibracionais de que lá precisavam. O segundo passo foi aplicar valorosos e enérgicos passes de entorpecimento e limpeza de chacras em Dona Persília, que sofria um processo de possessão, para que o desligamento de Tadeu não causasse também o seu desencarne, ou seqüelas físicas graves.

Todo o quarto ficou inundado de luz dourada e violeta. Após pesado processo, iniciou-se o mais delicado de todos. Dona Persília e Tadeu já se encontravam sedados e nada mais viam ou sentiam, já desligados um do outro. Com cuidado, anjos abnegados pegaram o corpo fluídico tão machucado de Tadeu, fecharam suas chagas e realinharam todos os chacras





de sua essência, que estavam em completo desalinho, para que este, completamente limpo, estivesse apto para a coligação ao novo amontoado de células que seria injetado no corpo escolhido por Deus para abrigá-lo, e, mais uma vez, tentar aplacar o ódio desse coração sofrido e vingativo.

De repente, para a emoção de Solano, a cor das luzes que envolviam o quarto de violeta e dourado adquiriu uma linda tonalidade rosa escura, que aos poucos foi ficando clara, e um odor forte e delicioso de rosas silvestres e novas substituiu o fétido que antes estava, e todos os chacras cardíacos, ou seja, os corações de todos os que lá estavam, começaram a brilhar, e um amor muito forte se apoderou de todos, que, emocionados, viram aparecer linda senhora, com vestes de tonalidade lilás e cabelos cor de mel, dona de uma beleza exótica e forte magnetismo, com seus braços cheios de pulseiras e seus pés descalços, emanando tal energia e com um peito tão brilhante, que os presentes sentiam dificuldades simplesmente para observá-la.

Ela foi reverenciada por todos aqueles que lá estavam.

Com voz melodiosa e leve sotaque, a entidade falou através do pensamento:

— Muito obrigada a todos os corações puros que aqui participaram desse processo divino.

Aproximando-se do espectro de Tadeu, com um belo sorriso nos lábios, se ajoelhou e pegou-o no colo. Adormecido, ele parecia uma criança em seus braços, e nesse momento maravilhoso do processo reencarnatório, a luz que irradiava do peito daquela mulher extraordinária envolveu todo o corpo do infeliz, e instantaneamente, como milagre, este começou a rejuvenescer de forma acelerada até se transformar num lindo bebê, que, aconchegado em seu peito, sorriu, ainda dormindo.

A magnífica entidade então se levantou e se dirigiu aos que lá estavam presentes:





DOM AFONSO

— Eu, Madalena, e toda minha equipe agradecemos os prestigiosos esforços, e garanto-lhes que a partir de agora, com muito amor, cuidarei dele até seu acoplamento total no corpo dado por Deus.

Aos poucos, a luz foi diminuindo, e ainda se pôde ver que em volta daquela figura impressionante uma grande quantidade de crianças a acompanhava, com seus risos cristalinos, a segurar-lhe a saia ou acenar com alegria para todos os que ali estavam presentes.

A imagem foi se desfazendo, e no quarto apenas restou a equipe do desenlace, entre eles Solano. Dona Persília, que tinha a aparência já bem diferente, mais leve, dormia tranquilamente, como há muito não fazia.

Todos muito alegres se cumprimentaram pela empreitada bem-sucedida. Solano, ainda emocionadíssimo, fez preciosa prece de agradecimento a Deus, por ter sido agraciado em assistir momento tão glorioso da vida. Ao terminar, falou para os companheiros que lá estavam:

— Mulher maravilhosa e abnegada é Madalena, Cigana responsável pelo cuidado das almas infantis e coordenadora de uma das práticas mais difíceis e sagradas da vida, que é a concepção, seu início.

— Sim, meu amigo, é uma dádiva poder trabalhar com esse espírito abnegado.

— Realmente, o seu nome e sua figura muito aquecem o meu coração que lhe pertence, minha querida Nanã.

— Nanã?!

— Sim, ela, na cultura africana, tem as vestes de Nanã, a mãe de Oxalá e avó de todos os orixás, responsável pela lama, que para eles é origem da vida.

— Todos os dias, amigo Solano, temos, como vês, a comprovação de que os ensinamentos são muitos, e as culturas também. Os nomes diferem, mas o caminho de Deus é único.





Liliana Soares

Sorrindo de alegria, Solano falou:

— Sim, Madalena, Nanã, Nossa Senhora de Santana, Ganesha, ou guardiã das almas inocentes são a mesma coisa, uma alma abnegada que estuda e se prepara com a autorização de Deus, e faz sua tarefa.

Neste ambiente de paz, se abraçaram todos, e despediram-se de Solano, que lá continuaria a auxiliar as outras almas desta vindita.





CAPÍTULO XXXIV



Dom Manuel Sentia dor de cabeça. Onde é que estava mesmo? Levantando a mão e levando-a ao lado, sentiu a pele quente de uma mulher. Ah... Agora lembrara, sorriu de forma maliciosa. Apenas não conseguia lembrar da noite passada. Que pena, pensou, devo ter bebido além da conta, mas nada que não pudesse remediar agora. Pensando assim, sonoro tapa desferiu na nádega da moça, que ao seu lado fingia dormir, já que estava nervosíssima.

— Vamos, minha potranquinha, provar mais de seu senhor.

Forte frio na espinha sentiu Flor; não fora assim que previra junto com Naná. E agora, meu Deus, cadê ela que não chegava? Tinham combinado que pela manhã cedo ela adentraria ao quarto com uma desculpa qualquer e de lá a resgataria.

Naná não conseguira pregar o olho. Já estava na hora de tirar Flor do quarto sem que desse tempo para aquele porco saber onde estava. Já se vestindo e tomando o rumo em direção à porta, se lembrou das jóias, e voltando à cama apalpou o saco que estava embaixo do travesseiro. Sorrindo, voltou-se e pôs-se em direção ao quarto onde eles estavam.

O lorde acordara sedento de desejo. Queria o corpo daquela cabrita branca, era uma pena não lembrar de como a desvirginara, mas por ora só queria saber de saciar sua luxúria.





Flor, em pânico, já sem a camisola fina que usava, começou a se debater e arranhar aquele homem asqueroso que montou em cima de si. Quanto mais ela gritava e se debatia, mais alucinado o infeliz ficava.

— Socorro, socorro, me ajudem!

— Isso, vagabunda, grita, sua vadia!

Naná, que do corredor já ouvia os gritos, correu para o quarto, e com um empurrão abriu a porta. Sem pensar em nada, sacou um punhal da cintura e gritou:

— Saia daí, seu porco imundo!

De supetão, o lorde virou-se, surpreso. Já fora da luxúria em que se encontrava, deparou com a negra dentro do quarto com o punhal na mão, e logo atrás dela o responsável pelo bar e o segurança que Dom Afonso colocara na casa. Mulheres desnudas, e muitos representantes da aristocracia, com o tumulto, também saíram dos quartos, e encontraram aquela cena extravagante, onde um lorde conhecidíssimo das altas rodas, nu em pêlo, parecendo querer violentar uma quase menina no bordel, onde a dona, de punhal em punho, o ameaçava e aos berros o colocava para fora.

Saindo da cama, e tendo as roupas jogadas à cara por aquela negra abusada, Dom Manuel sentiu-se ultrajado, humilhado. Ira imensa e fria tomou conta do seu ser. Não conseguia mais ouvir os improperios da negra, nem o choro da menina; só via o sorriso dos seus distintos colegas que da porta a tudo assistiam. Como um pesadelo, por sua mente lúcida de tanto ódio, reviu a cena do salão da noite passada e, como se um balde de água gelada tivesse sido atirado em sua cabeça, percebeu o golpe de que fora vítima, e com o dedo acusador vociferou:

— Tu, imunda, junto com o teu cafetão Afonso, tentaram me enganar. Tu me drogaste! Vais pagar caro, ah, se vai.

E, pegando as roupas, se vestiu como se ninguém no





DOM AFONSO

quarto estivesse. De forma elegante pegou o seu chapéu e deu um olhar a Naná que a deixou em alerta, saindo depois porta a fora. A gargalhada tomou conta da casa, onde muitos hipócritas que lá se encontravam acompanhados daquelas mulheres infelizes se compraziam com a mais nova chacota da sociedade.

Naná correu para Flor, que, com as vestes rasgadas, chorava com a mão no rosto em cima da cama. Já em pânico com as conseqüências do que aconteceria, Naná virou-se para a porta, onde pequena assembléia ria, e, com um gesto de mão, o responsável pelo bar e fiel a ela fechou a porta do quarto e falou, da forma mais polida possível, para os clientes que do lado de fora continuavam ainda a rir:

— Vocês, senhores, vão nos desculpar, mas já está na hora do fechamento da casa, então, por favor, peguem os seus pertences e se retirem.

— Agora, pederasta, já podemos ir, vimos tudo o que tínhamos que ver — falou um influente escravocrata da corte.

— Vocês viram a cara dele? Aquele moralista desgraçado? Meu pai não vai acreditar quando eu lhe contar — um jovem da sociedade falou.

— Vocês estão ficando loucos, esquecem que quase todos aqui tem família? Como vão contar o que aconteceu aqui? Por acaso ficaram sabendo como? Onde vocês estariam, senão no mesmo lugar? — esbravejou outro homem, que, apesar da educação machista, era pretenso defensor da família.

Esta informação pareceu acalmar os ânimos dos presentes, menos das mulheres fúteis e vulgares que lá estavam, que, ao ouvir a defesa da família, algo despeitadas, ficariam responsáveis por espalhar a notícia.

— Os senhores poderiam me acompanhar, por gentileza? — falou de forma mais incisiva o funcionário e amigo de madame Mercedes.





Resignados, os clientes voltaram aos quartos e se prepararam para sair. Junto com eles, o homem de Dom Afonso também saiu, mas para correr e relatar tudo o que acontecera ao seu patrão, antes que este soubesse da notícia por outra pessoa. Sabia que isto poderia trazer conseqüências terríveis para Dom Afonso, já que conhecia intimamente seus negócios.

Naná correu para a menina que, desconsolada, chorava na cama.

— Se acalme, ele fez alguma coisa com você? Deu tempo?

— Não, senhora, ainda bem.

— Vamos, corre, pega suas coisas e procure ajuda.

— Não, e você? Nós combinamos de fugir juntas.

— Sim, eu sei, mas agora não posso ir. Vais primeiro, senão tu morres. Irei logo após de ti, tenho negócios a acertar com Dom Afonso antes de ir.

— Não.

Violento tapa Naná desferiu no rosto de Flor, para que esta se acalmasse.

— Vá e procure a mulher de Dom Afonso. Lá você chamará uma senhora que se chama Francisca, e diga que precisa de ajuda a mando meu, e que ela conte tudo a Juliana, ouviu bem?

Ainda choramingando, Flor acenou que sim.

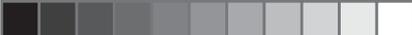
— Vá, tenho negócios a tratar com meu dono e com Dona Persília.

— Esqueça esses negócios, madame, eu ajudo a pegar Dona Persília, e vamos embora.

— Não, minha menina, tenho uma dívida que preciso pagar para ter onde ir depois. Devo ainda o restante do pagamento da fazenda. Tenho que quitar isso, senão nada terei. Preciso de um lugar para ter meu filho.

— Como? Filho?!





DOM AFONSO

— Sim, estou grávida, e pelo atraso de minhas regras eu já era fixa de Dom Afonso. O filho é dele.

— Oh, meu Deus, madame, você o vai ter?

— Eu já fui tudo na vida, mas assassina eu nunca serei. Terei meu filho sim.

Concordando, as duas mais do que depressa puseram-se a arrumar as coisas, e uma hora mais tarde Flor já saía pelos fundos da casa.







CAPÍTULO XXXV



Com a saída de Dom Afonso, Juliana, sorridente e batendo palmas feliz, abraçou Chica, que estava pálida, sem acreditar na ousadia que tivera em enfrentar o seu senhor.

— Minha querida, obrigada, corra, se apronte, vamos para a casa das mulheres, temos muito que fazer por lá.

Contagiada com a alegria de sua sinhazinha, esta sorriu e foi aprontar-se. Juntas se encaminharam para as docas onde se encontrava dona Elizete e mais duas outras mulheres, sendo uma conhecida senhora que também freqüentava as reuniões semanais, e uma outra mulher mais jovem e simples que era a representante da comunidade. Vendo que estas haviam chegado, Dona Elizete, de braços abertos, as cumprimentou:

— Sejam bem-vindas, temos muito a fazer. Chica, você vai pelos fundos, onde já existem muitas comidas e ervas. Você será responsável pela farmácia e cozinha. Precisamos de uma boa quantidade de remédios para enfrentar enfermidades, principalmente pela grave epidemia, que por todo o país está se espalhando.

— Pode deixar comigo, preciso de ajudantes, irei sentir o espírito da doença que ronda e pedir proteção a Omolú para a afastar.

Carmelita, a representante da comunidade, olhou espantada e amedrontada para Francisca. Ao ver a cena, as ou-





tras senhoras caíram na risada, e, pegando-a pelas mãos, disse Francisca:

— Não se assuste, menina, te chamarei assim pois tem idade para ser minha filha. Sentir o espírito de doença e chamar Omolú para afastá-las é a mesma coisa que dizer: me leve a alguém que apresenta essa característica, que vou rezar para Deus e São Lucas para curar e me ajudar a preparar o remédio.

— Essa é apenas a forma de ver e falar da cultura dessa bela preta velha — falou Dona Elizete.

Já aliviada e se desculpando, Carmelita falou:

— Me desculpe, estou é muito agradecida pela sua ajuda. Temos muito a fazer aqui na comunidade pobre e triste que nos rodeia. Faço questão de ser uma das suas ajudantes. Lá no fundo, outras mulheres da comunidade estão separando as mercadorias, e lá pode conseguir quantas auxiliares desejar.

Já procurando um avental, Chica começou a agir.

— Chame todas aqui. Vamos passear pela comunidade para dar uma olhada e decidir o que fazer.

Correndo para os fundos da casa, e já de volta, veio Carmelita em companhia de outras mulheres empolgadas, prontas para a caridade, e, sob o olhar surpreso das outras três senhoras, lá se foram ruas adentro.

— Surpreendo-me sempre com Chica, quando nasci ela já tinha essa mesma aparência. Não tenho idéia da idade dela, mas às vezes, quando ela se esquece da prática de escravizada, se transforma em uma grande sábia — falou Juliana, que foi completada por Dona Elizete:

— É extraordinário, vejo claramente em sua aura tanta luz, a mesma que vejo quando tenho o privilégio de receber visitas elevadíssimas nas reuniões espíritas.

— Também vi essa luz, tenho a mesma impressão —





DOM AFONSO

falou a senhora que as acompanhava, uma pessoa à frente do seu tempo. Uma estudiosa, lutadora pela república e solteira por opção, figura também impressionante. Pintora de muitos quadros, que após muito tempo seriam reverenciados. Continuando, falou:

— Vamos fazer o mesmo que elas, mãos à obra. Juliana, vá arrumar as camas com Dona Elizete, pois tenho certeza de que aquele grupo disposto que saiu voltará com pessoas doentes para cuidarmos. Eu vou preparar comida para nós e para quem chegar.

— Eu vou organizar já os horários, a papelada, e ficarei também na entrada para entrevistar quem aparecer.

Disseram isso e se deram as mãos, enquanto Dona Elizete proferia singela prece.

— Meu bom Deus caridoso, aqui estamos para fazer de suas palavras uma realidade. Pedimos proteção e agradecemos por essa dádiva de aqui estarmos a seu serviço, amém.

E assim, cada uma foi para os seus serviços.







CAPÍTULO XXXVI



Ao chegar à reunião do partido, Dom Afonso foi muito bem recebido, palminhas nas costas, cumprimentos, e, ao sinal do presidente, lorde do partido, todos tomaram seus lugares na assistência.

— Estamos aqui reunidos nessa sessão de votação para escolher o membro que representará de forma firme e concisa as idéias desse partido junto ao nosso Monarca. Declaro aberta a sessão. Gostaria que os candidatos se levantassem de onde estão por ordem de idade, dissessem seu nome, e pronunciassem breve discurso em favor de sua candidatura. Logo após, iniciaremos a votação, para que no dia de hoje saia daqui o novo representante do Partido Liberal.

Salva de palmas se seguiu à abertura dos trabalhos, e, ao cessar, três propensos representantes se levantaram, entre eles Dom Afonso, que por ser o mais novo foi o último a falar, mas quando o fez foi estrondoso. Possuidor de uma inteligência privilegiada e do dom da oratória, Dom Afonso, de forma elegante e incisiva, falou da liberdade como se cativo fosse, e para ilustrar o discurso fez uma comparação entre a escravidão dos negros e a escravidão dos nobres a ter de se sujeitar ao jugo da monarquia.

Estrondosa salva de palmas se seguiu, e muitos chapéus voaram da assembléia, o que demonstrava a empolgação e deferência da platéia extasiada. Após o tumulto, que só foi

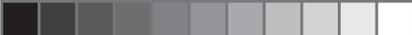




Liliana Soares

acalmado depois de muitos pedidos de calma pelo presidente do partido, deu-se início à votação.





CAPÍTULO XXXVII



A mesmo, de tão nervosa que estava, Flor vagava pelas ruas se escondendo, com medo de ser vista por alguém. Onde era mesmo que ficava a casa de Dom Afonso? Estava tão assustada que se esqueceu de perguntar a Naná onde ficava. Chamou um coche, que imediatamente apareceu, e, se desculpando por não ter dinheiro, questionou se sabia este onde ficava a casa de Dom Afonso. O condutor, inspirado por Carolina, que acompanhava a mulher menina, falou:

— Sobe, menina, essas ruas são muito perigosas para você andar solta e sozinha. Sei onde fica a casa e te levo.

— Muito obrigada, senhor, assim que puder faço questão de pagar.

— Está bem, sobe.

Ao chegar lá, impressionada com a finura da residência, ficou em dúvida se batia na porta ou ia embora. Ainda espirado por Carolina, o cocheiro falou:

— Não tenhas medo, menina, a essa hora o senhor não deve estar em casa.

Flor, então, tomou coragem e bateu na porta, que foi aberta por distinto senhor, que de olhar duro a questionava com quem gostaria de falar.

— Com a senhora de Dom Afonso ou com Francisca.

Examinando-a bem, como era do seu costume, Alfredo observou aquela pobre criança, que assustadíssima lá estava.





Então, olhando para os lados para ver se alguém o ouvia, disse:

— Elas não se encontram.

O olhar de decepção que a menina lhe dirigiu o fez falar:

— Mas pode ir atrás delas, que se encontram na rua alta, lá nas docas, na casa 05.

— Muito obrigada, distinto senhor — e assim falando voltou ao coche.

— Podes deixar, eu já ouvi o endereço, vamos lá, fica próximo à rua em que resido — disse o cocheiro.

E para lá se dirigiram. Olhando para a janela, Flor se assustou ao chegar em zona tão pobre. Lembrou-se da sua curta infância, antes da morte da mãe, e se pôs a chorar. Carolina, que com ela estava no coche, deu-lhe um leve beijo na testa, e com todo amor que podia disse:

— Minha filha querida, que em tantas vidas abandonei, nessa não a deixarei abandonada. Sinta todo amor que posso lhe dar.

A menina sentiu leve beijo na testa, e calma invadiu-lhe a alma. Agora sabia que tudo daria certo.

Ao chegar a uma grande casa, que mais parecia um galpão, o coche parou, e, já sem medo, Flor desceu do veículo. Deparou com uma bela senhora, que atrás do balcão estava a escrever algo, e ao perceber sua aproximação levantou a vista e franco sorriso lhe dirigiu.

— Posso ajudá-la?

— Dona Francisca ou a senhora Juliana se encontram?

— Sim, Juliana aqui está, e Francisca logo retornará.

Esta se sentiu tão aliviada que não conseguia permanecer em pé, e aos poucos foi ao chão, para ser logo amparada por Dona Elizete que aos gritos chamou por Juliana, que cor-





DOM AFONSO

reu em seu auxílio ao ver uma adolescente desfalecida nos braços de sua amiga.

Com esforço, ambas conseguiram levá-la para dentro e colocá-la em uma das camas que Juliana acabara de arrumar. Com a vista firmada novamente, Flor, com voz cansada, falou:

— Juliana?

— Sim, sou eu. Quem é você?

— Chamo-me Flor, e tenho um recado de Naná para você.

Muito pálida, Juliana olhou para Dona Elizete e para a jovem que na cama estava. Sentindo a delicadeza do momento, pediu licença para se retirar, mas foi impedida por Juliana, que disse:

— Não, minha amiga, fique. Tenho a impressão de que precisarei de você.

E, retornando o olhar para a quase criança, disse:

— Fale menina, sou toda ouvidos.

— Naná pediu que me ajudasse, e que também...

Esta foi interrompida pela chegada de Chica, que, acompanhando o diálogo, disse:

— Como está Dona Persília?

Surpresa, Juliana olhou para Francisca de sobressalto.

— Preciso de ajuda — disse Flor, e sem parar contou-lhes tudo, omitindo apenas a gravidez de Naná.

Ao terminar, Juliana estava em prantos.

— Calma, menina, agora é o momento de tudo lhe contar.

E, sem omitir nada, Chica narrou-lhe todos os acontecimentos que se passaram desde a última vez que estiveram na fazenda Santo Antônio. Se o chão lhe fosse tirado dos pés, Juliana não teria sentido tanto como naquele momento. Sentiu-se traída por todos que mais amava: Naná, Francisca e Afonso.





Iansã, que acompanhava toda a cena, se aproximou de Flor, que possuía enorme mediunidade, fazendo-a se levantar da cama num salto, proferindo o seu grito de guerra característico:

— Kíuuuu! Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo. Controle seus pensamentos, Juliana, não ponha tudo a perder agora. Não esqueça que Deus é perfeito e tudo acontece sob o seu olhar. Ao invés de ter raiva de seus amigos, olhe a questão com o coração aberto. Veja que todos, sem exceção, tudo fizeram em suas vidas, certo ou errado, por amor a você. Agora é a hora da retribuição. Reze e peça a Deus auxílio, porque tu ainda tens tarefa muito grande para desenvolver. Lembre-se que tu dissesse ao Pai que não queria uma vida vazia. Queria a oportunidade de praticar a caridade, então aqui está o que pediste. Seja caridosa com o próximo, porque esta é a mais difícil e compensatória caridade. E você, Chica, grande irmã, continue reta em sua missão, e fortalece teus ossos, que muito ainda tens para fazer.

E assim Iansã afastou-se da médium, que em seguida caiu na cama em reconfortado sono.

De forma prática, quebrando o momento da emoção, falou Dona Elizete:

— Vamos, ouvistes o que esta sábia filha de Deus falou. Saia, Juliana, desse torpor, e vamos agir.

De forma emocionada, mas firme, Juliana respondeu:

— Vamos nos preparar para buscarmos minha mãe e Naná. Ninguém deve saber o que se passou aqui. Hoje mesmo escreverei para Naná anunciando que recebemos o seu pedido de ajuda.

— Isso, menina, assim é que se faz. Tu cresceste, sinhozinha.

E triste sorriso se desenhava no rosto de Juliana, que pediu licença, pois precisava digerir tudo o que ficara sabendo.





DOM AFONSO

Chamou o coche de sua propriedade, para que junto a Francisca fosse para casa. Antes, porém, de sair, pediu a Dona Elizete que aquela menina portadora do recado tivesse guarida na casa de caridade.

— Não se preocupe com isso. Vá descansar, pois estás deveras pálida, e amanhã volte para iniciarmos os trabalhos.

— Eu vou com a sinhazinha. As mulheres já têm alguma instrução para começar o preparo das poções. Precisaremos de muito, porque a quantidade de enfermos é também grande.

— Vamos, minha querida Ba.

Ao entrarem na carruagem que se pôs a caminho, Juliana foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Devo-lhe desculpas, porque em uma fração de segundos coloquei em dúvida uma vida de dedicação sua para comigo.

— Não precisa se desculpar, afinal, tudo foi muito novo e forte para você. Eu só quero que você descanse agora, porque seu corpo pede isso, e, a partir de agora, agiremos sabiamente.

— Vou fugir também, Chica, vou-me embora com minha mãe e Naná. Tenho certeza de que Ricardo nos dará abrigo na França. Se quiser, venha comigo.

— Não, sinhazinha, não vou. Terei agora muitos filhos que a vida me trará na casa de mulheres, para cuidar e ensinar. Não vou fugir da responsabilidade da vida, e nem você, que agora não está mais sozinha. Vai ficar do lado de seu marido e fará tudo que puder para ajudar aquela alma tão doente.

— Como assim, Chica, o que falou? Se não fosse você, ainda seria extremamente sozinha. Naná, pelo que me contou, de tanto sofrer tornou-se uma desconhecida, e minha mãe não esconde de ninguém o seu desprezo por mim.

Com um olhar firme de quem conhece bem a vida, e





principalmente sua sinhazinha, que praticamente criara, falou já sorrindo:

— Não, menina, você não está mais só.

Nesse momento o coche parou e o condutor abriu-lhes a porta. Interromperam a conversa.

Alfredo já estava com a porta aberta, e discretamente falou-lhes a respeito da moça que lá lhes procurara. E, em poucas palavras, sem tudo contar-lhe, disseram-lhe que a menina havia sido socorrida.

— Vou para o escritório escrever missiva urgente, por favor, mande entregá-la junto com o restante da correspondência, logo amanhã de manhã, sim?

— Como quiser, senhora Juliana. Vou pedir à cozinheira que prepare o seu almoço.

Sorrindo cansada, esta agradeceu, já fechando a porta do escritório. Lá, pegou papel e pena para escrever ao seu primo Ricardo. Resolveu apenas pedir ajuda, sem lhe relatar tudo que acontecera, temendo que este, já muito abalado pelos últimos acontecimentos, tivesse a saúde agravada. Então começou a redigir a missiva, em caráter de urgência, nestes termos:

“Querido primo, sinto muitas saudades. Aqui, muitas coisas aconteceram. Tenho notícias... preciso de sua ajuda. Preciso que se organize, e discretamente venha o mais rápido possível. Nada mais posso relatar-lhe, confie em mim. A calma para teu coração cansado já está à sua espera, pronta para fugir contigo. Espero que tenhas entendido as minhas poucas frases. Te espero aqui com urgência.

**Com amor,
Juliana.”**





DOM AFONSO

Dobrando cuidadosamente a missiva para entregá-la nas mãos de Alfredo sem que Dom Afonso percebesse, sobressaltou-se com a entrada do bom mordomo no escritório, que, no afã de agradar sua senhora, trazia o seu almoço. Forte enjôo tomou conta de Juliana, que, sem poder se preocupar com a carta, correu para fora do gabinete, quase derrubando a bandeja, para vomitar a alma no corredor.

Francisca, a cozinheira, e Alfredo correram para acudi-la, e levaram-na para o quarto para que se refizesse.







CAPÍTULO XXXVIII



Dom Afonso sentiu-se poderoso. Fora escolhido o representante do partido, e sentiu enorme prazer em ver aqueles velhos hipócritas a cumprimentá-lo. Finalmente agora era o que realmente queria ser, um dos homens mais importantes daquela colônia. Ninguém mais o seguraria.

Neste instante, sentiu leve batida em seu ombro, fazendo com que se virasse para ver de quem se tratava, e se surpreendeu em ver no meio da reunião seu empregado fiel, que lhe sussurrou apreensivamente, afirmando que precisava falar-lhe com urgência.

Franzindo a testa, já irritado por se ver interrompido em momento tão importante, falou:

— Espero que seja realmente urgente.

E assim se dirigiu à porta, junto com este, que em poucas palavras lhe contou o ocorrido na cada de madame Mercedes. Parecia que seu corpo, à medida que a narrativa prosseguia, ia sendo cravejado por inúmeras lâminas de aço frio de tanto choque que tomou, pois sabia que esta brincadeira poderia acabar com sua vida. Sem proferir palavra, pegou seu cavalo, e junto com seu empregado dirigiu-se à casa de Naná.

Naná já se encontrava na janela esperando a chegada de Dom Afonso. Estava muito nervosa. Diria que nada sabia sobre os últimos acontecimentos. Não, sabia que ele era es-





perto demais para cair nisso. Em desespero orou ao Pai para que este a protegesse.

Mal descera do cavalo, Dom Afonso viu a porta da mansão se abrir, e como uma bala entrou sem cumprimentar ninguém, dirigindo-se diretamente para o quarto de Naná, que, sentada casualmente na penteadeira, lindíssima e vestida de forma sensual, aparentando uma calma que estava longe de sentir, sorria-lhe, enquanto fechava a porta e indicava-lhe a cama.

— Nossa, como está nervoso, venha, sente aqui na cama para eu acalmá-lo.

Frio como uma pedra, este ignorou seu gesto e se aproximou da negra dizendo:

— O que fez, desgraçada?

— Eu? Nada, Afonso. Sei do que está falando, mas aquele cliente estava a ponto de agredir uma das minhas funcionárias. Sabe que isso não admito, coloquei-o para fora.

Segurando-lhe o rosto, já a machucando, falou-lhe em voz baixa:

— A verdade, fale a verdade.

— Foi isso, juro, o que fiz foi apenas colocar um pouco de droga em sua bebida para que ele não ficasse insatisfeito com a falta de prática da funcionária.

Pegando um abridor de cartas que na penteadeira estava, Dom Afonso encostou a ponta na garganta da negra.

— Sabe, minha escrava, estou farto de você. Apenas me causa aborrecimento. Se a matar agora, não fará falta para ninguém, pois você é apenas uma negra porca e imunda, imprestável.

Esta, que já estava com os nervos em frangalhos, gritou:

— Sim, sou sim, negra imunda e imprestável, mas mãe de um filho seu!





DOM AFONSO

Longo silêncio se fez no quarto, e o rosto de Dom Afonso não traía qualquer emoção. Naná, já arrependida do que falara, pois não pretendia que ele soubesse, utilizou esse argumento como último recurso diante da proximidade da morte.

Sonora gargalhada encheu o quarto. Dom Afonso precisou sentar-se de tanto que ria.

— Não ria, Afonso.

— Rio, sim, afinal, bela piada me contou. Enxergue-se, rapariga, você não é digna, animal, de ter um filho meu.

Voltou a rir, mas dessa vez sem humor.

— Este bastardo pode ser filho de qualquer homem da cidade de São Paulo.

— Não, ele é seu. Sou apenas sua há alguns meses. Não tenho dúvi...

Não conseguiu terminar a frase, pois sonoro e violento tapa foi desferido em sua face.

— Rapariga, não volte a falar isso novamente. Suma daqui, você e este bastardo. Acha que sou algum jovem bobo? Não quero nenhum animal preto andando por aí com meu nome.

E pegando-a pelo braço, falou:

— Suma daqui e nada leve, a não ser aquela deformada que você ajuda. Nunca mais me procure, e caso este bastardo, filho de todos os homens, bata à minha porta, mata-o! E a você também. Não o faço agora porque assuntos urgentes me esperam.

Dizendo isso, a jogou de encontro à parede, e, como se nada tivesse acontecido, ainda a agarrando pelos braços, falou:

— A única coisa que tens comigo é dívida.

Com dificuldade, mas extremamente nervosa com aquela reação inesperada, Naná respondeu:





— Não tenho mais, vai lá embaixo no meu travesseiro, e pega o valor que lhe devo.

Largando-a e se dirigindo ao local indicado, tirando de lá um saquinho, rasgou-o. Deparou-se com grande quantidade de diamantes, esmeraldas e pérolas, presentes dos admiradores de Naná.

— Agora estamos quites. Iguais — disse Naná, com ar de superioridade, ainda se apoiando na parede.

Dom Afonso lhe dirigiu olhar de cima a baixo e, com um ricto na boca de desdém, replicou:

— Iguais? — sorriu, sem som. — Nunca. Nada mais me deve pela fazenda, negra sem abusada, mas iguais nunca.

— Liberte-me, desgraçado, eu o odeio.

E avançando para cima deste, atingiu-lhe no rosto com as unhas. Este, que irado já estava, falou, segurando-lhe os braços.

— Sabe para que você serve?

Com um movimento, rasgou-lhe a roupa de cima a baixo.

— Para isso!

Naná estava no limite das suas forças, e, ao vê-lo rasgar suas roupas, se viu transportada para aquela fatídica noite na fazenda. Podia sentir o feno frio nas suas costas e o cheiro de suor do Jacinto em cima dela. Fechou os olhos com força, e ao abrir se viu montado em cima de uma menina, que muito machucada chorava, pedindo que parasse. Era uma casa pobre, mas arrumada. As paredes eram de pedra, e muito frio fazia. Choro de crianças se fazia ouvir, e ao olhar para o lado, viu duas crianças assustadas, chorando, a acompanhar a cena. Com horror se viu violentando uma menina diante dos filhos desta, como se isso a excitasse mais. Ao terminar e vestir as calças, não conseguia tirar os olhos da menina que chorava a um canto e era maiorzinha, devendo ter por volta de cinco anos. A mãe ainda machucada percebeu, e come-





DOM AFONSO

çou a gritar por misericórdia. Ele, que era Naná em outra vida, a olhou e sentiu nojo de sua atitude de fraqueza. Por crueldade, aproximou-se da criança e afagou-lhe o cabelo, dizendo:

— Cresça mais um pouco, linda menina, para o seu senhor tomar conta do seu corpo.

Gargalhando, jogou duas moedas no chão da pobre casa e se foi.

Ao sair do transe, Naná, que se via de volta ao seu corpo de negra, sentiu que Afonso já terminara e que, durante todo esse momento, ficara desfalecida. Sem forças para levantar, esta apenas o observou com lágrimas nos olhos, já sem ódio no coração, pois para ela, conhecedora dos mundos dos vivos e mortos, não foi mistério ver que o malfeitor branco e rico que violou aquela pobre mulher tinha sido ela própria.

— Está vendo, ordinária, para que você serve? Pensando bem, não a quero longe dessa casa, e não se iluda que não a alforriarei. Você é minha propriedade. Não gosto de você, mas vai ficar aqui trancada, e vai ter esse bastardinho, filho de São Paulo, aqui nessa casa, porque eu sou o seu senhor, e o venderei para quem pagar melhor.

Foi-se para a porta do quarto, e aos berros chamou Rosa, que sabia ser tão ordinária quanto qualquer outra, e que por um punhadinho de ouro faria o que quisesse. Esta, já próxima à porta, assim como todos os que na casa trabalhavam, curiosos e medrosos para verificar a reação de Dom Afonso à confusão de mais cedo, respondeu:

— A partir de hoje, você é a nova madame da casa. Todos aqui lhe prestarão contas, e você agora é a minha representante.

Felicíssima e já com o olhar manhoso, esta entrou no quarto de Naná, que, sem se mexer, ainda se encontrava sob a cama observando a cena. Dom Afonso fechou a porta para





que os outros não ouvissem o restante das ordens. Delicadamente, pegou-a pela mão e a levou para perto da cama.

— Está vendo essa negra? Ela é minha escrava e prisioneira aqui. Trate-a bem, porque ela carrega minha mercadoria, mas ela aqui não é mais madame, e sim minha escrava, e está sob a sua responsabilidade — com um olhar maléfico Rosa encarou Naná, que nesse momento reconheceu nela o mesmo olhar da criança que chorara ao vê-la profanar sua mãe.

— Pode deixar, Dom Afonso, eu e essa negra temos contas a acertar. Está ouvindo, Naná? Quem manda aqui agora sou eu.

Esta nada falou, apenas fechou os olhos, querendo sumir.

— Venha, minha nova madame, para botar ordem na casa, que eu já vou.

E assim dizendo, beijou-lhe a mão como se esta nobre dama fosse.

— Não se arrependará — falou Rosa.

Sorrindo, nada respondeu Dom Afonso, que se retirou da casa em direção à sua, sabendo que aquela sirigaita invejosa faria da vida da negra um inferno. Já se sentia mais calmo. Iria para a casa descansar, pois ainda teria que falar com seu cliente, que sabia ter sido humilhado, para de alguma forma tentar minorar aquele ultraje, sem saber que este, como fagulha de um incêndio, já espalhara no clube masculino mais respeitado de São Paulo, onde os nobres se reuniam diariamente para tomar um café e ler o jornal, antes de se dirigirem para os seus afazeres, quem era realmente Dom Afonso, que à meia boca já era chamado Dom Mentira.





CAPÍTULO XXXIX



Dom Afonso, ensimesmado, chegara em casa pensando no que aquela abusada havia falado. Filho? Ora, pois, quem era ela para tentar macular seu maior sonho? Tinha muita vontade de ser pai, passar o seu sangue para as próximas gerações, um homem forte e inteligente como ele, e também uma mocinha linda como a mãe. Com um sorriso embevecido nos lábios, se dirigiu ao gabinete onde se encontrava a correspondência atrasada. Seria bom realmente ter um filho, isso prenderia sua mulher ainda mais a ele. Não que gostasse dos folguedos ou barulho dos bambinos, mas, contanto que não o atrapalhassem, seriam bem-vindos.

Realmente, tinha muita correspondência atrasada. Nesse momento, pegou um envelope que, misturado à sua correspondência, vazio estava. Que estranho... Sentindo o seu sangue gelar, leu o remetente. Era o irritante primo de Juliana, Ricardo. Porque esta não lhe falara que ele escrevera? Freneticamente começou a procurar onde estava a carta de Ricardo, já derrubando tudo que em cima da mesa estava, quebrando o caro e belo vaso que a enfeitava. Resmungando, abaixou-se para ver o estrago que fizera, e aos pés da mesa teve sua atenção atraída para um outro envelope que rapidamente pegou, pois logo reconheceu a letra de sua mulher. Sofregamente percorreu com os olhos as poucas linhas que lá estavam. Levou a mão ao peito, e leve falta de ar sentiu, com o ódio tomando conta do seu ser.





Sem bem interpretar as linhas escritas de Juliana, com todo o vício que seu ciúme doentio podia, interpretou erroneamente a missiva. Não podia ser, devia estar sonhando, essa era a letra daquela... Respirando fundo, pois já se sentia mal, releu novamente a missiva, que sua mente doentia traduzia como sendo uma carta de amor, com um pedido de Juliana para que o primo a buscasse. Ela queria fugir com aquele almofadinha. Desgraçada! Levantando-se, começou a jogar todos os livros ao chão que nas prateleiras se encontravam, à procura da carta que aquele malandro mandara para a sua esposa.

— Cadê? Onde está?

Em cima de sua mesa apenas o envelope havia. Agora que descobrira tudo, iria investigar toda a história sórdida da vagabunda. Esbaforido, o mordomo entrou no escritório para ver o que estava acontecendo. Nunca vira seu patrão tão transtornado, pálido e com o rosto transfigurado de ódio.

— Onde está? — este se virou em direção a Alfredo.

— O que senhor? Não entendo.

— A carta, desgraçado, a carta!

Empurrando o mordomo, que barrava a saída da porta do gabinete, como uma fera subiu os degraus em direção ao quarto de Juliana, onde com um só golpe derrubou a porta, fazendo esta pular da cama, onde estava a descansar.

— Cadê, vagabunda? Cadê?

— Cadê o que, Afonso, o que foi?

Este começou a desarrumar tudo, e jogar as gavetas do quarto no chão, até que encontrou um porta-jóias localizado na penteadeira, e com um só golpe o jogou na parede, espatifando-o, sob o olhar assustado de Juliana. Dentro deste, caiu um belo papel de carta, a missiva do primo Ricardo, que Juliana lá inocentemente guardara.

Dom Afonso, alucinado, correu para apanhar o papel





DOM AFONSO

no chão, e Juliana imediatamente entendeu a cólera do marido, sentindo o sangue gelar em suas veias, pois sabia que este não gostava de seu primo.

Olhando para o seu esposo, que mais parecia outra pessoa, correu em direção à porta do quarto. Percebendo a atitude desta, Afonso a alcançou pelos cabelos, e como uma fera bestial a jogou de encontro à penteadeira já devastada que no quarto se encontrava, fazendo-a bater o rosto e a cabeça no espelho, que com o impacto se desfez em pedaços.

Juliana, já cortada, em cima do resto do espelho, apenas o olhou, atônita, a ver como que em câmera lenta, sem mais nada sentir, seu marido, que como um louco enraivecido em cima dela a bater-lhe impiedosamente. Nesse momento, viu-se transportada para um lindo jardim, onde um belo homem a embalava, e cantando a amparava como se uma criança assustada fosse, a alisar-lhe os cabelos, falando-lhe em seu ouvido:

— Calma, já vai passar, está passando. Nosso pai está conosco, nos protegendo e amparando.

Alfredo, a cozinheira e Francisca já corriam para o quarto, e espantados se depararam com a cena que os acompanharia pelo restante das suas vidas. O quarto destruído, Juliana desfalecida, já deformada pela violência, e Dom Afonso, como se um animal fosse, a bater-lhe sem piedade. Alfredo se jogou em cima do seu patrão, que possuía uma força descomunal.

— Pare, pelo amor de Deus! Pare.

A cozinheira pegou o que restava da madeira da penteadeira e começou a bater em Dom Afonso, para ver se assim ele largava Juliana já desmaiada.

Forte grito em meio à algazarra se fez ouvir vindo de Francisca:

— Pare, desgraçado, está matando seu filho!





Dom Afonso, como que por milagre, saiu de sua crise de fúria ao ouvir isso, e, caindo para trás, largando o corpo imóvel de Juliana, olhou para suas próprias mãos com horror e pânico. Correndo em direção à menina deformada, Chica gritou mais uma vez:

— Pelo amor de Deus, chamem um médico.

O desespero tomou conta do coração de todos que naquela casa estavam.

— Vamos, não estão me ouvindo? Chamem um médico, depressa!

O mordomo, saindo do torpor em que se encontrava, foi-se até a porta e mandou o cocheiro com urgência buscar o médico, que era o marido de D. Elizete.

— Vá rápido, homem, vá!

Voltando para dentro, já recomposto, mas indignado, dirigiu-se ao quarto de sua senhora e a levou no colo para o quarto de hóspedes, tomando cuidado para não machucá-la ainda mais. A cozinheira correu com uma bacia de água limpa e panos, e Francisca começou a tirar a roupa de Juliana para apalpar-lhe o corpo em busca de ossos quebrados. Foi com imenso desgosto que percebeu o início de uma leve hemorragia. Orando a Deus, pediu misericórdia por aquela pequena alma, sabendo que a criança que sua sinhazinha carregava ao ventre provavelmente não vingaria.

Contemplando aquela cena, uma forte revolta se apoderou do corpo já velho de Alfredo, que de forma elegante e impetuosa voltou ao quarto de sua senhora, encontrando Dom Afonso ainda no canto do quarto no chão em prantos, aproximando-se disse:

— Vamos, moleque, se levante agora, estou mandando.

Olhando surpreso para aquele distinto senhor, que trabalhara para o seu pai antes mesmo do seu nascimento, disse:

— Como?





DOM AFONSO

Já o pegando pelo braço com uma força surpreendente, e o arrastando para a cama, onde o jogou, falou o mordomo:

— Vire-se agora, vou fazer com você o que o meu bom falecido patrão deveria ter feito.

— O quê? Como ousa, Alfredo?

E este, dando-lhe um safanão para que de bruços ficasse, com um olhar tão duro que nem mesmo o autoritário Dom Afonso foi capaz de sustentar, continuou:

— Vamos, seu moleque sem-vergonha, agora você vai aprender a respeitar os outros.

Dizendo isso, tirou o cinto e deu uma surra em Dom Afonso como se este fosse uma criança malcriada. Ao terminar, falou:

— Agora, seu insolente mal-educado, vá reparar o seu erro.

Vendo que D. Afonso o mirava atônito, replicou:

— Agora!

Ainda chocado, e sem forças para responder a este insulto, Dom Afonso se levantou e foi-se em direção à saída do quarto, falando de costas.

— Chamou o médico?

— Sim, senhor.

— Diga que ela caiu da escada, seu insolente, e depois fora desta casa.

— Esta foi a atitude mais sábia que já tomou. Logo se vê que não é nobre e fidalgo como seu pai era, e eu só trabalho para homens de nobre estirpe, não baixos marginais. Antes de sair, vou ajudar Francisca com sua senhora, com licença.

E, de forma distinta, foi em direção ao quarto de hóspedes como se nada tivesse acontecido.

Do lado de fora da casa, o clima estava tão elevado quanto dentro desta. Na rua, o fuxico já tomara conta de todas





as classes. Dizia-se à boca miúda e larga que Dom Mentira, ou seja, Dom Afonso, era uma fraude. O lorde que fora hoje mesmo escolhido para o cargo mais importante do Partido Liberal era, na verdade, o maior escravocrata do país, viciado em drogas e dono de bordel. O espanto era geral, e as risadas e indignação podiam ser ouvidas em qualquer lugar, e logo chegou aos ouvidos do conselho do Partido Liberal, que se reuniu extraordinariamente para deliberar sobre o caso e decretar a expulsão de Dom Afonso dos quadros do partido, já que se tratava de um palerma mentiroso.

O Dr. Orlando Ventura, marido de Dona Elizete, foi o único a tentar contemporizar.

— Um momento, senhores, não podemos tomar essa decisão de forma leviana, através de fofocas, sem provas.

Nesse momento adentrou a reunião, já que fora também convocado, Dom Manuel, homem admirado e respeitado por toda a sociedade, representante da outra facção política, de conservadores, onde se aglutinavam os escravocratas, e testemunha de acusação de Dom Afonso.

— Boa tarde, senhores membros do partido Liberal. Suponho que, como cavalheiros que somos, tenho a obrigação de alertá-los para a fraude de que são vítimas. Como já é do conhecimento de todos, sou a favor da escravatura, este é o meu ideal. Então, sendo assim, não posso admitir que um embusteiro venha até aqui, sabendo quem é, e os lugares onde freqüenta, conspirar essa casa, visto que todos, senão a maioria dos escravos que tenho, foram comprados das mãos de Dom Afonso, e que este, além de viver do tráfico de escravos, traz artigos sem pagar impostos, comercializa drogas, sem contar que é o dono do bordel da famosa madame Mercedes, que é sua escrava e comparsa.

Alguns que lá estavam, já sabiam do escândalo do bordel, e desconfiaram que esse discurso possuía um caráter vin-





DOM AFONSO

gativo, mas como entre cavalheiros aparentados existia uma regra de silêncio e proteção aos bons costumes e à família, nada comentaram sobre o incidente, apenas se apegando ao discurso deste, e de forma indignada falavam ao mesmo tempo frases de desaforo e acusações a Dom Mentira.

Dr. Orlando Ventura se viu sem saída, e agora nada mais pôde fazer, senão acatar as ordens dos outros partidários do Partido Liberal, e de forma sucinta e impessoal redigiu documento que dispensava Dom Afonso do cargo para o qual fora escolhido, e, por insistência dos demais, também a sua carteira de membro do partido. Assim, quando finalizaram a redação da carta de expulsão de Dom Afonso, esta já continha 22 assinaturas, a totalidade dos membros do partido.

Respirando fundo, impotente diante de tão graves acusações, Dr. Orlando Ventura ficou incumbido de mandar entregar a missiva, já que os que lá estavam não admitiam mais nem mesmo a presença daquele escravocrata naquela casa.

Quando já guardava a carta e ia se despedindo dos presentes, um rapaz esbaforido adentrou o recinto, se aproximando e dizendo que precisava dele com urgência na casa de Dom Afonso. Imediatamente pegou sua pasta médica que sempre carregava consigo e seguiu o rapaz em direção à casa de Dom Afonso, já rezando, pois achava que atenderia a ele.

Ao chegar à casa, deparou logo com a figura elegante de Dom Afonso, que pessoalmente abriu-lhe a porta, e de forma quase desinteressada falou que a paciente era sua esposa, que caíra da escada.

Surpreso, Dr. Orlando Ventura subiu a escada, com a chorosa cozinheira que lá estava:

— Onde está ela, Sra. Ana?

Esta já era conhecida das reuniões que aconteciam na sua casa. Ana, porém, com os olhos inchados, sem coragem de dizer mais nada, limitou-se a levá-lo até o quarto. A cena





que se descortinou diante dos seus olhos marcar-lhe-ia a alma ainda durante muitos anos.

Na cama imensa encontrava-se uma mulher inconsciente, deformada de hematomas, sendo velada por duas grandes almas, Alfredo e Francisca, que logo se levantaram para cumprimentá-lo.

Dr. Orlando Ventura, ao se aproximar e começar a examinar Juliana, foi incapaz de segurar as lágrimas de pena e horror. Então perguntou aos presentes se já haviam participado de alguma cirurgia, sendo prontamente respondido que apenas Francisca vivenciara essa experiência. Enxugando seus olhos de forma enérgica, falou:

— Água quente. Fervam os utensílios da minha maleta. Morfina, panos limpos e oração, pelo amor de Deus. E você, Alfredo, chame as autoridades, por favor.

— A milícia, doutor?

— Sim, não vai adiantar muita coisa, mas mesmo assim chame. Podemos precisar para proteger essa menina pelo tempo que aqui deverá ficar, até poder, caso sobreviva, ser encaminhada a outro lugar.

— Sim, senhor.

E foi providenciar o que o médico pediu, juntamente com a cozinheira, que se retirara para ferver os instrumentos médicos, deixando Dr. Orlando a sós com a preta velha.

— Então, Dr. Orlando, acha que poderemos salvar a criança?

— Não, querida Chica, já não salvarei mais o bebê nem a fertilidade dessa pobre criança, e talvez também não consiga salvar a sua visão direita. Vamos lá começar o trabalho. Antes de começar, vamos pedir proteção ao Nosso Senhor Pai para que consigamos salvar-lhe a vida sem que haja hemorragia interna.

Forte tremor envolveu o corpo de Francisca, que com





DOM AFONSO

a voz e um olhar diferente o cumprimentou com um aperto de mão e falou:

— Boa noite, bom amigo, estou aqui com nossa equipe para melhor auxiliá-lo. Vamos conter a hemorragia e você irá limpar todo o corpo, porque esse espírito ainda tem tarefa a cumprir aqui na Terra.

— Obrigado, irmão, agora estou mais seguro, sabendo que Deus nos mandou ajudantes tão especiais. Tive receio de não conseguir salvar essa pobre criança, que está muito debilitada — falou, segurando as lágrimas.

— Fique calmo, vamos prosseguir agora. Precisamos muito de seu equilíbrio para podermos de forma mais eficaz possível consertar essa contenda. Vamos lá, tu ficarás com toda a parte do abdome e o feto já desintegrado, e nós ficaremos com a visão, mas saiba que o olho direito dela já está desfalecido. Na realidade ela não teria mais condições de enxergar de maneira alguma, mas, com a permissão de Deus Pai Todo-Poderoso, senhor de todas as coisas, ela ainda poderá ter a visão de volta, se cumprir e viver a missão conforme prometido.

— Como queiras, irmão.

— Vamos começar. Dê-me o bisturi.

Resignado, e ainda impressionado com a força daquela entidade que se fez presente, buscou entrar no equilíbrio que aquele momento celestial exigia. Começou a trabalhar.

Em questão de minutos, aquele médico iluminado, utilizando o corpo de Francisca, como se montasse um quebra-cabeça, refez o olho de Juliana, com uma técnica incrível, nunca vista pelo Dr. Orlando, que impressionado ficou a observá-lo. Este tornou a falar:

— Pronto, agora podes continuar o seu trabalho com a ajuda da médium. Nossa parte está finalizada.

E assim, leve tremor sacudi Francisca, que se desculpou, acreditando que cochilara por um momento.





— Você não dormiu, minha irmã, olhe para o rosto de Juliana.

Quando Francisca olhou, esta já estava com o rosto limpo e os olhos enfaixados. Impressionada, Francisca disse:

— O Senhor já trabalhou tão rápido, e sem minha ajuda?

— Não, Chica, isso foi obra sua com ajuda dos médicos de Deus, e sem anestesia.

Sorriu este, maravilhado e já refeito do susto:

— Como não domino essa técnica, dê-me a morfina, e vamos fazer a curetagem, pois a hemorragia já expulsou o que tinha de expulsar — e assim voltaram ao trabalho.

Dom Afonso estava em seu gabinete, tomando o seu quarto copo de conhaque, andando de um lado para o outro, parecendo um animal enjaulado. Aquela vagabundazinha mereceu a lição, quem era ela para enganá-lo assim? De repente, ouviu uma voz que parecia vir do seu lado, que gritava: “Assassino, assassino, você me matou, assassino!”. Assustado, Afonso olhou para o lado de supetão e nada viu. Nas suas costas, gargalhada se fez ouvir, e, se virando de novo, nada viu. O que estava acontecendo? Será que estava ficando louco? A voz recomeçou a falar em choro sentido: “Assassino, assassino!”. Correndo, Dom Afonso pegou a arma que mantinha na gaveta da escrivaninha.

— Quem está aí? Vamos, apareça! Me deixe em paz.

Nova gargalhada ouviu. Sozinho, com a arma na mão, nervoso, e segurando com as duas mãos a cabeça, vociferou:

— Saiam, saiam daqui, saiam.

Silêncio se fez ouvir, deixando-o ainda mais nervoso, e logo serviu para si um novo copo de conhaque.

Longas horas se passaram, até que o Dr. Orlando e Chica terminassem com Juliana, que já demonstrava sinais de vida, quase acordando com as contrações de expulsão do feto.



— Bom trabalho, Francisca, conseguimos trazê-la de volta.

— Bom trabalho para você também, doutor, o que seria de minha sinhazinha se não fosse pelo senhor e D. Elizete, que ultimamente têm feito parte de nossas vidas?

— Minha casa está aberta a vocês duas, Francisca. Não as aconselho a aqui continuarem, Dom Afonso hoje é um homem doente, e tudo é capaz de fazer.

— Obrigada, Senhor, mas continuaremos onde minha sinhazinha quiser, e se for ficar ao lado desse espírito doente, assim farei.

Concordando com a cabeça, este se despediu e saiu do quarto, encontrando Alfredo e a cozinheira atrás da porta de vigília, aguardando notícias:

— E então, Dr. Orlando, nossa senhora vai sobreviver?

— Com a ajuda de Deus, sim, ela sobreviveu, mas a criança não.

— Nós não sabíamos que dona Juliana estava grávida. Se eu soubesse não deixaria acontecer o que aconteceu.

— Você não tem culpa, são os desígnios de Deus. Não nos cabe questionar o que aconteceu e se poderia ser diferente.

Abaixando a cabeça, Alfredo caiu em prantos sentidos.

— Onde está o dono da casa? — perguntou o Dr. Orlando.

— No escritório, eu o levarei até lá.

— Por favor.

E lá chegando, ao abrir a porta, o médico que a custo tentava controlar sua indignação, se espantou com o olhar alucinado de Dom Afonso, que ainda tentava manter a pose, mas nos seus lábios um ricto nervoso, como um tique, denunciava o estado de sua alma.

— Então, Dr. Orlando, vamos acertar os seus honorários?

— Não vim aqui, Afonso, para acertar os meus honorá-



rios — e, dito isso, tirou de dentro de sua pasta o documento do partido que o dispensava do cargo.

— Tome, leia, você está encrocado, rapaz, toda a cidade já sabe quem verdadeiramente é e o que faz. Em nome do Partido Liberal, declaro que o senhor está dispensado do cargo a que de manhã foi eleito com unanimidade. Você lá também não é bem-vindo, talvez o nosso adversário político que apóia a escravatura o receba bem, visto que você é, na prática, o maior representante da categoria.

Dom Afonso, pálido feito cera e frio como gelo, apenas falou:

— De quem foi a acusação?

— Do seu principal cliente, Dom Manuel, que o denunciou e apresentou provas irrefutáveis.

A voz voltou, clara, a incomodar Dom Afonso. Em meio à gargalhadas, falou:

— Está vendo? Bem-feito, assassino, assassino.

Balançou a cabeça, segurando-a novamente entre as mãos, tentando expulsar aqueles pensamentos.

Nesse momento, o médico percebeu que Afonso estava armado, e assustado falou:

— Calma, Dom Afonso, largue a arma.

Sem responder o que ele disse, Afonso retrucou:

— Está ouvindo?

— O quê, homem?

— Essa voz, essa voz infernal.

Compreendendo o estado de desequilíbrio em que este se encontrava, com a voz mais calma falou:

— Deixe essa arma, meu filho, vai se machucar.

— Como? A arma?

A voz com mais intensidade gritou:

— Você perdeu tudo, não é mais nada. Você me matou, morra, vá, morra!





DOM AFONSO

— Não, não morrerei não, morres tu.

Disse, atirando a esmo.

Dr. Orlando, aproveitando ligeiro desequilíbrio que este teve após atirar, com um só movimento tirou-lhe a arma das mãos.

— Calma, Afonso, não há voz nenhuma aqui, calma.

Novamente o silêncio. Agora, quem sonora gargalhada soltou foi Dom Afonso.

— Toma desgraçada, agora consegui calar-te a boca.

Dirigindo-se ao espelho grande que na parede ao lado enfeitava o escritório, como se nada tivesse acontecido, se arrumou, voltando a ser o impecável Dom Afonso.

— E minha esposa, doutor, como está após a queda?

O médico, que ainda segurava a arma na mão, tendo ao lado a milícia que já chegara e os empregados da casa, despertados pelos tiros, observava a cena atônito.

— Ela sobreviveu, está muito machucada, só não consegui salvar o bebê.

— O bebê? Não, impossível, ela não estava grávida, estava?

— Sim, e após a queda ele não sobreviveu.

Este resolveu mentir em frente aos policiais, após perceber que Dom Afonso era um homem doente precisando de tratamento e não de cadeia.

Sorrindo nervoso, Dom Afonso falou:

— Então, quando poderei ter outro bebê?

— Não mais poderá. A queda foi tão violenta que ela perdeu o bebê e todos os órgãos principais reprodutores. Você não poderá mais ser pai.

Gargalhada acompanhou a frase do médico.

— E agora parricida? E agora?

Dom Afonso, exasperado, gritou:

— Cale a boca, vamos, cale-se!





Assim falou para a voz que só ele ouvia.

— Calma, Dom Afonso, estou aqui para ajudá-lo, vamos, se acalme — Disse o Dr. Orlando.

Dom Afonso olhou para aquele homem à sua frente, como se só agora tomasse conhecimento de que ele lá ainda estava.

— Não falei com você, velho miserável. Vamos, saia daqui e tire esses idiotas daqui também, vamos, fora!

Descontrolado, Dom Afonso começou a gritar e a gesticular de forma alucinada. Todos que lá estavam se encontravam perplexos com o desespero e a loucura daquele homem. Alfredo, como sempre, tomou a dianteira e pediu que eles, inclusive a milícia, se retirassem, pois seu patrão encontrava-se indisposto. Disse-o de forma tão firme que não admitia discussão, logo fechando a porta do escritório para proteger o seu patrão. Assim, Alfredo se viu sozinho no corredor com o Dr. Orlando.

— Cada dia que passa mais o admiro, Alfredo. Momentos atrás você parecia perto de matar o seu patrão de tanta indignação, e agora você, já tendo sido posto para fora por ele, ainda o defende da maledicência alheia.

— Esta, doutor, é a minha obrigação, e me sinto particularmente responsável por este drama.

— Por que, meu amigo? O que isso pode ter a ver com você?

— Ajudei o senhor a criar esse menino, pois o seu pai, homem bom, estava sempre muito ocupado, e eu, por manter os olhos fechados achando que como empregado era um desigual, vi os anos passarem e essa alma peculiar crescer sem nenhum amor ou limite. Sinto-me em dívida com esse homem-moleque, que agora completamente descontrolado se encontra trancado no gabinete. Se a caridade estivesse em meu coração, ao invés da indiferença que a desigualdade so-





DOM AFONSO

cial nos faz ter como forma de vida e sobrevivência, poderia, em momentos decisivos da vida desta criança, ter agido com carinho ou palmadas, e tenho certeza de que meu bom e querido patrão não teria interferido, pois sua confiança em mim era total. Sinto-me em falta com ele, pois o senhor... não sabe, mas o pai de Dom Afonso era o meu irmão.

— O quê, rapaz?

— Sim, eu sou filho bastardo do avô de Dom Afonso, e por caridade ou maldade sua avó me deu abrigo e profissão. Hoje, com os ensinamentos da espiritualidade, não julgo mais minha madrastra, que a seu modo me tirou da fome.

— Mas isso que me contas é incrível. Sabia que quando o vi na minha casa pela primeira vez me encontrava diante de um grande homem, mas não tinha idéia do quanto. Sendo assim, você tem direito a uma fortuna.

— O dinheiro não me interessa, apenas o que me interessava era o amor dos meus pais, que encontrei no meu irmão, o pai de meu sobrinho Afonso.

— Mas o pai de Dom Afonso sabia do parentesco?

— Sim, e queria regularizar tudo após a morte de sua mãe, mas o impedi. Não mancharia nem exporia a vida de tantas pessoas que me foram caras por um punhado de moedas, e assim ficou sendo o nosso segredo. A única coisa que podia ter feito em troca não fiz, que foi cuidar na hora certa e consertar as imperfeições da alma de Afonso.

— Não se martirize, já não sabe que todos nós temos nossas dificuldades na vida?

Sorrindo cansado, Alfredo levou o Dr. Orlando para a sala onde ficava o piano, e serviu ao doutor e a si mesmo uma dose de conhaque.

— Meu menino não é cruel.

O Dr. Orlando arqueou levemente as sobrancelhas como que duvidando, e, balançando a cabeça, Alfredo continuou:





— Nunca foi apenas cruel, ele é um homem que desde a mais tenra idade possuía uma inteligência invulgar, esplêndida, e uma sensibilidade no coração enorme. Ele poderia ter sido um grande soldado de Deus, caso a sua inteligência e seu coração desequilibrado não o enfeitiçassem a ponto de querer ser Deus. Dom Afonso é um anjo decaído, porque o seu maior inimigo é a mente aguçadíssima que o faz sentir-se diferente dos pobres mortais. Este, sempre, desde que aprendeu a falar, questionou e exigiu explicações que o seu raciocínio rápido exigia, e, na minha insignificância, tão absorto no papel de simples empregado, não freei a arrogância que esta inteligência desmedida adquiriu. O tédio que ele passou a carregar na alma foi tamanho, que passou a questionar a tudo e a todos, e o único oponente a altura que ele encontrou foi o nosso Pai Onipotente e as suas leis perfeitas. Tenho a impressão de que Afonso passou a vida a enfrentar esses preceitos.

— Alfredo, como pode dizer que esse alucinado não é ruim?

Sorrindo de forma paternal, Alfredo respondeu:

— Pelo seu coração, que é capaz de amar como ninguém, e pela dualidade de sua alma, que a inteligência desequilibrou. Você talvez não entenda, mas as atitudes de meu sobrinho não vêm da crueldade vulgar, mas de uma teoria fortíssima que ele carrega na alma, que por falta de educação se tornou perigosa.

— Está me dizendo que, se no momento certo tivesse ajuda, esse homem hoje enlouquecido poderia ter se tornado um bom soldado de Deus?

— Sim, um dos melhores — falou Alfredo, já se levantando, e continuou: — Acho que tenho medidas legais para tomar, doutor. Preciso de sua ajuda. Vou interditar Dom Afonso.

— Mas, homem, como?





DOM AFONSO

— Fazendo o que deveria ter feito há muito tempo na qualidade de tio.

— Olhando admirado para aquele homem extraordinário, apertou-lhe as mãos e disse:

— Pode contar comigo para tudo que venha precisar e também para fazer parte do seu círculo de amizades já que não poderia deixar de ter como amigo homem tão honrado. Deixo-lhe aqui com esse medicamento que fará D. Afonso dormir, será necessário, pois sua mente está em frangalhos.

— Obrigado, darei agora mesmo, e também mandarei chamar os advogados, tenho muita bagunça para pôr em ordem.

— À noite, mande-me notícias da senhora Juliana, sim?

Já se levantando, Alfredo apertou a mão do médico e disse:

— Não preciso dizer, bom amigo, que tudo que ouviu aqui é um segredo médico.

Sorrindo com simpatia e dando-lhe tapinhas no braço, Dr. Orlando disse:

— Não se preocupe.







CAPÍTULO XL



Dona Persília estava sentindo falta daquela preta malcriada. onde ela estava? Já se sentia bem melhor. Seu peito não doía mais, até suas feridas e queimaduras já estavam mais fechadas e cicatrizadas: “Cadê aquela menina?”, pensou já agoniada. Que ironia do destino, acabara assim deformada e a única ajuda que tivera fora da , a amante de sua filha! Às vezes sentia falta do ódio que um dia sentira dela, mas logo depois respirava fundo e percebia que talvez não odiá-la mais fosse bom, afinal só ela, apenas ela, cuidaria dela. Com esforço conseguiu se sentar na cama. Já podia sentir as pernas e movimentá-las um pouco. Fazia isso todos os dias, com a esperança que elas saíssem da imobilidade de tanto tempo acamada.

A pretinha lhe dissera que não perdera nem a mobilidade das pernas nem dos braços, e esta não errara, tocando o rosto que um dia fora bonito e agora era apenas uma massa disforme. Não voltaria mais a falar sem dificuldades, pois perdera parte da língua, cordas vocais e lábios. Olhou em volta para ver se tinha algum espelho no dormitório, mas aquela negra abusada tirara tudo. Cadê ela?

Naná estava ainda no quarto olhando para o teto, pois não mais tinha lágrimas para chorar. Voltando os olhos para seu ventre, que agora já começava a dar mostras de vida, passou a acariciar a barriga, pedindo desculpa àquele ser dentro





dela, que já amava com loucura, por toda a cena que há pouco se desenrolara. Rosa empurrou a porta do quarto altiva, já usando um dos vestidos de Naná, e falou:

— Vamos, neguinha, levanta dessa cama e vá lavar o salão, mas antes tire tudo o que é seu daqui, e eu estou falando apenas dos artigos de higiene, pois todo o resto, inclusive as roupas, agora é meu.

Naná a olhou, com um misto de pena e desapego, levantou-se da cama e se vestiu.

— Ah, negra, quase me esqueci, dê um jeito naquela indigente deformada. Não a quero na minha frente, ela me dá nojo.

Com toda altivez e compostura que lhe foi possível, ela pediu licença como sempre fizera na época da fazenda, e de cabeça baixa se dirigiu para o quarto onde estava Persília. Lá chegando fechou a porta e tirou o personagem da negra servil, e com um pranto reprimido se aproximou da cama de sua algoz, Dona Persília, que estava recostada nos travesseiros, e bem no fundo dos olhos desta fitou, e lá encontrou pela primeira vez reconhecimento e uma pequena dose de emoção, o que foi demais para a alma sofredora de Naná, que, em prantos, naquele colo queimado caiu e chorou todas as suas dores, sentindo em seu cabelo a mão desta a alisar-lhe.

Dona Persília tinha o peito invadido de ternura. De seus olhos também escorreram algumas lágrimas, mas que não eram de dor, e sim de alívio, pois se sentiu leve, sem o peso do ódio que por tanto tempo carregara-lhe o peito e a alma. Aquele animalzinho que ao seu colo chorava tinha sido sua única salvadora, e cuidara dela com o carinho de uma verdadeira filha. Não podia e não queria mais ignorar essa realidade, pois há muito não sentia amor maternal em seu íntimo, e agora isso viera com enorme força. A imagem de Juliana se fez presente em seus pensamentos também. Agora





DOM AFONSO

olhava para a vida de forma diferente. Passara todo esse tempo naquela cama a sofrer, mas vendo e ouvindo tudo, coisa que lhe deu idéia do monstro que entregara a sua filha por um punhado de moedas que não recebeu. Sentia-se envergonhada e pesarosa, pois dirigira à sua filha também muito ódio. Será que ela fora merecedora de todo rancor que sentira? Ou esta era também, nas mãos daquele verdugo cruel, mais uma vítima? Com dificuldades tentou falar algo para acalmar aquela criança sofrida em prantos ao seu colo, só que não conseguiu emitir nenhum som compreensível.

Naná, que agora já estava mais calma, olhou para aquela figura desfigurada pelo destino, que tinha sido a única na qual, afinal, pudera chorar no colo, e abriu-lhe o coração, contando-lhe tudo sem nada omitir.

Os olhos de Dona Persília brilhavam com lágrimas de misericórdia e remorso ao ouvir todo o relato daquela mulher que tanto sofrera por loucura sua. Nesse momento ela passou a devotar por Naná amor, duradouro e fiel, pois de alguma forma precisava reparar o que fizera.

Naná não precisou ouvir nada, pois os olhos de Dona Persília foram claros como água cristalina a dizer-lhe que podia contar com aquela pobre criatura, e com surpresa percebeu como se alegrou com essa nova percepção. Naná se aproximou da mãe de Juliana para que ninguém as ouvisse e contou-lhe:

— Vamos fugir, preciso levar o meu filho daqui. Vou fingir estar nas mãos daquela vigarista da Rosa, até que ela se sinta segura o suficiente para afrouxar a vigilância, e assim vamos voltar para a fazenda até o nascimento do meu filho. Lá posso contar com anjos abnegados para cuidar de nós, e depois resolveremos o que fazer. Terei que sair dessas terras, pois sou escrava agora de Dom Afonso, e o filho dele também.

Dona Persília ficou nervosa tentando falar. Precisava falar, precisava! Naná, percebendo, a acalmou e falou:





Liliana Soares

— Fique calma, vamos arranjar um jeito de nos comunicarmos.

Pensando, intuída pelos amigos abnegados à sua volta, falou:

— Escrever! Sim, será que você consegue escrever? Vamos tentar.

E assim se encaminhou para a escrivaninha onde pegou o papel e a pena, colocando com cuidado nas mãos de Dona Persília. E, com dificuldade, esta escreveu:

— Falar. Juliana. Ricardo. Fugir.

Com dificuldade, Nana leu e entendeu o recado.

— Sim, é uma possibilidade. Agora não posso sair, mas assim que aparecer uma oportunidade, procurarei Juliana. Já está na hora, não dá mais para adiar nosso encontro.





CAPÍTULO XLI



O ambiente da casa de Dom Afonso estava tenso, pois ele ainda não conseguira voltar a si. Estava completamente desequilibrado. A custo Alfredo conseguiu fazê-lo dormir, com ajuda dos medicamentos.

Alfredo, homem de bem, íntegro, mas que passara a vida a aceitar e acatar como certas as disparidades sociais, e confortável, embora tristemente, se investisse na roupagem de empregado impecável e fiel daquela família que por direito fazia parte, não tendo então maiores obrigações emocionais para com estes, percebia agora que erro cometera. Estava sozinho no gabinete com seu sobrinho, em pé, em frente à foto pintada de forma perfeita do seu querido irmão, que à parede estava pendurada.

— Desculpe-me por tanta omissão, meu irmão, prometo com todas as forças que me restarem ainda neste mundo tentar pelo menos ajudar a esse espírito que é seu filho e meu sobrinho, que tão caro em meu coração é, e que tão sem amor e limites foi criado por mim. Desculpe-me por não ter sido correto com você, querido irmão, que tanto me defendeu e me ajudou, e que apenas uma coisa me pediu em troca.

Colocando uma das mãos no coração, lembrou-se perfeitamente da cena quando seu irmão, já doente, voltara a insistir com ele para que aceitasse o seu lugar na família perante a sociedade.





— Alfredo, não faz mais sentido carregar a vergonha, ser bastardo. Aqueles que de sua triste história participaram já há muito partiram para seus destinos no além, e você continua aqui nos servindo fielmente, escondido e humilhado nesse emprego servil.

— O senhor ainda não entendeu, mas me sinto bem servindo-lhe e à sua família. Sei quem sou e sei o meu lugar, não macularia a imagem da família que me salvou da fome por capricho pessoal.

— Família que o salvou da fome, homem?! Salvou por obrigação, pois você é filho do dono desta família que o acolheu. Não se sinta grato.

— Sinto-me sim, principalmente com sua mãe, que foi humilhada pela traição de nosso pai com a minha mãe, e mesmo assim me acolheu e salvou minha vida.

Já levemente exaltado, Dom Afonso pai, que tinha o mesmo temperamento inflamado do seu filho, embora possuidor de um coração bom e justo, falou:

— Salvou-lhe a vida para quê, Alfredo? Não mascare a verdade, foi para humilhá-lo e colocá-lo no lugar de empregado, para que diminuído viste a família de que não fazia parte, e também diretamente ferir nosso pai com sua presença, que lhe lembrava sua mãe e verdadeiro amor.

Ao terminar de falar, uma crise severa de tosse se apoderou de Dom Afonso pai. Correndo para acudir-lhe, Alfredo falou-lhe:

— Calma, meu bom patrão, vamos, não se exalte, sua saúde já está frágil, não se preocupe com os motivos de sua mãe ou de quem quer que seja, porque eles me salvaram a vida, e isso foi o suficiente para abrandar qualquer maldade do ato.

— Você, Alfredo, me tira do sério com sua subserviência diante da vida. Você é nobre e bom, sabe que meu fim está chegando, não sabe?





DOM AFONSO

Com os olhos vermelhos de emoção, concordou com a cabeça. Continuando, Dom Afonso pai falou:

— Preciso que faça-me uma promessa.

— Farei tudo que me ordenar.

— Pare já com isso, não estou falando com meu empregado, e sim com meu irmão. Preciso de você agora como nunca. Está me ouvindo?

Nova onda de tosse, só que mais branda se apoderou deste.

— Por misericórdia, fique calmo, senão não poderemos continuar — falou Alfredo.

Respirando fundo e concordando, Afonso pai continuou:

— Cuide do meu filho, preciso de você. A inteligência e a dureza de Afonsinho me assustam, e eu infelizmente tão envolvido nos negócios estava que pouco fiz para a sua educação. Você sabe que minha esposa, que Deus a tenha, apenas o mimava, e eu o ignorava. Prometa-me que tomará conta daquela alma rebelde e sem rédeas, prometa.

— Sim, prometo cuidar dele até o final dos meus dias.

— Ele ficará sabendo de tudo, pois só assim ele o respeitará.

— Não faça isso, pelo amor de Deus, não faça.

— Então prometa que não o abandonará, e dirá todos os “nãos” que não falei a ele.

— Prometo.

— Abra aquela gaveta da peça ao lado da cama e me traga a pena já com tinta e aqueles documentos que lá estão. Será responsável por tudo em caso de emergência. Será responsável por minha riqueza e por Afonsinho. Todos os imóveis colocarei em seu nome, e a tutela do meu filho sob a sua responsabilidade.

— Não, senhor, não faça isso, é muita responsabilidade.





— Levante e faça o que lhe pedi. Sabe que documentos são esses?

— Não, senhor.

— São documentos que redigi, fazendo de você o responsável pelas nossas riquezas e também tutor de meu filho. Preste atenção, confio em você, tome meu testamento e guarde. Só o abra numa emergência.

— Muito bem, mas, caso não ocorra essa emergência, não mostrarei a ninguém.

E assim, em comum acordo, Dom Afonso pai assinou seu testamento e o entregou a seu irmão. Daí a alguns dias veio a falecer.

Alfredo foi tirado de seus devaneios com a entrada de Francisca no seu gabinete, que se aproximou e o abraçou como fazia com suas crianças quando essas estavam assustadas.

— Fique calmo, meu amigo, nosso anjo da guarda Solano cá está a sorrir e quer falar-lhe.

Este se aproximou de Francisca, que no mesmo instante serviu de instrumento para Solano falar:

— Respire fundo, irmão, e faça uma prece de agradecimento a Deus por esta oportunidade que antes de encarnar tanto pediste. Eis aí o seu filho amado, está na hora em que, a seu pedido, tem a oportunidade de cuidar e educar. Nunca é tarde para Deus e as atitudes de amor, não sinta que já não terá mais efeito sua atitude de amor perante o filho pródigo, pois agora a vida coloca em suas mãos a verdadeira oportunidade do ensinamento, e saiba que o “não” é o maior e mais difícil ensinamento do amor. Vá e faça o que é preciso, sem medo, pois todos desta história estão passando pelas provas do caminho que escolheram. Confie em Deus, e saiba que estamos ao seu lado.

Suave tremor sentiu a preta velha, já em si, abraçando o corpo daquele senhor, que chorava copiosamente.





CAPÍTULO XLII



A cidade de São Paulo estava em polvorosa. Nas bocas e em cada esquina se contavam e se aumentavam levemente as peripécias de Dom Mentira, que agora para toda a sociedade era a própria encarnação do mal. Nos clubes e salões da sociedade hipócrita e invejosa, falavam como se tudo já soubessem e como se nunca tivessem se aproveitado dos escravos e drogas que compravam de suas mãos. Em questão de dias, os poderosos que aplaudiram a entrada do belo casal no jantar fingiram que nunca o fizeram, e as mesmas mãos que palmas e cumprimentos faziam questão de dar se fecharam prontas para apanhar pedras e jogar naqueles pobres personagens. Até hoje não se sabe como, mas a notícia da cena de Juliana fez tremer as almas puras e impuras dos salões. Diziam que Dom Mentira havia descoberto a traição da esposa, que estava grávida de outro, e batera nela até que perdesse a criança bastarda. Com sorrisos perversos comentavam que nunca tinham se enganado com aquela fisionomia angelical e boa. Homens e amantes de Juliana se multiplicavam nas bocas paulistas maldosas. O único lugar onde as maledicências não entravam era a casa de família de Dr. Orlando Ventura, do médico e de sua caridosa esposa, que, incansável, ajudava a preta velha no cuidado diário de Juliana.

Um dia, ao final da reunião espírita onde se encontravam todos os frequentadores que tiveram a felicidade de





partilhar da presença de Francisca e Alfredo, que lá foram à procura de forças para continuar a missão, após a despedida de todos, já no quarto preparados para dormir, Dr. Orlando e Dona Elizete conversavam:

— Meu marido, veja os caprichos da vida. Já se passaram mais de três meses do infeliz acontecimento da família de Dom Afonso e Juliana, e para as pessoas ainda é como se tivesse acontecido ontem.

— Sim, minha querida, acredito que essas maledicências ainda percorrerão muitas gerações.

— Tenho muita pena de Juliana, será que sairá do coma?

— Acredito que sim, já vejo melhora em alguns reflexos, vamos continuar em oração.

— Sim, vamos. E Dom Afonso, como reagiu ao se ver interdito por seu mordomo, sendo considerado incapaz diante da justiça, não podendo ter acesso a seus bens?

— Ele ainda não voltou a se equilibrar. Administro diariamente doses altas de medicamentos para que se consiga dominá-lo. Você sabe que ele é um homem alto e forte, e tememos que faça uma loucura quando descobrir que é um pária para a sociedade, e que, se não fosse o seu fiel mordomo, hoje estaria em maus lençóis com o dinheiro, pois seus negócios foram abandonados após as maledicências, e as autoridades apreenderam as mercadorias ilícitas e suas contas bancárias pessoais oriundas de seus negócios ilícitos.

— Mas a escravatura, infelizmente, ainda é permitida.

— Sim, mas o contrabando de mercadorias sem o pagamento de imposto é proibido, e é nisso que atacaram, orquestrados por Dom Manuel, que desenvolveu ódio mortal de já tão degradado personagem.

— Então eles estão pobres?

— Não, porque o dinheiro e os bens de família não





DOM AFONSO

estavam em nome de Dom Afonso, e sim de seu mordomo Alfredo. Desta forma, os bens de família foram resguardados.

— Bom, graças a Deus. Tive receio de que Juliana, além de doente, estivesse desamparada.

— Não tenha receios, você sabe que a vida é perfeita e que Deus não desampara.







CAPÍTULO XLIII



A barriga de Naná já estava bem saliente; era impossível esconder seu estado agora. Trabalhava como nunca. Quanto mais crescia seu ventre, mais Rosa sentia raiva, mais judiava dela e a maltratava pois sabia que aquela criança era filha de Dom Afonso.

Como em todos os lugares, a maldade e a maledicência lá chegaram, deixando todos muito tensos, afinal, o que seria deles agora, já que Dom Afonso era o proprietário da casa? Pois não sabiam que esta ainda se encontrava no nome de madame Mercedes, que assim registrara e Dom Afonso fizera questão de assim deixar, já que mais do que nunca não queria ligar o seu nome a uma casa de prostituição, sabendo que se qualquer problema acontecesse com o imóvel era apenas preciso mostrar o registro de Naná como sua escrava, e tudo que a esta pertencesse seria de seu dono.

Já fazia algum tempo, desde a expulsão do partido, que ninguém daquela casa via Dom Afonso, pois lá não mais aparecia. Rosa, a cada dia que passava, se sentia mais dona da casa, mandando e desmandando no negócio, sem um pinga de humanidade. Todos lá estavam cansados e sugados, e o clima era tenso.

Naná, agora já bastante pesada, em uma manhã achou a brecha que precisava. Estava a lavar o sótão, quando, sem saber, Carolina colocou a destra na testa de Rosa, que lá super-





Liliana Soares

visionava o trabalho da negra, fazendo com que sentisse uma forte dor de cabeça. Rosa, levando as mãos à testa, falou:

— Ai, que horror. Que dor de cabeça.

— Vai deitar um pouco, deve ser cansaço — disse Naná.

— Tem aí, infeliz, alguma coisa para aplacar essa dor?

— Nada tenho, como sabes estamos sem remédios e outros itens básicos.

— Ai, que horror. Vá, vá, corre lá na rua e traga-me alguma coisa para passar isso. Rápido.

— Sim, senhorita — falou Naná, com fingida inocência.

— Vou deitar-me, veja se não demora.

Falando isso, dirigiu-se a seu quarto. Nervosa, Naná largou a vassoura no chão, e junto com Padilha seguiu em direção à rua. Ao sair dos portões da casa que tanto admirava, sentiu-se como se estivesse saído de uma prisão. Olhando para os lados, temendo encontrar conhecidos, o mais rápido que permitia seu estado se encaminhou para a casa de Juliana.





CAPÍTULO XLIV



Juliana Parecia que acordara de um sonho. sentia seu corpo dolorido. Será que tivera febre? Devia ser isso, como lhe doíam o ventre e as costas. Que escuridão. Precisava acender a luz. Tentou mexer o corpo, o que lhe custou muito.

— Sinhá acordou. Sinhá, está me ouvindo?

Juliana reconheceu a voz agradável de sua Chica.

— Francisca — disse Juliana, sorrindo. — Acenda a luz, nada enxergo.

Silêncio se fez.

— Cadê você? Está ainda aí?

— Sim, senhora, estou aqui ao seu lado.

— Vamos, boa amiga, acenda a luz.

Francisca observava Juliana deitada na cama. Emagrecera bastante. Também, após a operação, passaram-se mais de três meses e alguns dias e ela continuava em coma na cama. Dr. Orlando pediu-lhe que sempre trocasse os curativos dos olhos e os mantivesse vedados, para que ao sair do coma ela não se assustasse com a falta de visão de um dos olhos.

— Sinhazinha passou por uma operação, não estava dormindo não, e seus olhos estão vendados. Já é dia e está claro. Vou chamar o doutor para tirarmos essa venda que cobre os olhos da sinhazinha.





Liliana Soares

Em segundos, passaram pela cabeça de Juliana de forma nublada os acontecimentos passados, fazendo-a soltar um grito de horror e angústia, ficando em desespero a chorar.

Francisca a pegou, da mesma forma que fizera com Alfredo, e começou a cantar as canções que aprendera com seu povo, que falava com o pai Oxalá e pedia forças. Músicas espirituais que sempre ajudavam os corações saudosos, desesperados dos negros.

— Já passou, já passou — falou Chica, o que fez Juliana na mesma hora se acalmar, pois de forma inconsciente a fez sentir a mesma calma que o irmão Solano a fizera sentir, quando por caridade divina a retirou do corpo, no momento crucial da violência, e assim Juliana fechou os olhos e voltou a dormir.





CAPÍTULO XLV



Voltando a Dom Afonso, vemos o mesmo sentado no sofá da sala, tendo a frente de si um jornal que não lia. Discretamente, observou todo o movimento da casa. Sentia-se no meio de vespas traidoras; todos ali sem exceção o haviam traído. Alta gargalhada ele ouviu perto de si, fazendo-o trincar os dentes de raiva. “Essa voz não me deixa em paz!” Balançou a cabeça discretamente, como que para espantar essa gargalhada de escárnio que o acompanhava. Na sua alucinação, ele não tinha idéia do desequilíbrio em que estava, e da quantidade de almas infelizes, flageladas, negras e brancas, que tinham grandes cruces no peito. Adversários da época das cruzadas, que foram abatidos sem piedade por ele, e também seguidores fiéis, que igualmente carregavam cruces vermelhas, bordadas em restos de cotas de batalha que envergavam.

Era um espetáculo dantesco, que causava surpresa e horror a um coração mais fragilizado, caso lá estivesse a assistir, já que em volta daquele homem se desenhava verdadeiro campo de batalha, onde se viam espíritos sequiosos de vingança e, ao lado, vários e fiéis seguidores de Dom Afonso, que mesmo no além-terra continuavam, como soldados que eram, a lutar contra todos os hereges de Deus. Esses antigos companheiros de Dom Afonso, seu general nas Cruzadas, o esperavam para continuar a serem comandados por ele, a quem devotavam admiração e fidelidade. Era um grupo de





vinte homens esfarrapados e sofridos, mas fiéis, à espera de seu líder, a quem deviam suas almas, pois este, ao seu modo, também os protegera como filhos. Eles ficavam com guarda montada em volta de Dom Afonso, não sabendo que agora, no estado em que estavam, causariam mal a este, que agora também se encontrava na mesma sintonia.

Junto a eles se encontrava Solano, Padilha e Iansã, que lá já estava preparada para a nova batalha.

— Agora entendo, minha mãe, por que Tadeu e qualquer uma das escravas de Naná não conseguia se aproximar de Dom Afonso. Ele tem um exército de protetores decadentes à sua volta.

— Sim, Padilha, Dom Afonso é um espírito especial. Você agora consegue enxergar perfeitamente o que há à volta dele, porque este se encontra em desequilíbrio, mas eles sempre estiveram ali — falou Iansã.

— Dom Afonso, Padilha, é um daqueles espíritos de comando, com inteligência e magnetismo para chefiar e coordenar grandes grupos. Todos que estão envolvidos nessa vindita que acompanhamos de maneira especial são filhos de Deus, com defeitos e muitas qualidades, só que tudo que fizemos a pedido de Deus, por essas almas, tinha como objetivo principal Dom Afonso — falou Solano.

— Meu Pai Todo-Poderoso, eu não tinha idéia que participava de missão tão especial.

— Olha, criança, esse homem que vê está numa linha tênue. Estamos aqui para buscarmos um grande General para Deus. Salvando Dom Afonso, temos vinte e uma almas salvas a serviço de Deus Pai. A roupa de Ogum dele já está pronta, e as novas armaduras em dourado dos soldados, que vestirão a roupagem dos tranca-ruas também, só que precisamos resgatar, junto com Deus, essa alma, para que ela venha, amaciada e cordata, para que sua inteligência invulgar não brigue mais





DOM AFONSO

com Deus Pai, porque, se não conseguirmos fazer isso, ele poderá se tornar mais um dos grandes senhores das trevas, e seus soldados serão eguns ou obsessores que muito mal à humanidade farão.

— A missão que ele desempenhará, continuou Solano, não redimirá suas faltas cometidas instantaneamente. Ele irá, na roupagem de Ogum, resgatar suas faltas guerreando por outros irmãos, para que não se desencorajem no caminho do bem, e se aproximem de Deus Pai Todo-Poderoso.

— O Ogum, Carolina, representa na religião africana o orixá das contendias, patrono do ferro, da guerra e da caça. Seu nome, traduzido para o português, significa luta, batalha, briga.

Este mesmo Ogum é representado por Santo Antônio ou São Jorge nos templos católicos; à noite nos centros espíritas o iluminado espírito Antônio ou Jorge traz mensagens do grande guerreiro e valente cavaleiro. Não importa a forma que o orixá se manifesta, nem o local, mas sim o que cada um carrega dentro de si. Sinceridade, bondade, humildade. Estes sentimentos são a essência e, quanto à manifestação e ao local, são apenas formas. A essência é eterna, as formas são transitórias.

Impressionadíssima, Padilha, ou Carolina, olhou para aquela cena com novos olhos, e em silêncio agradeceu a Deus pelo privilégio de participar da vida e salvamento de um discípulo do arcanjo Gabriel, filho do pai Ogum, guardião das ruas.

A voz que gargalhava junto a Dom Afonso se calou, deixando-o mais aliviado. Alfredo entrou na sala, trazendo nas mãos em uma linda bandeja de prata, um copo de água e um frasco de comprimidos receitados pelo Dr. Orlando para acalmar Dom Afonso.





— Senhor, está na hora de seu medicamento.

Voltando seu olhar para aquele senhor, a custo Dom Afonso fingiu uma fisionomia cordata, quase bovina.

— Claro, meu bom amigo, me diga como está o tempo lá fora, faz sol?

Sorrindo satisfeito por ver seu sobrinho bem-humorado, respondeu o ingênuo mordomo:

— Sim, está muito bonito. Tome o seu remédio, senhor. Isso, muito bem, tenho boas notícias. Dona Juliana saiu do coma, e agora se encontra descansando, mas já está lúcida.

Sorrindo de volta, Dom Afonso pegou o jornal que fingia ler.

— Vou deixá-lo aí confortavelmente. Mais tarde volto para levá-lo ao quarto para descansar. E assim, saiu, se dirigindo à cozinha para cuidar de suas obrigações.

Ao ver que o traidor já saíra, Dom Afonso cuspiu o remédio fora, como já vinha fazendo há algum tempo. Queria sua mente limpa e lúcida, para se vingar de todos que o traíram. Mesmo com tanta raiva, não conseguia deixar de se contentar com a melhora de seu grande amor. Sentia muitíssimo o que fizera, e também a morte do filho que tanto queria. Sabia que havia passado dos limites, mas a culpa por tudo isso não era sua, era daquela negra miserável. Ela fora culpada por toda a sua desgraça. Fora ela que aprontara com Dom Manuel, fazendo com que este se voltasse contra ele, enlameando o seu nome e o nome da sua família. Por causa dela fora expulso da política e da sociedade. Por causa dela matara seu filho. Sentiu gosto amargo na boca de tanto ódio. Tentou se acalmar, pois sabia que a hora chegaria. A hora dela e de todos daquela maldita cidade. Hipócritas, sacripantas, deletérios.

Jogando o jornal de lado, levantando-se com agilidade e elegância, novamente com aquela expressão peculiar, dirigiu-se para o escritório. Precisava ver o que aquele idiota esta-





DOM AFONSO

va fazendo com os seus bens. Viera até a calhar o testamento sentimental e idiota do seu pai. Admitia que ficara surpreso em saber que o seu perfeito mordomo era seu tio, não que isso mudasse o que quer que fosse em sua vida, só que, se não fosse essa palhaçada, agora estaria na miséria. Os hipócritas cairiam feito abutres na sua fortuna, e agora estaria em maus lençóis. Sorriso sarcástico surgiu em sua bela face.

No escritório se entreteu com a papelada, não sem antes estampar no seu rosto aquela expressão idiota de felicidade, afinal, não poderia vacilar. A qualquer momento um dos traidores poderia abrir a porta. Não podia deixar seu disfarce agora, e assim voltou a sua atenção para os números à frente.

Solano, junto com Iansã e Padilha, acompanhavam a cena. Ele falou:

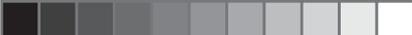
— Já esta na hora de ir, preciso continuar o trabalho e buscar Ricardo. Já se aproxima a necessidade de sua presença aqui.

— Pode ir tranquilo, dessa batalha aqui eu tomo conta, afinal, agora o destino de cada um já está traçado — falou Iansã.

— Vejo-a em pouco — falou Solano, já se desvanecendo.







CAPÍTULO XLVI



A paisagem da história agora mudou drasticamente. Estamos na Europa, capital da França, e o dia está cinza e frio. Vemos Ricardo caminhando apressado pelas ruas, indo em direção à reunião junto com seu professor, que acontecia na casa de um filósofo muito conhecido, seguidor e estudioso dos espíritos, discípulo de Allan Kardec. Naquela época, os fenômenos sobrenaturais estavam em voga na França. Mesmo sob o olhar atento da Igreja Católica, nos bastidores esse assunto era muito comentado, e as mesas mediúnicas se proliferaram, e, junto com os sérios, um sem-fim de embusteiros, vivos e mortos, fazia a festa.

Os dois personagens pararam em frente a uma casa geminada que ficava em um bairro muito conhecido de Paris, onde moravam artistas, boêmios e intelectuais. A morada tinha um aspecto gracioso, era simples mas muito bonita. Antes mesmo que eles tocassem o sino da porta, ela se abriu, mostrando um senhor alto com longos bigodes bem aparados, que sorrindo lhes deu passagem para entrarem. A sala estava quente e agradável, contrastando com o frio de fora. Lá já se encontravam em volta da mesa três homens e uma mulher, todos estudiosos da doutrina.

— Boa tarde a todos — falou Ricardo em um francês perfeito, o que foi logo respondido com entusiasmo pelos presentes, que muito admiravam aquele jovem brasileiro tão





empenhado no estudo filosófico da vida. Eles lá não se preocupavam com a manifestação mediúnicamente com intuito vulgar ou saudoso para com os mortos, e sim com os mecanismos de como isso acontecia.

O que aconteceria na reunião daquele dia seria algo incomum para todos. Estes tiraram os casacos e luvas, e logo se sentaram à mesa para início dos estudos. Foi quando um dos presentes pendeu o corpo para a frente como se dormisse, e, de repente, olhando diretamente para Ricardo, falou:

— Ricardo, volte para casa. Os seus necessitam de ajuda. Vá, ajude-os, e pratique a caridade.

Assustados, todos, inclusive Ricardo, atônitos, ouviram o que o espírito falava.

— Não tenha receio, tire do seu peito o peso da culpa pelo seu amor e sua mãe, não esqueça que acima de tudo há um Deus onipotente que a tudo vê e rege. Você não teve culpa do desencarne da sua genitora. Isso ocorreu independente de você naquele dia. Agora ela está bem, sendo tratada na colônia espiritual, e seu amor está em sua terra, precisando de cuidados e à sua espera. Que Deus Todo-Poderoso fique com todos vocês, para que continuem em seu caminho de estudos que muito bem farão à humanidade.

Emocionado, Ricardo falou:

— Muito obrigado, irmão, farei o que me pede, mas como se chama?

Sorrindo, este respondeu:

— Solano, a seu dispor.

Impressionado, pois já o conhecia, Ricardo caiu em prantos, enquanto os outros, emocionados, faziam uma prece de agradecimento.

Juliana não conseguia distinguir o que mais lhe doía, se era a notícia que o Dr. Orlando lhe dera sobre a perda da visão de um dos olhos, ou a infertilidade que a acompanharia.





DOM AFONSO

Não conseguia derramar nenhuma lágrima, parecia que elas tinham se esgotado. Ao seu lado estava Francisca, que incansável lá permanecia, Dona Elizete, que se transformara em grande amiga, e Dr. Orlando, a quem tanto deviam.

— Não ficarei mais nessa cama deixando passar os dias, enquanto alimento as dores inevitáveis. Temos, minhas amigas, muito a fazer, existem almas muito mais sofridas que eu, precisando de minhas horas ociosas, e dos carinhos que lhes darei como se minhas filhas fossem.

Dizendo isso, foi se levantando da cama, ainda fraca. Francisca, que a amparava, ficou extremamente aliviada com a decisão e a maturidade de sua sinhazinha, que em nenhum momento perguntou por Dom Afonso.

— Precisamos, Chica, buscar minha mãe e Naná, elas precisam de ajuda. Lembra-se daquela moça que nos procurou na casa das mulheres? Ela falou que precisavam de ajuda.

— Calma, Juliana — falou dona Elizete —, você não sabe, mas ficou em coma por mais de três meses, e a situação de hoje é bem diferente de antes. Temos que sondar primeiro para depois agirmos.

— Você tem razão — disse Juliana.

— A primeira coisa que tem a fazer é ficar forte para o que virá. Quero que tente descer, andar pela casa e se alimentar corretamente. Está anêmica e necessita de alimentação.

— Vamos, minha querida — falou Dr. Orlando, estendendo a mão para a esposa. — Precisamos deixar Juliana, pois ela precisa enfrentar sua vida, sua casa e seu marido. Tem certeza de que não quer vir morar conosco? Lá será bem recebida, junto com Francisca.

Um breve lampejo de indecisão passou pelos jovens e cansados olhos de Juliana, que olhou para Chica.

— Você fará o que achar melhor, minha menina, mas eu ficarei com a alma que mais precisa, pois é para elas que





devemos aplicar a verdadeira caridade, e seu Afonso é uma alma doente.

As palavras da preta velha tocaram o coração de todos os presentes.

— Ainda não me sinto com essa sua fortaleza, minha Ba, mas sei quão sábias são suas palavras. Obrigada, Dr. Orlando, pela generosidade que vocês me propõem, mas, não sei como, vou conseguir. Aqui ficarei.

— Como queira. Vamos, Elizete, já é hora.

Com carinho eles se despediram e se foram.

Dom Afonso, que ainda se encontrava envolvido com seus números, ouviu a porta da rua se fechar, e em pensamento agradecia por aqueles enxeridos já terem ido embora. Tocou a sineta para chamar o mordomo, que solícito logo respondeu:

— Sim, senhor.

— Gostaria de jantar com minha esposa, poderia providenciar isso?

Indeciso, Alfredo o olhou, mas viu tanta sinceridade naquela expressão que concordou em falar com a senhora.

Quando ele saiu do escritório, Dom Afonso sentiu o seu peito cheio de amor e paixão arrebatadora. Sentia muitas saudades de Juliana. Será que esta ainda estava chateada com a última discussão? Perdera um pouco a cabeça, sabia disso, mas, como nunca acontecera, se arrependera muitíssimo, afinal, como poderia saber que ela estava grávida? Não tinha culpa disso — pensou, justificando para si mesmo.

— Assassino, assassino.

Assustado, Dom Afonso pulou da cadeira, olhando ao seu redor.

— Quem está aí? Saia, desgraçado, me enfrente como um homem — vociferou Dom Afonso.

Voz maldita, isso não iria ficar assim, mataria o infeliz que estava a zombar dele.





DOM AFONSO

— Parricida. Infeliz. Mataste-me. Assassino!

Desesperado, Dom Afonso abriu a gaveta da escrivaninha onde deixara sua arma, torcendo para que aquele tolo do Alfredo a tivesse colocado no lugar depois daquele dia em que o médico resolvera dopá-lo, e seu “tiozinho” bastardo o interditar.

Sofregamente abriu a gaveta, e, colocando a sua mão nesta, tateou ao fundo com seus longos dedos, achando a arma. Sorrindo, pegou-a e escondeu nas roupas. A partir daquele momento ficaria armado, esperando o infeliz que gritava improperios ao seu ouvido, para matá-lo.

— Você vai ver o que eu farei, voz desgraçada. Darei um jeito em você e naquela negra ordinária, mas isso pode esperar, agora irei rever minha mulher.

Dito isso, arrumando ligeiramente os cabelos com a mão, estampou no rosto aquela expressão meio dopada e feliz, que já estava há algum tempo carregando, e foi para a sala tomar um aperitivo antes da chegada da esposa.

Leve batida na porta ouviram Chica e Juliana, que o mandaram entrar.

— Boa noite, senhoras. Fico muito satisfeito, senhora, em vê-la bem melhor – disse Alfredo.

— Obrigada, Alfredo, o que seria de mim sem vocês?

— Não, senhora, o que seria de nós sem o seu belo sorriso e sua generosidade? Sem perceber, a senhora mudou, junto com a boa Francisca, muitas vidas, contando a minha, é claro.

— Você tem razão. Estou muito orgulhosa de minha sinhazinha, pois ela agora virou sinhá, cresceu — falou Chica com um belo sorriso, acompanhada de Juliana.

— Senhora — falou Alfredo com olhar suplicante —, Dom Afonso a convidou para descer e compartilhar o jantar com ele.





O belo rosto de Juliana, que já desinchara completamente, e como por milagre, mesmo com a completa morte de um olho, tinha o outro intacto, fruto da ajuda espiritual, se fechou em pânico e repulsa.

— Eu sei que a senhora tem todos os motivos para não querer aproximação, mas garanto que, como a senhora, Dom Afonso sofreu muito. Arrependido, hoje parece outra pessoa, está cordato e gentil, e, claro, devidamente medicado.

— Não acredito, mas irei.

— Vá, sim, sinhá, está na hora de colocarmos em prática a caridade, eu sei que é difícil, mas olhe para mim, se toda vez que arrancassem um filho dos meus braços eu brigasse com a vida, não teria aprendido nada com ela, e não seria merecedora de tantas bênçãos. Nesse momento não há mais que dois caminhos; ou você aceita a vida e confia, ou abandona o seu marido e tudo o que acredita, para começar do zero novamente.

— Sei que tem razão, Chica, mas como é difícil... não sei se conseguirei.

— Tente. Vou com a sinhá.

— Não se preocupe, dona Juliana, ficaremos escondidos observando tudo. Qualquer coisa estranha, eu interferirei, e caso meu sobrinho tente pensar em sair dos limites, o internarei para tratamento mais duro. Não tenha medo.

— Está bem. Vou me aprontar e descer.

Fazendo leve e elegante reverência, o mordomo se retirou do quarto para avisar seu patrão de que sua senhora desceria, não sem antes pensar, com uma leve dúvida, se estaria agindo corretamente.

— Senhor, dona Juliana descerá para o jantar.

— Obrigado, Alfredo — disse, ao tomar mais um grande gole de conhaque.

— Perdão, Dom Afonso, mas o senhor não deveria estar ingerindo álcool, pois está tomando medicamento.





DOM AFONSO

— Ora, vamos lá, Alfredo, hoje é uma noite especial, mereço, na minha pobre vida, um momento de prazer. Vou rever a minha amada esposa — disse, tomando em um só gole o resto da bebida, com ares de prazer sorriu zombeteiramente para o empregado e continuou:

— Vamos, sirva-me mais um, ou será que agora que é dono da casa não me servirá mais o conhaque? — instigou, sabendo muito bem onde era o ponto fraco do outro.

— Certamente, senhor, lhe servirei — disse isso, colocando-se em seu antigo lugar de sempre apenas com uma frase do seu patrão sobrinho. Enchendo a taça, entregou a ele.

— Obrigado, caro Alfredo, nunca duvidei da sua eficiência.

Leve ruído de seda nas escadarias chamou-lhe a atenção, e, virando-se, Dom Afonso acompanhou o objeto de sua paixão, que, ligeiramente mais magra, mas ainda linda, descia a escada com a ajuda de sua preta velha, que também a levou ao sofá, pois sua sinhazinha ainda estava muito insegura com a sua deficiente visão e a presença daquele homem.

Assim fazendo, Francisca puxou uma cadeira para si, logo atrás de Juliana, o que desagradou a Dom Afonso, que a custo manteve a sua expressão de calma e alegria.

— Boa noite, minha querida, senti muito a sua falta.

Olhando para um ponto distante com um rosto impassível, Juliana nada respondeu.

Dom Afonso, levantando-se, serviu-se de mais um copo de conhaque, e com um tom mais ameno falou:

— Eu sei que ainda guarda ressalva da última discussão. Admito que me excedi um pouco. Vamos esquecer tudo o que passou, e vamos nos dar nova chance. Eu aprendi, meu amor. O sofrimento de vê-la indisposta muito me entristeceu.

Só a partir desse momento Juliana se virou para olhá-lo.

Fingindo não perceber a sutil mudança em sua espo-





sa, continuou Dom Afonso, se aproximando do sofá onde ela estava:

— Tenha piedade, meu amor, sou um homem doente. E arrependo-me de tudo o que fiz, mas não do amor que tenho por você. Você já sabe que estou me tratando. Dr. Orlando me medica e me acompanha.

Juliana, mesmo o olhando, ainda sentia sua alma dura feito gelo.

Percebendo que o seu discurso não mais estava servindo ao seu propósito, já ligeiramente incomodado pela insolência de Juliana, começou a se afastar um pouco do personagem dopado e feliz que vinha demonstrando. Bebendo o resto do conhaque em um só gole, sem parar de fitá-la, chamou:

— Alfredo, por favor, saia de trás da porta, e me sirva uma boa dose, e para o meu querido amor também.

Juliana teve um leve sobressalto, ao perceber de forma desagradável que não se podia enganar facilmente Dom Afonso.

Com dignidade, Alfredo apareceu atrás da porta, como se nada tivesse acontecido, se dirigiu ao aparador, pegou a garrafa de conhaque, e, preocupado, notou que já estava pela metade. Temendo uma reação exaltada de seu sobrinho, serviu-lhe mais bebida.

— Você já quer jantar, meu amor?

— Sim, Afonso. Alfredo, pode pedir para servir.

— Sim, senhora.

O jantar estava se tornando uma noite de horror. Àquela altura, mais desequilibrado que nunca pelas vozes que o acompanhavam e pela embriaguez da bebida, Dom Afonso estava ameaçador. Juliana tinha mais medo quando ele se fazia de agradável do que quando ele era o impaciente e enérgico Afonso, pois mais do que ninguém conhecia a tempestade que sucedia à calmaria da alma de seu marido, que não para-





DOM AFONSO

va de beber, já tendo posto a garrafa do seu lado, dispensando tanto Chica quanto Alfredo, alegando que já estava tarde, e que estes poderiam descansar, e que também gostaria de um pouco de privacidade com sua esposa.

Ela tivera imensa vontade de acompanhá-los, mas para o bem de todos ficou.

Dom Afonso mandou que a sala elegante e opulenta de jantar fosse decorada com afincos, e as velas na mesa, que tinham a intenção de aumentar o romantismo, apenas serviam para tornar, com suas oscilações de claridade, o aspecto de Dom Afonso mais demoníaco, que agora já não fazia mais questão de manter pose de nada.

Olhando para aquela figura dantesca, engolia o seu temor. Era um homem másculo de beleza incontestável, mas com um olhar tão duro e implacável que se transformava em perigosa mistura de beleza e horror. Juliana o observava sentado à cabeceira da mesa. Já de forma levemente displicente. Alegando querer estar mais à vontade, tirara a casaca e ficara com uma bela camisa, bem própria à época, de seda branca, e com cabelos negros, levemente despenteados, possuía um ar sarcástico.

Juliana não ouvia uma palavra do que seu marido falava. Sua atenção estava voltada para aquela figura bela e sinistra à sua frente. A mão direita de Dom Afonso segurava a taça com líquido cor de ouro, o que chamava ainda mais a atenção para aquela mão esguia, de dedos longos, que carregava em todas as ocasiões um grande anel de pedra vermelha. Aquela mão que tanto horror lhe causara.

Foi despertada dessas indagações pelo seu marido:

— Juliana, está me ouvindo? Vamos, acompanhe-me até a sala de estar para tomarmos o nosso digestivo.

Ainda extremamente amedrontada, acompanhou-o até a sala, sendo guiada por aquelas mãos de aço. Ele a carregava para um assento próximo ao belo piano de cauda.





Forte batida na porta ouviram Alfredo e Chica, que estavam acordados de prontidão caso a senhora da casa precisasse. As batidas continuaram.

— O que é isto? Será alguma emergência uma hora dessas? Espero que não seja mais um vândalo desrespeitando o nosso senhor. Desde que esse escândalo maldito varreu a cidade, esses vagabundos transformaram essa casa em alvo principal de suas delinqüências — resmungou Alfredo, já correndo para abrir a porta, seguido de perto por Francisca, curiosa.

A surpresa de ambos não podia ser maior. À frente deles estava uma negra de beleza extraordinária, ostentando com dificuldade uma barriga de gravidez já bastante desenvolvida. Esta estava se sustentando no batente da porta, muito pálida.

— Naná?! Meu Deus, criança, vai desmaiar.

Correu Chica para segurá-la, prontamente ajudada por Alfredo.

— Perdi-me, precisava achar vocês, mas minha condição tornou a caminhada mais penosa.

— Quem é essa, Francisca? O que está acontecendo aqui?

— É uma longa história. Vamos, precisamos colocá-la em algum lugar sem que Dom Afonso veja.

— É dele, menina? — perguntou Chica, apontando para a barriga.

— Meu Deus, agora estou entendendo, você é a famosa madame Mercedes?

— Era, senhor, era.

— Não fale mais nada, venha, sente-se, deve estar desidratada.

Assim dizendo, colocou-a no divã do escritório do dono da casa e correu até a cozinha para buscar água, deixando Francisca a acomodar a beldade com mais conforto. Chica, com as





DOM AFONSO

mãos experientes, apalpou a barriga de Naná e franziu a testa. Nesse momento, leve dor na base da coluna sentiu Naná, que mordeu os lábios descorados para não reclamar da pontada.

— Abre essa perna, Naná — disse enérgica Francisca, que na mesma hora se posicionou entre as pernas da negra, e com uma mão a examinou, enquanto a outra apalpava a barriga. Sentiu com suas mãos experientes a musculatura rígida e levemente contraída da negra. Olhando para cima, como que falando com o alto, Francisca exclamou:

— Santo Deus!

Na sala, Dom Afonso, completamente bêbado e desequilibrado, falava baixinho, já muito próximo ao rosto de Juliana, fazendo-a sentir a mistura do cheiro másculo de seu corpo com o cheiro emadeirado de seu perfume oriental, misturado ao aroma de conhaque.

— Linda, és linda, e minha... só minha. Ninguém a roubará de mim.

Em volta deles, a turba de desencarnados que lá se encontrava, com exceção dos soldados de Dom Afonso, que montavam guarda, começaram a sentir prazer com a tensão e a torpeza das suas almas viciadas, que naquela casa muitas vezes participaram de grandes festas regadas a sexo e drogas, em sintonia com essa energia que naturalmente exalava do espírito de Dom Afonso, que já começava a ficar excitado, ansiando pelo corpo de Juliana, que há muito não tocava.

Inebriado como estava pela bebida, luxúria e desequilíbrio, exalava tanta energia sexual que contagiava todos os espíritos que viviam na mesma sintonia que ele.

Pegou os braços de Juliana com força, e a puxou para si. Precisava sentir o seu cheiro, o seu calor.

— Me largue, Afonso, seu nojento — debateu-se Juliana.

A voz que sempre próxima a Afonso gritava, fazendo jus à sua loucura, agora, levemente gutural, sussurrava palavras





obscenas à sua mente, aumentando ainda mais a sua sexualidade. Fortes batidas na porta se fizeram ouvir nesse momento, contendo a fixação de Dom Afonso, que com desagrado soltou os braços de uma assustada Juliana.

Aos berros gritou:

— Quem é? Abre essa porta, Alfredo, imprestável! Abra a porta e mande embora quem quer que seja. Estou ocupado!

Juliana, percebendo a oportunidade, com dificuldade, já que não contava com um dos olhos, e na penumbra da sala não conseguia distinguir muito bem o que tinha à sua volta, disse:

— Calma, Afonso, vá ver. Pode ser uma emergência, a essa hora, só pode ser.

Nervosa, olhou para os lados com esforço para enxergar a saída, ou alguma coisa com que pudesse se defender desse monstro.

— Você, sua rapariga, acha que vai me enganar? Não a deixarei sozinha nunca mais. Vou ver sim o que se passa, mas você virá comigo.

Pegando-a pela mão, e praticamente a arrastando pelo corredor, sem se preocupar se ela tropeçaria ou não, ouvindo vozes no gabinete, se dirigiu para lá, e abriu a porta com rispidez.

— É agora, meu amigo — falou Iansã, que já estava paramentada com suas vestes de guerreira.

— Já estamos preparados, irmã. A equipe está a postos — falou Solano, que, todo de branco, estava, junto a três outros ajudantes que também traziam uma maca, ao lado de Iansã, e ao seu comando posicionaram-se em pontos estratégicos da casa, à espera do momento certo para agir.

— Que Deus nos ilumine, e a todos os presentes, para que nesse momento crucial consigamos, junto com as almas dessa vindita, cumprir os desígnios de Deus.





DOM AFONSO

— Não se preocupe com a segurança, Solano. Eu e meus ajudantes controlaremos a turba no momento crucial.

— Tenho inteira confiança em você. Vamos ao trabalho.

Acenando com a cabeça, Iansã se posicionou ao lado de Naná.

— O que está acontecendo aqui?

Francisca e Naná se assustaram com a chegada de Dom Afonso, que logo deu a perceber estar completamente ensandecido. A surpresa e desgosto de Dom Afonso não poderiam ser maiores, ao encontrar aquela negra desgraçada em sua casa.

— Sua maldita! O que faz aqui, desgraçada?

Avançou para dentro do gabinete, sem soltar Juliana.

— Calma, Afonso, vim em paz — falou Naná, interrompendo a frase com uma pontada mais forte que sentiu.

— Levanta, rameira. Vem, que agora você me paga. Toda a desgraça da minha vida foi causada por você — dizendo isso, avançou para cima da negra.

— Não! — gritou Juliana.

— Tenha piedade, ela está grávida.

Só agora percebendo que Juliana estava no gabinete, Naná a olhou com forte emoção.

— Piedade? — sorriu de forma diabólica Dom Afonso.

— Por quê? Só por ela ter dormido também com você?

Com as mãos de aço, pegou os cabelos da negra e a arrastou para o salão junto com Juliana.

— Vamos, sentem-se as duas aí — falou, ao largá-las no meio do salão.

Outra dor, agora mais forte, se apoderou de Naná, fazendo com que não conseguisse se levantar. Percebendo o que estava acontecendo, Juliana foi em socorro desta, colocando-a sentada no sofá.





Sorrindo, observando a cena com desdém, Dom Afonso se serviu de mais uma dose de conhaque, direto da garrafa desta vez.

— Lindo. Cena linda. Duas belas mulheres amedrontadas e desgraçadas, sentadas num belo sofá. Veja como é a vida: por uma, tenho um amor com loucura, e por outra um ódio sem tamanho.

Juliana e Naná estavam em pânico. Sabiam que nada poderiam fazer contra aquele louco, pronto para as piores atrocidades. Juliana pensou em fugir, mas vendo o estado da pretinha, sabendo que não conseguiria acompanhá-la, lá ficou para ajudar seu antigo grande amor.

Tirando a arma da cintura, e andando em frente a elas, apontando-a de forma ameaçadora falou:

— Será, querida Juliana, que esse filho é seu? — sorriu, como se tivesse dito algo muito engraçado. — Hoje é um grande dia. Vocês sabem por quê? Não? Vou acabar com você, sua ordinária.

Disse, apontando a arma para a negra, que de forma inconsciente segurou sua barriga, como que protegendo o filho.

— Você, desgraçada imunda, acabou com minha vida. Tirou-me tudo que de mais caro tenho: o amor de minha mulher, meu dinheiro, meu prestígio e a política.

As vozes na cabeça deste começaram a gemer de novo e a falar obscenidades. Balançando a cabeça, nervoso, como que para afastar as vozes, continuou Dom Afonso:

— Calem a boca, vamos. Calem!

Falou a esmo, apontando a arma para os lados. De novo, Dom Afonso bebeu o conhaque, entornando a garrafa e jogando-a na parede depois. Sorrindo descontrolado, dirigiu-se ao piano, colocando a arma em cima deste, e com dedos ágeis começou a tocar uma melodia dramática e dura.





DOM AFONSO

Juliana viu que estavam perdidas. Conhecía o grau de desequilíbrio do marido pela música e a forma com que ele a executava ao piano, e nunca havia visto tanta fúria como naquele momento.

Naná estava atenta para uma oportunidade de roubar a arma de Dom Afonso, mas como conseguiria? Estava muito pesada, não seria rápida o suficiente. Este continuava como um insano a tocar o piano, tendo ao seu lado a arma, e duas mulheres em pânico sob suas ameaças.

Uma dor absurda tomou conta de Naná, que a muito custo prendeu o grito. Água quente e abundante sentiu correr de suas entranhas pelas pernas. Desesperada, viu que a bolsa tinha estourado.

Francisca, ao ver Dom Afonso arrastar Juliana e Naná, correu para a cozinha, onde Alfredo esquentava a água.

— Acode, Alfredo!

— O que foi mulher?

— Ele está louco! Achou a menina grávida e a arrastou junto com Juliana para o salão.

— Que Deus nos ajude.

E para lá correu.

Juliana viu a água correr pelas pernas de Naná, molhando o chão, e acompanhou seu olhar de súplica angustiante. Na mesma hora, entendeu o que ela queria fazer. Sabia que era um plano ousado, mas não tinham alternativa. Com um grito de fúria do fundo da alma, Juliana avançou para cima de Dom Afonso, que, surpreso, se viu agarrado do banco do piano e jogado ao chão por Juliana, que com fúria o atacava. Em segundos percebeu, já empurrando Juliana, que Naná levantara para pegar a arma que em cima do piano estava. Mais rápido que ela, Dom Afonso agarrou a arma, e forte estopim se fez ouvir. Juliana gritou e fechou os olhos, e os abriu a tempo de ver Dom Afonso com a arma na mão, já de pé ao lado do





piano. Com horror, Juliana olhou para a negra, que também estava em pé, mas não ferida. Voltando o olhar para o seu marido, viu que ele ficou muito pálido e sem força, deixando a arma, que não foi usada, cair de sua mão, e com leve caminho de sangue a escorrer pelo seu pescoço, fazendo-o cair de joelhos, e, com um olhar no infinito, desabar no chão.

Atônitas, viram da porta Alfredo com uma outra arma em punho, de onde leve fumaça saía, e atrás, de olhos arregalados, Francisca.

— Desculpe, meu Pai, o que foi que eu fiz? — falou Alfredo em choque.

Um grito lancinante se fez ouvir da pretinha, que segurando a barriga falou com dificuldade:

— Está nascendo. Socorro, meu pai Oxalá.

Já recuperado do susto, batendo nas costas de Alfredo, Chica falou:

— Vamos, homem, não é hora para isso. Corra, pegue a água que você estava fervendo e venha me ajudar. Vai nascer.

Juliana, que agora já se encontrava ao lado de Naná, falou:

— Estamos aqui para ajudá-la.

E, com um olhar de gratidão, Naná, já muito fraca, esboçou leve sorriso.

— Vamos, ajude, Juliana, precisamos ir para o quarto. Consegues subir a escada? — perguntou a preta velha.

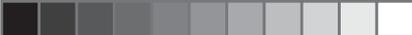
Já chegando com panos e a chaleira, Alfredo falou:

— Não vêes que não consegues? Segure isso aqui.

Já entregando o material para Chica, e com uma força que deixou Juliana e sua Ba surpresas, levou no colo Naná escada acima para o quarto. Lá chegando, a depositou na cama.

— Chame Dr. Orlando, Alfredo, e veja como está Afonso, por favor.





DOM AFONSO

— Sim, senhora.

Francisca estava com a testa franzida, não estava gostando do olhar e da palidez da negrinha. Já tinha presenciado em sua vida muitos partos, e sabia que aquela fraqueza e palidez não eram bons presságios.

Naná sentiu uma contração tão forte que gritou, sentindo no âmagô do seu ser um rasgão.

— Coroou, Juliana, ajuda, empurra essa barriga.

— Força, Naná, está chegando, força.

Naná ouviu de longe as vozes de incentivo. Sentiu-se leve. Sabia que estava morrendo, mas precisava de forças para salvar seu filho. Juliana sentiu um aperto em sua mão, dado por Naná, que a olhava com olhos suplicantes:

— É seu, minha grande amiga, meu filho é seu. Prometa por Deus que o criará como se seu filho fosse. Prometa.

Com uma grande emoção, e com olhos cheios de lágrimas, Juliana respondeu:

— Não se preocupe, seu filho será meu filho.

Leve sorriso se desenhou no rosto pálido, mas belo da negra, que com uma mistura de grito e convulsão deu o último empurrão, fazendo o quarto se encher com um belo e forte choro de bebê.

— Nasceu. É lindo! Um menino — falou Chica, emocionada, ao admirar o bebê.

De forma precisa e experiente, com ajuda de Juliana, cortou o cordão, e com toalhas envolveu o bebê, que chorava a plenos pulmões.

— Olha, Naná.

Foi quando perceberam que Naná não fazia mais parte do mundo dos vivos.







CAPÍTULO XLVII



Seu corpo estava leve. Sentia-se flutuar; era como se todo o peso que carregava sobre suas costas cansadas tivesse sido retirado. Forte clarão inundava-lhe a visão. Será que morrerá? Meu Deus, não, tinha ainda muito o que fazer. Misericórdia, meu Pai. Como um filme em preto e branco, pelos olhos cansados da negra, sua vida se descortinou sem cortes. Desde a Idade Média, Cruzadas, até o momento do nascimento de seu filho, e, com um grito que vinha do fundo de sua alma, falou:

— Misericórdia, meu Pai, porque errei, porque fiz sofrer. Quanta injustiça, meu pai, me perdoa.

Falou entre soluços sentidos. Perdoa tua filha que errou. Sou tua, meu Pai, me perdoa por tudo.

— Calma, minha filha querida.

Falou belíssima figura vestida com vestes vermelhas e brancas, ornamentada para a guerra. Seu cabelo de ébano brilhava como uma pedra de jaspé.

— Minha mãe Iansã — falou Naná com reverência.

— O Pai do céu, seu Pai, meu Pai, onipotente e caridoso, já te perdoou há muito, e está deveras satisfeito pelas difíceis escolhas que nessa vida fizestes. Não se prenda agora à culpa. Desprenda-se de tudo o que é apaixonado e viciado, pois, nas leis de Deus, a paixão deve dar lugar ao amor incondicional.





— Amor incondicional?

— Sim, é o amor puro que a tudo perdoa. É aquele que confia, faz e espera o crescimento do próximo, a seu tempo. E isso é a difícil missão que tu vais começar a aprender, e precisa colocar em teu peito e na tua cabeça. Tu tens duas escolhas, como todos. Vem comigo, prepara-te, e tenta fazer uso do amor que perdoa ao próximo e a ti mesma, ou cai na rede das paixões viciadas, sentindo culpa e perseguindo os teus algozes. Este caminho, garanto-te, será ainda mais duro do que as provas que tu já passaste. Vem comigo, perdoe a ti mesma, ajuda a quem tu tanto já fez sofrer, e que tanto já a fez padecer. Quebra esse círculo vicioso, vamos comigo.

— E meu filho, minha mãe?

Com um sorriso de felicidade e misericórdia, Iansã falou:

— Veja por ti mesma.

Estendendo a mão para Naná, Iansã a fez ser transportada de volta ao quarto, onde elas, emocionadas, assistiram ao desenrolar das cenas terrestres.

— Que Deus tenha piedade dessa alma — falou Francisca, que se aproximou do corpo de Naná, fechou-lhe os olhos e a cobriu com o lençol. Juliana se encontrava imóvel ao lado da cama, com um belo menino ao colo, que chorava a plenos pulmões, demonstrando sua força.

Abrindo a porta, entrou no recinto o Dr. Orlando Ventura. Viera logo que recebera o recado, junto com a esposa. Aproximou-se da cama e examinou o corpo sereno da bela mulher.

— Infelizmente, já não podemos fazer nada.

E assim se dirigiu ao bebê, que tirou das mãos de Juliana, e com extremo cuidado o examinou. Sorrindo falou:

— Forte como um touro.

— Sim, forte e lindo o meu filho — falou uma Juliana já refeita e transformada.





DOM AFONSO

— Sim, seu filho — falou Francisca.

Com lágrimas nos olhos, Naná falou para a sua mãe Iansã:

— Obrigada, minha mãe, por mais esse presente. Sei, agora, que posso ir em paz. Meu filho está em boas mãos.

— Sim, venha, precisa de cuidados.

E, assim, saíram as duas emocionadas e abraçadas em direção à luz dourada brilhante próxima a elas naquele momento.







CAPÍTULO XLVIII



O dia amanheceu nublado e fresco. Dentro da carruagem, que já estava estacionada no cais, se encontrava Dona Persília, bem mais forte, vestida de forma alinhada, trazendo belo véu bordado sobre o seu rosto marcado pelas labaredas.

Juliana, que, em frente à mãe, estava observando como alguém tão desfigurada poderia parecer bela por ter o coração aquecido pelo amor, e pela mudança radical que também sofrera a sua alma, agora muito mais complacente e amorosa.

Ricardo abriu a porta da carruagem, com um belo sorriso galante, falou:

— Estão prontas, minhas queridas?

O navio já estava apitando. Era a última chamada.

Dona Persília, sem perda de tempo, estendeu suas mãos enludadas para o seu grande amor, que a ajudou a descer do veículo. Este se virou para Juliana, que ainda estava sentada no interior da carruagem, segurando em seu colo um belo rebento mulato, que dormia tranqüilo, indiferente à corrente de emoções que circulava no peito de sua mãe.

— Tem certeza, Juliana? Ainda há tempo para ficar. Apenas se pergunte para quê. Dom Afonso está inutilizado em uma cadeira de rodas, sob os cuidados da abnegada Francisca. Tu não o estás abandonando, ele a abandonou no momento em que tentou matar seu próprio filho, que agora é seu. Pergunte ao seu coração o que é mais forte agora; seu filho ou





Liliana Soares

ele, que terá que caminhar pela vida como um vegetal, por escolha própria. Sabe mais do que ninguém que, na Europa, seu filho Raphael será tratado como um homem livre. Aqui ele será um bastardo, escravo do seu próprio pai, que, devido à loucura, pode a qualquer momento, saindo do estado em que se encontra, virar sua ira para ele.

Sem mais delongas ou hesitações, depois de ouvir a verdade crua e dura dita por Ricardo, Juliana, com a ajuda do primo, desceu do veículo, e em silêncio dirigiu-se para a rampa do embarque do navio. Não sem antes, ao chegar ao topo deste, olhar com seus olhos limpos e mais claros do que nunca — já que, ao pegar Raphael, a encarnação de Tadeu, no colo pela primeira vez, sua cegueira se desfizera por completo — observar do porto de Santos a bela paisagem brasileira, sua terra natal, onde deixaria metade do seu coração. Entretanto, agora, inundada pelo amor incondicional que toda mãe carrega em seu peito por seus filhos, suspirou e percebeu que seu coração agora pertencia a esse ser, que com total entrega dormia em seu colo. Fazendo leve prece de misericórdia a Deus, virou as costas para suas antigas dores e alegrias e entrou no navio, para a nova etapa da vida.





CAPÍTULO XLIX



Em uma sala muito clara e agradável, em uma esfera próxima à Terra e o país em que se desenvolveu todo o drama, encontravam-se Solano, Iansã, Carolina, Naná e Alfredo, que faleceu um ano após o desenrolar dos dramas narrados, e que agora, devido a todo o desprendimento e dedicação a seu filho tão especial, alcançara uma nova categoria na luz.

Dona Persília falecera feliz e confortada ao lado de Ricardo, que se dedicara nos últimos anos desta a cuidar de sua saúde e alma, ensinando-lhe tudo o que sabia e aprendera sobre espiritualidade. Otacília já se preparava para em breve voltar à Terra como filha de Ricardo, para continuar o aprendizado da vida. Tivera esse merecimento por apresentar perdão profundo por sua irmã e seu filho.

Todos eles estavam reunidos, esperando e se preparando para o desencarne de Dom Afonso. Nesse momento, Juliana, linda e novamente jovem, entrou na sala, e foi recebida com alegria. Esta desencarnara há pouquíssimo tempo, mas, devido ao seu conquistado padrão moral, já se encontrava bem e preparada para a próxima missão.

Solano pediu a atenção de todos para o início da reunião, fazendo com que se calassem e se sentassem em seus lugares.

— Bom dia, meus amigos, estamos aqui reunidos em nome de Deus para a última e decisiva etapa desta fase do nosso trabalho — falou, solenemente.





— Hoje nosso filho pródigo Dom Afonso receberá a carta escrita por Juliana à beira da morte. Sabemos, almas caridosas, que seu desencarne ocorrerá hoje, e vamos pedir a Deus que a carta e a visita da alma de Juliana toquem o coração já cansado de Dom Afonso. Seus soldados, fiéis seguidores ao seu lado, estão à espera de seu líder das Cruzadas, para continuarem a luta. Precisamos que, com a ajuda de nosso Pai Todo-Poderoso, Dom Afonso decida fazer as pazes com Ele, e vir, junto com seus soldados, ingressar no exército de Deus.

Forte apreensão circulou o ambiente, fazendo Iansã interferir.

— Calma, irmãos, cadê a confiança em Deus Pai? Não é hora de fraqueza, e sim de coesão energética. Vamos nos concentrar e orar para nos equilibrarmos.

E assim falando, a sala foi invadida por forte luz azul e dourada, acalmando e trazendo confiança a todos.

— Está pronta, Juliana? — falou Solano.

— Sim, irmão, estou.

Na sala apareceu grande tela, que mostrava a preta velha, já bastante idosa, abrindo a porta da casa para o mensageiro.

Dom Afonso estava perdido em pensamentos quando a preta velha deixou a carta aberta em seu colo, uma carta de uma só folha que fez o seu coração cansado bater forte, ao reconhecer a letra de seu grande amor.

Deus, desgraçado, quanto tempo? Tanto que já perdera a noção. “Cadê aquela negra imunda? Agora que preciso dela, a insuportável não ajuda. Largara lá a carta e fora terminar de coar o café. Quem falou que queria porcaria de café? Queria alguém para ler a carta. Maldição, ela de nada adiantaria, pois não sabia ler mesmo.”

Com esforço, Dom Afonso começou a percorrer seus olhos pelas linhas da missiva:





DOM AFONSO

*“Paris,
Dom Afonso,*

Querido Afonso, sim, querido, pois trago no meu coração, após tantos anos, a leveza do perdão e do amor. Já não sou mais nenhuma garotinha. Os anos já descoloriram meu cabelo, e a beleza que tanto o inspirou já se foi, como as primaveras e os invernos da minha vida. A única coisa que eles não conseguiram levar de mim foi o amor que conseguistes, quando abristes o teu coração para a caridade. Tu, meu amor, que tanto briga com Deus, também tem dentro de ti centelhas do Seu amor.

Ainda há tempo, Afonso, muda, faz as pazes com Deus, porque só ele transforma, só ele acalma, apenas ele cura. Digo isso de cátedra, pois ele me curou, tirou do meu coração o ódio e o horror que sentia por ti, e deixou o amor.

Sei que já não tenho mais dias nesse mundo, mas tenho o meu coração e a minha alma leves, porque consegui a liberdade, libertando-me das vicissitudes e paixões da vida. E quem me ajudou foi Deus e seu filho Raphael, que me ensinaram que tu tens que ser um bom homem, porque só uma grande alma poderia ser capaz de criar um bem tão precioso como teu filho.”

As lágrimas já inundavam os olhos de Dom Afonso, que agora, mais do que nunca, sentia o peso de seu anel de doutor num remorso lacerante.

Fina e forte dor sentiu Dom Afonso em seu peito, fazendo sua visão vacilar. Com esforço tentou clarear a vista. O mundo girou, precisava terminar de ler a missiva. Novamente a dor, que desta vez estourou no seu peito, fazendo ouvir leve zumbido no ouvido, e seus olhos fecharam-se para o mundo dos vivos.

Como que por encanto, viu-se num campo com vegetação rasteira, a paisagem bem diferente da de São Paulo. Era





extraordinário, e o cheiro de terra molhada que entrava por suas narinas era revigorante. Sentia-se novamente forte. Tocando o seu corpo, que agora carregava uma nova e esplendorosa armadura de batalha, percebeu que estava em pé, e leve ruído o sobressaltou. Vira o seu grande amor, que trazia um sorriso radiante nos lábios, cabelos soltos, pés descalços, envergando um belo e simples vestido branco, que se aproximava dele, continuando a narrativa da carta:

— Então venha, meu amor, para o caminho da luz, e lute por Deus, e por seu filho Jesus Cristo, porque só isso aliviará a sua alma pesada e fraca.

A emoção de Dom Afonso era indescritível via agora claramente as atrocidades que cometera, e o remorso pesava feito rocha sobre seu anel de Doutor, e sobre ele um forte clarão se fez presente, fazendo aparecer figura única, impressionante, o venerável Filho de Deus, que se dirigiu a ele apenas com um inesquecível olhar:

— Vem, filho pródigo, porque tu, mais do que ninguém, fará por merecer o amor do meu Pai.

Todos, sem exceção, perderam a noção do tempo e do espaço naqueles instantes gloriosos. Arrebatados por tanta emoção, estarecidos, assistindo àquela extraordinária cena, viram o terrível general Dom Afonso, que se encontrava instintivamente ajoelhado, segurando o coração, que parecia soltar-se-lhe do peito diante daquela cena grandiosa, e, com a cabeça baixa, estender sua espada para Jesus Cristo, o Filho do Homem.

Sorrindo agora, compassivamente, Jesus se aproximou com a luz da sua mão, e, ao invés de pegar a espada estendida, tocou-lhe a cabeça, derramando sobre esta um punhado de água, e, em timbre vocal intraduzível, disse:

— Eu te batizo, general Afonso de Deus, guardião e guerreiro da luz, protetor e cultivador das verdades divinas.





DOM AFONSO

Para assombro de todos, atrás de Dom Afonso de Deus um exército de homens, que só agora fora facultados serem vistos, estes, acompanharam o movimento de seu general, e em alto e bom som juraram fidelidade a Deus Pai Todo-Poderoso, gritando todos juntos e em uma só voz:

— Glória a Deus Todo-Poderoso!

Fazendo desse gesto a transformação de todos, afastando toda a sombra, o frio, a dor e a sujeira que por vidas carregavam, transfigurou-os em belos homens de armaduras douradas, que, diferente das Cruzadas, carregavam um coração ao invés da cruz, símbolo do martírio de Jesus, que, ainda presente, continuou:

— Que seja feita a vontade de nosso Pai.

Fim







A médium,

Não tenho aqui como expressar todo o meu contentamento por me escolheres para estar junto a ti nessa luta em prol da caridade. Sei que o trabalho da psicografia é deveras penoso e árduo e que muitas vezes tu tiveste que rogar a Deus paciência e tolerância para com meus modos excêntricos, mas saiba que sou um grande privilegiado por poder chegar ao menos perto de alma tão abnegada. Apesar de não muito culta, jamais imaginei que meu veículo de trabalho me daria tanto orgulho, como você, minha querida amiga e mentora da casa de Maria.

Da mesma forma aproveito a oportunidade para falar que melhor acolhida familiar nunca teria, todos sem exceção mergulharam no trabalho da psicografia com zelo e carinho sem iguais, o que seria de mim, pobre suicida, sem as almas tão equilibradas na pureza do grande Pai, onde a caridade brota a cada gesto de vocês, verdadeiros soldados e filhos de Deus. Até as criancinhas desse núcleo familiar mudavam as suas pequenas rotinas quando chegava o tio Tobias.

Foram momentos de extrema felicidade, que vocês nunca saberão o quanto foram importantes, e continuam sen-





Liliana Soares

do, para o meu caminho através da luz, onde com as bênçãos de Deus alcançarei a cura.

Aos funcionários irmãos, pelo carinho com que preparavam o ambiente para minha chegada, com o café gostoso e mantendo o meu cantinho para psicografia sempre desorganizado como eu gosto. E por fim, eu, Tobias, e toda a equipe da casa de Maria agradecemos.

Tobias











Se você gostou deste livro
indique-o para um amigo!.

Esta obra foi composta em fonte Electra LT Std 12/15,4
e impressa em papel Cartão Supremo 250 Couché 230 g/m2 [capa]
e em papel Alta Alvura 75 g/m2 [miolo].

